



Luiz Cláudio Moraes Correia

**O testemunho cristão como manifestação da
sacramentalidade da Igreja na Eclesiologia
de Pié-Ninot**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Teologia pelo
Programa de Pós-graduação em Teologia, do
Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Antonio Luiz Catelan Ferreira

Rio de Janeiro
Agosto de 2022



Luiz Cláudio Moraes Correia

**O testemunho cristão como manifestação da
sacramentalidade da Igreja na Ecclesologia
de Pié-Ninot**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Antonio Luiz Catelan Ferreira
Orientador
PUC-Rio

Francilaide de Queiroz Ronsi
PUC-Rio

Heitor Carlos Santos Utrini
PUC-Rio

Héctor Gustavo Sánchez Rojas
FTPCL

Mauro Francisco dos Santos
PUC Goiás

Rio de Janeiro, 18 de agosto de 2022.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Luiz Cláudio Moraes Correia

Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral (PUC-Rio), e Bacharel Eclesiástico em Ciências Religiosas (ISCR-RJ), com Pós-graduação *Lato Sensu* em Ensino Religioso: Catolicismo (FIJ-RJ), é graduado em Engenharia Eletrônica (UGF-RJ) com MBA em Gestão Empresarial (FGV-RJ). Foi tradutor de vários livros de enfoque religioso do autor norte-americano Scott Hahn para a Editora Cléofas (Lorena/SP) e revisor de cursos de Teologia da autoria de D. Estêvão Bettencourt, OSB, para a Escola Mater Ecclesiae da Arquidiocese-RJ, onde, há 17 anos, leciona Teologia Sistemática, Sagrada Escritura e História da Igreja. É professor de Teologia Dogmática no Bacharelado em Teologia e na Pós-graduação em Teologia Espiritual da Faculdade São Bento-RJ.

Ficha catalográfica

Correia, Luiz Cláudio Moraes

O testemunho cristão como manifestação da sacramentalidade da Igreja na eclesiologia de Pié-Ninot / Luiz Cláudio Moraes Correia ; orientador: Antonio Luiz Catelan Ferreira. – 2022.

207 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2022.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Eclesiologia. 3. Sacramentos. 4. Sacramentais da Igreja. 5. Pié-Ninot. 6. Testemunho. I. Ferreira, Antonio Luiz Catelan. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

A Deus por ter me iluminado e abençoado até aqui em mais esta conquista na minha vida, sem nunca ter se esquecido deste seu filho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Dom Antonio Luiz Catelan Ferreira, por suas orientações profissionais e apoio.

Ao estimado Prof. Dr. Pe. Mário de França Miranda, S.J., por suas sábias palavras e doutos conselhos que me iluminaram nesta caminhada.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

A todos os professores do Doutorado e funcionários do departamento de Teologia, pela costumeira receptividade sempre acolhedora.

Aos meus queridos pais e irmão, por seu amor sem igual por mim.

Ao Pe. Dr. Fábio da Silveira Siqueira, por seu costumeiro apoio na Mater Ecclesiae.

À estimada Irmã Glória, I.B.C., por suas orações e acolhida na Mater Ecclesiae.

Aos amigos Jane Valvano, D. Tomás Peres, OSB, e Prof. Dr. Fábio Magno de Castro Araújo pelas constantes orações pela conclusão do curso.

À querida amiga Cleide da Silva Xavier, por todo apoio nos meus momentos difíceis.

Aos amigos e amigas, colegas da PUC-Rio e da Faculdade de São Bento-RJ, por suas palavras de carinho e orações pelo meu sucesso.

Enfim, ao caríssimo Pe. Estêvão Tavares Bettencourt, OSB (*in memoriam*), por ter sido meu exemplo de vida, santidade, dedicação à Igreja e grande incentivador de meus estudos teológicos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

Correia, Luiz Cláudio Moraes; Ferreira, Antônio Luiz Catelan. **O testemunho cristão como manifestação da Sacramentalidade da Igreja na Ecclesiologia de Pié-Ninot**. Rio de Janeiro, 2022. 207p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O tema do testemunho cristão e toda a sacramentalidade nele implicada é o foco principal deste trabalho. Evidencia-se, inicialmente, o tema do testemunho cristão como *martírio* em breve percurso histórico, além do foco sobre o testemunho nas óticas profana e religiosa, bem como, nos recentes Concílios Ecumênicos e no magistério pós-conciliar dos últimos papas. Verifica-se que o testemunho cristão possui peso considerável para o fator de credibilidade da Igreja, sendo mesmo uma condição primeira necessária à credibilidade da fé, pois muitos não mais creem na instituição, porém não negam a realidade de um testemunho cristão evidente. Tomando-se por base a obra sobre Ecclesiologia de Salvador Pié-Ninot, busca-se evidenciar a questão da sacramentalidade da Igreja como novo lugar sociocultural. Percorre-se a noção da Igreja-sacramento em seu “sinal interior”, como *comunidade*; e em seu “sinal exterior” que evidencia a Igreja como *sociedade* e todos os aspectos daí derivados. Para Pié-Ninot, o testemunho é tido como elemento-chave de credibilidade na Igreja e passa a ser conhecido como “*via testimonii*”, por ser o caminho mais enfático, notório e coerente para a evangelização. Unem-se, portanto, as duas noções anteriores, buscando realizar uma mescla do testemunho cristão como questão de sacramentalidade da Igreja, na qual as heresias que o mundo reapresenta na atualidade, o neognosticismo e o neopelagianismo, são contrapostas com a ortodoxia do Papa Francisco. Conclui-se este trabalho, evidenciando-se o testemunho cristão como um *sacramental da Igreja*, o qual remete ao Sacramento primordial, que é a Igreja, numa perspectiva eclesial e teológica.

Palavras-chave

Ecclesiologia; Sacramentos; Sacramentais da Igreja; Pié-Ninot; Testemunho.

Abstract

Correia, Luiz Cláudio Moraes; Ferreira, Antônio Luiz Catelan. **The Christian Testimony as manifestation of Church's sacramentality in Pié-Ninot's Ecclesiology**. Rio de Janeiro, 2022. 207p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The theme of Christian witness and all the sacramentality involved in it is the main focus of this work. Initially, the theme of Christian witness as a *martyrdom* is highlighted in a brief historical way, in addition to the focus on witness in the profane and religious perspectives, as well as in recent Ecumenical Councils and in the post-conciliar magisterium of the last popes. It is verified that the Christian witness has considerable weight for the Church's credibility factor, being even a necessary first condition for the credibility of the faith, since many people no longer believe in the institution, but they do not deny the reality of an evident Christian witness. Based on Salvador Pié-Ninot's Ecclesiology, we seek to highlight the issue of the sacramentality of the Church as a new sociocultural issue. The notion of the Church-sacrament is explored in its “indoor sign”, as a *community*; and in its “outdoor sign” that evidences the Church as a *society* and all the aspects derived from it. For Pié-Ninot, witness is seen as a key element of credibility in the Church and becomes known as “*via testimonii*”, as it is the most emphatic, notorious and coherent way of evangelization. Therefore, the two previous notions are united, seeking to achieve a mixture of Christian witness as a matter of sacramentality of the Church, in which the heresies that the world represents today, neognosticism and neopelagianism, are opposed through the orthodoxy of Pope Francis. This work is concluded, highlighting the Christian witness as *a sacramental of the Church*, which refers to the primordial Sacrament, which is the Church, in an ecclesial and theological perspective.

Keywords

Ecclesiology; Sacraments; Church Sacramentals; Pié-Ninot; Testimony.

Sumário

1. Introdução	14
2. A importância do testemunho cristão no mundo	20
2.1. Martírio: entendimento ampliado	21
2.1.1 O martírio na Sagrada Escritura	23
2.1.2 O martírio como linguagem	26
2.1.3 O martírio como sinal	27
2.1.4 O significado do martírio	28
2.1.5 Definição de martírio	29
2.2. Testemunho: entendimento ampliado	30
2.2.1 O testemunho na ótica profana	31
2.2.2 O testemunho na ótica religiosa	33
2.2.3 Breve percurso patrístico sobre o testemunho	36
2.2.4 O testemunho nos dois últimos Concílios Ecumênicos	41
2.2.5 O testemunho cristão no Magistério pós-conciliar	45
2.2.5.1 No pontificado de Paulo VI	46
2.2.5.2 No pontificado de João Paulo II	47
2.2.5.3 No pontificado de Bento XVI	49
2.2.5.4 No pontificado de Francisco	56
2.3. Não é mais a instituição Igreja, mas a pessoa do cristão	75
2.4. O significado das experiências religiosa e de fé para o testemunho cristão	79
2.5. A consequente credibilidade na Igreja pelo testemunho cristão	82
3. A questão da sacramentalidade da Igreja como novo lugar sociocultural dentro da eclesiologia de Pié-Ninot	87
3.1. A sacramentalidade da Igreja, segundo Pié-Ninot	91
3.1.1 A sacramentalidade da Igreja em breve percurso histórico até o Vaticano II	92
3.1.2 A sacramentalidade no Concílio Vaticano II	95

3.1.3 A Igreja-sacramento como expressão de uma eclesiologia Relacional	97
3.1.4 A sacramentalidade salvífica universal da Igreja como reverso positivo do axioma “Fora da Igreja não há salvação”	98
3.1.5 A sacramentalidade salvífica universal da Igreja como expressão de seu ser <i>Universale Concretum Sacramentale</i>	99
3.1.6 A sacramentalidade como categoria teológico-hermenêutica	101
3.1.6.1 A “ontologia relacional” da Igreja-sacramento como categoria hermenêutica central	101
3.1.6.2 A tríplice dimensão do sacramento	102
3.1.7 As três dimensões da sacramentalidade e suas aplicações na Eclesiologia	103
3.1.8 Os distintos níveis da “presença de Cristo” na Igreja (SC 7) “como um sacramento” (LG 1)	105
3.1.9 Que tipo de presença e de ação de Cristo comporta a sacramentalidade?	108
3.1.10 A Igreja-sacramento como presença real de Cristo em diversos modos e sua validade eclesiológica	109
3.2. Duas objeções à categoria de sacramento aplicada à Igreja	112
3.3. O “sinal interior” da Igreja-sacramento: Igreja como comunidade	114
3.3.1 Os cristãos leigos, Igreja no mundo	117
3.3.2 O ministério pastoral, serviço e diaconia	120
3.3.3 A Igreja diocesana, local de Catolicidade	121
3.3.4 O ministério episcopal de comunhão eclesial	123
3.3.5 O ministério petrino (<i>Ut Unum Sint</i> , 95)	124
3.4. O “sinal exterior” da Igreja-sacramento: Igreja como sociedade	127
3.4.1 A sinodalidade como expressão social da Igreja em comunhão	128
3.4.2 Missão e diaconia da Igreja no mundo	129
3.5. Paradoxo e mistério da Igreja	130
 4. O testemunho como questão de Sacramentalidade da Igreja	 133
4.1 O aspecto central do <i>mistério</i> : Cristo	133
4.2 O mundanismo espiritual	144
4.2.1 O neognosticismo	145
4.2.2 O neopelagianismo	151
4.3 A contraposição às heresias do neognosticismo e do neopelagianismo na ortodoxia de Francisco	154

4.3.1 Francisco frente ao neognosticismo	154
4.3.2 Francisco frente ao neopelagianismo	157
4.3.3 A ortodoxia de Francisco	158
4.4 O testemunho cristão como sacramentalidade da Igreja	162
4.4.1 O termo <i>testemunho</i>	162
4.4.2 O termo <i>sacramental</i>	173
4.4.3 A sacramentalidade do testemunho cristão	178
 5. Conclusão	 186
 6. Referências bibliográficas	 192

Abreviaturas e Siglas

†	Símbolo que indica o ano de falecimento de um autor
AA	Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i> (Concílio Vaticano II)
AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
a.C.	Anos antes de Cristo
AG	Decreto <i>Ad Gentes</i> (Concílio Vaticano II)
AL	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Amoris Laetitia</i>
AM	Carta Apostólica em forma de <i>Motu proprio Antiquum Ministerium</i>
AS	Carta Apostólica <i>Admirabile Signum</i>
AT	Antigo Testamento
BAC	Biblioteca de Autores Cristianos (editora em Madri)
BEU	Documento <i>Em Busca de uma Ética Universal: Novo olhar sobre a Lei Natural</i> (CTI)
cap.	capítulo
CaV	Carta Encíclica <i>Caritas in Veritate</i>
CD	Decreto <i>Christus Dominus</i> (Concílio Vaticano II)
CDF	Congregação para a Doutrina da Fé (Vaticano)
CEC	Catecismo da Igreja Católica
CfL	Exortação Apostólica <i>Christifideles Laici</i>
CIC	Código de Direito Canônico
CLA	Carta Apostólica <i>Candor Lucis Aeternae</i>
Coord.	Coordenador(a)
CTI	Comissão Teológica Internacional
CV	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Christus Vivit</i>
DAp	Documento de Aparecida
d.C.	Anos depois de Cristo
DCE	Carta Encíclica <i>Deus Caritas Est</i>
Dir.	Diretor(a), Diretores(as)
DH	Denzinger–Hünemann, <i>Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral</i>
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i> (Concílio Vaticano II)

Ed.	Editor(a), Editores(as)
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
ESB	Documento <i>A Esperança da Salvação para as crianças que morrem sem o Batismo</i> (CTI)
FC	Justo Collantes, <i>A Fé Católica</i>
FR	Carta Encíclica <i>Fides et Ratio</i>
FT	Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i>
GE	Exortação Apostólica <i>Gaudete et Exsultate</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> (Concílio Vaticano II)
HE	Eusébio de Cesareia, <i>História Eclesiástica</i>
IDT	Coleção Introdução às Disciplinas Teológicas (Edições Loyola)
IE	Carta <i>Iuvenescit Ecclesia</i> (CDF)
LF	Carta Encíclica <i>Lumen Fidei</i>
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> (Concílio Vaticano II)
LS	Carta Encíclica <i>Laudato si'</i>
MF	Carta Encíclica <i>Mysterium Fidei</i>
MM	Carta Apostólica <i>Misericordia et Misera</i>
MUEC	Movimento de Universitários e Estudantes da Catalunha
n.	número
NT	Novo Testamento
OT	Decreto <i>Optatam Totius</i> (Concílio Vaticano II)
PC	Decreto <i>Perfectae Caritatis</i> (Concílio Vaticano II)
PCL	Pontifício Conselho para os Leigos
PD	Carta <i>Placuit Deo</i> (CDF)
PE	Constituição Apostólica <i>Praedicate Evangelium</i>
PF	Carta Apostólica sob forma de “Motu Proprio” <i>Porta Fidei</i>
PG	Exortação Apostólica Pós-sinodal <i>Pastores Gregis</i>
PO	Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i> (Concílio Vaticano II)
PP	Papa
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Brasil)
PUG	Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália)
QA	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Querida Amazônia</i>
RM	Carta Encíclica <i>Redemptoris Missio</i>

SBTS	Sociedade Brasileira de Teologia Sistemática
SC	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i> (Concílio Vaticano II)
SCa	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Sacramentum Caritatis</i>
Séc.	Século
SpS	Carta Encíclica <i>Spe Salvi</i>
UR	Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i> (Concílio Vaticano II)
URL	Universidade <i>Ramón Llull</i> (Barcelona, Espanha)
UUS	Carta Encíclica <i>Ut Unum Sint</i>
v.	versículo
VD	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Verbum Domini</i>
VDQ	Constituição Apostólica <i>Vultum Dei Quaerere</i>
VG	Constituição Apostólica <i>Veritatis Gaudium</i>

Ao cristão toca, por excelência, o dever de dar tal testemunho de uma vida bela..., bela porque orientada pelo esplendor da Verdade.

Estêvão Tavares Bettencourt, OSB († 2008).

1

Introdução

É notória a falta de sintonia observada entre a sociedade e a Igreja, como também a ausência do verdadeiro Deus em algumas instituições civis e mesmo religiosas, muito motivadas por aceleradas mudanças cotidianas. Na sociedade, muitas pessoas falam que creem em Deus, mas não querem saber da Igreja. Esta parece já não lhes dizer nada para sua fé. Com essa fé parcial e incompleta, tais pessoas não veem qualquer necessidade em participar da vida eclesial. Mesmo quando percebem tal necessidade, dado o variado “supermercado de ofertas” de igrejas, não sabem qual delas escolher exatamente, e acabam escolhendo qualquer uma, sem o devido critério e discernimento.

Certamente não se vive mais aquela época áurea de Cristandade que há muito, já não existe. Os valores humanos que norteiam a sociedade hodierna parecem não se coadunar com os do Evangelho. Por vezes, é difícil anunciar Cristo ao mundo.¹ Sabe-se, contudo, que a verdade da mensagem cristã é eterna, cujas palavras “não passarão” (Lc 22,31). O projeto salvífico de Deus à humanidade tem sua plenitude em Cristo Senhor, que com suas palavras e gestos misericordiosos revela o Pai e o seu plano de salvação. Esse é precisamente o objetivo principal da evangelização: comunicar Cristo ao mundo e seu plano incondicional de salvação. A vivência de Cristo na fé e a consequente comunicação do seu Evangelho ao mundo é tarefa da Igreja, iluminada pelo Espírito Santo que a conduz. É a Igreja como Mãe e Mestra que educa o ser humano na fé e que presentifica Cristo Senhor ao mundo por sua

¹ Este entendimento é também corroborado pelo Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (CDF), Card. Ladaria: “É problemático em muitos ambientes, como todos sabemos, a afirmação da mediação universal de Cristo nesta salvação que é oferecida a todos. [...] Coloca-se a questão do conteúdo e do significado da mediação de Cristo: se esta é essencialmente constitutiva da salvação, e como se relaciona a pessoa de Jesus [...] com o Deus a quem em último termo vamos” (In: LADARIA, L. F., Jesus Cristo, salvação de todos, p. 156). França Miranda aponta outro problema da atualidade que ele chama de *indiferença religiosa*, “também encontrada no âmbito da religião [...]. Seja da linguagem arcaica da Igreja de difícil compreensão para muitos, seja de uma pastoral moralista [...], seja da generosa oferta de caminhos salvíficos oferecidos simultaneamente pelas várias religiões. [...] O escondimento de Deus tanto oferece espaço para o ateísmo ou para o agnosticismo quanto caracteriza a fé como opção livre do ser humano. Pois a experiência fundamental da transcendência de Deus é uma *interpelação* indeterminada e sujeita a diversas interpretações” (In: MIRANDA, M. F., Recordações da minha fé, p. 17 [grifo do autor]).

ação sacramental. F. Miranda lembra que esta fé da Igreja é a mesma solidamente ensinada por séculos:

A nossa fé em Jesus Cristo é a mesma fé de todos aqueles cristãos que nos precederam ao longo dos séculos e que ainda hoje a enriquecem pelo testemunho de suas vidas, sedimentado em textos teológicos e espirituais que nos legaram. Podemos, assim, afirmar ser a nossa fé uma realidade teologal, pois se dirige a Deus, mas em sua modalidade concreta ela é *eclesial*, pois significa também adesão à fé de toda a Igreja.²

A fé em Deus é, portanto, uma fé para ser vivida em comunhão com a Igreja, segundo nos afirma o teólogo; uma fé que foi transmitida às gerações mediante testemunhas qualificadas que deram a certeza dos preceitos recebidos de Cristo, muitas das vezes, derramando o seu sangue para defender aquilo que anunciavam e criam como verdade absoluta. Tinham a certeza da salvação trazida pelo Senhor e disso davam testemunhos:

Podemos afirmar que a realidade sacramental da salvação cristã, ou seja, a presença visível da ação de Deus na humanidade, se manifesta hoje menos em suas doutrinas e ritos, e mais no *testemunho de vida* de seus membros. O gesto gratuito pelo outro, sobretudo pelo mais necessitado, revela a ação vitoriosa do Espírito Santo no cristão, contagia os contemporâneos, questiona os indiferentes e desmascara os egoístas. Trata-se de uma *linguagem universal* que todos entendem, sobretudo numa sociedade tão marcada pelo individualismo hedonista e carente daquela formação cristã pressuposta para a compreensão da linguagem tradicional da Igreja. Discursos religiosos ou morais que não incidam no bem do próximo não têm significado para o mundo de hoje.³

Se o mundo atual parece estar cada vez mais alheio à presença viva de Deus, por conta dos conflitos entre nações, guerras, indiferenças, desrespeito aos direitos humanos universais, assassinatos nas famílias, matanças generalizadas em prol de uma suposta causa divina, certamente, não se interessa em ouvir, entender e acolher a mensagem de Deus, trazida por Cristo e anunciada pela Igreja. Tais grandes desafios podem ser enfrentados através do testemunho dos inúmeros cristãos no mundo. F. Miranda vê no *testemunho cristão* uma “linguagem universal”, moderna e eficaz para falar de Deus e levá-lo ao mundo; para mostrar a sacramentalidade da Igreja a uma sociedade que parece não querer saber de Deus e que julga insanamente poder viver sem ele. Precisamente, este é o ponto a ser trabalhado na presente tese: a **sacramentalidade do testemunho**, enfocando a temática do *testemunho cristão* como aquele ato humano que *manifesta a sacramentalidade da Igreja*.

² MIRANDA, M. F., Recordações da minha fé, p. 105 (grifo do autor).

³ MIRANDA, M. F., Recordações da minha fé, p. 118 (grifos do autor).

Para tal desenvolvimento, a presente tese se serve, de modo mais expressivo e aprofundado, da obra que o teólogo espanhol Salvador Pié-Ninot⁴ propõe em seu clássico tratado de *Eclesiologia: a sacramentalidade da comunidade cristã*.⁵ Tem-se o propósito de que seu denso estudo seja de grande valia e sirva para a reflexão acadêmica. Portanto, tal autor merece ser considerado para as reflexões sobre tema tão atual e candente e, por isso, foi utilizado como base à presente pesquisa. Ademais, outra obra sua fora utilizada à época do Mestrado, na área da Teologia Fundamental, igualmente outro clássico da Teologia, bastante abalizado no meio científico e acadêmico mundial, então considerado como base à dissertação, na qual tratou-se o tema do testemunho, intitulada: *o testemunho cristão como elemento-chave de credibilidade na tarefa apologético-dialogal* desta obra de Pié-Ninot.⁶ Sem dúvida, o eminente teólogo atende aos anseios por um profícuo estudo, convocando a olhar suas obras como um incentivo a uma séria reflexão na temática, agora utilizada no doutorado.

O trabalho que ora se apresenta, iniciou tratando do tema do testemunho cristão, numa abordagem da principal e mais forte manifestação pública de testemunho: o martírio. Foram consideradas as várias formas de martírio, em seu significado como linguagem e como sinal, antecedido de breve percurso que este adquiriu ao longo de toda a Sagrada Escritura. A seguir, foi apresentado o significado em si do martírio e sua definição teológica. No mesmo capítulo, o tema do testemunho em geral foi tratado, tanto na ótica profana quanto na religiosa, preparando o leitor para um breve percurso histórico do tema, desde os Padres da Igreja até os pronunciamentos dos mais recentes papas (de Paulo VI a Francisco). Em sequência, foi apresentada uma reflexão sobre um *status quo* do testemunho na atualidade, onde normalmente é apresentado como um diferencial significativo para o mundo, que já não crê na instituição Igreja, mas que, em contrapartida, ainda dá credibilidade a uma pessoa, uma testemunha. Aquelas pessoas, se não creem na

⁴ Nascido aos 22/06/1941, Salvador Pié-Ninot foi professor da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e da Universidade *Ramón Llull* (Barcelona, Espanha). Autor de diversos livros e artigos científicos, especialmente nas áreas de Teologia Fundamental e Eclesiologia, atualmente trabalha como reitor na Basílica de *Santa María del Mar*, em Barcelona, onde também atua como sacerdote católico. Tivemos a honra e o privilégio de conhecê-lo pessoalmente no ano de 2017 por ocasião do I Simpósio Internacional de Teologia Sistemática (da SBTS), realizado no Mosteiro de São Bento-RJ, no qual o docente proferiu a conferência de abertura.

⁵ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología: La Sacramentalidad de la Comunidad Cristiana*.

⁶ CORREIA, L. C. M., *O testemunho na Igreja: elemento-chave de credibilidade dentro da tarefa apologético-dialogal da Teologia Fundamental de Pié-Ninot*.

Igreja, no entanto, ainda acreditam naqueles que prestam um testemunho convincente, mediante exemplos de vidas cristãs autênticas e incontestáveis. Seguiu-se a tese com uma reflexão sobre o significado dessas experiências religiosas e de fé para o testemunho cristão, com a consequente credibilidade na Igreja alcançada através do mesmo ato testemunhal.

No capítulo terceiro da presente tese, adentrou-se a obra de Eclesiologia de Salvador Pié-Ninot, que serviu de base à questão da *sacramentalidade da Igreja* como novo lugar sociocultural em sua eclesiologia. Na perspectiva do eminente teólogo, foi apresentado um breve percurso histórico da sacramentalidade da Igreja, passando pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) até os dias atuais. Nesta obra referência de Pié-Ninot, o teólogo destaca a questão da Igreja-sacramento como expressão de uma eclesiologia relacional e a salvação universal da Igreja, apresentada como reverso positivo do famoso axioma “Fora da Igreja não há salvação”. Nestes, com seu olhar experiente sobre a Eclesiologia atual, sempre embasado de vasta bibliografia, o autor desenvolve tais aspectos trazidos na presente tese. A seguir, Pié-Ninot apresenta o tema da salvação universal da Igreja como expressão do seu ser *Universale Concretum Sacramentale*, citando Von Balthasar⁷ e mostrando sua relação entre Cristo, a Igreja e o Cristianismo. Ele destaca que a Igreja é “sacramento universal” de salvação, pois mostra a pessoa de Cristo no seu caráter único e universal do Cristianismo como “sacramento concreto”.

No mesmo capítulo, Pié-Ninot dá sequência com o desenvolvimento sobre a sacramentalidade como categoria teológico-hermenêutica, na medida em que esta representa a realidade transcendental de Deus, e o torna presente à humanidade. Deste conceito, o teólogo passa à noção de “ontologia relacional” da Igreja-sacramento, como sacramento de Cristo ao mundo, completando o tópico com a tríplice dimensão do sacramento: exterior, interior e teológica; e suas aplicações na Eclesiologia em distintos níveis da presença do Senhor na Igreja e seus desdobramentos.

O quarto capítulo se inicia apresentando as características de duas heresias que voltam ao cenário atual, as quais os recentes Papas têm procurado evidenciar,

⁷ Segundo Pié-Ninot, foi o teólogo Urs Von Balthasar que aplica a Cristo a categoria de “universal concreto”, ao fazer a correlação entre Cristo, a Igreja e o Cristianismo (In: VILLAR, J. R. [Coord.]; CALABRESE, G.; GOYRET, P.; PIAZZA, O. F. [Eds.], *Diccionario de Eclesiología*, p. 1326).

para que sejam devidamente identificadas e possam ser combatidas e evitadas: o neognosticismo e o neopelagianismo. Procura-se, a seguir, efetuar a devida contraposição das mesmas com a reta doutrina do Papa Francisco, em diversos de seus documentos. Em conclusão, é realizada a síntese do tema do *testemunho* com o da *sacramentalidade da Igreja*, tratados nos dois capítulos anteriores, como ápice da presente tese: a *sacramentalidade do testemunho cristão*.

A pesquisa foi essencialmente pautada no método qualitativo e bibliográfico com fundamento no referido livro de Salvador Pié-Ninot. Faz-se necessário reconhecer que esta fonte básica da pesquisa é muito ampla em seu conteúdo no tocante à disciplina de Ecclesologia. Contudo, procurou-se manter o foco no objeto principal da pesquisa, não cabendo ir mais além na obra, em outras temáticas teológicas valiosas. O caminho, sem dúvida ainda a se explorar, é amplo e rico.

Para a presente tese, fez-se uso de outras publicações de Pié-Ninot, bem como, outra bibliografia complementar com obras igualmente preciosas, das quais se destaca: o *Diccionario de Ecclesiología*, da BAC (Madri), recentemente editado (2016); o *Dicionário de Espiritualidade*, de Loyola e Paulinas (3 vol., de 2012); o *Diccionario de Teología Fundamental*, da San Pablo (Madri), de R. Latourelle e R. Fisichella, revisado por Pié-Ninot em 2010; o *Diccionario de Ecclesiología*, da San Pablo (Madri), também editado por Pié-Ninot (2001); bem como de diversos documentos pontifícios e do Concílio Vaticano II, além de valiosas obras de renomados teólogos, tais como: Di Berardino, M. Simonetti, G. Fedalto, J. Ratzinger, L. Ladaria, G. Uríbarri, K. Koch, G. Müller, C. O'Donnel, B. Sesboué, E. Bettencourt, U. Zilles, F. Miranda, M. Bingemer, C. Kuzma, J. Castellano, N. Cotugno, X. Pikasa, J. Quasten, J. Scannone, A. Spadaro, dentre outros.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para o entendimento sobre o *testemunho*, sempre teológico, vivido no âmbito eclesial, *como sinal de sacramentalidade*, frente ao mundo atual, tão avesso à fé. Focando-se no *testemunho como sacramental da Igreja*, espera-se que esta possa ter sido a contribuição principal a ser alcançada pelos leitores desta pesquisa que, analisando-a como ponto chave na reflexão teológica, possam colocar, assim, o *testemunho cristão* na devida importância, no contexto da atualidade.

No âmbito pessoal, o tema do *testemunho cristão* é muito precioso à vida de cristão católico leigo do autor desta tese. O tema precioso sempre agrega muito à vivência da fé, e se mostra vislumbrante de ser estudado, principalmente quando a

pesquisa se pauta na esfera da sacramentalidade da Igreja de Cristo. O cotidiano de docente de teologia, de estudante, de cidadão carioca sempre exige um firme e convicto testemunho de fé cristã católica, mostrando a coerência com os ensinamentos do Magistério eclesial. A alegria também se pauta na direção de uma maior divulgação da vasta obra do tão respeitado teólogo contemporâneo, Salvador Pié-Ninot.

Cada vez mais, fica patente a importância de se dar “razões de nossa esperança” (1Pd 3,15), mediante o testemunho sacramental de vida, vivida alegremente no Senhor, onde quer que ele envie o cristão a evangelizar! Em tempo, sejam citadas as oportunas palavras de G. Uríbarri, ao tratar da missão de evangelizar a que o testemunho cristão impele, palavras bastante adequadas ao contexto:

Graças à santidade, se permanece na alegria do Evangelho, que permeia toda a vida do discípulo missionário e lhe incentiva, sem descanso, a harmoniosamente empreender no cotidiano, uma “nova etapa evangelizadora” a partir da alegria.⁸

⁸ URÍBARRI, G. B., *Santidad misionera*, p. 18 (tradução nossa).

2

A importância do testemunho cristão no mundo

Desde os primórdios do Cristianismo, o tema do testemunho entre os cristãos das primitivas comunidades sempre se fez presente em seu cotidiano e em meio às culturas judaica e greco-romana, de modo que não se pode falar da fé cristã sem recordarmos aqueles e aquelas que defenderam suas concepções religiosas, muitas vezes, até com a própria vida. Recordamo-nos dos mártires cristãos que enfrentavam as autoridades do Império Romano dando testemunho da sua fé em Cristo Senhor, não abrindo mão de sua confissão. Precisamente, inclusive, o termo *mártir* significa *testemunha*, segundo Manzanares:

Nos Evangelhos, a palavra [mártir] tem o significado original de “testemunha” (Mt 10,18; 10,32ss; Mc 13,9; Lc 12,8ss; Jo 15,13), por isso que, durante a Era das perseguições, viesse a ser um nome concreto daqueles que testificavam sua fé em Cristo até o ponto de dar sua vida por ela.⁹

O teólogo aponta, no início do Cristianismo, a era das perseguições, na qual o mártir era entendido como aquele que deu testemunho de sua fé; por isso, neste sentido, *mártir* e *testemunha* podem ser considerados sinônimos.

O teólogo R. Ferri corrobora este sentido ao apresentar a etimologia da palavra *mártir*, indicando-a como sinônimo de *testemunha*. Afirma ele:

A palavra básica é o substantivo *mártys* [...]: vem da raiz indogermânica *smer* (pensar, lembrar-se, permanecer) e significa aquele que se lembra, e quem, a partir dessa memória, toma consciência de algo que viveu e o traz ao conhecimento dos outros: é, portanto, a “testemunha”.

O verbo *martyréo* é encontrado a partir do século V a.C. e significa ser testemunha ou agir como testemunha, bem como, prestar testemunho; o substantivo derivado *martyria* tem, antes de tudo, um significado abstrato: o ato de testemunhar e, secundariamente, o próprio testemunho; em vez disso, o substantivo *martyrion* tem o sentido concreto do conteúdo do testemunho, daí a prova objetiva.¹⁰

Contudo, R. Fisichella aponta algumas diferenças entre os termos *martírio* e *testemunho* nas diversas disciplinas teológicas. Sinaliza o teólogo que: a Dogmática enfatizará o martírio no viés preponderante de um “testemunho em favor da verdade do Evangelho”; a História da Igreja, valorizará as circunstâncias nas quais se deu tal martírio, buscando a historicidade dos fatos em contraposição às possíveis lendas e mitos; a Espiritualidade buscará os meios de como o martírio pode “ser

⁹ MANZANARES, C. V., *Mártir*, p. 296.

¹⁰ FERRI, R., *Testimonianza*, p. 12 (grifos do autor – tradução nossa).

apresentado hoje como modelo de vida cristã”; por sua vez, o Direito Canônico se preocupará com as causas do *martírio*, em vista de um possível processo de canonização; e a Teologia Fundamental estudará o martírio “no interior da dimensão apologética” como possível “revelação e sinal crível do amor trinitário de Deus”.¹¹ Assim, ao considerar a Dogmática, o teólogo sinaliza uma sutil diferença entre *martírio* e *testemunho*, dando a entender que este está contido naquele. Para a História da Igreja, esta tem seu foco no processo histórico dos fatos ocorridos, quer se trate ou não, de uma testemunha. O Direito Canônico parece buscar encontrar o sinônimo dos dois termos para uma determinada causa, assim como, a Teologia Fundamental.

Ora, considerando tais diferenças e semelhanças, e a relevância do tema do testemunho para o presente trabalho, iniciaremos este capítulo buscando compreender sobre o significado amplo da palavra *martírio*, como apresentado pelo eminente teólogo R. Fisichella. A seguir, faremos uma exposição sobre o tema do *testemunho*, iniciando este item com breves traços históricos, conforme concebido pelo teólogo Latourelle, para entrarmos no entendimento dos diversos pontos do testemunho cristão.

De posse dessas noções mais claras no que se refere ao entendimento dos termos *martírio* e *testemunho*, objetivamos adentrar no entendimento sobre o testemunho cristão no mundo. Em sequência, será feita uma contextualização atual procurando destacar que “já não é mais a instituição Igreja, mas a pessoa do cristão”, aquela que ainda recebe acolhida e ouvidos na sua tarefa de evangelização, conseguindo produzir o efeito desejado do anúncio do Evangelho.

Em sequência, trataremos sobre “o significado das experiências religiosa e de fé para o testemunho cristão”, apontando para a “consequente credibilidade na Igreja através do testemunho cristão”. A importância do testemunho cristão no mundo estará, assim, evidenciada com tal desenvolvimento.

2.1

Martírio: entendimento ampliado

O primeiro entendimento que se apresenta ao termo *martírio* é daquele que tem um vínculo intrínseco com uma causa a ponto de dar sua própria vida por ela,

¹¹ FISICHELLA, R., *Martírio*, p. 478.

ou seja, o próprio mártir. Ora, a princípio, pode parecer que o *mártir* cristão é uma pessoa que está distante no tempo, alguém relegado à época da perseguição do Império Romano, nos primórdios do Cristianismo e, portanto, distante da era atual. Porém, um olhar mais atento ao mundo contemporâneo nos apresenta alguns fatos que evidenciam a presença de mártires na era atual. A título de mencionar alguns poucos exemplos desde o século passado, mencionamos as recentes notícias: Francisco García León, martirizado na Guerra Civil espanhola;¹² o mártir espanhol Juan Elias Medina e 127 companheiros no séc. XX;¹³ o sacerdote católico Karl Leisner, martirizado pelo Nazismo;¹⁴ beata Maria Laura Mainetti, morta em 2000;¹⁵ os 21 cristãos martirizados pelo Estado Islâmico;¹⁶ as quatro missionárias martirizadas no Iêmen em 2016;¹⁷ beato Fernando Saperas, o mártir da castidade, e o padre Ragheed Ganni, martirizado pelo Estado Islâmico no Iraque.¹⁸ Ainda vários outros casos de mártires cristãos dos últimos séculos poderiam ser mencionados, pois encontram-se sobre eles várias notícias nos principais *sites* na internet. Onde se vê que a realidade do martírio está presente também nos dias atuais com pessoas bem próximas a nós.

R. Fisichella une o conceito sobre mártir com a Igreja bimilenar, pois também a Igreja, em sua história de dois milênios, tem sofrido semelhante martírio, afinal, ambos são a manifestação da plenitude do amor de Cristo. Afirmo o teólogo: “o mártir pertence à Igreja, não só porque esta [...] é caracterizada pela presença dos mártires, mas antes porque constitutivamente, ela mesma é mártir. Antes de ser uma *ecclesiae martyrium*, ela é *ecclesia martyr*”.¹⁹ E complementa afirmando que a

¹² REDAÇÃO, Francisco García León, martirizado porque usava o escapulário. In: GAUDIUM PRESS, Francisco García León, martirizado porque usava o escapulário.

¹³ CERASO, G. Beatificados na Espanha Juan Elias Medina e 127 companheiros mártires, In: VATICAN NEWS, Beatificados na Espanha Juan Elias Medina e 127 companheiros mártires.

¹⁴ TREVISAN, L. E., Karl Leisner: um mártir do nazismo, In: GAUDIUM PRESS, Karl Leisner: um mártir do nazismo.

¹⁵ REDAÇÃO, Irmã Maria Laura Mainetti, freira morta em ritual satânico, já é beata. In: ALETEIA, Irmã Maria Laura Mainetti, freira morta em ritual satânico, já é beata.

¹⁶ VÊNETO, F., Martírio dos 21 cristãos coptas pelo Estado Islâmico. In: ALETEIA, Martírio dos 21 cristãos coptas pelo Estado Islâmico.

¹⁷ ROBSDOTTIR, S., A última oração das freiras mártires do Iêmen. In: ALETEIA, A última oração das freiras mártires do Iêmen.

¹⁸ VÊNETO, F., Vítimas do ódio à fé. In: ALETEIA, Vítimas do ódio à fé.

¹⁹ FISICHELLA, R., Martírio, p. 476 (grifos do autor). Baseamo-nos preferencialmente, neste tópico 2.1, na versão em português deste dicionário (tradução feita a partir da 1ª edição do dicionário em italiano, sem a revisão de Salvador Pié-Ninot), pois, neste verbete, a tradução em português corresponde exatamente ao mesmo texto do verbete na 3ª edição do dicionário em espanhol (LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R.; PIÉ-NINOT, S. [Dir.], Diccionario de Teología Fundamental), já com a revisão feita por Pié-Ninot, em 2010. Utilizaremos os verbetes da 3ª edição

mesma sorte que cabe a Cristo, toca também à sua Igreja, incluindo o mesmo esvaziamento (*kénosis*) de Cristo, “como expressão do seguimento obediencial que toca o ápice da paixão e morte por amor”,²⁰ forma esta também apresentada nos escritos paulinos, pois “a comunidade cristã sempre manteve o valor eclesial do martírio” (Gl 4,19; Ef 2,5-6; Cl 1,24).²¹

2.1.1

O martírio na Sagrada Escritura

Adentrando à Escritura Sagrada, R. Fisichella vê nos profetas do Antigo Testamento certos prenúncios dos “mártires”, embora acrescente que a Teologia do martírio está ainda distante da perspectiva interpretada posteriormente, fazendo do mártir alguém que se configura ao sofrimento de Cristo. Assim, ele menciona: o profeta Jeremias (Jr 26,8-11) que, preso, tinha sua morte desejada por muitos de seus ouvintes; alguns versículos adiante (Jr 26,20-23), é mencionado outro profeta, Urias, que chegou a fugir de seu perseguidor, o rei Joaquim, mas sem sucesso, acabou sendo capturado e assassinado; em 2Cr 24,17-22 é mencionado Zacarias, filho de um sacerdote, que é apedrejado no pátio do Templo por ordem do rei Joás, que, depois, o mata; em 1Rs 19,10, o profeta Elias diz que “os israelitas abandonaram tua aliança, derrubaram teus altares e mataram teus profetas a espada”. Todas estas narrativas enfatizam a trágica sorte daqueles que falavam em nome de Deus, sofrendo o martírio pelo Senhor. R. Fisichella entende que o profeta é aquele que “é testemunha da palavra dirigida a ele pelo Senhor, [a qual] deve segui-la fielmente até o fim”.²²

Mais adiante em seu texto, o teólogo menciona outra passagem da história de Israel: o episódio dos irmãos Macabeus, quando Israel se vê dominado pela Síria de Antíoco IV Epífanes (175-163 a.C.), episódio que ele considera como um marco da reflexão sobre o martírio, e que “constitui a ideia germinal de uma ‘teologia’ do martírio que, curiosamente, parte de uma ‘teologia’ da história (cf. Dn 11-12; 2Mc 6-7)”.²³ Percebe-se que a morte de uns inocentes pela causa da Lei divina e na

em espanhol sempre que esta trouxer, em sua revisão, alterações ou acréscimos ao texto feitas por Pié-Ninot ou quando a tradução em português não estiver adequada ao entendimento.

²⁰ FISICHELLA, R., Martírio, p. 476.

²¹ FISICHELLA, R., Martírio, p. 476.

²² FISICHELLA, R., Martírio, p. 477.

²³ FISICHELLA, R., Martírio, p. 477.

defesa do Templo, que havia sido profanado, era considerada como um forte testemunho que alimentava “a esperança na intervenção do Senhor (2Mc 6,12-30)”²⁴ e representava para o povo um testemunho inequívoco da intervenção de Deus junto deles, especialmente para confirmar os filhos na fé de seus pais (2Mc 6,24-28). O Antigo Testamento se abre, desta forma, à perspectiva de um testemunho dado com a própria vida da testemunha em favor de Deus e daquilo que o representava junto ao povo de Israel (o Templo). Pode-se entender que este testemunho já era figura em germen do testemunho cristão que se dará de modo patente no Novo Testamento. Sem dúvida, o testemunho possui sua centralidade em Jesus Cristo, cuja morte salvífica é chave para o martírio cristão.

Fisichella destaca dois elementos principais no Novo Testamento: a consciência da morte violenta de Cristo com todo o significado salvífico que traz em si; e o seguimento de Jesus por seus discípulos.²⁵

No primeiro elemento, evidencia-se que Jesus sabia com plena clareza que suas palavras e ações o levariam inevitavelmente à morte. Esta firmeza de atitude é demonstrada por R. Fisichella em vários textos neotestamentários, tais como:

O fato de seus contemporâneos, e os próprios discípulos, o terem tomado como um profeta (Mc 8,28), a morte do Batista (Mt 14,1-12), sua solidariedade com os pecadores públicos (Mc 2,15-16), a contestação da lei mosaica (Mt 5,17-48), a acusação de blasfêmia (Mc 2,6; 14,64), a suspeita de Ele praticar a magia ou bruxaria (Mt 9,34), a expulsão dos vendilhões do templo e as duras palavras contra os sacerdotes (Mc 11,15-18.28-33) e, sobretudo, sua pretensão de ser privilegiadamente o filho de Deus (Jo 5,18), bastava um só destes fatos para deixar entrever a possibilidade da morte violenta. Além disto, não se esqueça de que reiteradas vezes – conforme relatam os Evangelhos – Jesus esteve prestes a ser apedrejado (Jo 8,59; 10,31-33; Lc 4,29).²⁶

Diante de tantos episódios de risco à sua vida, Jesus não se intimidou e continuou a anunciar o Reino de Deus como perspectiva de amor único e garantidor da salvação para a humanidade. Uma inabalada consciência, com firmeza de convicção por estar cumprindo a vontade do Pai, o levava a ser admirado e seguido por muitos. Disse o Senhor: “Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que seja levantado o Filho do Homem, a fim de que todo aquele que crer tenha nele a vida eterna” (Jo 3,14-15). Jesus tinha plena consciência de sua missão de cumprir a vontade do Pai, o que, certamente, impressionava a muitos que decidiam, por isso, segui-lo. Numa das epístolas pastorais, Paulo apresenta Jesus

²⁴ FISICHELLA, R., Martírio, p. 477.

²⁵ FISICHELLA, R., Martírio, p. 477.

²⁶ FISICHELLA, R., Martírio, p. 477-478.

como modelo de testemunha a ser seguido: “...Cristo Jesus, que deu testemunho diante de Pôncio Pilatos numa bela profissão de fé...” (1Tm 6,13), referindo-se à passagem de Jo 18,37, quando Jesus afirma diante de Pilatos: “Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade”. A mesma referência à testemunha que é Cristo foi também atestada por João, ao endereçar as cartas às Igrejas da Ásia no Apocalipse: “...e da parte de Jesus Cristo, a Testemunha fiel, o Primogênito dos mortos, o Príncipe dos reis da terra” (Ap 1,5; 3,14). Desta forma, afirma A. Louth, que “o mártir não tardou a ser identificado com Cristo, e sua morte com o mistério pascal celebrado na eucaristia”.²⁷ O próprio Senhor preparara seus discípulos para serem testemunhas quando anunciou que eles sofreriam várias perseguições, pois seriam enviados “como ovelhas entre lobos” (Mt 10,16-22). Os discípulos, por sua vez, sabiam que deveriam dar testemunho de Jesus morto e ressuscitado:

Disse-lhes [Jesus]: “Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. Vós sois testemunhas” (Lc 24,46-48).

A perseguição aos discípulos seria perpetrada logo após a ressurreição do Senhor, como a história comprova. Seu início foi marcado pelo martírio no apedrejamento de Estêvão, conhecido como o “protomártir” do Cristianismo (At 7,55-60), que, cheio do Espírito Santo, dá testemunho de Cristo diante do tribunal hebraico. Contudo, o Senhor já havia prometido a bem-aventurança celeste àqueles que fossem perseguidos por causa do seu nome (Mt 5,11-12). Por isso, Estêvão declara: “eu vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus. [...] Senhor Jesus, recebe meu espírito” (At 7,56.59).

O segundo elemento apontado por R. Fisichella, mostra que com sua Morte e Ressurreição, o Senhor faz com que seus discípulos saiam pelo mundo a dar testemunho desse acontecimento salvífico. Os discípulos e seguidores de Jesus passam a ser testemunhas de sua vida pública, morte, ressurreição e ascensão, ou seja, de seu plano de salvação à humanidade, plano este, cumprido até o fim pela cruz. Assim, num seguimento contínuo e decidido por parte dos seus discípulos, muitos culminaram em martírios, afirma R. Fisichella, que “atestam a verdade do

²⁷ LOUTH, A., *Martírio*, p. 1100.

Evangelho nas diversas situações de vida” e, por isso, tais discípulos podem ser chamados de “mártires-testemunhas”,²⁸ em sua grande maioria, oculares.

Não demorou muito para que várias pessoas desejassem seguir Jesus de Nazaré de modo pleno, dando suas vidas integralmente por ele, até ao ponto de, se necessário fosse, entregarem sua vida pela causa do Evangelho. Por conta disso, o teólogo A. Louth sinaliza que “o mártir não tardou a ser identificado com Cristo, e sua morte com o mistério pascal celebrado na eucaristia”.²⁹ Assim foi que o testemunho de Cristo, marcado por sua vida de total entrega ao Pai, fosse para muitos o modelo a ser seguido. A morte do Senhor por esta causa passa a ser compreendida como o exemplo de vida humana satisfatória plena a ser seguido até o fim, passando a “ser considerada o ‘martírio’ por excelência e por [isso é] que aquelas testemunhas foram chamadas os mártires por excelência”.³⁰ A teóloga E. Rava atesta sobre o sentido que a palavra “mártir” vai assumir no início do Cristianismo:

A partir da primeira metade do século II o termo *mártir* foi reservado aos que eram mortos por terem testemunhado Cristo; recebiam essa designação não por causa da pena, mas por terem-na suportado por causa de Cristo (Agostinho, *In Ps* 34,2,13; 68,1,9).³¹

2.1.2

O martírio como linguagem

Procedendo a uma análise linguística do termo “martírio”, R. Fisichella associa este termo ao de “testemunho”, na medida em que o martírio-testemunho é entendido como “um ato mediante o qual se refere o que foi objeto de conhecimento pessoal”.³² Expõe que este ato traz em si dois elementos: a emissão na ação de *comunicar-se* e o *conteúdo* emitido e ao qual se quer transmitir. Logo, tais elementos requerem um receptor que receba a mensagem transmitida. Assim:

A testemunha, na proporção da fidelidade com que exprime o conteúdo de sua experiência, revela a veracidade ou não de si mesma; quem recebe este testemunho, por outro lado, avaliando o grau de credibilidade do que lhe é comunicado, arrisca-se a confiar no outro. Em ambos os sujeitos, de qualquer forma, evidencia-se a vontade de comunicar parte de sua própria vida e, portanto, de sair de si em vista da comunicação.³³

²⁸ FISICHELLA, R., *Martírio*, p. 477-478.

²⁹ LOUTH, A., *Martírio*, p. 1100.

³⁰ CAPPELLETTI, A.; CAPRIOLI, M., *Mártir*, p. 1554.

³¹ RAVA, E. C., *Mártir*. In: BORRIELO, L. (Dir.), et al. *Dicionário de Mística*, p. 680 (grifos da autora).

³² FISICHELLA, R., *Martírio*, p. 478.

³³ FISICHELLA, R., *Martírio*, p. 478-479.

Neste sentido, se pode entender o martírio como uma linguagem de comunicação e não, simplesmente, como um testemunho de fatos ocorridos que são narrados, como no efeito jurídico de uma testemunha num tribunal. R. Fisichella conclui que “o testemunho representa um dos fatos constitutivos da linguagem humana, pois possui um tal grau de performatividade que a palavra falada, sozinha, não poderia exprimir”.³⁴ As próprias Atas dos mártires atestam, em todos os seus textos, que todos eram testemunhos iniciados perante um juiz que culminavam na morte voluntária e livremente aceita pelo mártir.

2.1.3

O martírio como sinal

Não resta dúvida que em todas as Atas dos mártires, havia sempre um sinal de Deus presente nos testemunhos daqueles(as) que entregavam suas vidas por amor a Cristo. A Igreja sempre entendeu tais martírios cristãos como sinais da comunicação de Deus a seu povo que, na morte de Jesus, tem seu significado máximo.

R. Fisichella destaca a necessidade à qual o martírio levava os outros a se posicionarem, em vista da tomada de decisão irrefutável diante do fato constatado; e conclui com a célebre frase de Tertuliano, “o sangue dos mártires é semente de cristãos” (*Apol.* 50,13):

A força provocatória, que provém do martírio e que impulsiona a refletir sobre o sentido da existência e sobre o significado essencial a ser dado à vida, é tão evidente que não carece de nenhuma demonstração. A decisão de chegar a uma opção coerente e definitiva encontra aqui seu espaço vital. A história dos mártires manifesta lucidamente que a morte de cada um deles, se por um lado deixava os outros atônitos, por outro lado sacudia a tal ponto a consciência pessoal que se abria à conversão e à fé: *sanguis martyrum semen christianorum*.³⁵

Neste sentido, o martírio é sempre um sinal bastante significativo que aponta à necessária ação consequente que move os ouvintes à conversão e à fé. Crer na mensagem do Evangelho para a qual muitos deram, e dão, as suas vidas é uma mensagem indubitavelmente consistente e verídica.

³⁴ FISICHELLA, R., *Martírio*, p. 479.

³⁵ FISICHELLA, R., *Martírio*, p. 479 (grifo do autor).

2.1.4

O significado do martírio

Na Teologia Fundamental, a temática do martírio sempre foi vista com grande ênfase na perspectiva da credibilidade da revelação cristã, pois sempre foi visto no tocante às suas virtudes heroicas em favor da verdade da fé. Neste sentido, R. Fisichella condiciona três perguntas e vai em busca das respostas para elucidá-las: “a verdade de sua própria vida pessoal, a liberdade diante da morte e a decisão pela eternidade”.³⁶

Quanto à verdade da própria vida pessoal do mártir, o martírio é visto como a atitude mais coerente que se tem, devido à firme profissão de fé que este representa. Para o mártir, a morte se traduz na mais autêntica identidade de cristão que este possa ter e apresentar ao mundo, sentindo-se realizado na vida que tende a seu fim. Porém, a vida está completa, arrematada com a morte pelo martírio, uma morte honesta no “dar a vida pelos seus amigos” (Jo 15,13).

Quanto à liberdade frente à morte, R. Fisichella aponta ser “paradoxal” e questiona: “como se pode pensar ser livre, se este é exatamente o momento em que a vida humana da pessoa depende da vontade de um outro?”³⁷ E responde que é “justamente neste momento [que] descobrimos que não somos feitos para a morte, mas para a vida. [...] A morte constitui um mistério que supera o homem infinitamente”. Na perspectiva cristã, a morte não é o fim, mas a passagem para a vida eterna, a verdadeira liberdade da pessoa humana em Deus. E completa R. Fisichella afirmando que “o mártir, colocado frente à morte, sabe dar significado supremo a sua vida, aceitando a morte em nome da vida que lhe advém da fé. O mártir, portanto, embora sendo condenado à morte, opta por morrer [...] para entregar-se ao amor do Pai.”³⁸ É essa noção da vida eterna, da eternidade em Deus, que faz com que o mártir escolha morrer por amor a Cristo, mantendo firmes sua confissão de fé.

Este é o verdadeiro sentido e significado profundo que “justifica” o martírio, a busca pela morte em prol de se manter firme a fé em Cristo Senhor. Como exemplo de mártir que morre se entregando livremente para o caminho da vida

³⁶ FISICHELLA, R., Martírio, p. 479.

³⁷ FISICHELLA, R., Martírio, p. 479.

³⁸ FISICHELLA, R., Martírio, p. 479.

eterna, R. Fisichella cita São Maximiliano Kolbe, cuja carta dos bispos poloneses pedindo sua canonização, trazia as motivações de tal pedido:

As motivações que acompanhavam tal pedido desenvolvem-se num nível de justificação canônica e seguem as pegadas de uma velha concepção de martírio: antes de tudo, o fato de que a ideologia nazista contrastava com a ética cristã e que a prisão do Padre Kolbe fora ditada pelo ódio contra a fé; além disto, que o bem-aventurado, durante sua prisão no campo de Auschwitz, não alimentou nenhum ódio contra o perseguidor, que, ao invés, se encarniçava contra ele; finalmente, o haver-se Kolbe oferecido em lugar de um pai de família com estas simples palavras: “Sou um padre católico”.³⁹

O discurso do Papa João Paulo II no dia da canonização de Maximiliano Kolbe, relata R. Fisichella, emprega “mais de onze vezes o termo ‘amor’; e, ao menos mais de cinco vezes, uma expressão sinônima; e em outras seis vezes o Papa diz que Kolbe é ‘sinal de amor’”.⁴⁰ O Papa vê em São Kolbe um mártir do amor que, por ser padre católico, entrega sua vida para morrer no lugar de um pai de família, uma morte que é “sinal de amor”. O martírio dele se reveste de um sinal de vida exemplar para muitos, segundo o Papa deseja destacar. Esse é o verdadeiro significado do martírio.

2.1.5 Definição de martírio

Num arremate englobando os pontos anteriormente apresentados, R. Fisichella apresenta a definição de martírio como segue:

O mártir, sinal do amor maior, é uma testemunha que se colocou no seguimento de Cristo, até a doação da vida, para atestar a verdade do Evangelho. Reconhecido como tal pela voz do povo de Deus, é confirmado pela Igreja como testemunha fiel de Cristo.⁴¹

O teólogo W. Rordorf afirma que os mártires são aqueles que estão diante do Senhor, pois são a manifestação da ressurreição de Cristo e, de junto dele, intercedem pelos vivos. Por vezes, os mártires eram conhecidos também como “confessores da fé”, embora os *confessores* propriamente ditos não chegassem ao martírio, segundo constata Jiménez, que observa que alguns escritores antigos consideravam os dois termos em igual sentido.⁴² Afirma o teólogo W. Rordorf:

³⁹ FISICHELLA, R., Martírio, p. 481.

⁴⁰ FISICHELLA, R., Martírio, p. 481.

⁴¹ FISICHELLA, R., Martírio, p. 482.

⁴² “São chamados confessores todos os cristãos que, tendo confessado publicamente sua fé perante um tribunal pagão durante as perseguições, foram punidos com prisão, exílio ou outras penas menores, mas não sofreram o martírio. Os confessores eram venerados pela comunidade enquanto aguardavam a morte na prisão e, depois, caso fossem libertados, ocupavam um lugar importante na Igreja. [...] O termo ‘confessor da fé’ é encontrado pela primeira vez na Carta sobre os mártires de

No fundo, é de se admirar que o termo “testemunha” (*martys*) comece, a partir do séc. II, a designar, na linguagem cristã, exclusivamente o crente que sofre e morre por causa de sua fé; a “simples” testemunha será, então, chamada de “confessor” (cf. Eusébio, HE V, 2,3-4). A única explicação plausível para essa mudança na terminologia está em admitir que o próprio espetáculo do martírio é considerado como um “testemunho”: os sofrimentos e a morte do mártir são a manifestação da força da ressurreição, porque nos mártires Cristo sofre e vence a morte. De fato, os mártires são portadores do Espírito, têm visões e milagres são produzidos em relação com sua pessoa. Seu martírio tem, além disto, um valor propiciatório: não apenas seus pecados são cancelados (batismo “de sangue”), mas toda a comunidade dos fiéis dele se aproveita (os mártires dão a reconciliação aos penitentes, rejeitam o poder diabólico e intercedem pelos vivos: vide as inscrições nos túmulos dos mártires). Os mártires estão “junto do Senhor”.⁴³

Nesta mesma perspectiva histórica, trazendo para os dias atuais, conclui R. Fisichella:

O martírio aparece, portanto, como aquela realidade que, ainda hoje, a Igreja, com orgulho, pode oferecer ao mundo como o sinal maior do amor realizado pelo homem. [...] Consequentemente, perguntar-se se também hoje existem mártires, e quais são eles, é perguntar-se se, também hoje, a Igreja é capaz de apresentar o imutável e fiel amor trinitário de Deus.⁴⁴

O mártir é apresentado como “sinal do amor” de Cristo pelo seguimento da pessoa ao Senhor e a seu plano salvífico, numa opção concreta de vida e como “testemunho eclesial, pois se insere na missão única da Igreja”.⁴⁵ A doação de vida se concretiza até a morte na entrega incondicional à verdade do Evangelho, atestando-o para o mundo. O reconhecimento pelo povo de Deus é como se dá o início de um processo canônico que deve terminar com a confirmação pela Igreja de que tal pessoa foi verdadeira testemunha do amor de Cristo.

Consideramos o entendimento genérico sobre o *martírio* na perspectiva de R. Fisichella. Adiante, daremos seguimento com a perspectiva do *testemunho*, segundo o teólogo R. Latourelle.

2.2

Testemunho: entendimento ampliado

Diferentemente do Concílio Vaticano I, no Vaticano II ocorre uma “irrupção maciça da terminologia do testemunho”, onde, segundo R. Latourelle, “o tema está

Lião, de 177, onde aqueles que sobreviveram à perseguição e não aceitaram o título de ‘mártires’, preferiram ser chamados apenas de ‘confessores’ (Eusébio, HE V, 2,2-3). Testemunhos posteriores mostram como este esclarecimento terminológico se consolidou ao longo do tempo. No entanto, em algumas passagens de Hipólito, Tertuliano e Cipriano, alguns confessores ainda vivos são chamados de mártires.”, JIMÉNEZ, O., Confessore, p. 1162 (tradução nossa).

⁴³ RORDORF, W., Martírio, p. 3076-3077 (grifo do autor – tradução nossa).

⁴⁴ FISICHELLA, R., Martírio, p. 482.

⁴⁵ FISICHELLA, R., Martírio, p. 482.

onipresente [...]; palavras como testemunho, testemunhar, testemunha retornam mais de cem vezes”.⁴⁶ No verbete “testemunho” do Dicionário de Teologia Fundamental, o autor expõe o tema do *testemunho*, inicialmente considerado num âmbito profano, analisando num sentido mais humano do termo. Sem dúvida, como o autor destaca, o sentido humano do testemunho tem de considerar a revelação de Deus e, portanto, entendê-lo no sentido mais sublime, pois a experiência humana tem sua relação com o mistério do ser de Deus. Ou seja, logo a seguir, será considerado o sentido religioso que o termo assume, o que inclui um desenvolvimento bíblico. Adiante, apresentamos essa análise do eminente teólogo, concluindo com breve percurso histórico do entendimento que teve o termo testemunho.

2.2.1

O testemunho na ótica profana

R. Latourelle inicia destacando que há três níveis em que o termo *testemunho* pode ser compreendido. O que o autor chama de “o nível mais fraco”⁴⁷ é simplesmente o aspecto de alguém que dá testemunho do que viu e/ou ouviu, descrevendo sua experiência visual e/ou auricular de um fato ocorrido. Tal seria o sentido jurídico do termo, onde uma pessoa é chamada a testemunhar um fato que presenciou, empenhando sua palavra diante de um juiz para que, baseado em seu argumento, este possa avaliar e decidir a querela. Latourelle assinala que, neste caso, “significa declarar e declarar-se a favor de alguém ou contra ele. Não se trata mais somente de descrever, como faria um jornalista, mas de a pessoa comprometer-se a si mesma e emitir um juízo de valor.”⁴⁸ Há o senso de tentar convencer e influir os jurados, ainda que a própria testemunha não esteja tão convencida do que narra.

No segundo nível, ocorre, não apenas a descrição da situação com o juízo de valor, mas o próprio empenho pessoal da testemunha na descrição do testemunho, comprometendo-se por ele. “Em outros termos [a testemunha] diz: ‘Declaro esta

⁴⁶ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 824.

⁴⁷ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 824.

⁴⁸ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 825.

pessoa inocente: negar sua inocência seria renegar a mim mesmo’. Aqui, o ser e o dizer coincidem”, completa R. Latourelle.⁴⁹

O terceiro nível se dá quando a testemunha se empenha em sancionar o testemunho dado, seja com sua entrega à causa, através de uma confissão pública, ou mesmo, mediante o sacrifício de sua própria vida. Ora, quando a testemunha morre pela causa defendida, tal é o caso em que se converte em mártir, ou seja, a testemunha plena. Completa o teólogo:

A esta altura, em nível semântico, verifica-se a passagem do testemunho-palavra para o testemunho-ação. E é o testemunho-ação que dá sentido ao testemunho-palavra. O ponto firme em torno do qual gira a mudança de sentido é o *envolvimento* da testemunha no testemunhar. Atingimos aqui o contexto bíblico em que o testemunho de Cristo, a Testemunha por excelência, é aquele em que o dizer e o agir coincidem na transparência de seu ser.⁵⁰

Este terceiro nível se torna, assim, o grau máximo de um testemunho, no qual este se converte em doação da própria vida como forma de ratificar o depoimento dado e no intuito de obter a adesão radical dos seus ouvintes para a causa defendida. Neste nível, o testemunho adquire uma profundidade tal que o torna digno de crédito. R. Latourelle aprofunda esse entendimento ao afirmar que “efetivamente, quando deixamos o universo das coisas materiais para entrar no nível das pessoas, deixamos o mundo da evidência para entrar no do testemunho. [...] Em nível de intersubjetividade, o das pessoas, deparamos com o mistério.”⁵¹ Isto significa que a confiança do testemunho pessoal se torna uma revelação da própria pessoa em seu mistério humano, na medida em que é a revelação de sua intimidade específica vivida num determinado contexto. De certa forma, o testemunho vincula-se, assim, à liberdade humana; o fato de ser livre para revelar algo do próprio foro íntimo ao conhecimento de todos e de obter dos ouvintes uma resposta de confiança mais ou menos profunda ao que se narra. Acrescenta R. Latourelle que “quando uma pessoa recorre ao testemunho para exprimir-se, já está fazendo um apelo à confiança e se compromete a dizer a verdade. Compromete-se a não trair esta confiança e promete, ao menos implicitamente, ser sincera e veraz”.⁵² Há aí, portanto, um aspecto moral do testemunho, muito mais do que meramente narrativo.

Arremata o teólogo:

⁴⁹ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 825.

⁵⁰ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 825 (grifo do autor).

⁵¹ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 825.

⁵² LATOURELLE, R., Testemunho, p. 825.

Nesta altura, portanto, não cabe mais surpreender-se de que o cristianismo seja a religião do testemunho e da fé. [...] O Cristianismo é a religião do testemunho precisamente porque é manifestação do mistério das pessoas divinas. O que em última análise Cristo revela é o mistério pessoal constituído por Ele como filho do Pai, na carne e nas palavras do homem Jesus. Os apóstolos, por sua vez, dão testemunho de sua intimidade com Cristo, Verbo de vida, Filho do Pai, em relação íntima com o Pai e o Espírito, mas numa comunicação tão reservada que nada se pode comparar.⁵³

O testemunho na ótica do profano, isto é, do não religioso, aponta, assim, para um viés religioso, abordado a seguir.

2.2.2

O testemunho na ótica religiosa

No contexto bíblico, o percurso se inicia com a visão que o Antigo Testamento (AT) dá para uma testemunha, entendida primordialmente como o *profeta*. Diferentemente das duas outras instituições clássicas no AT, o sacerdote e o rei, ambos escolhidos pelo povo e do meio deles, o profeta é, antes de qualquer outra coisa, o escolhido por Deus. Daí, sua experiência privilegiada devido à escolha divina, onde é chamado a dividir o seu conhecimento e sua vontade no cumprimento daquilo que agrada ao Senhor. O profeta é aquele autorizado por Deus para falar em seu nome, pois por ele foi escolhido dentre outros. Tal autoridade é inegável, embora possa estar num meio hostil e inseguro à proclamação da Palavra como intérprete do Senhor. Nesta ótica, também o povo de Israel, por ser um povo escolhido, se faz também testemunha do único e verdadeiro Deus que o chama para testemunhar sua existência e presença na história humana e que, pelo povo escolhido, opera suas maravilhas. Diz o deutero-Isaías:

Faze com que apareça este povo que é cego, embora tenha olhos, este povo de surdos, apesar de ter ouvidos. Congreguem-se todas as nações, reúnam-se todos os povos! Quem dentre eles anunciou isto, trazendo aos nossos ouvidos acontecimentos antigos? Apresentem suas testemunhas e se justifiquem, sejam ouvidos e seja-lhes dito: o que dizeis é verdade! As minhas testemunhas sois vós – oráculo de Iahweh – vós sois o servo que escolhi, a fim de que saibais e creiais em mim [...]. Eu, eu sou Iahweh, e fora de mim não há nenhum Salvador. Fui eu que revelei, que salvei e falei, nenhum outro Deus houve jamais entre vós. Vós sois as minhas testemunhas – oráculo de Iahweh –, eu sou Deus, desde toda a eternidade eu o sou; não há ninguém que possa livrar da minha mão; quando faço, quem poderá desfazer? (Is 43, 8-13).

Neste texto, R. Latourelle observa quatro elementos no povo de Israel: a) a *testemunha*, que é certificada pela autoridade divina que a envia; b) o *testemunho*

⁵³ LATOURELLE, R., Testimonio, p. 1526 (tradução nossa). Este texto foi extraído do dicionário em espanhol (3. ed. – 2010) por permitir uma tradução mais adequada do que a versão editada em português (edição de 2017, no entanto, traduzida da 1ª ed. do dicionário em italiano – 1990). Portanto, o dicionário em espanhol de que se dispõe, revisado por Pié-Ninot, se apresenta como mais atual do que a versão do mesmo disponível em português.

radical dado por Israel, que afirma ser Deus o único salvador; c) o *testemunho* divulgado a todos os povos, que adquire um âmbito *social*; d) um *compromisso* moral que tal testemunho requer de todos que o recebem. E o teólogo complementa sua análise afirmando que se mantém os princípios profanos do testemunho, vistos anteriormente,⁵⁴ mas com duas características próprias:

Uma novidade é introduzida pelo AT: a autoridade da testemunha não vem da pessoa, mas de sua vocação privilegiada e de seu mandato. Na missão da testemunha-profeta distinguem-se, como dois polos de atividade que às vezes se sucedem, mas que com mais frequência se sobrepõem, a atividade da proclamação e o compromisso de vida.⁵⁵

R. Latourelle prossegue sua análise bíblica tomando em conta o Novo Testamento e o testemunho dos apóstolos. Sinaliza que tanto a palavra *testemunha* quanto o verbo *testemunhar* são próprios do vocabulário lucano, evidenciando quatro elementos em comum: a) também os apóstolos são escolhidos por Jesus, à semelhança dos profetas no AT (At 1,26; 10,41);⁵⁶ b) somente os apóstolos foram testemunhas diretas das palavras e das ações do Senhor Jesus e, portanto, “os outros podem pregar; no sentido próprio, somente os apóstolos podem testemunhar” (At 1,21-22; 4,20; 10,41);⁵⁷ c) receberam do próprio Cristo o mandato para evangelizar e testemunhar e, para isso, foram ungidos pelo Espírito (At 1,8; 10,41);⁵⁸ d) o envolvimento pessoal e direto com o anúncio da verdade, numa fidelidade total a Cristo, na coragem e na força do Espírito recebido em Pentecostes (At 2,1-13), numa determinação total a Cristo. Como efeito dessa entrega sem medidas, exclamam: “Não podemos, nós, deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4,20).⁵⁹ Ainda na primeira carta de S. João aparece a mesma determinação radical: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida, [...] nós a vimos e dela damos testemunho [...]” (1Jo 1,1-2).⁶⁰ Corroborando, ainda, lembrando o episódio da escolha de Matias para o lugar de Judas Iscariotes, o que se dá precisamente, porque Matias fora “conosco [com os apóstolos] testemunha da

⁵⁴ Tópico 2.2.1 da presente tese.

⁵⁵ LATOURELLE, R., *Testemunho*, p. 826. Preferencialmente, será utilizada a versão disponível em português (2017) do referido dicionário sempre que esta tradução não diferir do dicionário em espanhol (2010), revisado por Pié-Ninot.

⁵⁶ LATOURELLE, R., *Testemunho*, p. 826.

⁵⁷ LATOURELLE, R., *Testemunho*, p. 826.

⁵⁸ LATOURELLE, R., *Testemunho*, p. 826.

⁵⁹ LATOURELLE, R., *Testemunho*, p. 826.

⁶⁰ LATOURELLE, R., *Testemunho*, p. 826.

ressurreição do Senhor” (At 1,22).⁶¹ Numa bela analogia, afirma R. Latourelle, que “não existe quebra da continuidade entre o Jesus terreno e o Cristo glorificado. Os apóstolos são como que a dobradiça entre o tempo de Jesus e o tempo da Igreja”.⁶² Por isso é que, para evidenciar tal continuidade, ele menciona que também os Atos dos Apóstolos repetem a lista dos apóstolos escolhidos por Jesus (At 1,13).⁶³

R. Latourelle prossegue enfatizando que não é somente o que se ouve e o que se vê que são o objeto principal do testemunho cristão, mas principalmente, o sentido religioso do mesmo. E afirma:

O testemunho não tem por objeto somente a realidade empírica e fenomênica dos fatos e das ações de Jesus. Os apóstolos dão testemunho, antes de tudo, do valor salvífico destes fatos: são testemunhas do sentido profundo da existência terrena de Jesus, isto é, da salvação inaugurada com a morte e ressurreição (At 5,31; 10,42).⁶⁴

Portanto, há uma conexão direta entre os fatos históricos e o valor salvífico e religioso de tais acontecimentos. R. Latourelle completa afirmando que o sentido do testemunho apostólico tem de estar fundamentado na história da salvação, a qual confere ao testemunho a base sólida da fé. Afirma o teólogo, reiterando a concepção anterior:

No testemunho apostólico [...] existe, portanto, união indissolúvel do evento histórico (dimensão horizontal) e de seu valor religioso e salvífico (dimensão vertical). [...] Sem Jesus (obras e palavras) o testemunho não tem mais suporte e desaba.

Para sermos completos, é preciso reconhecer no testemunho apostólico um outro aspecto. Com efeito, quando este declara o *sentido* do evento histórico, não dá uma interpretação arbitrária do mesmo, mas baseia-se na história vivida, a de Jesus e do povo judeu. [...] O testemunho apostólico refere-se, portanto, à história por dois motivos: porque declara o sentido de um evento que ele supõe e reafirma, interpretando-o; e porque a interpretação que lhe dá se funde, também ela, na autenticidade dos ditos e dos gestos de Jesus. A categoria do testemunho não é só referência a Jesus, mas vontade de referir-se a Jesus. Se Jesus não tivesse realizado as obras que fez, o testemunho apostólico não teria valor e o Evangelho não existiria.⁶⁵

O testemunho cristão tem seu fundamento nos atos e nas palavras de Jesus, que são atestadas por suas testemunhas mais diretas: os apóstolos. Daí, toda a base da fé cristã ser fé apostólica, o que remete à Igreja que perpetua esta fé dos apóstolos em Cristo até os dias atuais.

R. Latourelle menciona que esta questão é ratificada pelo evangelista João que vai confirmar, no Apocalipse, que “a Testemunha é Cristo (Ap 1,5; 3,14); e testemunhar equivale para Cristo, manifestar o Pai, a revelar o Pai [...]. Cristo é,

⁶¹ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 827.

⁶² LATOURELLE, R., Testemunho, p. 827.

⁶³ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 827.

⁶⁴ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 827.

⁶⁵ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 827 (grifo do autor).

portanto, a testemunha absoluta, aquele que traz em si a garantia do seu próprio testemunho.”.⁶⁶ Lembra, no entanto, que o ser humano não pode abraçar esta fé em Cristo e na sua Palavra sem receber uma “atração interior (Jo 6,44), que é dom do Pai, e sem um testemunho do Espírito (1Jo 5,9-10).” Por isso mesmo, que o próprio evangelista João foi testemunha ocular de tudo que viu e ouviu (Jo 1,14-15; 21,24) e, portanto, dá testemunho, a fim de que outros possam também entrar em comunhão de fé com o apóstolo.⁶⁷ Sobre este ponto, R. Latourelle afirma que “o testemunho-confissão não se dissocia nunca do testemunho-narração. Logo, o testemunho bíblico é essencialmente religioso”.⁶⁸

O teólogo conclui seu percurso sobre o testemunho na ótica religiosa precisamente destacando que a própria revelação cristã é concebida como testemunho de um Deus que é Uno em natureza e Trino em Pessoas. E este testemunho revelado e realizado, se torna testemunho credível. Conclui ele:

Cristo dá testemunho do Pai, enquanto o Pai e o Espírito dão testemunho do Filho. Os apóstolos, por sua vez, dão testemunho do que viram e ouviram do Verbo da vida. Mas seu testemunho não é comunicação de uma ideologia, de uma descoberta, de uma técnica inédita, mas é a proclamação da salvação prometida e finalmente realizada [...].

Nesta perspectiva, o testemunho designa antes de tudo o compromisso de uma vida autenticamente cristã [...]. [O Evangelho] faz corpo com o testemunho; a salvação anunciada torna-se a salvação presente. [...] Quanto o testemunho se torna, assim, estilo de vida filial, vivificado pelo Espírito, passamos do *testemunho-revelação* para o *testemunho-motivo de credibilidade*.⁶⁹

O tema do testemunho cristão como motivo de credibilidade será retomado no capítulo 5 da presente tese, após ser percorrida a contribuição de Salvador Pié-Ninot no tocante à sacramentalidade da Igreja (capítulo 4). Vale destacar que o tema do testemunho foi abordado sob o viés da Teologia Fundamental de Pié-Ninot na dissertação de Mestrado do autor desta tese.⁷⁰

Dá-se seguimento ao presente desenvolvimento sobre o testemunho cristão no mundo, ora apresentando um percurso do mesmo nos Padres da Igreja.

2.2.3

Breve percurso patrístico sobre o testemunho

⁶⁶ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 828.

⁶⁷ Afirma o texto de Jo 19,35: “Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais.”

⁶⁸ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 828.

⁶⁹ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 828 (grifos do autor).

⁷⁰ CORREIA, L. C. M., O testemunho na Igreja, capítulos 4 e 5.

Os primeiros escritores cristãos, os chamados Padres da Igreja, mencionam o tema do testemunho, especialmente, com o significado de *martírio*. A categoria testemunho torna-se, nos primeiros séculos d.C., um fator relevante que caracteriza a existência mesma da Igreja em seus primórdios. Clemente Romano († 96), se refere às pregações do Apóstolo Pedro que, tendo dado testemunho com sua vida, havia partido para a glória celeste: “Pedro, pela inveja injusta, suportou, não uma ou duas, mas muitas fadigas e, depois de ter prestado testemunho, foi para o lugar glorioso que lhe era devido”.⁷¹

Significativo é o testemunho deixado por Eusébio de Cesareia em relação a Inácio de Antioquia († 107), ao afirmar que este bispo foi preso e levado para ser martirizado em Roma: “Conta-se que foi enviado da Síria à cidade de Roma, para se tornar alimento das feras, por causa do testemunho prestado a Cristo”.⁷² Neste percurso, Inácio escrevera diversas cartas às comunidades cristãs nas quais expressa seus sentimentos de amor à fé. Afirma J. Liébaert:

As cartas de Inácio não são tratados teológicos. São o testemunho de um homem que vai morrer e só se interessa pelo que lhe parece essencial. Nelas percebe-se o estado de alma de um mártir, as convicções de um crente e algumas das grandes preocupações de um pastor. São textos simples, frequentemente alusivos, de vida e densidade notáveis. [...] Do mesmo modo que em Paulo, o martírio é apresentado [nas cartas de Inácio] como imitação da Paixão de Cristo, e a existência cristã é toda centrada na união com Cristo.⁷³

Sem dúvida, um dos testemunhos mais eloquentes de Inácio de Antioquia sobre o martírio é apresentado na sua Carta aos Romanos. Neste escrito, sabedor de que se encaminhava para ser entregue às feras em Roma, ele escreve:

Sou trigo de Deus, e serei moído pelos dentes das feras, para que me apresente como trigo puro de Cristo. [...] Para mim, é melhor morrer para Cristo Jesus do que ser rei até os confins da terra. Procuro aquele que morreu por nós; quero aquele que por nós ressuscitou. Meu nascimento se aproxima. [...] Não me impeçais de viver, não queirais que eu morra. [...] Deixai que seja imitador da paixão do meu Deus. Se alguém tem Deus em si mesmo, compreenda o que quero e tenha compaixão de mim, conhecendo aquilo que me oprime. [...] É vivo que eu vos escrevo, mas com anseio de morrer. Meu desejo terrestre foi crucificado, e não há mais em mim ardor para amar a matéria. Dentro de mim, há uma água viva, que murmura e diz: “Vem para o Pai”.⁷⁴

Pouco tempo depois, na obra sobre o *Martírio de S. Policarpo* (relato de meados do séc. II), encontram-se três menções ao *martírio*, entendido no sentido de um testemunho cristão, especificamente, do bispo de Esmirna, que morreu dando testemunho de sua fé:

⁷¹ CLEMENTE ROMANO. Primeira Carta aos Coríntios, 5,4. In: PADRES APOSTÓLICOS, p. 27.

⁷² HE, Livro III, 36,4. In: EUSÉBIO DE CESAREIA, História Eclesiástica, p. 101.

⁷³ LIÉBAERT, J. Os Padres da Igreja, p. 25.

⁷⁴ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Carta aos Romanos, 4,6-7. In: PADRES APOSTÓLICOS, p. 65-66.

Essa é a história do bem-aventurado Policarpo, que foi, juntamente com os irmãos de Filadelfia, o décimo segundo a sofrer o *martírio* em Esmirna. Contudo, apenas dele se guarda a lembrança mais do que dos outros, a ponto de até os próprios pagãos falarem dele por toda a parte. Ele foi, não apenas mestre célebre, mas também *mártir* eminente, cujo *martírio* segundo o Evangelho de Cristo, todos desejam imitar. Por sua perseverança, ele triunfou sobre o iníquo magistrado, e assim foi cingido com a coroa da incorruptibilidade.⁷⁵

O *Martírio de S. Policarpo* é o primeiro escrito cristão que menciona o título *mártir*, para se referir a uma pessoa que havia entregue sua vida em prol do Evangelho de Cristo.⁷⁶ Precisamente, na mesma obra, é relatado que Policarpo se despiu para ser levado à pira que o devia queimar vivo, e refere: “Ele nunca fizera isso antes, porque sempre cada um dos fiéis se apressava a ser o primeiro a tocá-lo o corpo; mesmo antes do martírio, ele já fora constantemente venerado em sua santidade”.⁷⁷ Ora, já se encontra aqui outro sinônimo para a palavra *mártir* (*testemunha*) que é *santidade*, pois, uma testemunha que entrega sua vida em defesa da fé cristã que professa sofrendo o martírio é, em si mesma, testemunha também de uma santidade de vida vivida em Cristo.

A este respeito, abre-se um breve parêntese para mencionar que, em sua dissertação de Mestrado, o agora autor desta tese teve uma conversa com o teólogo Salvador Pié-Ninot, na qual destacava que o Concílio Vaticano II (1962-1965) deu preferência a empregar mais vezes⁷⁸ a palavra *testemunho* no lugar da palavra *santidade*.⁷⁹ Tal procedimento, explicava o teólogo espanhol, tinha em vista uma maior aceitação dos documentos conciliares pelo público em geral, pois as pessoas não viam objeções em serem “testemunhas”, considerando isso como algo factível, mas, ao contrário, julgavam difícil se tornarem “santas”, pois, segundo afirmam, alcançar a santidade é algo em si mesmo, inatingível, utópico ou reservado apenas aos santos que já estão no céu. Daí, conforme explicava Pié-Ninot, a preferência do Concílio pelo uso da palavra *testemunho* foi na tentativa de se aproximar mais do povo cristão sem quaisquer possíveis barreiras semânticas.

Em geral, as pessoas acham que não dariam conta de ser santas, no entanto acham que conseguiriam dar o testemunho com palavras e exemplos. Nessa colocação não percebem que dar testemunho cristão com palavra e com exemplo já é um dado significativo no

⁷⁵ MARTÍRIO de São Policarpo, 19,1-2. In: PADRES APOSTÓLICOS, p. 155 (grifos da presente tese, para destacar a relação à *mártir*).

⁷⁶ PADRES APOSTÓLICOS, Introdução. In: PADRES APOSTÓLICOS, p. 134.

⁷⁷ MARTÍRIO de São Policarpo, 13,2. In: PADRES APOSTÓLICOS, p. 152.

⁷⁸ Segundo o teólogo uruguaio Cotugno, a palavra *testemunho* ocorre no Vaticano II “cento e trinta e três vezes, onde o tema aparece como onipresente”, in: COTUGNO, N., El testimonio en el Concilio Vaticano II, *apud* PIÉ-NINOT, S., La Teología Fundamental, p. 506 (tradução nossa).

⁷⁹ CORREIA, L. C. M., O testemunho na Igreja, p. 90-91.

caminho da santidade. O testemunho cristão está vinculado à santidade, mesmo que a santidade não esteja totalmente alcançada.⁸⁰

Cabe frisar que também R. Latourelle corrobora essa afirmação de Pié-Ninot sobre a categoria de *testemunho* no Concílio Vaticano II e vai mais além:

A categoria do testemunho adquiriu tal popularidade que chegou a substituir a expressão corrente de “santidade”. Efetivamente, depois do concílio gosta-se de falar de *testemunho de vida* para definir a *santidade de vida*, como força de atração para os que vivem fora da Igreja. Essa preferência dada à categoria de testemunho manifesta-se nitidamente nos documentos conciliares, como também na exortação pós-sinodal de João Paulo II, *Christifideles Laici*, de 30 de dezembro de 1988.⁸¹

Voltando ao desenrolar histórico, Ireneu († 202) identifica os mártires com as testemunhas, aquelas que “morrem por ter confessado o Senhor, que suportam tudo o que foi predito pelo Senhor e procuram imitar-lhe a paixão, tornando-se testemunhas do Cristo paciente”.⁸² Acrescenta também que “o Cristo confundirá todos os que desprezaram o martírio deles”, isto é, daqueles que foram testemunhas da paixão do Senhor.

O jurista Tertuliano († após 220) deixou um registro sobre o martírio que entrou para a história como uma de suas mais relevantes e famosas frases. Em sua obra *Apologético*, afirma que o sangue dos mártires será semente donde germinará mais cristãos:

Pois de nada servem quaisquer de vossas mais refinadas crueldades. Antes, são um estímulo para a nossa fé. Tornamo-nos mais numerosos cada vez que nos ceifam [como numa colheita]: pois a semente é o sangue dos cristãos.⁸³

Ainda no período em que era católico, portanto, antes de se tornar montanista,⁸⁴ Tertuliano escreveu uma obra, *Aos mártires*,⁸⁵ em que procura consolar os cristãos que tinham sido presos por causa da fé.

O autor alexandrino Orígenes († 253) evidencia sua admiração pelo martírio, a ponto de ter escrito uma obra a esse respeito: *Exortação ao Martírio*. Comenta o teólogo Bettencourt que “o tratado foi escrito em 235 e reflete o entusiasmo que,

⁸⁰ CORREIA, L. C. M., O testemunho na Igreja, p. 90-91.

⁸¹ LATOURELLE, R., Testemunho, p. 829 (grifos do autor).

⁸² LIÃO, I., Contra as heresias, livro III, 18,5. In: LIÃO, I., Contra as heresias, p. 190.

⁸³ TERTULIANO, Apologético, 50,13, *apud* QUASTEN, J., Patrologia I, p. 559 (tradução nossa).

⁸⁴ O Montanismo é uma heresia que se deve a Montano, o qual se apresentava como porta-voz do Espírito Santo. “Montano apareceu na Frígia entre 155 e 160 d.C. [...]. Os montanistas se caracterizavam por um extremado rigorismo, o entusiasmo, a profecia extática e a glossolalia. Apelavam em seus atos à autoridade do Espírito Santo e rejeitavam toda a hierarquia. Era um movimento apocalíptico que esperava o fim iminente do mundo” (O’DONNEL, C., Montanismo, In: O’DONNEL, C.; PIÉ-NINOT, S., Dicionario de Ecclesiologia, p. 739 – tradução nossa).

⁸⁵ BETTENCOURT, E. T., Curso de Patrologia, p. 110.

desde jovem, o autor alimentou pelo martírio”.⁸⁶ Explica mais adiante em sua obra, que Orígenes desejava alertar aos cristãos que não se podia cultuar os deuses do Império Romano pagão e, ao mesmo tempo, guardar a fé cristã no coração. Lembrava ele que, “o cristão, quando catecúmeno, se preparou a renunciar ao paganismo, logo, não deveria voltar atrás na sua profissão de fé”.⁸⁷ Com tal afirmação, Orígenes buscava frisar a incompatibilidade existente entre ambos: paganismo e cristianismo.

Também Cipriano de Cartago († 258), segundo Bettencourt, “mais preocupado com a direção dos fiéis do que com a especulação teológica”,⁸⁸ deixou um escrito onde procurava fortalecer os cristãos que eram levados para sofrer o martírio, fruto das perseguições. Trata-se da *Exortação ao Martírio dirigida a Fortunato*, na qual expõe que foram reservadas a coroa da vitória para os mártires.

O escritor Lactâncio († após 317) considera o fim da era das perseguições aos cristãos e a punição dos tais perseguidores, em sua obra *Sobre a Morte dos Perseguidores*, escrita logo após a promulgação do Edito de Milão (313), pelo Imperador Constantino († 337), que concedeu liberdade de culto no império romano. O autor, que foi testemunha ocular da história, “dá a compreender a alegria dos fiéis pela vitória de Cristo e dos seus mártires”.⁸⁹ A presença constante dos mártires em meio à perseguição romana foi constante nos primeiros séculos do Cristianismo, a ponto que Lactâncio fala sobre o fim de tais tormentos.

Numa de suas mais importantes obras, *Confissões*, Agostinho († 430) relata o feito marcante da história em que o bispo Ambrósio descobrira os restos mortais de dois mártires, fato este que amenizou a tensão de certas controvérsias teológicas da época. Relata Agostinho, destacando a maneira respeitosa com que eram tratados os corpos dos mártires:

Nessa ocasião, revelaste em visão ao teu bispo Ambrósio o lugar onde se encontravam os corpos dos mártires Protásio e Gervásio. Por longos anos os conservaste intactos no tesouro do teu segredo, para descobri-los no momento oportuno, a fim de domar o furor de uma mulher, embora rainha. Descobertos e desenterrados, foram os corpos transportados com todas as honras, para a basílica ambrosiana.⁹⁰

⁸⁶ BETTENCOURT, E. T., Curso de Patrologia, p. 147.

⁸⁷ BETTENCOURT, E. T., Curso de Patrologia, p. 147.

⁸⁸ BETTENCOURT, E. T., Curso de Patrologia, p. 117.

⁸⁹ BETTENCOURT, E. T., Curso de Patrologia, p. 158.

⁹⁰ AGOSTINHO, Confissões, Livro IX, 7. In: AGOSTINHO, Confissões, p. 151.

Agostinho deixou ainda outra obra, *Do modo de tratar os mortos*,⁹¹ na qual recomendava o sepultamento dos defuntos junto aos túmulos dos mártires. Ora, tal recomendação só se explica se se entende o zelo que todos os cristãos deveriam ter para com os corpos daqueles que derramaram seu sangue pela fé, os mártires.

Igualmente merece destaque, outro Padre da Igreja, Jerônimo († 419), que dentre as suas várias obras, deixou uma destinada a corrigir um sacerdote de nome Vigilância. Em sua obra *Contra Vigilância*, Jerônimo corrigia os erros deste sacerdote, “que se mostrava contrário ao culto dos mártires, às práticas litúrgicas tidas como supersticiosas, à pobreza monástica e ao celibato do clero”.⁹²

Outro notório Padre da Igreja, Leão Magno († 461), num de seus sermões, proferido na festa dos Apóstolos Pedro e Paulo, relata sobre estes dois apóstolos, que os chama de “dois excelentes gérmenes da divina semente”, cujos mártires dão testemunho:

É preciosa aos olhos do Senhor a morte de seus santos (Sl 115,15), e nenhuma crueldade pode destruir a religião fundada no mistério da cruz de Cristo. A Igreja não diminui pelas perseguições: pelo contrário, cresce. O campo do Senhor se reveste de messes sempre mais ricas, porque os grãos, que caem um a um, nascem multiplicados.

Em quantos rebentos estes dois excelentes gérmenes da divina semente brotaram são testemunhas os milhares de santos mártires que, rivais das vitórias apostólicas, envolveram com uma multidão coberta de púrpura nossa Urbe e a coroaram com um diadema de glória, cravejado de muitas pedras preciosas.

Temos de nos alegrar sumamente, caríssimos, com a comemoração de todos os santos por esta proteção, preparada por Deus, para exemplo e confirmação da fé. Mas, em vista da excelência destes patronos, é justo que os glorifiquemos com ainda maior exultação, porque a graça de Deus, dentre todos os membros da Igreja, os elevou ao cume. Por isso, no corpo, cuja cabeça é Cristo, constituem como que os dois olhos.⁹³

Neste breve percurso pelas obras de alguns Padres da Igreja, percebe-se como o tema do martírio era relevante para os cristãos das primitivas comunidades, que os tinham em elevado grau de veneração. Destaca-se, a seguir, breve percurso pelos dois recentes Concílios Ecumênicos.

2.2.4

O testemunho cristão nos dois últimos Concílios Ecumênicos

O Concílio do Vaticano I (1870), em sua Constituição Dogmática *Dei Filius* sobre a fé católica, capítulo 3º, faz um contraste frente ao racionalismo e o fideísmo

⁹¹ *Apud* BETTENCOURT, E. T., Curso de Patrologia, p. 361.

⁹² BETTENCOURT, E. T., Curso de Patrologia, p. 323.

⁹³ LEÃO MAGNO, Sermão sobre as festas de S. Pedro e de S. Paulo, *apud* BETTENCOURT, E. T., Curso de Patrologia, p. 426-427.

da época, destacando o testemunho cristão presente ao longo da história da Igreja como motivo concreto de credibilidade na fé:

De fato, somente à Igreja Católica pertence tudo o que, tão numeroso e tão prodigioso, foi por Deus disposto para a evidente credibilidade da fé cristã. Além disso, a Igreja em si mesma, por sua admirável propagação, exímia santidade e inesgotável fecundidade em todos os bens, por sua unidade católica e invicta estabilidade, é um grande e perpétuo motivo de credibilidade e um testemunho irrefutável da sua missão divina.

[...] A esse testemunho acresce o auxílio e a eficácia da força do alto. De fato, o mui benigno Senhor excita e ajuda com sua graça os que vagueiam no erro, a fim de poderem “chegar ao conhecimento da verdade” [1Tm 2,4].⁹⁴

O Concílio traz a noção do testemunho como fator de credibilidade, ou mesmo de prova, fundamentado na história da Igreja, a fim de que, aqueles que se encontram fora da Igreja, possam nela entrar ou a ela retornar, inspirando-se em sua própria missão e atividade sobrenatural que ela realiza no mundo, sem dúvida, acrescida do “auxílio e eficácia da força do alto”. Contudo, R. Ferri alerta precisamente para este único argumento externo que atrela o testemunho na Igreja a um fator histórico:

O testemunho, como razão de credibilidade da fé cristã, remete àquelas provas que evidenciam a origem e missão divina da Igreja, provas que consistem, sobretudo, na sua extraordinária persistência ao longo dos séculos e na superabundância de suas obras prodigiosas. No contexto da *Dei Filius*, para salvaguardar a sobrenaturalidade e a gratuidade da fé por um lado e a sua razoabilidade por outro, a categoria do testemunho é, portanto, reduzida a um argumento externo referente essencialmente à dimensão histórica da Igreja.⁹⁵

A história da Igreja, testemunhada através de todos os seus percalços e vitórias, já seria o próprio motivo de credibilidade da fé. Afinal, uma sólida instituição que venceu dois milênios de lutas traz em si mesma um forte apelo para se crer nela. O testemunho seria obtido, assim, a partir da consideração de um fator externo à Igreja. Mas é, precisamente neste ponto, que R. Ferri alerta para o risco de o testemunho não ser devidamente compreendido: “Nesse contexto, o testemunho, ou não é levado em consideração, ou é tratado marginalmente nos moldes da redução extrínseca dada pela *Dei Filius*”.⁹⁶ Percebe-se que as palavras de R. Ferri trazem certo sentido aos dias atuais, onde, não é mais a Igreja em si que traz ao mundo o fator de credibilidade com sua própria história. Em pleno séc. XXI, como veremos no tópico seguinte, *não é mais a instituição Igreja, mas a pessoa do cristão* que, com seu testemunho pessoal, diz muito mais para a credibilidade da fé.

⁹⁴ DH 3013-3014.

⁹⁵ FERRI, R., *Testimonianza*, p. 66 (grifo do autor – tradução nossa).

⁹⁶ FERRI, R., *Testimonianza*, p. 67 (grifo do autor – tradução nossa).

Por sua vez, o Concílio Vaticano II (1962-1965) traz uma nova compreensão sobre a temática do testemunho cristão através da revelação cristã.

Iniciando pela Constituição Dogmática *Dei Verbum*, num de seus parágrafos iniciais, o Concílio evidencia a comunicação que Deus faz a nós, mediante a criação, a qual dá testemunho de si mesmo: “Deus, criando e conservando todas as coisas pelo Verbo (cf. Jo 1,3) oferece aos homens um testemunho perene de si mesmo na criação [...]”.⁹⁷ Ora, o Concílio aponta que a primeira forma de testemunho de Deus a nós é pela própria obra da criação. Em seu parágrafo seguinte, nº 4, define que Jesus Cristo é a revelação do Pai, e vem confirmar toda a criação realizada por Deus, pela qual recebemos um testemunho divino, e principalmente confirmado por sua própria Encarnação:

Por isso, ele [Jesus] – ao vê-lo se vê também o Pai (cf. Jo 14,9) –, com toda presença e manifestação da sua pessoa, com palavra e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição dentre os mortos, enfim com o envio do Espírito de verdade, aperfeiçoa a Revelação completando-a, e confirma-a com um testemunho divino: o de termos Deus conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte, e para nos ressuscitar para a vida eterna.⁹⁸

Assim, ainda na perspectiva histórica do Vaticano I para o enfoque do testemunho cristãos, a *Dei Verbum* enfatiza a pessoa de Cristo como a testemunha do Pai e o próprio testemunho de Deus revelado a nós; pois ele é o mensageiro e a mensagem. Ele é a revelação máxima de Deus a nós, pois vem nos dar testemunho do Pai e, seu testemunho se prolonga no dos apóstolos, que é confirmado pela Escritura e completado pela tradição da Igreja.

Também a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* traz várias referências ao testemunho cristão, inclusive, em vinte ocorrências no texto, recorre ao uso da palavra “testemunho”.⁹⁹ Começamos por destacar a menção que o Concílio faz ao próprio Cristo como testemunha primordial do reino de seu Pai, que ele nos traz no Evangelho, testemunho este que continua, pelos séculos, através da Igreja em seu senso de fé e graça:

Cristo, o grande profeta, que proclamou o Reino do Pai, quer pelo testemunho da vida, quer pela força da palavra, continuamente exerce seu múnus profético até à plena manifestação da glória. Ele o faz não só através da hierarquia que ensina em seu nome e com seu poder, mas também através dos leigos. Por esta razão constituiu-os testemunhas e ornou-os com o senso da fé e a graça da palavra (cf. At 2,17-18; Ap 19,10), para que brilhe a força do Evangelho na vida cotidiana, familiar e social. Eles se apresentam como filhos da promessa quando,

⁹⁷ DV 3.

⁹⁸ DV 4.

⁹⁹ LG 4, 10, 12, 21, 28, 31, 34, 35, 39, 41, 42, 50.

fortes na fé e esperança, aproveitam o momento presente (cf. Ef 5,16; Cl 4,5) e esperam a glória futura pela paciência (cf. Rm 8,25).¹⁰⁰

Mais adiante, a *Lumen Gentium* menciona o martírio como forma suprema do testemunho de fé e de caridade: “O martírio, por conseguinte – pelo qual o discípulo se assemelha ao Mestre [...] – é estimado pela Igreja como exímio dom e suprema prova da caridade”.¹⁰¹ Tal entrega máxima a Cristo pode se realizar e, de fato, se realiza, já na vida presente mediante a sagrada Liturgia, na qual o Espírito Santo nos congrega numa única Igreja, em torno do sacrifício eucarístico, o martírio de Cristo por excelência. Tal é uma antecipação da glória celeste:

Nossa união com a Igreja celeste se realiza no modo nobilíssimo mormente na sagrada Liturgia, em que a força do Espírito Santo atua sobre nós por meio dos sinais sacramentais, quando em comum exaltação cantamos os louvores da divina majestade [...], e todos congregados numa só Igreja. [...] É, portanto, na celebração do sacrifício eucarístico que certamente nos unimos mais estreitamente ao culto da Igreja celeste.¹⁰²

Assim, a *Lumen Gentium* destaca a importância do testemunho cristão da hierarquia e dos leigos no cotidiano da vida da Igreja que, com sua Liturgia é uma antecipação do sacrifício de Cristo que une em si toda a Igreja: militante, padecente e triunfante.

Esta ideia é retomada e ampliada no Decreto *Ad Gentes*, o qual destaca que todos os cristãos, em virtude do seu Batismo e da Confirmação, devem dar testemunho de Cristo, evidenciado na prática do amor fraterno: “Onde quer que vivam, pelo exemplo da vida e pelo testemunho da palavra, devem todos os cristãos manifestar o novo homem que pelo batismo vestiram, e a virtude do Espírito Santo que os revigorou pela confirmação”.¹⁰³ Esta configuração a Cristo leva cada cristão à prática da caridade como, mais adiante, destaca o referido documento conciliar: “Unindo-se estreitamente aos homens por sua vida e atividade, os discípulos de Cristo almejam oferecer-lhes um autêntico testemunho do Mestre e trabalhar em prol de sua salvação [...]. Deste modo, o amor a Deus e ao próximo ajuda os homens a alcançarem a salvação”.¹⁰⁴ Neste ponto, alguns parágrafos depois, o Decreto é ainda mais enfático ao destacar que todo cristão deve ser sinal de Cristo no mundo, não bastando somente a caridade cristã: “Mas ao povo cristão não lhe basta o estar presente e constituído nalguma nação, nem lhe basta exercer o apostolado do

¹⁰⁰ LG 35.

¹⁰¹ LG 42.

¹⁰² LG 50.

¹⁰³ AG 11.

¹⁰⁴ AG 12.

exemplo. Está constituído e acha-se presente para anunciar Cristo aos concidadãos não-cristãos, por palavras e obras, e ajudá-los a recebê-lo plenamente”.¹⁰⁵ Portanto, o testemunho cristão consiste em levar o mundo a conhecer Cristo e a acolhê-lo. Este mesmo aspecto principal é destacado no Decreto *Apostolicam Actuositatem* do memo Vaticano II:

Tal apostolado, no entanto, não consiste apenas no testemunho de vida. O verdadeiro apóstolo procura ocasiões para anunciar Cristo com palavras, seja aos que não creem para trazê-los à fé, seja aos fiéis para instruí-los, confirmá-los e despertá-los para uma vida mais fervorosa: “pois a caridade nos impele” (2Cor 5,14). No coração de todos há de ressoar aquelas palavras do Apóstolo: “Ai de mim, se não evangelizar” (1Cor 9,16).¹⁰⁶

O mesmo Decreto já destaca, a seguir, que a evangelização, muitas vezes se dá num contexto bastante adverso, em meio a comunidades que não estão aptas a ouvir a Palavra do Evangelho, pois não estão interessadas na salvação. Para elas, esta mensagem lhes parece ser algo bastante distante, utópico, que não lhes dá a urgência necessária para buscá-la e alcançá-la e, por isso, mesmo, cria dificuldades ou demonstra falta de interesse na mensagem salvífica do Evangelho. Muitos, precisamente, ao ouvirem falar de “igreja”, se afastam e recusam ouvir o anúncio cristão, pois não querem “pertencer” a alguma instituição eclesial. É neste ponto que o Decreto menciona a necessidade da formação para que o cristão possa evangelizar no mundo:

Aparecendo em nossa época novos problemas e grassando gravíssimos erros que ameaçam inverter profundamente a religião, a ordem moral e a própria sociedade humana, este S. Sínodo exorta de coração todos os leigos, conforme a capacidade intelectual e a formação de cada qual, que, segundo a mente da Igreja, assumam mais conscientemente as suas responsabilidades no aprofundamento dos princípios cristãos, na sua defesa e na adequada aplicação dos mesmos aos problemas de nossa época.¹⁰⁷

A seguir, veremos como o tema do testemunho cristão se desenvolveu nos pronunciamentos dos Papas e do Magistério da Igreja até os dias atuais.

2.2.5

O testemunho cristão no Magistério pós-conciliar

Percorreremos os pronunciamentos pontifícios mais significativos realizados após o Concílio Vaticano II (1962-1965), observando, brevemente, as contribuições que estes trazem no tocante ao tema do testemunho cristão.

¹⁰⁵ AG 15.

¹⁰⁶ AA 6.

¹⁰⁷ AA 6.

2.2.5.1 No pontificado de Paulo VI (1963-1978)

Pouco depois do término do Vaticano II, o Papa Paulo VI dedica a sua Audiência Geral de 10 de janeiro de 1968, para destacar a importância do termo “testemunho”, onde ressalta o seu amplo uso desde uma simples confissão de fé até a sua forma mais extrema: o martírio. Diz o papa:

Todo crente e, digamos agora, todo leigo deve estar ciente de sua própria definição e função no âmbito do plano divino de salvação (cf. Rahner, séc. XX, p. 125, ss.). Basta-nos agora, nesta nossa conversa elementar, chamar à vossa consideração uma palavra que tem grande sucesso no discurso espiritual moderno, a palavra “testemunho”. É uma bela palavra, muito densa de significado em relação àquela outra, mais séria e específica, que soa “apostolado”, do qual o testemunho parece ser uma forma subordinada, mas muito extensa, que vai da simples profissão cristã, silenciosa e passiva, até o cume supremo, que se chama martírio e que significa precisamente testemunho. Isso já diz como o termo, muito usado hoje, de testemunho oculto, de fato manifesta muitos aspectos da mentalidade cristã. Mencionaremos apenas alguns desses aspectos, apenas para dar tema com esta nossa entrevista às suas explorações mentais subseqüentes.¹⁰⁸

Na referida Audiência, o Papa apresenta três aspectos do testemunho cristão. Inicia destacando o entendimento elementar do vocábulo “testemunho”, que é o sentido de uma simples declaração em favor de algo que se acredita ser verdadeiro. O papa destaca sua intenção voltada ao sentido cristão do termo, o de transmissão da mensagem cristã, e que, para isso, é necessária uma convicção pessoal do cristão, com uma “consciência educada e convencida [...] fruto da vida interior, [...] dom de uma inspiração”.¹⁰⁹

Citando alguns textos bíblicos sobre o testemunho, o papa menciona como segundo aspecto sobre o testemunho cristão, o que ele chamava de “economia religiosa cristã; [...] um sistema de relações com Cristo”.¹¹⁰ Este se baseia no exemplo primordial que é Cristo, a testemunha primeira de Deus; passa pelos Apóstolos, que deram testemunho do Mestre (1Jo 1,2; At 1,8); e se multiplica nos cristãos, que hoje, ao aderirem à verdade revelada, tornam-se testemunhas desta verdade plena, em união com “os sacramentos e o Espírito Santo, ‘que dá testemunho do nosso espírito’, como nos ensina São Paulo (Rm 8,16)”, afirma o papa.¹¹¹

¹⁰⁸ PAULO VI, PP. Audiência Geral de 10/01/1968.

¹⁰⁹ PAULO VI, PP. Audiência Geral de 10/01/1968.

¹¹⁰ PAULO VI, PP. Audiência Geral de 10/01/1968.

¹¹¹ PAULO VI, PP. Audiência Geral de 10/01/1968.

No terceiro aspecto, o papa destaca que o propósito de testemunhar deve ser o de “produzir a fé”, pois “a testemunha é um trabalhador da fé”, afirma o pontífice.¹¹² Finalizando, o Papa menciona ainda o Vaticano II,¹¹³ onde evidencia que o testemunho deve estar a serviço da verdade que é Cristo. O Papa finaliza sua Audiência exortando os cristãos a serem testemunhas de Cristo.¹¹⁴

Ainda no pontificado de Paulo VI, em sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), o papa destaca a categoria “testemunho”, anteriormente apresentada no capítulo quinto de nossa dissertação,¹¹⁵ na qual menciona-se a referência que dela faz Pié-Ninot, a seguir ressaltada:

*A Evangelii Nuntiandi é o documento papal que suscitou maior repercussão na Igreja pós-conciliar e na eclesiologia, em virtude do seu novo conceito de evangelização, o qual define com precisão diversas questões fundamentais: a missão global da Igreja; a articulação entre evangelização, promoção e libertação humana; o tema da Igreja local/particular; a união entre Espírito e evangelização.*¹¹⁶

Em seu comentário sobre a repercussão positiva da Exortação Apostólica, Pié-Ninot destaca uma citação do teólogo francês Edmond Barbotin († 2014), relevante à temática do testemunho, a qual nos servimos como epígrafe de nossa dissertação, cujo trecho reproduzimos:

Na EN, n. 41, o Papa cita um pensamento, que segundo Pié-Ninot foi primeiramente afirmado por E. Barbotin,¹¹⁷ no qual evidencia a força de um testemunho frente às possíveis doutrinas, ainda que estas venham a ser apresentadas por mestres e doutores: “[...] Para a Igreja, o testemunho de uma vida autenticamente cristã, entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada deverá interromper, e dedicada ao próximo com um zelo sem limites, é o primeiro meio de evangelização. **‘O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres [...] ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas’** (EN 41)”.¹¹⁸

2.2.5.2

No pontificado de João Paulo II (1978-2005)

A afirmação de Barbotin apresentada na *Evangelii Nuntiandi* é retomada por João Paulo II na Carta Encíclica *Redemptoris Missio* de 1990 (RM), ao enfatizar

¹¹² PAULO VI, PP. Audiência Geral de 10/01/1968.

¹¹³ LG 10-12; AG 21.

¹¹⁴ PAULO VI, PP. Audiência Geral de 10/01/1968.

¹¹⁵ CORREIA, L. C. M., O testemunho na Igreja, p. 92-96.

¹¹⁶ PIÉ-NINOT, S., *Crer na Igreja*, p. 65.

¹¹⁷ PIÉ-NINOT, S., *La Teología Fundamental*, p. 575, nota de rodapé 271, onde o autor cita a referência da obra de Barbotin: “Esta afirmação se encontra pela primeira vez num estudo significativo para o momento conciliar em E. Barbotin, *Le témoignage*, Bruxelas, 1995, 5 [= Paris 1964, 7]” (tradução nossa).

¹¹⁸ CORREIA, L. C. M., O testemunho na Igreja, p. 94 (grifo nosso para destacar a epígrafe da dissertação, citada na EN).

que o testemunho cristão é a primeira forma de evangelização, e a se referir ao mesmo como “insubstituível forma de missão”:

O homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos fatos do que nas teorias. O testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão. [...]

A primeira forma de testemunho é a *própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial*, que torna visível um novo modo de se comportar. [...] Todos, na Igreja, esforçando-se por imitar o divino Mestre, podem e devem dar o mesmo testemunho, que é, em muitos casos, o único modo possível de ser missionário.¹¹⁹

O pontificado de João Paulo II deixou três documentos que merecem destaque especial na temática sobre o testemunho: a Exortação Apostólica *Christifideles Laici* de 1988 (CfL), a mencionada Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (RM) e a Carta Encíclica *Fides et Ratio* (FR) de 1998. No primeiro capítulo da Exortação, o papa trata dos leigos como participantes do *múnus* sacerdotal, profético e real. Precisamente, ao abordar a participação do cristão leigo no *múnus* profético de Cristo, ele enfatiza que, uma vez “constituídos no Espírito ‘testemunhas’ de Cristo Ressuscitado, os fiéis leigos tornam-se participantes quer do sentido de fé sobrenatural da Igreja [...], quer da graça da palavra”.¹²⁰ De certo modo, João Paulo II retoma nesta Exortação o sentido que já Paulo VI dera ao testemunho, em sua Audiência Geral de 10/01/1968, quando utilizara o termo da “economia religiosa cristã”, anteriormente citada.

Retomando brevemente a Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, o papa João Paulo II enfatiza que o testemunho cristão é mais perceptível no ato de dar “atenção às pessoas e [na] caridade em favor dos pobres, dos mais pequenos, e dos que sofrem”.¹²¹ Além desta forma de testemunho, o documento traz ainda “o compromisso com a paz, a justiça, os direitos do homem, a promoção humana”,¹²² sempre que estes forem ordenados “ao desenvolvimento integral do homem”,¹²³ todos como forma de evidenciar o ser cristão missionário. O documento reconhece que os cristãos vivem no mundo com suas dificuldades e desafios, e que devem sempre ter uma postura de humildade, seguindo o exemplo da simplicidade de Cristo. Mas, mesmo com esta humildade e simplicidade, a Encíclica os exorta a tomarem firmes posições em prol da mensagem de amor do Evangelho,

¹¹⁹ RM 42.

¹²⁰ CfL 14.

¹²¹ RM 42.

¹²² RM 42.

¹²³ RM 42. Nesta citação, a RM retoma os dizeres da Carta Encíclica *Populorum Progressio* (1967, § 21) de Paulo VI.

denunciando as injustiças, quer políticas, quer econômicas, e não se furtando à verdade:

A Igreja é chamada a dar o seu testemunho por Cristo, assumindo posições corajosas e proféticas, em face da corrupção do poder político ou econômico; não correndo ela própria atrás da glória e dos bens materiais; usando seus bens para o serviço dos mais pobres e imitando a simplicidade de vida de Cristo. A Igreja e os missionários devem ainda dar o testemunho da humildade, começando por si próprios, ou seja, desenvolvendo a capacidade de exame de consciência, a nível pessoal e comunitário, a fim de corrigirem, em suas atitudes, aquilo que é anti-evangélico e desfigura o rosto de Cristo.¹²⁴

O terceiro documento a que nos referimos no pontificado de João Paulo II é a Carta Encíclica *Fides et Ratio* (FR). Em seu parágrafo 9, a Encíclica menciona que o testemunho cristão se fundamenta no testemunho de Deus, quando afirma que “a fé se fundamenta no testemunho de Deus e conta com a ajuda sobrenatural da graça”.¹²⁵ Ora, dado que a fé e a graça são elementos basilares para a missão do cristão no mundo, este é chamado a dar testemunho da verdade: Cristo Senhor. E o ápice de tal testemunho cristão é o martírio. O mesmo documento expõe o porquê o martírio não necessita de palavras para explicá-lo, pois é evidente por si mesmo e, por isso, “provoca em nós uma profunda confiança” no testemunho do mártir; vide os inúmeros cristãos que se fizeram mártires seguindo o exemplo daqueles que se configuraram a Cristo, confessando sua fé até a morte:

O testemunho dos mártires atrai, gera consenso, é escutado e seguido. Esta é a razão pela qual se tem confiança na sua palavra: descobre-se nele a evidência de um amor que não precisa de longas demonstrações para ser convincente, porque fala daquilo que cada um, no mais fundo de si mesmo, já sente como verdadeiro e que há tanto tempo procurava. Em resumo, o mártir provoca em nós uma profunda confiança, porque diz aquilo que já sentimos e torna evidente aquilo que nós mesmos queríamos ter a força de dizer.¹²⁶

Assim, depreende-se deste trecho que a linguagem do testemunho, levado ao extremo no martírio, é o amor, o sentimento mais nobre que penetra fundo todos os corações humanos. Deus é amor (1Jo 4,8.16)!

2.2.5.3

No pontificado de Bento XVI (2005-2013)

No ano de 2005, Bento XVI promulga a Carta Encíclica *Deus Caritas est* (DCE) na qual afirma que o Espírito Santo é a força que transforma a Igreja, “para ser, no mundo, testemunha do amor do Pai, que quer fazer da humanidade uma

¹²⁴ RM 43.

¹²⁵ FR 9.

¹²⁶ FR 32.

única família, em seu Filho”.¹²⁷ O Pontífice afirma que o Espírito exerce o papel de testemunhar o amor do Pai e insiste que as comunidades eclesiais têm de manter “fidelidade ao dever de testemunhar o amor”, a fim de “animar de maneira cristã as estruturas civis” em prol da caridade.¹²⁸ Neste parágrafo, o papa destaca a importância do testemunho de amor das estruturas eclesiais junto às instituições civis, para que se revelem frutuosas em vista do bem comum da sociedade e, assim, se tornarão “testemunhas críveis de Cristo”.¹²⁹ Conclui o documento citando Martinho de Tours e as ordens monásticas e mendicantes, e destaca que, “na história da Igreja, quantos outros testemunhos de caridade podem ser citados!”.¹³⁰ Cita diretamente “Maria, Virgem e Mãe”, a quem “os testemunhos de gratidão, tributados a ela em todos os continentes e culturas, são o reconhecimento daquele amor puro [...] que quer, simplesmente, o bem”.¹³¹

Também na Carta Encíclica *Spe Salvi* (SpS), de 2007, sobre a esperança cristã, falando das “graves provações” por que passam os cristãos, Bento XVI afirma que “sempre temos necessidade de nossas pequenas ou grandes esperanças [...]” e, para as grandes esperanças “precisamos também de testemunhas, de mártires, que se entregaram totalmente para que neles se manifeste [a esperança], dia após dia”.¹³²

Neste mesmo ano de 2007, a Comissão Teológica Internacional (CTI) emitiu um importante documento elucidativo sobre a sorte das crianças não-batizadas, intitulado *A Esperança de Salvação para as Crianças que morrem sem o Batismo* (ESB). O documento exorta os cristãos a terem esperança em Deus no tocante ao destino final de tais crianças. No parágrafo 48, a CTI expõe claramente a problemática e aponta à necessária esperança que o cristão deve depositar em Deus, pois, no momento, é este o testemunho do Espírito Santo que se faz presente como saída para tal questionamento humano:

Certamente, não vemos, ainda, a realização desse mistério de salvação, “pois nossa salvação é objeto de esperança” (Rm 8,24). Este é, com efeito, o testemunho do Espírito Santo, o qual, ao mesmo tempo, encoraja os cristãos a rezar e a esperar na ressurreição final. [...] Assim, o Espírito socorre nossa fraqueza. [...] Pois os gemidos do Espírito [Rm 8,22-23.26] não só

¹²⁷ DCE 19.

¹²⁸ DCE 30.

¹²⁹ DCE 31.

¹³⁰ DCE 40.

¹³¹ DCE 42.

¹³² SpS 39.

ajudam as nossas orações, mas encerram, por assim dizer, os sofrimentos dos adultos, de todas as crianças e da criação inteira.¹³³

O documento destaca assim que Deus, mediante o seu Santo Espírito, dá testemunho de que ele está conosco para a nossa salvação. Daí, o esperar em Deus que todo cristão é chamado a cultivar. O documento prossegue ainda, neste sentido, abordando o drama da tentação ao desespero, por que muitos passam. Esta crise de falta de esperança no mundo leva a Igreja a ter um “maior apreço à esperança que está no coração do Evangelho”.¹³⁴ Por isso, a CTI aponta ao exemplo dos cristãos, que são “especialmente chamados a ser testemunhas e ministros da esperança no mundo (LG 48-49; GS 1)”.¹³⁵

No mesmo ano de 2007, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* (SCa), documento que trata do sacramento da Eucaristia como o ápice da vida cristã, Bento XVI menciona dezenove vezes a palavra “testemunho” e onze vezes a palavra “testemunha” ao longo de toda a exortação, enfatizando a importância deste vocábulo.¹³⁶ Esta se torna evidente, inclusive, num parágrafo inteiro do referido documento, dedicado à “Eucaristia e testemunho”, no qual Bento XVI declara que no testemunho cristão é o Outro que se comunica, o próprio Deus, que se expõe ao risco da nossa liberdade. Destaca ainda o ápice do testemunho com o martírio, no qual o cristão “mesmo se torna Eucaristia com Cristo”:

Tornamo-nos testemunhas quando, através das nossas ações, palavras e modo de ser, é Outro que aparece e se comunica. Pode-se afirmar que o testemunho é o meio pelo qual a verdade do amor de Deus alcança o homem na história, convidando-o a acolher livremente esta novidade radical. No testemunho, Deus expõe-se por assim dizer ao risco da liberdade do homem. O próprio Jesus é a testemunha fiel e verdadeira (cf. Ap 1,5; 3,14); veio para dar testemunho da verdade (cf. Jo 18,37). [...] O cristão, quando oferece a sua vida no martírio, entra em plena comunhão com a páscoa de Jesus Cristo e, assim, ele mesmo se torna Eucaristia com Cristo. Não faltam, ainda hoje, à Igreja os mártires, nos quais se manifesta de modo supremo o amor de Deus.¹³⁷

O cristão entra em comunhão com a páscoa de Cristo, segundo o que afirmava Bento XVI; ou seja, se une à Páscoa do Senhor, sua paixão, morte e ressurreição. Assim, este texto da *Sacramentum Caritatis* faz eco à *Fides et Ratio*, n. 32, de João Paulo II que, pela linguagem do testemunho levado ao extremo no martírio,

¹³³ ESB 48.

¹³⁴ ESB 73.

¹³⁵ ESB 73.

¹³⁶ SCa 4, 17, 25, 75, 81, 83, 85, 87 (vocábulo *testemunho*) e SCa 6, 22, 35, 64, 79, 80, 85, 88, 97 (vocábulo *testemunha*).

¹³⁷ SCa 85.

evidencia a comunhão do cristão com o Senhor, na medida em que se estabelece a união do cristão com o amor, Cristo.

Num discurso realizado para os participantes do Pontifício Conselho para os Leigos (PCL) reunidos em Assembleia Plenária, no ano de 2008, Bento XVI se refere à ação apostólica dos leigos que, como católicos batizados comprometidos e chamados ao discipulado, agem como testemunhas do Senhor para as novas gerações, no fluxo da tradição católica. Afirma o Papa:

A atual condição cultural e social torna ainda mais urgente esta ação apostólica para partilhar a mãos-cheias o tesouro de graça e de santidade, de caridade, doutrina, cultura e obras, de que se compõe o fluxo da tradição católica. As novas gerações são não só destinatárias preferenciais desta transmissão e partilha, mas também sujeitos que aguardam no próprio coração propostas de verdade e de felicidade para poder dar-lhe testemunho cristão, como já se verifica de modo admirável.¹³⁸

Bento XVI prossegue identificando a tarefa dos leigos de evangelizar como um ato de “comunicar ao mundo o dom do encontro com Cristo e a certeza da dignidade da pessoa humana”.¹³⁹ Os leigos são, assim, chamados a testemunhar a caridade junto aos mais necessitados e “em todos os âmbitos sociais e no compromisso no serviço da pessoa para o seu crescimento integral e para o bem comum da sociedade”.¹⁴⁰

No ano seguinte, na Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (2009), Bento XVI enfatiza que o amor é a força que leva o cristão a defender a verdade e testemunhá-la ao mundo, porque são “vocação colocada por Deus no coração e na mente humanas”:

A caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com a sua vida terrena e sobretudo com a sua morte e ressurreição, é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira. O amor — “*caritas*” — é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz. É uma força que tem a sua origem em Deus, Amor eterno e Verdade absoluta. [...] Por isso, defender a verdade, propô-la com humildade e convicção e testemunhá-la na vida são formas exigentes e imprescindíveis de caridade. Esta, de fato, “rejubila com a verdade” (1Cor 13,6). Todos os homens sentem o impulso interior para amar de maneira autêntica: amor e verdade nunca desaparecem de todo neles, porque são a vocação colocada por Deus no coração e na mente de cada homem.¹⁴¹

E complementa afirmando que “a verdade abre e une as inteligências no *lógos* do amor: tal é o anúncio e o testemunho cristão da caridade”.¹⁴² Bento XVI associa a verdade ao “logos do amor” na evangelização, no anúncio do Cristianismo.

¹³⁸ BENTO XVI, PP., Discurso aos participantes da Assembleia Plenária do PCL, § 4º.

¹³⁹ BENTO XVI, PP., Discurso aos participantes da Assembleia Plenária do PCL, § 6º.

¹⁴⁰ BENTO XVI, PP., Discurso aos participantes da Assembleia Plenária do PCL, § 2º.

¹⁴¹ CaV 1.

¹⁴² CaV 4.

Retoma Paulo VI ao afirmar: “Paulo VI ilustrava claramente a relação entre o anúncio de Cristo e a promoção da pessoa na sociedade. *O testemunho da caridade de Cristo através de obras de justiça, paz e desenvolvimento faz parte da evangelização*”.¹⁴³ Donde ocorre a base para a Doutrina Social da Igreja, conforme destaca Bento XVI no mesmo parágrafo: “Sobre estes importantes ensinamentos, está fundado o aspecto missionário da doutrina social da Igreja como elemento essencial de evangelização. A doutrina social da Igreja é anúncio e testemunho de fé; é instrumento e lugar imprescindível de educação para a mesma”.¹⁴⁴ Fica evidenciado que o testemunho cristão está necessariamente vinculado à promoção humana e social, em sintonia com os ditames da Doutrina Social da Igreja. Assim, não pode haver autêntico testemunho cristão que não esteja ligado à caridade de Cristo, mediante a prática das obras de justiça e paz.

No mesmo ano de 2009, a Comissão Teológica Internacional publicou o documento: *Em busca de uma Ética Universal: Novo olhar sobre a Lei Natural* (BEU). O texto começa afirmando que “homens e mulheres dão um testemunho vivo de valores éticos comuns”,¹⁴⁵ e complementa que as “grandes sabedorias religiosas e filosóficas testemunham a existência de um largo patrimônio moral comum”.¹⁴⁶ De modo que, retomando os textos bíblicos sobre a “Sabedoria personificada e hipostatizada”,¹⁴⁷ principalmente no livro da Sabedoria (Sb 7,7.21), a CTI destaca que a sabedoria se manifesta de maneira surpreendente na criação, a qual dá testemunho da própria Sabedoria em pessoa, e onde o ser humano “deve buscar a maneira correta, ‘sábia’, de fazer as coisas e de conduzir a vida”.¹⁴⁸ Afinal, essa Sabedoria primordial “não se encontra nem na história, nem na natureza, [mas] na ‘criação’, onde ela é o artífice”.¹⁴⁹

No capítulo 2 do documento, é abordada a questão da percepção dos valores morais comuns e, um dos pontos aí evidenciados é o de que a lei natural apresenta o seu ditame máximo em “fazer o bem e evitar o mal”, ditame este a partir do qual,

¹⁴³ CaV 15 (grifo do documento).

¹⁴⁴ CaV 15.

¹⁴⁵ BEU 2.

¹⁴⁶ BEU 11.

¹⁴⁷ O próprio documento (BEU 23) utiliza esse termo ao explicitar: “Nessa literatura, a sabedoria é, muitas vezes, apresentada como uma perfeição divina, às vezes, ‘hipostatizada’. Ela se manifesta de maneira surpreendente na criação, onde ela é o ‘artífice’ (Sb 7,21)”.

¹⁴⁸ BEU 23.

¹⁴⁹ BEU 23.

todos os demais preceitos se baseiam, afirma o documento citando Tomás de Aquino.¹⁵⁰ E o documento arremata este entendimento quando afirma:

Com esse princípio, nós nos situamos imediatamente no plano da moralidade [...]. O bem que assim se impõe à pessoa é, com efeito, o bem moral [...]. Na busca do bem moral, a pessoa contribui ao aperfeiçoamento de sua natureza, indo além dos impulsos do instinto ou da busca de um prazer particular. Esse bem dá testemunho para si mesmo e é compreendido a partir de si mesmo.¹⁵¹

O bem moral corresponde ao desejo profundo da pessoa humana, que – como todo ser – tende espontaneamente, naturalmente, para o que a realiza plenamente, para o que a permite atingir a perfeição que lhe é própria, a felicidade.¹⁵²

No ano seguinte, como fruto da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (5 a 26/10/2008) sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, é publicada a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini* (VD – 2010), na qual, em sua parte III, *Verbum mundo*, sobre a Palavra de Deus no mundo, Bento XVI dedica dois parágrafos onde relaciona esta Palavra com o testemunho cristão. Afirma Bento: “O testemunho cristão comunica a Palavra atestada nas Escrituras. Por sua vez, as Escrituras explicam o testemunho que os cristãos são chamados a dar com a própria vida”.¹⁵³ Evidencia que a Palavra é comunicada pelo testemunho cristão e que este, por sua vez, fala de Deus, a ponto de que os ouvintes podem crer naquilo que lhes está sendo anunciado pelas vidas das várias testemunhas cristãs, de modo que fica configurada a plena eficácia da Palavra divina no testemunho dado por uma pessoa de fé. Bento XVI retoma a *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI,¹⁵⁴ ao afirmar que “não há verdadeira evangelização, se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem proclamados”.¹⁵⁵ O Papa Bento demonstra sua perplexidade ao constatar que muitos deram seu testemunho com a própria vida e conclui exortando seus leitores a não ter medo de proclamar o Evangelho, pois ele aí vê a concretização da bem-aventurança cristã. Afirma Bento XVI:

Ficamos profundamente impressionados com o relato daqueles que souberam viver a fé e dar luminosos testemunhos do Evangelho mesmo sob regimes contrários ao cristianismo ou em situações de perseguição.

Tudo isso não nos deve meter medo. [...] Vemos realizar-se aqui o espírito das bem-aventuranças do Evangelho para aqueles que são perseguidos por causa do Senhor Jesus (cf. Mt 5,11). Ao mesmo tempo não cessamos de erguer a nossa voz para que os governos das

¹⁵⁰ ST, Ia-IIae, q. 94, a. 2. *apud* BEU 39, nota de rodapé, 46.

¹⁵¹ BEU 40.

¹⁵² BEU 41.

¹⁵³ VD 97.

¹⁵⁴ EN 22.

¹⁵⁵ VD 98.

nações garantam a todos a liberdade de consciência e de religião, inclusive para poder testemunhar publicamente a própria fé.¹⁵⁶

No mesmo ano de 2010, Bento XVI profere um discurso ao Pontifício Conselho para os Leigos, sobre um tema de política, no qual destaca que “é do mistério da comunhão [com o Senhor Jesus] que os fiéis leigos tiram energia profunda para ser testemunhas de Cristo” em todos os lugares e ambientes.¹⁵⁷ Como esta reunião plenária tinha por tema as “testemunhas de Cristo na comunidade política”, o Papa Bento enfatizou que, na função política, “a Igreja se concentra em educar os discípulos de Cristo para que sejam cada vez mais testemunhas de sua Presença, em toda a parte”, sempre que “os direitos da pessoa ou a salvação das almas o exijam”.¹⁵⁸ O Papa ressalta a importância de que o cristão que desejar ser um político deve antes ser uma “testemunha de Cristo” na comunidade. Afirmar ele:

Há necessidade de políticos autenticamente cristãos, mas antes ainda de fiéis leigos que sejam testemunhas de Cristo e do Evangelho na comunidade civil e política. Esta exigência deve estar muito presente nos percursos educativos das comunidades eclesiais e exige novas formas de acompanhamento e de apoio por parte dos Pastores. A pertença dos cristãos às associações dos fiéis, aos movimentos eclesiais e às novas comunidades, pode ser uma boa escola para estes discípulos e testemunhas, apoiados pela riqueza carismática, comunitária, educativa e missionária própria destas realidades.¹⁵⁹

Por ocasião da proclamação do Ano da Fé, o Papa Bento XVI promulgou a Carta Apostólica sob forma de “Motu Proprio” *Porta Fidei* (PF) em 2011, na qual destaca os três sentidos que o testemunho cristão deve adquirir. No primeiro deles, Bento XVI menciona o testemunho que exala da vida dos cristãos e de seu jeito de viverem a fé, de modo a terem “um empenho eclesial mais convicto a favor de uma nova evangelização, para descobrir de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé”.¹⁶⁰ Corrobora este entendimento enfatizando a importância de se ter uma vida cristã autêntica, mediante a vivência da liturgia e a frequência aos sacramentos: “Sem a liturgia e os sacramentos, a profissão de fé não seria eficaz, porque faltaria a graça que sustenta o testemunho dos cristãos”.¹⁶¹ O segundo sentido do testemunho cristão é o da caridade, aquele que se faz mediante a prática das boas obras, que são necessárias para se autenticar a fé. Afirmar o Papa: “A fé sem a caridade não dá fruto, e a caridade sem a fé seria um sentimento

¹⁵⁶ VD 98.

¹⁵⁷ BENTO XVI, PP., Discurso à Plenária do PCL, § 1º.

¹⁵⁸ BENTO XVI, PP., Discurso à Plenária do PCL, § 2º.

¹⁵⁹ BENTO XVI, PP., Discurso à Plenária do PCL, § 3º.

¹⁶⁰ PF 7.

¹⁶¹ PF 11.

constantemente à mercê da dúvida. Fé e caridade reclamam-se mutuamente, de tal modo que uma consente à outra realizar o seu caminho”.¹⁶² Finalmente, o terceiro sentido para o testemunho cristão que Bento nos traz é o testemunho da Palavra. O Papa reforça que, precisamente, “aquilo de que o mundo tem hoje particular necessidade é o testemunho credível de quantos, iluminados na mente e no coração pela Palavra do Senhor, são capazes de abrir o coração e a mente de muitos outros ao desejo de Deus e da vida verdadeira”.¹⁶³ Nesta Carta Apostólica, Bento XVI evidencia como o testemunho cristão se faz mediante a vida, as boas obras e a Palavra do Senhor.

Passemos agora ao atual pontificado com o Papa Francisco.

2.2.5.4

No pontificado de Francisco (2013~)

No início de seu pontificado, o Papa Francisco (2013) promulgou a Carta Encíclica *Lumen Fidei* (LF), em comemoração ao Ano da Fé (2012-2013), proclamado pelo Papa emérito Bento XVI pelo cinquentenário de abertura do Concílio Vaticano II (1962-1965). No capítulo primeiro desta carta, após fazer um desenvolvimento bíblico sobre a questão do testemunho de fé, desde Abraão,¹⁶⁴ passando pela fé de Israel¹⁶⁵ até os tempos de Cristo,¹⁶⁶ chegando ao testemunho do apóstolo João, na cruz, Francisco destaca que a fé nos impele ao testemunho e ao diálogo, pois “longe de nos endurecer, a segurança da fé põe-nos a caminho e torna possível o testemunho e o diálogo com todos”.¹⁶⁷ Adiante, ele menciona a expressão “uma cadeia ininterrupta de testemunhos” que chegaram até nós, trazendo-nos “o rosto de Jesus”, enfatizando o papel do testemunho cristão, pois, diz o Papa, “não posso, por mim mesmo, ver aquilo que aconteceu em uma época tão distante de mim; [...] o passado da fé chega até nós na memória dos outros, das testemunhas”.¹⁶⁸ O Papa afirma a importância das testemunhas, pois são elas que anunciam e tornam presente a face de Cristo nos dias de hoje. Menciona que, por este motivo, nós

¹⁶² PF 14.

¹⁶³ PF 15.

¹⁶⁴ LF 8-10.

¹⁶⁵ LF 11-14.

¹⁶⁶ LF 15-22.

¹⁶⁷ LF 34.

¹⁶⁸ LF 38.

podemos beber da “fonte pura donde surge a fé” por conta da sucessão apostólica, presente na Igreja. Francisco, assim, ratifica a importância das testemunhas, sobre as quais “assenta a fé viva”:

Por seu intermédio [da sucessão apostólica], fica garantida a continuidade da memória da Igreja, e é possível beber, com certeza, na fonte pura donde surge a fé; assim a garantia da ligação com a origem é-nos dada por pessoas vivas, o que equivale à fé viva que a Igreja transmite. Esta fé viva assenta sobre a fidelidade das testemunhas que foram escolhidas pelo Senhor para tal tarefa.¹⁶⁹

Por ensejo do encerramento do mesmo Ano da Fé e ainda no início de seu pontificado, Francisco nos deixa um dos seus mais belos documentos, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), sobre a alegria do anúncio do Evangelho no mundo, recheado de passagens que evidenciam a importância do testemunho cristão.

No parágrafo 42, Francisco destaca que o anúncio do Evangelho deve se situar numa “atitude evangelizadora que desperte a adesão do coração com a proximidade, o amor e o testemunho”,¹⁷⁰ pois este anúncio com caridade e mediante o testemunho traz benefícios, não só para a sociedade, mas também para quem evangeliza. Afirmo Francisco: “viver a fundo a realidade humana e inserir-se no coração dos desafios como fermento de testemunho, em qualquer cultura, em qualquer cidade, melhora o cristão e fecunda a cidade”.¹⁷¹ Em grande sinal de humildade, ele, o Papa, reconhece o bem que lhe faz o exemplo das testemunhas: “Agradeço o belo exemplo que me dão tantos cristãos que oferecem a sua vida e o seu tempo com alegria. Este testemunho faz-me muito bem e me apoia na minha aspiração pessoal de superar o egoísmo para uma dedicação maior”.¹⁷² Conclama os cristãos a darem um testemunho sincero com seus exemplos de preocupação mútua uns com os outros, principalmente sendo luz para os que estão divididos por discórdias internas:

O mundo está dilacerado pelas guerras e a violência, ou ferido por um generalizado individualismo que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros visando o próprio bem-estar. Em vários países, ressurgem conflitos e antigas divisões que se pensavam em parte superados. Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir-lhes de modo especial um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente. Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais [...].¹⁷³

Para quantos estão feridos por antigas divisões, resulta difícil aceitar que os exortemos ao perdão e à reconciliação, porque pensam que ignoramos a sua dor ou pretendemos fazer-lhes

¹⁶⁹ LF 49.

¹⁷⁰ EG 42.

¹⁷¹ EG 75.

¹⁷² EG 76.

¹⁷³ EG 99.

perder a memória e os ideais. Mas, se virem o testemunho de comunidades autenticamente fraternas e reconciliadas, isso é sempre uma luz que atrai.¹⁷⁴

Mais adiante, no mesmo documento, o Papa volta a insistir para que sejamos testemunhas do Evangelho, pois é o próprio Jesus quem nos chama a seguir em missão dando testemunho “explícito do amor salvífico do Senhor”, um testemunho de fé autêntico ao mundo, a fim de que todos reconheçam a pessoa de Cristo no exemplo dos cristãos. Para uma maior eficácia deste anúncio, ele pede que busquemos uma melhor formação e um aprofundamento do amor, pois, é realidade, que só se pode dar o que se tem. Afirma Francisco:

Certamente todos somos chamados a crescer como evangelizadores. Devemos procurar simultaneamente uma melhor formação, um aprofundamento do nosso amor e um testemunho mais claro do Evangelho. Neste sentido, todos devemos deixar que os outros nos evangelizem constantemente; isto não significa que devemos renunciar à missão evangelizadora, mas encontrar o modo de comunicar Jesus que corresponda à situação em que vivemos. Seja como for, todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor [...]. A missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer. O testemunho de fé, que todo o cristão é chamado a oferecer, implica dizer como São Paulo: “Não que já o tenha alcançado ou já seja perfeito; mas corro para ver se o alcanço, [...] lançando-me para o que vem à frente” (Fl 3,12-13).¹⁷⁵

Pouco mais adiante na *Evangelii Gaudium*, o Papa evidencia que esta atitude a qual tanto insiste aos cristãos é “uma atitude humilde e testemunhal de quem sabe aprender, [que se dá] através de um testemunho pessoal, uma história, um gesto, ou outra forma que o próprio Espírito Santo possa suscitar”,¹⁷⁶ e que tem um valor pastoral numa época em que “a gente prefere escutar as testemunhas”,¹⁷⁷ fazendo eco às palavras de E. Barbotin, citadas por Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*.¹⁷⁸ Destaca que temos de estar alimentados pela Palavra de Deus e pela Eucaristia: “Palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada [...], num autêntico testemunho evangélico na vida diária”.¹⁷⁹

Essa ação pastoral das testemunhas de Cristo, de que fala o documento, deve se dar na promoção da paz, de modo a que os cristãos sejam testemunhas credíveis de uma vida reconciliada. Esta vida deve “privilegiar o diálogo”, não se voltando para uma minoria que “se aproprie de um sentimento coletivo”, diz o documento,

¹⁷⁴ EG 100.

¹⁷⁵ EG 121.

¹⁷⁶ EG 128.

¹⁷⁷ EG 150.

¹⁷⁸ Citadas no início do item 2.2.5 da presente tese.

¹⁷⁹ EG 174.

mas sim, para um acordo para vivermos “juntos um pacto social e cultural”,¹⁸⁰ cujo modelo, o Papa vai se servir da figura de um *poliedro*, com suas várias faces e potencialidades.¹⁸¹

Tão belo documento pontifício, Francisco conclui com uma oração à Virgem Santíssima, pedindo-lhe que nos ajude no testemunho de comunhão, de fé, de serviço, de justiça e de amor para que tal testemunho dos cristãos possa chegar “até os confins da terra”:

Estrela da nova evangelização, ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão, do serviço, da fé ardente e generosa, da justiça e do amor aos pobres, para que a alegria do Evangelho chegue até aos confins da terra e nenhuma periferia fique privada da sua luz. Mãe do Evangelho vivente, manancial de alegria para os pequeninos, rogai por nós. Amém. Aleluia!¹⁸²

Alguns anos depois da *Evangelii Gaudium*, o Papa nos convida a refletir sobre o amor em família, mediante a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (AL – 2016). Francisco destaca que o amor conjugal, vivido no Matrimônio como vocação, “é um sinal imperfeito do amor entre Cristo e a Igreja”, cujos cônjuges “são um para o outro, e para os filhos, testemunhas da salvação, da qual o sacramento os faz participar”.¹⁸³ Por isso, completa afirmando que “o matrimônio e a família recebem de Cristo, através da Igreja, a graça para testemunhar o Evangelho do amor de Deus”.¹⁸⁴ O documento destaca a necessidade do testemunho vivido já dentro do ambiente familiar, pois a família é a célula principal de uma sociedade, a partir da qual, o testemunho cristão se irradia a todos.

Francisco destaca o papel das mães na família, que “testemunham a beleza da vida” e são firmeza moral, pois, são elas que transmitem a fé e as orações numa prática religiosa inicial às crianças:

De fato, as mães são o antídoto mais forte contra o propagar-se do individualismo egoísta. São elas que testemunham a beleza da vida. Sem dúvida, uma sociedade sem mães seria uma sociedade desumana, porque as mães sabem testemunhar sempre, mesmo nos piores momentos, a ternura, a dedicação, a força moral. As mães transmitem, muitas vezes, também o sentido mais profundo da prática religiosa: nas primeiras orações, nos primeiros gestos de

¹⁸⁰ EG 239.

¹⁸¹ EG 236. A propósito da figura do poliedro, destaca Pié-Ninot: “O papa aplica a imagem do poliedro ao povo de Deus em sua infinita diversidade que lhe é própria, diversidade que o Espírito Santo torna possível sem prejudicar a unidade. Esta unidade é aplicada ao diálogo matrimonial, evidenciando significativamente que “a unidade, a que temos de aspirar, não é uniformidade, mas uma ‘unidade na diversidade’ ou uma ‘diversidade reconciliada’ (AL 139)”. In: PIÉ-NINOT, S. [Coord.]. Guía de lectura e interpretación de *Amoris laetitia*, p. 22 [tradução nossa].

¹⁸² EG 288.

¹⁸³ AL 72.

¹⁸⁴ AL 71.

devoção que uma criança aprende. Sem as mães, não somente não haveria novos fiéis, mas a fé perderia boa parte do seu calor simples e profundo.¹⁸⁵

Relacionando a atuação da família na sociedade com as virtudes teológicas, mais adiante no documento, Francisco afirma que as famílias, ao transmitirem a fé cristã “falando de Jesus aos outros”, acabam por fazer essa fé ser luminosa, reativando a esperança cristã e tornando o amor de Deus presente na sociedade.¹⁸⁶ Por isso, os padres conciliares destacaram a importância de “um esforço evangelizador e catequético dirigido às famílias”, pois os cônjuges em suas famílias são os “sujeitos principais da pastoral familiar”, os quais oferecem seus “testemunhos jubilosos” em suas “igrejas domésticas”.¹⁸⁷

Na perspectiva real das muitas uniões matrimoniais desfeitas na vida cotidiana, Francisco chama atenção para as pessoas divorciadas que não voltaram a se casar, que, conforme afirma, “são muitas vezes testemunhas da fidelidade matrimonial, [e que] devem ser encorajadas a encontrar na Eucaristia o alimento que as sustente no seu estado”.¹⁸⁸ Quanto àquelas que vivem nova união, o Papa alerta que “cuidar delas não é, para a comunidade cristã, um enfraquecimento da sua fé e do seu testemunho sobre a indissolubilidade do matrimônio; antes, ela exprime precisamente neste cuidado a sua caridade”.¹⁸⁹ Este apelo do Papa se dá por conta da realidade de falta de acolhimento vivida por grande parte dos chamados “casais de segunda união”, realidade esta presente em inúmeras comunidades paroquiais de nosso país, onde muitos chegam ao ponto de se sentirem “excomungados”, como destaca do documento: “é importante fazer-lhes [tais pessoas] sentir que fazem parte da Igreja, que ‘não estão excomungadas’ nem são tratadas como tais, porque sempre integram a comunhão eclesial”.¹⁹⁰

No que tange aos matrimônios com disparidade de culto,¹⁹¹ igualmente numerosos na realidade dos “países de longa tradição cristã”, como no caso do Brasil, diz o Papa que se “requer urgentemente uma atenção pastoral [...] de modo

¹⁸⁵ AL 174.

¹⁸⁶ AL 184.

¹⁸⁷ AL 200.

¹⁸⁸ AL 242.

¹⁸⁹ AL 243.

¹⁹⁰ AL 243.

¹⁹¹ Considera-se “matrimônio por disparidade de culto”, prescrito pelo Cânon 1086 do Código de Direito Canônico, aquele que se refere ao casamento entre uma pessoa católica e outra não batizada (judeu, muçulmano, budista), quando existe a disparidade de culto propriamente dita. Tal fato se enquadra num dos fatores que podem provocar a nulidade de um casamento, no caso, por se tratar de um impedimento dirimente (BETTENCOURT, E. T., Curso de Liturgia, [ca. 1990], p. 125).

a se testemunhar a capacidade que tem o Evangelho de mergulhar nestas situações para tornar possível a educação dos filhos na fé cristã”.¹⁹² Uma vez mais, o pontífice destaca a importância do testemunho do Evangelho para uma autêntica vida cristã.

Sobre o aspecto da moral cristã, tão evidente neste documento, Pié-Ninot faz ampla análise em seu *Guia de Leitura*. E sobre este aspecto, destaca que, a moral de AL é apresentada segundo dois grandes nomes da Igreja, e não é mais vista na conotação de uma obrigação:

Note-se que AL tem dois “nobres” pais: santo Tomás de Aquino e santo Inácio de Loyola (tal como afirma o cardeal Schönborn). Com efeito, temos a exposição da moral que se inspira nas grandes tradições inaciana (discernimento da consciência) e dominicana (a moral das virtudes). Nesse sentido, procura-se ir além da moralidade da obrigação, que em seu extrinsecismo gerou ao mesmo tempo laxismo e rigorismo moral, para se reconectar com a grande tradição moral católica e, por meio dela, integrar a contribuição que o pensamento personalista moderno implica. É por isso que o Cardeal Schönborn, apresentador oficial desta exortação, concluirá com convicção que “*Amoris Laetitia* é o grande texto sobre moral que esperávamos desde a época do Concílio Vaticano II”.¹⁹³

No mesmo ano de 2016, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (CDF), tendo à frente como Prefeito o Cardeal Gerhard Müller, emitiu a Carta *Iuvenescit Ecclesia* (IE), sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e a missão da Igreja. Em seu parágrafo 2º, o documento da CDF trata das multiformes agregações eclesiais, com origem em um carisma partilhado com todos. Atesta que são “associações de fiéis, movimentos eclesiais e novas comunidades [que] propõem formas renovadas de seguimento de Cristo. [...] Exprime-se também uma peculiar forma de missão e de testemunho [em] percursos de perfeição evangélica”.¹⁹⁴ Tais novos movimentos eclesiais trazem em si maneiras de testemunhar o Cristo ao mundo, cada qual com sua característica e carisma próprios, seja na evangelização aos mais necessitados na sociedade (tal como, a Comunidade Sementes do Verbo), seja na evangelização através dos meios de comunicação (Comunidade Canção Nova, por exemplo), dentre outras no Brasil e no mundo. Ratificando este aspecto, o documento trata da identidade dos dons carismáticos, que são “distribuídos livremente pelo Espírito Santo” e aponta que tais dons “levam os fiéis a responder, em plena liberdade e de modo adequado aos

¹⁹² AL 248.

¹⁹³ PIÉ-NINOT, Guía de lectura e interpretación de *Amoris laetitia*, p. 12 (grifo do autor e tradução nossa).

¹⁹⁴ IE 2.

tempos, ao dom da salvação, fazendo de si próprios um dom de amor [...] e um testemunho autêntico do Evangelho”.¹⁹⁵

No final do capítulo IV, o documento destaca alguns critérios importantes para “o discernimento dos dons carismáticos em relação às agregações eclesiais. [...] Têm o objetivo de contribuir para o reconhecimento de uma autêntica eclesialidade dos carismas”.¹⁹⁶ São aí mencionados: a vocação à santidade; a confissão da fé católica; o empenho missionário na difusão do Evangelho; a aceitação dos momentos de prova no discernimento dos carismas; o reconhecimento de outras realidades carismáticas; a dimensão social da evangelização; a presença de frutos espirituais e o testemunho de uma comunhão ativa com toda a Igreja.¹⁹⁷ Vê-se nesta listagem que o testemunho cristão aparece em destaque como uma das formas de reconhecimento dos dons carismáticos que o Espírito suscita livremente nas comunidades. Nesta mesma direção, o documento da CDF finaliza evidenciando que os dons carismáticos na vida de um cristão devem impulsioná-lo a dar “testemunho de Cristo em toda a parte, e àqueles que por isso se interessarem, falem da esperança que está neles, da vida eterna (1Pd 3,15)”.¹⁹⁸ Fazendo ainda referência a uma Instrução da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, o documento da CDF destaca a importância de dar um “testemunho gozoso” da vida consagrada:

Não é raro que membros de vida consagrada [...] encontrem na relação com as novas agregações um apoio importante para viver a própria vocação específica e oferecer, por seu lado, um “testemunho gozoso, fiel e carismático da vida consagrada”, permitindo assim um “enriquecimento recíproco”.¹⁹⁹

Ora, no mesmo ano de 2016, Francisco emite a Constituição Apostólica *Vultum Dei Quaerere* (VDQ), sobre a vida contemplativa feminina, a qual, afirma o Pontífice, “enraizou-se no silêncio do claustro gerando preciosos frutos de graça e misericórdia [sendo] sempre, na Igreja e para a Igreja, o coração orante [...] testemunha visível de misteriosa e multiforme santidade”.²⁰⁰ Sem dúvida, os mosteiros sempre contribuíram com muitos santos e santas para a Igreja com seus testemunhos de vida exemplares. Mencionando também o testemunho dos mosteiros orientais, afirma o Papa:

¹⁹⁵ IE 15.

¹⁹⁶ IE 18.

¹⁹⁷ IE 18.

¹⁹⁸ IE 22.

¹⁹⁹ IE 22.

²⁰⁰ VDQ 5.

Enquanto no Ocidente o espírito contemplativo se concretizou em uma multiplicidade de carismas, no Oriente manteve uma grande unidade, dando sempre e em todo o caso testemunho da riqueza e beleza de uma vida inteiramente dedicada a Deus [...]. Quanta alegria e profecia grita ao mundo o silêncio dos claustros!²⁰¹

Adiante no documento, Francisco faz um apelo para que o testemunho de verdadeira comunhão fraterna, presente na vida monástica, se mostre credível e enriquecedor mesmo com as possíveis diferenças internas:

Vós que abraçastes a vida monástica, lembrai-vos sempre de que os homens e as mulheres do nosso tempo esperam de vós um testemunho de verdadeira comunhão fraterna que mostre, vigorosamente, a uma sociedade marcada por divisões e desigualdades que é possível e bom viver juntos (SI 133, 1), não obstante as diferenças entre gerações, diferenças de formação e, às vezes, culturais. Que as vossas comunidades sejam sinais credíveis de que estas diferenças, longe de constituir impedimento à vida fraterna, a enriquecem.²⁰²

Finalizando, Francisco dedica dois parágrafos inteiros da Constituição ao testemunho das monjas,²⁰³ nos quais pede que “suas comunidades ou fraternidades sejam verdadeiras escolas de contemplação e oração, [pois] o mundo e a Igreja precisam de vós, como faróis que iluminam o caminho [...para] a construção de um mundo mais humano”.²⁰⁴ Pede também que todas permaneçam “em profunda comunhão com a Igreja para nela vos tornardes um prolongamento do mistério de Maria virgem, esposa e mãe”.²⁰⁵ Conclui o Papa com palavras precisas sobre o testemunho das religiosas:

Vosso testemunho será como um complemento necessário ao testemunho daqueles que, contemplativos no coração do mundo, testemunham o Evangelho permanecendo plenamente imersos nas realidades e na construção da cidade terrena.²⁰⁶

Por ocasião do término do jubileu extraordinário da Misericórdia em 2016, Francisco escreveu a breve Carta Apostólica *Misericordia et Misera* (MM), na qual destaca a necessidade da misericórdia e do perdão de Deus ao mundo conturbado, como sinais do amor do Pai, trazidos de forma visível por Jesus.²⁰⁷ O Papa afirma que diante de uma cultura tecnológica, multiplica-se nas pessoas a tristeza generalizada que pode levar ao desespero e, para isso, destaca a necessidade das testemunhas que levem a esperança cristã a tais pessoas:

O futuro parece estar refém da incerteza, que não permite ter estabilidade. É assim que muitas vezes surgem sentimentos de melancolia, tristeza e tédio, que podem, pouco a pouco, levar ao desespero. Há necessidade de testemunhas de esperança e de alegria verdadeira, para

²⁰¹ VDQ 5.

²⁰² VDQ 26.

²⁰³ VDQ 36 e 37.

²⁰⁴ VDQ 36.

²⁰⁵ VDQ 37.

²⁰⁶ VDQ 36.

²⁰⁷ MM 2.

expulsar as quimeras que prometem uma felicidade fácil com paraísos artificiais. O vazio profundo de tanta gente pode ser preenchido pela esperança que trazemos no coração e pela alegria que brota dela.²⁰⁸

Abordar sobre a misericórdia divina leva-nos ao perdão de Deus, o que remete ao sacramento da Reconciliação. Assim, enfatizando que este sacramento “precisa voltar a ter o seu lugar central na vida cristã”,²⁰⁹ o pontífice pede aos sacerdotes que se preparem com bastante cuidado para o ministério da Confissão, a fim de que sejam acolhedores para com os penitentes, levando-os a reconhecer nos sacerdotes as “testemunhas da ternura paterna”.²¹⁰ E, uma vez tendo recebido o perdão de Deus, possam tais penitentes se tornar “testemunhas em primeira mão da universalidade do perdão” ao mundo.²¹¹ Em suma, o Papa torna a dizer a todos, sacerdotes e povo de Deus, que “a saudade que muitos sentem em regressar à casa do Pai, que aguarda sua chegada, é suscitada também por testemunhas sinceras e generosas da ternura divina”.²¹² Pois este é o “caminho da caridade, [...] a estrada da misericórdia”,²¹³ que nos une a Deus e nos faz caminhar juntos, num “compromisso concreto de quem pretende testemunhar a presença do Reino de Deus”.²¹⁴

Como até aqui demonstrado, o tema do testemunho cristão sempre foi tido em grande importância para a Igreja, dado o fato de estar presente em seus principais documentos pontifícios. E assim permanece sendo, pois em 2017, também na promulgação da Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* (VG), sobre as Universidades e as Faculdades eclesiásticas, o testemunho voltou a ser mencionado, desta vez, ao tratar dos requisitos sobre os professores. Em sua Parte I, Normas Comuns, a Constituição estabelece que estes devem “se distinguir por riqueza de doutrina, pelo testemunho de vida exemplar e pelo sentido de responsabilidade”.²¹⁵

Alguns meses depois, em 2018, o Papa Francisco promulga a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (GE), sobre a chamada à santidade no mundo atual, com o objetivo de “fazer ressoar mais uma vez a chamada à santidade, procurando

²⁰⁸ MM 3.

²⁰⁹ MM 11.

²¹⁰ MM 10.

²¹¹ MM 11.

²¹² MM 16.

²¹³ MM16.

²¹⁴ MM 19.

²¹⁵ VG, Parte I, art. 25, §1, inc. 1º.

encarná-la no contexto atual, com seus riscos, desafios e oportunidades”.²¹⁶ Francisco começa alertando que, diante de alguém de elevada santidade, quase que inatingível, não devemos desanimar, pois “há testemunhos que são úteis para nos estimular e motivar, mas não para procurarmos copiá-los [...]. Todos estamos chamados a ser testemunhas, mas há muitas formas existenciais de testemunho”.²¹⁷ Complementa sua afirmação ao atestar que “todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra”.²¹⁸ Mostra, assim, novamente, a importância do testemunho de vida de um cristão que vive sua fé com coerência, pois poderá servir de modelo simples àqueles que estão ao seu redor. Ademais que, a mesma construção das frases dos parágrafos em destaque acima, faz igualar o sentido de “estar chamado a ser testemunha”²¹⁹ com “ser chamado a ser santo”,²²⁰ precisamente porque, ser santo é ser testemunha de Cristo ao mundo; ser testemunha de Cristo é viver a santidade. Mas se a santidade dos grandes santos e santas de Deus nos parecem utopia a alcançar, Francisco nos mostra uma realidade diferente nesta busca, qual seja, a partir da simplicidade do cotidiano:

És uma consagrada ou um consagrado? Sê santo, vivendo com alegria a tua doação. Estás casado? Sê santo, amando e cuidando do teu marido ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja. És um trabalhador? Sê santo, cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho ao serviço dos irmãos. És progenitor, avó ou avô? Sê santo, ensinando com paciência as crianças a seguirem Jesus. Estás investido em autoridade? Sê santo, lutando pelo bem comum e renunciando aos teus interesses pessoais.²²¹

Deixa que a graça do teu Batismo frutifique num caminho de santidade. Deixa que tudo esteja aberto a Deus e, para isso, opta por Ele, escolhe Deus sem cessar. Não desanimes, porque tens a força do Espírito Santo para tornar possível a santidade [...].²²²

Em resumo, o testemunho cristão se dá pelas coisas simples da vida e, assim, se busca a santidade de forma natural com a ajuda da graça, no que o Papa vai chamar de “viver as bem-aventuranças”. Afirmo Francisco:

A força do testemunho dos santos consiste em viver as bem-aventuranças [...]. São poucas palavras, simples, mas práticas e válidas para todos, porque o cristianismo está feito principalmente para ser praticado [...], a viver o Evangelho na vida diária”.²²³

²¹⁶ GE 2.

²¹⁷ GE 11.

²¹⁸ GE 14.

²¹⁹ GE 11.

²²⁰ GE 14.

²²¹ GE 14.

²²² GE 15.

²²³ GE 109.

A vivência das práticas cristãs do Evangelho no cotidiano da vida tem sua fonte inspiradora no Espírito Santo, que fortalece o cristão e lhe dá paz. Esta firmeza que ele encontra em Deus, por outro lado, o impele a ajudar o próximo na prática da caridade cristã fraterna, que o Papa ratifica:

Nisso [na firmeza interior em Deus] está a fonte da paz que se expressa nas atitudes de um santo. Com base em tal solidez interior, o testemunho de santidade, no nosso mundo acelerado, volúvel e agressivo, é feito de paciência e constância no bem. É a fidelidade (*pistis*) do amor, pois quem se apoia em Deus também pode ser fiel (*pistós*) aos irmãos, não os abandonando nos momentos difíceis, nem se deixando levar pela própria ansiedade, mas mantendo-se ao lado dos outros mesmo quando isso não lhe proporcione qualquer satisfação imediata.²²⁴

Cabe destacar que, neste mesmo ano de 2018, a Congregação para a Doutrina da Fé, tendo como Prefeito o então arcebispo Luís F. Ladaria, presidente da Comissão Teológica Internacional na atualidade, emite uma carta sobre alguns aspectos da salvação cristã, a Carta *Placuit Deo* (PD). Em seu parágrafo 9º, a única menção que o documento faz ao tema do testemunho, este destaca que o gesto da salvação divina à humanidade se dá mediante dois sentidos: a) o *ascendente*, no qual “através do agir plenamente humano de seu Filho, o Pai quis regenerar o nosso agir, para que, assemelhados a Cristo, possamos realizar as boas obras de Deus”; b) e o *descendente*, que “testemunha a primazia absoluta da ação gratuita de Deus; a humildade em receber os dons de Deus, antes mesmo do nosso agir, é essencial para poder responder ao seu amor salvífico”.²²⁵ Assim, a Encarnação do Filho dá testemunho firme à humanidade da suma bondade do Criador em nos salvar. É uma breve menção do documento, mas que destaca um ponto importante para a Soteriologia.

Depois de seus documentos anteriores tratarem da alegria de anunciar o Evangelho ao mundo (*Evangelii Gaudium*), refletido e vivido no amor em família (*Amoris Laetitia*), em busca da santidade (*Gaudete et Exsultate*), Francisco se dirige aos jovens e a todo o povo de Deus na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* (CV) de 2019, com várias menções à temática do testemunho cristão.

Nesta Exortação, o Papa fala de uma Igreja que se deixa renovar e afirma que nós “não precisamos ser ‘esquisitos’, [...mas] devemos nos atrever a ser diferentes [...], testemunhar a beleza da generosidade, do serviço, da pureza, da fortaleza [...]

²²⁴ GE 112 (grifos do documento).

²²⁵ PD 9.

do amor aos pobres, da amizade social”.²²⁶ Destaca, por outro lado, que a Igreja pode “cair na tentação de perder o entusiasmo”, mas são os jovens “que podem ajudá-la a se manter jovem [...], a não se tornar uma seita, ser mais pobre e testemunhal...”.²²⁷ O Papa pede aos jovens que se tornem testemunhas de Cristo, fazendo a Igreja ser, conforme o termo que ele usa, “testemunhal”, ou seja, uma Igreja de testemunhas que levem Cristo ao mundo, onde haja “espaço de diálogo e testemunho de fraternidade que fascine”.²²⁸

Noutra parte do documento, o Papa recorda os testemunhos de jovens santos que “não conheceram a vida adulta [...] e viveram a santidade cada um à sua maneira”.²²⁹ Menciona, dentre outros, o jovem Francisco de Assis († 1226) que “escutou o chamado de Jesus para ser pobre como ele e restaurar a Igreja com seu testemunho”;²³⁰ e o bem-aventurado Isidoro Bakanja († 1909), “leigo do Congo que dava testemunho de sua fé”.²³¹ Ressalta “a inesgotável riqueza espiritual que a Igreja conserva no testemunho dos seus Santos e no ensinamento dos grandes mestres espirituais”.²³² Francisco conclui o capítulo segundo da *Christus Vivit* pedindo a tais santos jovens e a outros anônimos que “intercedam pela Igreja para que esteja cheia de jovens alegres, corajosos e dedicados que ofereçam ao mundo novos testemunhos de santidade”.²³³ Neste ponto, é significativo observar que o Papa usa o vocábulo “testemunho”, em detrimento de outros como “exemplo, vida, conduta, modelo”, o que denota o grau de importância que ele dá ao *testemunho cristão*, desta vez, destacado na vida desses jovens membros da Igreja.

Contudo, no polo contrário, mais adiante no documento, Francisco vai destacar os vários tipos de abusos (de poder, econômico, de consciência, sexual)²³⁴ ocorridos na Igreja, reconhecendo o *contratestemunho* por parte de “alguns bispos, sacerdotes, religiosos e leigos, [cujos pecados] provocam em suas vítimas sofrimentos que podem chegar a durar toda a vida e para os quais nenhum

²²⁶ CV 36.

²²⁷ CV 37.

²²⁸ CV 38.

²²⁹ CV 50.

²³⁰ CV 52.

²³¹ CV 59.

²³² CV 22.

²³³ CV 63.

²³⁴ CV 98.

arrependimento pode ser remédio”,²³⁵ atesta Francisco, reconhecendo que toda a sociedade apresenta essas graves faltas, que também afetam a Igreja.

Num assunto tão danoso à Igreja, o Papa sinaliza a praga dos abusos sexuais a menores, nos quais a Igreja vê que Deus foi “traído e golpeado”:

A universalidade dessa praga [os abusos sexuais a menores], por sua vez, confirma a sua gravidade em nossas sociedades, não diminui sua monstruosidade dentro da Igreja e, na ira justificada do povo, a Igreja vê o reflexo da ira de Deus, traído e golpeado.²³⁶

Francisco, então, confirma que tais abusos “são minoria; [pois] a maioria sustenta um ministério fiel e generoso”,²³⁷ e conclama os jovens à coerência e ao testemunho de vida na transformação deste penoso cenário, numa capacidade de “renovar, reivindicar, exigir coerência e testemunho, de voltarem a sonhar e se reinventar”.²³⁸ Pouco adiante na Exortação, Francisco destaca que o Espírito Santo continua a despertar vocações para o sacerdócio e a vida religiosa; e insiste na importância de nós continuarmos em oração ao Senhor pedindo por santas vocações, pois Deus ama a sua Igreja. Ele não nos abandonará. Ele não deixará de cuidar da sua Esposa, a Igreja:

O Senhor não pode falhar em sua promessa de não deixar a Igreja privada dos pastores, sem os quais não poderia viver ou realizar sua missão. E, se alguns sacerdotes não dão bom testemunho, não é por isso que o Senhor deixará de chamar. Ao contrário, ele [...] não cessa de cuidar de sua amada Igreja.²³⁹

Dirigindo-se aos jovens, Francisco retoma o apelo à santidade feito em sua Exortação Apostólica anterior, a *Gaudete et Exsultate*, quando afirmara que “há testemunhos que são úteis para nos estimular e motivar, mas não para procurarmos copiá-los”,²⁴⁰ e chama o jovem de hoje a não ser uma fotocópia de alguém, mas a “ser aquele que Deus quis sonhar e criar, [pois] chegar a ser santo é tornar-te mais plenamente tu mesmo”.²⁴¹ E complementa esta afirmação mais adiante, correlacionando o testemunho cristão com a Palavra do Senhor Jesus: “Apaixonados por Cristo, os jovens são chamados a dar testemunho do Evangelho em todas as partes, com a própria vida”.²⁴² Anunciar o Evangelho a todos é falar de Cristo e de seu plano salvífico que deve ser levado a todos. Afinal, afirma ele mais

²³⁵ CV 95.

²³⁶ CV 96.

²³⁷ CV 100.

²³⁸ CV 100.

²³⁹ CV 275.

²⁴⁰ GE 11.

²⁴¹ CV 162.

²⁴² CV 175.

adiante que “o Evangelho nos pede para que sejamos ousados, e queremos sê-lo, sem presunção e sem proselitismo, dando testemunho do amor do Senhor e estendendo a mão a todos os jovens do mundo”.²⁴³ Francisco conta com os jovens para tal ação missionária, e expõe que o testemunho é, precisamente, levar Cristo ao mundo, falar dele a todos, e jamais silenciar:

O valor do testemunho não significa que a Palavra deve ser silenciada. Por que não falar de Jesus? Por que não dizer aos outros que ele nos dá forças para viver, que é bom conversar com ele, que nos faz bem meditar as suas palavras? Jovens, não deixem que o mundo os arraste a compartilhar apenas coisas ruins ou superficiais. Tornai-vos capazes de ir contra a corrente e compartilhar Jesus, comunicando a fé que ele vos deu de presente. Oxalá possais sentir no coração o mesmo impulso irresistível que movia São Paulo, fazendo-o exclamar: “Ai de mim, se eu não anuncio o Evangelho!” (1 Cor 9,16)!²⁴⁴

Francisco dá tanto valor ao testemunho cristão que, ao solicitar que a Pastoral da Juventude seja revitalizada, ele recomenda que os jovens troquem experiências e autênticos testemunhos cristãos de vida entre si em seus encontros pastorais.²⁴⁵ Afinal, afirma ele: “a experiência de grupo constitui um recurso para compartilhar a fé e ajudar-se mutuamente no testemunho. Os jovens são capazes de guiar outros jovens a viver um verdadeiro apostolado entre seus amigos”.²⁴⁶

Uma das formas para tal convívio mútuo entre os jovens que o pontífice sublinha são os vários tipos de escola, especialmente as católicas, nas quais “o Espírito suscitou inúmeros carismas e testemunhos de santidade”.²⁴⁷ No entanto, ele alerta que tais escolas precisam de uma “urgente autocrítica”, de modo a não serem apenas para se manter o “status quo” ou “um *bunker* que protege dos erros ‘de fora’”,²⁴⁸ pois, tais instituições de ensino e colégios católicos, afirma o Papa, “não os prepararam [os jovens e as crianças] para confrontá-las com um mundo que os ridiculariza, e não aprenderam maneiras de rezar e viver a fé que possam ser facilmente sustentadas ao ritmo dessa sociedade”.²⁴⁹ Alertando para os critérios inspiradores da Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, Francisco admoesta para a necessidade:

De renovação e de relançamento de escolas e universidades “em saída”, missionárias, tais como: a experiência do *kerygma*, o diálogo em todos os níveis, a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, o fomento da cultura do encontro, a necessidade urgente de “criar

²⁴³ CV 235.

²⁴⁴ CV 176.

²⁴⁵ CV 204 e 214.

²⁴⁶ CV 219.

²⁴⁷ CV 231.

²⁴⁸ CV 231 (grifo do documento).

²⁴⁹ CV 231.

redes” e a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e exclui. Também a capacidade de integrar os saberes da cabeça, do coração e das mãos.²⁵⁰

Por escrever visando aos jovens, Francisco destaca a possibilidade de optarem por ficar solteiros, aqueles que o desejarem. No capítulo VIII da Exortação, ele aponta aos que não desejarem se unir em Matrimônio, nem optarem pela vida consagrada, que o ser “solteiro” é também uma opção de vida, pois “podem se tornar testemunhas da vocação batismal, em particular, em seu próprio caminho de crescimento pessoal”.²⁵¹ É importante que o Papa tenha frisado essa possibilidade de opção, atualmente tão pouco estimulada pela sociedade. Afinal, há aqueles que não se sentem chamados ao Matrimônio; donde a opção que o Papa destaca de, como solteiros, poderem viver sua “vocação primeira”, a vocação batismal, que Francisco aponta como “a mais importante”.²⁵²

No ano de 2019, Francisco promulga a Carta Apostólica *Admirabile Signum* (AS), sobre o significado e a importância do presépio, na qual propõe uma reflexão sobre a cena do nascimento de Jesus, representada nas imagens do presépio. Ao lembrar do encontro dos pastores com o Menino, o Papa menciona o testemunho desses visitantes que, apesar das suas ocupações, foram em busca da “salvação que nos é oferecida”, tornando-se, assim, “as primeiras testemunhas do essencial, [...] para um encontro de amor e de grata admiração”.²⁵³

Adiante, evidenciando o “sim” de Maria na anunciação pelo arcanjo, Francisco destaca que a Mãe de Deus se torna um modelo de testemunho de como se abandonar à Palavra: “‘Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim tal como disseste’ (Lc 1,38) – são para todos nós, o testemunho do modo como abandonar-se, na fé, à vontade de Deus. [...] Ela] pede a todos que obedeçam à palavra dele e a ponham em prática”.²⁵⁴

Próximo de concluir esta Carta Apostólica, o Papa aborda a Epifania, cena que nos diz sobre a visita dos Magos do oriente ao Menino Jesus, homens “sedentos de infinito [...que] nos ensinam que se pode partir de muito longe para chegar a Cristo”.²⁵⁵ É precisamente nesta reflexão final que o Papa torna a falar do

²⁵⁰ CV 222 (grifo do documento).

²⁵¹ CV 267.

²⁵² CV 267.

²⁵³ AS 5.

²⁵⁴ AS 7.

²⁵⁵ AS 9.

testemunho cristão, que nos leva a evangelizar, que nos leva a sermos missionários no mundo, levando a alegria do Evangelho:

Ao fixarmos esta cena no Presépio [Epifania], somos chamados a refletir sobre a responsabilidade que cada cristão tem de ser evangelizador. Cada um de nós torna-se portador da Boa-Nova para as pessoas que encontra, testemunhando a alegria de ter conhecido Jesus e o seu amor; e o faz com ações concretas de misericórdia.²⁵⁶

Em outubro de 2019, realizou-se em Roma um Sínodo sobre a Amazônia, que deu origem à Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia* (QA), publicada no ano seguinte, na qual o tema do testemunho esteve também presente. Na parte que trata da Inculturação,²⁵⁷ Francisco destaca que a Igreja na Amazônia “não para de moldar a sua própria identidade [...], pois a Igreja possui um rosto pluriforme, [...cuj] Tradição milenar testemunha a ação divina no seu povo”.²⁵⁸ Assim, também na Amazônia com grande diversidade cultural, o testemunho da Tradição bimilenar da Igreja é a característica da ação de Deus naquela região. Completa o documento afirmando que, desta forma, “poderão nascer testemunhos de santidade com rosto amazônico”.²⁵⁹ Uma vez mais, é feita a correlação entre testemunho e santidade na Igreja.

Sobre as atuantes comunidades de base na região amazônica, o documento destaca que elas foram sinal de “sinodalidade”. QA ressalta um parágrafo do Documento de Aparecida (DAP), ao afirmar que tais comunidades, “sempre que souberam integrar a defesa dos direitos sociais com o anúncio missionário, foram experiências de sinodalidade [...] e ‘têm ajudado a formar cristãos comprometidos com a sua fé [...], como o testemunha a entrega generosa de seus membros’ (DAP, n. 178)”.²⁶⁰ Na Exortação, Francisco ressalta ainda o árduo e dedicado trabalho de inúmeras “mulheres fortes e generosas”, destacando que os testemunhos que elas deram no Sínodo foram comoventes: “Durante séculos, as mulheres mantiveram a Igreja de pé nesses lugares com admirável dedicação e fé ardente. No Sínodo, elas mesmas comoveram a todos com seu testemunho”.²⁶¹

Em outubro de 2020, já em meio à pandemia de Covid19, o Papa Francisco se fez solidário com o sofrimento do mundo mediante um de seus mais belos e

²⁵⁶ AS 9.

²⁵⁷ QA 66-76.

²⁵⁸ QA 66.

²⁵⁹ QA 77.

²⁶⁰ QA 96.

²⁶¹ QA 99.

significativos documentos pontifícios, a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (FT), sobre a fraternidade e a amizade social, na qual expõe parte de sua “alma”, tão fraterna, tão próxima e tão caridosa ao mundo. Neste documento, Francisco também chamou a atenção para graves problemas que afligiram e ainda afligem o mundo: os bombardeios atômicos no Japão, diversas perseguições, comércio de escravos, massacres étnicos.²⁶² Francisco chama a atenção para não se “cair na fácil tentação de virar a página, [... pois] precisamos manter viva a chama da consciência coletiva, testemunhando às sucessivas gerações o horror daquilo que aconteceu”.²⁶³ Percebe-se que o tema do testemunho é enfatizado novamente pelo pontífice, demonstrando ser um tema tão caro a ele, ao pedir que se dê testemunho daquelas atrocidades aos pósteros.

Ao mencionar os países onde os cristãos são minoria, Francisco destaca que deve ser garantida a liberdade religiosa, um “direito humano fundamental”, afirma; e complementa dizendo que “essa liberdade [...] testemunha que as coisas que temos em comum são tantas e tão importantes que é possível identificar um caminho de convivência serena, ordenada e pacífica, na aceitação das diferenças e na alegria de sermos irmãos”.²⁶⁴ Logo no parágrafo seguinte, o Papa destaca a importância de se dar testemunho cristão junto aos demais irmãos cristãos, enfatizando o diálogo ecumênico, pois, afirma ele, “também é urgente continuar a dar testemunho de um caminho de encontro entre as várias confissões cristãs”,²⁶⁵ e cita, a seguir, a passagem de Jo 17,2 em que Jesus nos pede: “Que todos sejam um”. O Papa também se volta ao diálogo interreligioso, e finaliza com um alerta a todos: “Entre as religiões, é possível um caminho de paz [...]. O amor de Deus é o mesmo para cada pessoa, seja qual for sua religião. Quando chegar o último dia e houver luz suficiente na terra [...], não faltarão surpresas!”.²⁶⁶ As palavras de Francisco clamam para uma convivência pacífica entre as diversas crenças religiosas. Como seria bom se, em alguns países em cujas terras isso não ocorre ainda, pudessem acatar suas palavras... O mundo seria bem melhor e agradável de se conviver em sociedade!

²⁶² FT 248.

²⁶³ FT 249.

²⁶⁴ FT 279.

²⁶⁵ FT 280.

²⁶⁶ FT 281.

Em março de 2021, Francisco emitiu a Carta Apostólica *Candor Lucis Aeternae* (CLA), por ocasião do VII centenário da morte de Dante Alighieri, a quem o Papa define como “insigne poeta, profeta de esperança e testemunha da sede de infinito presente no coração humano”.²⁶⁷ Dividido em nove capítulos, o documento destaca a trajetória das obras do poeta à luz da fé. Em seu capítulo 3, Francisco apresenta o objetivo de uma das obras de Dante, *Carta a Cangrande della Scala*, cuja finalidade:

desencadeia um caminho de libertação de todas as formas de miséria e degradação humanas (a “selva escura”) e, ao mesmo tempo, aponta para a meta derradeira: a felicidade, entendida quer como plenitude de vida na história, quer como bem-aventurança eterna em Deus. Dessa dupla finalidade, deste audacioso programa de vida, Dante é mensageiro, profeta e testemunha.²⁶⁸

Este parágrafo resume a importância do testemunho do poeta, como afirma Francisco, que dedica ainda o último capítulo de sua carta apostólica a como “acolher o testemunho de Dante Alighieri”.²⁶⁹ O Papa destaca que a “figura de Dante, profeta de esperança e testemunha do desejo humano de felicidade, pode ainda nos dar palavras e exemplos que estimulam o nosso caminho. Pode nos ajudar a avançar, com serenidade e coragem, na peregrinação da vida e da fé”.²⁷⁰

Em maio do mesmo ano, o Papa Francisco instituiu novo ministério na Igreja, através da Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio*, *Antiquum Ministerium* (AM), pela qual se institui o ministério do catequista. O Pontífice destaca o papel missionário dos catequistas na história da evangelização lembrando, especialmente, da “multidão incontável de leigos e leigas que tomaram parte, diretamente, na difusão do Evangelho por meio do ensino catequético. Homens e mulheres, animados por uma grande fé e verdadeiras testemunhas de santidade” (AM 3).²⁷¹ Francisco destaca que o catequista é aquele que transmite a fé, não só no primeiro anúncio (*querigma*), passando pelos sacramentos da Iniciação Cristã, mas que também conduz até a formação permanente para que se possa dar razão da fé.²⁷² Francisco define os catequistas como “testemunhas de santidade”; sem dúvida, dois vocábulos que têm se mostrado muito caros a Francisco. Assim ele os define precisamente:

²⁶⁷ CLA, Introdução.

²⁶⁸ CLA, cap. 3.

²⁶⁹ CLA, cap. 9.

²⁷⁰ CLA, cap. 9.

²⁷¹ AM 3.

²⁷² AM 6.

O Catequista é, ao mesmo tempo, testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhador e pedagogo que instrui em nome da Igreja. Uma identidade que só mediante a oração, o estudo e a participação direta na vida da comunidade é que se pode desenvolver com coerência e responsabilidade (AM 6).²⁷³

Percebe-se em curtas palavras, que o pontífice evidencia o que é preciso a um verdadeiro catequista: oração, estudo e vivência comunitária (vida sacramental). Sem estes três elementos fundamentais é impossível catequizar com qualidade.

No mais recente de seus documentos pontifícios, o Papa Francisco propõe a realização de uma reforma na estrutura interna da Santa Sé mediante a promulgação da Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium* (PE), em março de 2022, sobre a Cúria Romana e seu serviço à Igreja no mundo. Já no Preâmbulo do documento, Francisco destaca que a Igreja foi enviada pelo Senhor a anunciar o evangelho a todas as nações e, precisamente, ela o faz quando “testemunha com palavras e obras, a misericórdia que ela mesma recebeu gratuitamente”.²⁷⁴ É notável a importância que ele dá ao testemunho da Igreja já no início do documento, mas não só. Pouco adiante, ele explica que a reforma deve dar “forte testemunho cristão” e impulsionar o diálogo ecumênico e como todos os povos:

Deve ficar claro que a reforma não é um fim em si mesma, mas um meio para dar um forte testemunho cristão; promover uma evangelização mais eficaz; promover um espírito ecumênico mais fecundo; encorajar um diálogo mais construtivo com todos.²⁷⁵

O Papa espera que, ao evangelizar, Cristo seja conhecido para, então, ser levado a todos os povos em *testemunho* dessa experiência de encontro com o Senhor. Dirigindo-se ao Dicastério para a Evangelização, ele explica que este órgão da Cúria Romana deve estar “a serviço da obra de evangelização para que Cristo, luz dos povos, seja conhecido e testemunhado com palavras e obras e para que seu Corpo místico, que é a Igreja, seja edificado”.²⁷⁶ Dirigindo-se aos cristãos, precisamente pelo fato de que cada batizado é membro da Igreja, portanto, “discípulo-missionário”, Francisco pede que “cada um colabore eficazmente no trabalho missionário com a vida cotidiana, mediante a oração, o testemunho e as obras”,²⁷⁷ enfatiza ele.

²⁷³ AM 6.

²⁷⁴ PE, Preâmbulo.

²⁷⁵ PE 12.

²⁷⁶ PE, Art. 53 § 1º.

²⁷⁷ PE, Art. 59 § 1º.

Francisco refere-se ainda às catacumbas como “testemunhos de fé e de arte das primeiras comunidades cristãs”,²⁷⁸ pedindo à Pontifícia Comissão para a Arqueologia que as estude, conserve, proteja e valorize como ricos testemunhos para o mundo de hoje.

Este breve percurso pelos documentos do pontificado de Francisco evidencia quanta importância o Papa atesta no tocante ao tema do *testemunho cristão* em seu pontificado, evidenciado para toda a Igreja e o mundo.

Recordando o Concílio Vaticano II, embora este tenha ocorrido no século passado há cerca de sessenta anos, o Decreto *Apostolicam Actuositatem* em seu parágrafo n. 6, anteriormente citado, nos parece insinuar a importância singular do apostolado de cada indivíduo cristão na evangelização do mundo contemporâneo, em pleno século XXI. Pois, se o mundo em geral parece não mais se interessar pela pessoa de Cristo e por sua mensagem de salvação, continuada pela Igreja com seu anúncio atualizado, por outro lado, parece ser, cada vez mais evidente, a importância do *testemunho pessoal* particular de cada discípulo de Cristo. O cristão é chamado, assim, a dar provas de sua esperança cristã (1Pd 3,15), de sua fé em Cristo Jesus e, de torná-lo presente em seu cotidiano de ajuda ao próximo (caridade cristã) pela evangelização, fazendo-se atuante na sociedade hodierna. Com suas palavras, o Decreto *Apostolicam Actuositatem* parece atualizar esta necessidade para o nosso século. Como dito, a Igreja parece não mais apresentar a credibilidade adequada, ou esta se encontra em baixos níveis na sociedade atual,²⁷⁹ para acatar o anúncio do Evangelho, de modo que é necessária a atuação do cristão com seu testemunho para realizar este anúncio individualmente e de modo mais eficaz em cada recanto das nossas cidades brasileiras. É o que passamos a destacar no tópico seguinte.

2.3

Não é mais a instituição Igreja, mas a pessoa do cristão

Não é raro encontrarmos pessoas hoje que afirmam crer na existência de Cristo, ocorrida há mais de dois mil anos, crendo-o como Deus ou não, mas que

²⁷⁸ PE, Art. 245.

²⁷⁹ Recente pesquisa do Instituto Datafolha, ocorrida entre os dias 22 e 23/06/2022, apurou que a maioria da população brasileira é cristã, mas apenas 51% declarou seguir a doutrina católica e, destes, só 48% se dizem praticantes (In: GAUDIUM PRESS. Brasil: Pesquisa traça o perfil dos católicos no Brasil).

julgam não ser necessária uma instituição como a Igreja, seja ela Católica, Protestante ou Ortodoxa. Parece não se observar nas pessoas, na prática do cotidiano, quem sinta falta da Igreja na sua vida e, muito menos, para uma salvação. Atualmente, quase ninguém se preocupa com a sua salvação: salvar de quê? Para quê? A Igreja parece ser algo perfeitamente dispensável.

Ao contrário do que se imagina no sentido de que poderia faltar a devida instrução e educação cristã à sociedade, já Kaufmann observava, em relação à Europa cristã, que “especialmente nas últimas décadas [...] vem crescendo na população a parcela de pessoas sem confissão; e isto entre os homens, os mais jovens, os mais instruídos e os habitantes das grandes cidades”.²⁸⁰ Este dado nos leva a pensar nas possíveis causas que levam o ser humano a não buscar Deus presente na Igreja cristã ou, precisamente, no Cristianismo, que hoje apresenta tão baixa credibilidade. Citando a socióloga britânica G. Davie, o teólogo G. Uríbarri afirma que “na maior parte do cristianismo ocidental europeu, [há o] ‘crer sem pertencer’”,²⁸¹ na qual “se observa uma decadência constante e crônica na prática religiosa e eclesial regular”.²⁸² O mesmo teólogo crê se tratar de um paradoxo, o que ele chama de *a-eclesial*, não propriamente um problema secular, pois se observa, proporcionalmente, uma não diminuição dos números de batizados, primeiras comunhões e casamentos. G. Uríbarri justifica esses dados se pensarmos que “se trata de uma fé que não está conformada pela ortodoxia eclesial nem associada à pertença ou à prática regular. A crença se dá de modo individual. Tal modo de crer não é diferente, por sua vez, de uma crença a *la carte*”.²⁸³

Assim se observa a existência concreta de uma fé mais pessoal e individualizada, do que, propriamente, aquela fé cristã original em termos coletivos, de pertença a uma comunidade cristã, a uma Igreja. Fica caracterizado o “crer sem pertencer”, como afirmava Davie, em termos bastante subjetivos.

²⁸⁰ KAUFMANN, F-X., A crise na Igreja, p. 9.

²⁸¹ DAVIE, G., Religion in Britain since 1945, XII, *apud* URÍBARRI, G. B., Nucleos dogmáticos que es preciso proponer sobre Cristo para transmitir la fe en una cultura plural. In: MONTES, A. G.; PÉREZ, A. del A. (Eds.), Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 152 (tradução nossa).

²⁸² URÍBARRI, G. B., Nucleos dogmáticos que es preciso proponer sobre Cristo para transmitir la fe en una cultura plural. In: MONTES, A. G.; PÉREZ, A. del A. (Eds.), Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 153 (tradução nossa).

²⁸³ URÍBARRI, G. B., Nucleos dogmáticos que es preciso proponer sobre Cristo para transmitir la fe en una cultura plural. In: MONTES, A. G.; PÉREZ, A. del A. (Eds.), Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 153 (tradução e grifo nossos).

Em fins do século passado, a temática da falta de interesse na Igreja já intrigava os teólogos. Numa de suas obras, R. Laurentin dedicava um capítulo a elencar as possíveis causas dessa crise. Como exemplos, ele mencionava:

- 1) as divisões internas na própria Igreja, onde se destacam: os radicalismos, tanto progressistas quanto tradicionalistas; o liberalismo e o integrismo, com as respectivas implicações aos “contrários”, como por ele evidenciado;²⁸⁴
- 2) as ideologias da secularização e da desclericalização; as ideologias revolucionárias; a ideologia do feminismo (com a problemática do acesso das mulheres ao sacerdócio), e a ideologia de gênero (ao apontar possíveis novos ambientes ditos familiares);²⁸⁵
- 3) a precária exegese sobre a noção de pecado original, frente à perspectiva da filosofia moderna, aliado a certo fundamentalismo religioso;²⁸⁶
- 4) a fé diante da razão numa reflexão científica crítica; a vida de fé frente à especialização universitária; a Teologia frente às Ciências humanas; e uma possível erosão paganizante da fé.²⁸⁷

Ainda Kaufmann acrescenta como fatores de esvaziamento do Cristianismo, o que intitula como “fraquezas estruturais da Igreja Católica”. Neste ponto, destaca o teólogo a difícil reação da Igreja às pressões por mudanças institucionais,²⁸⁸ e a recente crise dos abusos sexuais.²⁸⁹

G. Müller vai mais além e não aponta apenas um afastamento do ser humano ao Cristianismo, mas à própria noção de Deus. Frente à atual crise, ele chega a afirmar que Deus foi esquecido e o ser humano, divinizado. Como principal causa para essa inversão, ele aponta o Marxismo, e corrobora sua afirmação citando a Carta Encíclica *Spe Salvi* de Bento XVI,²⁹⁰ e evidencia “a falta de humanidade da

²⁸⁴ LAURENTIN, R., *La Iglesia del futuro más allá de sus crisis*, p. 84-97 (tradução nossa).

²⁸⁵ LAURENTIN, R., *La Iglesia del futuro más allá de sus crisis*, p. 97-123 (tradução nossa). Além de Laurentin, também Kaufmann apresenta estas mesmas causas (sobre as ideologias: KAUFMANN, F-X., *A crise na Igreja*, p. 69-90; e sobre o que ele chama “o envelhecimento da Igreja clerical”: KAUFMANN, F-X., *A crise na Igreja*, p. 117-130), bem como o cardeal Kurt Koch (KOCH, K., *El problema de Dios en la sociedad y en la Iglesia*. In: AUGUSTIN, G. et al. [Ed.]. *El problema de Dios, hoy*, p. 39-41).

²⁸⁶ LAURENTIN, R., *La Iglesia del futuro más allá de sus crisis*, p. 141-148 (tradução nossa).

²⁸⁷ LAURENTIN, R., *La Iglesia del futuro más allá de sus crisis*, p. 148-179 (tradução nossa).

²⁸⁸ KAUFMANN, F-X., *A crise na Igreja*, p. 131-139.

²⁸⁹ KAUFMANN, F-X., *A crise na Igreja*, p. 140-154.

²⁹⁰ Especificamente, Müller se refere a este trecho da encíclica (SpS 21): “*O seu erro [o de Marx] situa-se numa profundidade maior. Ele esqueceu que o homem permanece sendo sempre homem*”

concepção marxista do mundo e do homem ou de qualquer outra forma parecida de autolibertação que tem o homem como redentor”.²⁹¹ A isso, ele chama de “neoateísmo” do século XXI e afirma:

No início do século XXI, temos que combater contra o “neoateísmo” que, após o fim dos grandes ateísmos políticos do século XX, liga-se de novo ao ateísmo materialista do séc. XIX. Promete, como visão do séc. XXI, um mundo sem Deus, sem religião e sem moral.²⁹²

Esta colocação de G. Müller é complementada por E. Bettencourt ao afirmar que “o próprio homem não basta a si mesmo”:

As aspirações, inatas no homem, à Vida plena, à Felicidade integral, à Verdade sem erro, ao Amor sem traição, à Bondade sem falhas... não são preenchidas pelos bens passageiros desta vida. O homem não encontra em si, nem nas coisas visíveis que o cercam, a resposta para os seus anseios mais espontâneos. A resposta insofismável para as perguntas básicas: “De onde venho? Para onde vou?” não lhe é dada por criatura alguma. Daí a necessidade de se admitir um Absoluto sem deficiências, que seja o Norte polarizador das aspirações do homem; esse Norte está fora do homem; é Deus, ao qual diz S. Agostinho: “*Senhor, tu nos fizeste para Ti e inquieto é o nosso coração enquanto não repousa em Ti*” (Confissões, I, 1).²⁹³

Assim, quer seja a ausência de Cristo ou o afastamento de Deus, segundo mencionaram os autores apresentados acima, pode-se perceber que, as causas por eles evidenciadas, acabaram por enfraquecer a Igreja, e contribuíram para nutrir na sociedade uma certa desconfiança com relação à Igreja de Cristo, acarretando, em consequência, o afastamento dos mesmos frente a esta instituição. Os indícios sociais se sobrepuseram, assim, às convicções religiosas. Os homens se afastaram da Igreja, se afastaram de Cristo e, conseqüentemente, se afastaram de Deus.

Precisamente neste ponto, é que desejamos antepor com o testemunho cristão como fator decisivo e convincente para se ver “o outro lado da moeda”. Portanto, com suas expressões de fé cristã, as testemunhas, ou seja, os cristãos, podem evidenciar o Cristo ao mundo descrente dele. Evidenciando o Cristo, evidenciam Deus, presente no mundo na sua Igreja. A experiência cotidiana dessas testemunhas pode levar muitos descrentes e desconfiados a crerem na verdade do Evangelho, à semelhança de como se deu nos primórdios do Cristianismo, com aquelas incontáveis testemunhas, cristãos, que chegaram ao ápice do testemunho com o

(MÜLLER, G. L., ¿El Dios olvidado! ¿Experiencia de Dios en nuestro tiempo? In: AUGUSTIN, G. et al. [Ed.]. El problema de Dios, hoy, p. 61 – tradução nossa).

²⁹¹ MÜLLER, G. L., ¿El Dios olvidado! ¿Experiencia de Dios en nuestro tiempo? In: AUGUSTIN, G. et al. [Ed.]. El problema de Dios, hoy, p. 62 (tradução nossa).

²⁹² MÜLLER, G. L., ¿El Dios olvidado! ¿Experiencia de Dios en nuestro tiempo? In: AUGUSTIN, G. et al. [Ed.]. El problema de Dios, hoy, p. 62 (tradução nossa).

²⁹³ BETTENCOURT, E. T., Por que não sou ateu?, p. 7 (grifos do autor).

martírio. Muito oportunamente, já citado anteriormente, afirmara Tertuliano († após 220) que “a semente é o sangue dos cristãos”.²⁹⁴

2.4

O significado das experiências religiosa e de fé para o testemunho cristão

Antes de adentrarmos na importância das experiências religiosa e de fé para o autêntico testemunho cristão, cabe-nos observar a influência negativa que as heresias do Gnosticismo²⁹⁵ e do Pelagianismo²⁹⁶ ainda causam à sociedade nos dias atuais. Tais heresias foram mencionadas pelo Papa Francisco em suas recentes Exortações Apostólicas.

Na *Evangelii Gaudium*, Francisco afirma que a heresia do Gnosticismo se apresenta como:

[...] uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos.²⁹⁷

O gnosticismo se caracteriza como uma série de conhecimentos ocultos e reservados a poucos iniciados, fazendo com que a pessoa se feche em seu próprio “eu”, e fique imersa em seus pretensos “conhecimentos” adquiridos ou a ele “revelados” (a gnose). Desta forma, Francisco destaca o que chama de “mundanismo espiritual”,²⁹⁸ que, com certo paradoxo faz com que tal pessoa se feche ao mundo, escondendo-se “por detrás de aparências de religiosidade e até

²⁹⁴ TERTULIANO, Apologético, 50,13, *apud* BETTENCOURT, E. T., Curso de Patrologia, p. 104.

²⁹⁵ “O termo grego de uso comum gnose (conhecimento) passou a designar um fenômeno religioso surgido na antiguidade, caracterizado essencialmente por oferecer a salvação em âmbito ultramundano, mediante o conhecimento secreto de mistérios em torno de Deus e do homem, e a rejeição radical deste mundo. [...] Chegou a ser um movimento herético dentro da Igreja, o qual se dividiu em várias seitas, dotadas de certa organização e estendidas por toda a cristandade nos séculos II-IV. O termo *gnosticismo* designa comumente estas seitas, que os santos Padres e escritores eclesiásticos combateram corajosamente, desmascarando suas doutrinas e apresentando, em contraposição, a imagem do verdadeiro gnóstico: o cristão [...] que se deixa transformar pelo conhecimento de Deus”. PÉREZ, A. G., Gnose. Gnosticismo. In: PIKASA, X.; SILANES, N. (Dir.), Dicionário Teológico O Deus Cristão, p. 376 (grifo do autor).

²⁹⁶ Pelagianismo. “Heresia do séc. IV que recebeu o nome de seu criador, o inglês Morgan Pelágio. De acordo com seus ensinamentos, o homem pode adquirir a salvação por seus próprios meios, sem necessidade da graça de Deus, com o que o sacrifício de Cristo na cruz não teria valor salvífico, mas simplesmente, modelar. Suas teses foram combatidas por Santo Agostinho e condenadas por diversos concílios”. MANZANARES, C. V., Pelagianismo. In: MANZANARES, C. V., Dicionário Histórico do Cristianismo, p. 344.

²⁹⁷ EG 94.

²⁹⁸ EG 93.

mesmo de amor à Igreja”.²⁹⁹ Por isso, o Papa descreve o Gnosticismo como algo muito danoso ao cristão e mesmo à Igreja, pois, citando H. de Lubac, “seria infinitamente mais desastroso do que qualquer outro mundanismo meramente moral”.³⁰⁰ O Papa ainda alerta para o fato de que, não se levar o Evangelho à realidade do cotidiano é uma forma de se “degenerar em intimismos e gnosticismos que não dão frutos, que esterilizam o seu dinamismo”.³⁰¹ Percebe-se a preocupação do pontífice com os gnosticismos atuais que podem paralisar a ação missionária evangelizadora.

No tocante ao Pelagianismo, ainda no parágrafo 94 deste documento, o Papa destaca a nova forma desta heresia, o *neopelagianismo*, como outra forma daninha ao mundo atual que pode atrair certa “acomodação” nos cristãos:

A outra maneira é o *neopelagianismo* autorreferencial e prometeico de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a certo estilo católico próprio do passado. É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar.³⁰²

O próprio Papa destaca os efeitos prejudiciais à evangelização que, ambas as heresias, ainda hoje podem causar nos cristãos, porque “nem Jesus Cristo, nem os outros interessam verdadeiramente. Não é possível imaginar que, destas formas desvirtuadas do cristianismo, possa brotar um autêntico dinamismo evangelizador”.³⁰³

Também na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, o Papa traz à tona estas heresias chamando-as, num capítulo próprio, de “dois inimigos sutis da santidade”,³⁰⁴ que ainda hoje podem seduzir vários cristãos com seu “imanentismo antropocêntrico disfarçado de verdade católica”.³⁰⁵ Francisco diz ainda que o gnosticismo se disfarça de uma “espiritualidade desencarnada”:

Talvez sem se aperceber, esta ideologia autoalimenta-se e torna-se ainda mais cega. Por vezes, torna-se particularmente enganadora, quando se disfarça de espiritualidade desencarnada. Com efeito, o gnosticismo, por sua natureza, quer domesticar o mistério, tanto o mistério de Deus e da sua graça, como o mistério da vida dos outros.³⁰⁶

²⁹⁹ EG 93.

³⁰⁰ HENRI DE LUBAC, *Méditation sur l'Église* (FV, Paris 1968), 321, *apud* EG 93.

³⁰¹ EG 233.

³⁰² EG 94.

³⁰³ EG 94.

³⁰⁴ GE 35-62, Capítulo II: Dois inimigos sutis da Santidade.

³⁰⁵ GE 35.

³⁰⁶ GE 40.

Como dito pelo próprio pontífice, o mal causado pelo gnosticismo se disfarça na fé cristã e consegue enganar a muitos. Por exemplo, observemos que alguns cristãos não veem qualquer problema em se dizer, simultaneamente, católicos e espíritas. Ora, precisamente, sem entrar em outras diferenças, o Espiritismo propaga a autossalvação, baseada na chamada “Lei do Karma”, a tese das reencarnações sucessivas, ao passo que a fé católica crê na heterossalvação, isto é, a salvação trazida a todos por Jesus Cristo, o Redentor. Vê-se, neste ponto, a influência que o gnosticismo teve sobre o Espiritismo no tocante à salvação por meios humanos próprios. Gnosticismo e neopelagianismo, como dizia Francisco, “são duas heresias que surgiram nos primeiros séculos do cristianismo, mas continuam a ser de alarmante atualidade”.³⁰⁷ Comparando as duas heresias, o Papa explica a proximidade que uma tem em relação à outra:

Com efeito, o poder que os gnósticos atribuíam à inteligência, alguns começaram a atribuí-lo à vontade humana, ao esforço pessoal. Surgiram, assim, os pelagianos e os semipelagianos. Já não era a inteligência que ocupava o lugar do mistério e da graça, mas a vontade (GE 48). Quem se conforma com esta mentalidade pelagiana ou semipelagiana, embora fale da graça de Deus com discursos suaves, no fundo só confia nas próprias forças [...]. Quando alguns deles se dirigem aos frágéis, dizendo-lhes que se pode tudo com a graça de Deus, basicamente costumam transmitir a ideia de que tudo se pode com a vontade humana, como se esta fosse algo puro, perfeito, onipotente, a que se acrescenta a graça.³⁰⁸

Estas duas heresias são, ainda hoje, males que atingem a vida de muitos cristãos na Igreja, pois pensam poder “se virar” sozinhos, sem necessitar da salvação eterna de Deus trazida ao mundo por Cristo na Igreja. Desacreditam da necessidade de pertencer, de estar na Igreja e de vivenciar as verdades salvíficas do Evangelho de Cristo em suas vidas como uma necessidade humana pela graça de Deus. Muitos nem creem na existência do próprio Cristo. O Pelagianismo e o Gnosticismo, assim, tão presentes na vida religiosa, têm dificultado o coerente testemunho de vida cristã, como destaca o Papa Francisco nas Exortações Apostólicas vistas. Tais heresias se mesclam com a mensagem salvífica do Cristianismo, disfarçando-se, como dizia Francisco, de um imanentismo antropocêntrico. Deus transcendente não tem lugar nestas mentalidades heréticas. Mais adiante,³⁰⁹ tais heresias serão retomadas para a consideração das devidas objeções oferecidas pelo Papa. Por ora, tal percurso elementar sobre estas heresias

³⁰⁷ GE 35.

³⁰⁸ GE 49.

³⁰⁹ Tais heresias serão revistas no tópico 4.2 da presente tese, sobre “*o Mundanismo espiritual*”, termo empregado pelo Papa, com sua devida confrontação apresentada no item 4.3: “*A contraposição às heresias do neopelagianismo e do neognosticismo na ortodoxia de Francisco*”.

evidencia a importância e a necessidade de o cristão ter uma autêntica experiência religiosa, valorizando sua fé em Jesus Cristo e na Igreja com convicção e preparo devidos. Impõe-se, cada vez mais, a necessidade de um aprofundamento no conhecimento, mediante o estudo e a compreensão plena das verdades da fé, de modo que esta seja sólida e forte para não se sucumbir perante as intempéries da vida do cristão. Portanto, neste contexto, se impõe a necessidade de que a mensagem cristã seja levada ao mundo com a convicção daquele(a) que crê em Cristo vivo e ressuscitado. Diz o Papa sobre a beleza do Evangelho: “A Boa-Nova é a alegria de um Pai que não quer que se perca nenhum de seus filhos. O Evangelho é fermento que leveda toda a massa e cidade que brilha no cimo do monte, iluminando todos os povos”.³¹⁰

Concluindo todo o percurso feito neste capítulo sobre o testemunho cristão, veremos como este tem sua importância para evidenciar a credibilidade que se deve ter na Igreja de Cristo.

2.5

A consequente credibilidade na Igreja pelo testemunho cristão

Diante de toda a perplexidade que as heresias do Gnosticismo e do Neopelagianismo podem causar no gênero humano, afastando a muitos da Igreja e da fé cristã, aliado a diversas outras causas aqui apresentadas (divisões internas, escândalos sexuais, ideologias variadas, exegeses críticas mal formuladas...), desponta a premente necessidade de os cristãos darem testemunho dessa vida plena que se chama “Evangelho”.

O teólogo A. Spadaro faz uma importante análise do contexto mundial atual, todo conectado pelas mídias sociais e a internet, em sua obra “Quando a fé se torna social”.³¹¹ O autor destaca que, na Europa do século XII, o ser humano possuía uma bússola interior, cuja agulha apontava ao norte certo, que era Deus, sem qualquer margem de erro nesta sinalização. Nos idos do século XX, em plena Segunda Grande Guerra Mundial, o instrumento tecnológico utilizado passa a ser o radar, que vai à procura do seu alvo, apontando para um plano bem amplo e indiscriminado de possíveis alvos, mas já sem um objeto principal tão certo.

³¹⁰ EG 237.

³¹¹ SPADARO, A., Quando a fé se torna social: o Cristianismo no tempo das novas mídias.

Simultaneamente, diz o autor, surge “uma nova metáfora cultural na forma de uma pergunta: ‘Deus, onde estás?’”.³¹² Isto denota que o ser humano, apesar de todo o avanço tecnológico, se sente perdido e deseja saber onde é possível encontrar Deus. A. Spadaro avança seu raciocínio para os dias de hoje expondo que vivemos na época do celular, onde o ser humano se sente completamente “perdido se o celular fica sem sinal ou se o *tablet* ou *smartphone* não podem acessar alguma forma de conexão com a rede sem fio”.³¹³ Existe até um quase infinito leque de conexões, um bombardeamento de variados tipos de sinais, de possíveis comunicações e de respostas a diversas perguntas, inclusive, existenciais, onde, destaca o autor, “a coisa mais importante não é tanto dar respostas. Todos dão respostas! É importante [...] reconhecer as perguntas fundamentais. E assim fazer com que em nossa vida reste uma abertura para que Deus ainda possa falar conosco”.³¹⁴ O homem tecnológico sente-se perdido em meio à técnica avançada, a qual pode lhe indicar saídas para tantas e variadas necessidades iminentes, mas que não consegue sanar o seu próprio “anseio de transcendência”.³¹⁵ O ser humano do século XXI, tão conectado entre si na sociedade cibernética, tem dificuldades para se conectar com Deus, no qual nenhum recurso tecnológico das mídias sociais é necessário, mas apenas “reconhecer o seu valor, a sua ‘capacidade’ espiritual”.³¹⁶ Mesmo com tantas conexões, A. Spadaro destaca que se deve procurar ser o ser humano inteiro também na rede, de modo a se “viver ‘bem’ nos tempos de *rede*, [buscando] não somente conexão, mas comunhão, uma conaturalidade do Cristianismo com a vida humana”.³¹⁷ Sobre isso, o autor dedica um capítulo inteiro de sua obra, no qual mostra a importância de se falar de Deus na *internet*, pois, afirma: “a comunhão eclesial é radicalmente um ‘dom’ do Espírito. [...] A ação comunicativa da Igreja tem nesse dom o seu fundamento e a sua origem”.³¹⁸ Expõe ainda que a necessidade de aproximar as pessoas é um dom de Deus: “A *rede* não tem a vocação de uniformizar o mundo, mas sim de conectar as diferenças, abrir o diálogo, fazer com que os homens se sintam mais unidos”. A. Spadaro cita as palavras do Papa Francisco que definiu o poder das mídias sociais como “proximidade”:

³¹² SPADARO, A., Quando a fé se torna social, p. 7

³¹³ SPADARO, A., Quando a fé se torna social, p. 8 (grifos do autor).

³¹⁴ SPADARO, A., Quando a fé se torna social, p. 8.

³¹⁵ SPADARO, A., Quando a fé se torna social, p. 11.

³¹⁶ SPADARO, A., Quando a fé se torna social, p. 15.

³¹⁷ SPADARO, A., Quando a fé se torna social, p. 26 (grifo do autor).

³¹⁸ SPADARO, A., Quando a fé se torna social, p. 28.

“E quem é o meu próximo?” (Lc 10,29). Essa pergunta nos ajuda a entender a comunicação em termos de proximidade. [...] Quem comunica, de fato, se torna próximo. E o bom samaritano não só se torna próximo, mas cuida daquele homem que ele vê quase morto na beira da estrada. Jesus inverte a perspectiva: não se trata de reconhecer o outro como alguém semelhante a mim, mas se trata da minha capacidade de me tornar semelhante ao outro. Comunicar significa tomarmos consciência de que somos seres humanos, filhos de Deus. Gosto de definir esse poder da comunicação como “proximidade”.³¹⁹

Precisamente neste ponto sobre a comunicação nas mídias sociais pela *internet*, é que entra a temática do testemunho cristão. Nesta mesma *Mensagem*, o Papa destaca:

A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade, não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. A neutralidade da mídia é somente aparente: somente quem comunica colocando em jogo a si mesmo pode representar um ponto de referência. O envolvimento pessoal é a raiz da confiabilidade de um comunicador. Por isso, o testemunho cristão, graças à *rede*, pode atingir as periferias existenciais [...]. Repito isso com frequência: entre uma Igreja cheia de problemas que sai pela rua e uma Igreja doente de autorreferencialidade, não hesito em preferir a primeira. É também graças à *rede* que a mensagem cristã pode viajar “até os confins da terra” (At 1,8).³²⁰

É desta forma que Francisco aponta a necessidade do uso das redes sociais como veículo para se dar testemunho da fé cristã. A. Spadaro destaca ainda que “testemunhar significa, antes de mais nada, viver uma vida comum, alimentada pela fé em tudo [...] e, portanto, também no modo de comunicar, de estabelecer amizades e de relacionar-me dentro e fora da *rede*”.³²¹ O cristão é chamado a dar testemunho de sua fé também nas redes sociais, a fim de testemunhar o Evangelho de Cristo, em que ele crê. Aquela afirmação de E. Barbotin³²² sobre o fato de as testemunhas serem mais ouvidas do que os mestres é corroborada por A. Spadaro:

Entende-se muito bem quanto é importante a categoria e a práxis do testemunho. É um aspecto dominante. Principalmente porque hoje o homem da *rede* confia nas opiniões em forma de testemunho. [...] A tecnologia da informação, ao contribuir para criar uma *rede* de conexões, parece então unir mais estreitamente amigos e conhecidos, levando os homens a ser ‘testemunhas’ daquilo sobre o qual fundam a própria existência.³²³

O testemunho cristão se evidencia, assim, como a forma mais enfática de alguém poder vir a crer na mensagem do Evangelho, pois se demonstra com evidências irrefutáveis, postas às claras mediante o testemunho de vida. Quando um cristão dá testemunho da fé em que crê com convicção, não precisam palavras. Um ditado popular costuma afirmar que “um exemplo vale mais do que mil palavras”.

³¹⁹ FRANCISCO, PP. Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, *apud* SPADARO, A., Quando a fé se torna social, p. 33.

³²⁰ FRANCISCO, PP., Mensagem para o XLVIII Dia Mundial... (grifos do documento).

³²¹ SPADARO, A., Quando a fé se torna social, p. 37 (grifo do autor).

³²² Vide o final do tópico 2.2.5.1 da presente tese.

³²³ SPADARO, A., Quando a fé se torna social, p. 42-43 (grifos do autor).

Sem dúvida, a categoria testemunho, na fé cristã, implica a ação de Cristo por meio deste mesmo testemunho. Ora, a transmissão da revelação cristã ocorre por meio do testemunho de um cristão. O teólogo espanhol P. López completa esta noção: “como é lógico, para compreender bem a transmissão da revelação é necessário valorizar em seu conjunto, as dimensões de *martírya*, *leitourgía*, *diakonía* e *koinonía*, próprias da vida eclesial”.³²⁴

Em todas as dimensões da vida eclesial, elencadas acima por López, há uma categoria de testemunho presente em cada qual, por isso, o autor ressalta que esta categoria não é algo separado das demais dimensões da vida da Igreja, mas, na verdade, afirma ele:

Raramente uma só categoria teológica tem a virtude de expressar toda a riqueza do mistério revelado. [...] Cabe afirmar, por um lado, que todas essas dimensões têm um caráter ‘testemunhal’ em sentido amplo e, por outro lado, o testemunho (até o martírio), em sentido estrito, é uma condição própria da transmissão da verdade viva da revelação cristológica.³²⁵

Tais palavras nos mostram que o testemunho cristão, na medida em que é transmissão da verdade evangélica, traz em si o sentido do culto cristão (*leitourgía*), da comunhão fraterna (*koinonía*), do serviço da caridade (*diakonía*) e do próprio ato de testemunhar a verdade em si mesma (*martírya*). Desta forma, evidencia-se que o testemunho cristão está repleto da presença implícita do próprio Senhor, na medida em que é manifestação da sua Palavra divina (Evangelho) em atitudes humanas. O testemunho cristão se torna importante fator de credibilidade com uma mensagem credível, na medida em que esta mensagem vem acompanhada desta presença oculta do próprio Senhor naquele exemplo de vida (cristã). Portanto, o testemunho cristão é **sinal** que evidencia Cristo àqueles que presenciam tal testemunho, e este sinal é eficaz na medida em que é o Senhor que dele se serve para tornar conhecida sua Palavra. Se tal testemunho cristão é um sinal eficaz e importante da presença de Cristo no meio do mundo, este é também um *sinal sacramental*. Esta noção será aprofundada no decorrer da presente tese.

No presente capítulo, considerou-se a importância que o *testemunho cristão* tem frente ao mundo em geral. No capítulo seguinte, será abordado o aspecto da *sacramentalidade da Igreja* como novo lugar teológico e sociocultural na

³²⁴ LÓPEZ, J. M. P., El culto razonable a Dios como testimonio en el mundo, In: ESNAOLA, A. M., et al., La unción de la gloria: en el Espíritu, por Cristo, al Padre., p. 444.

³²⁵ LÓPEZ, J. M. P., El culto razonable a Dios como testimonio en el mundo, In: ESNAOLA, A. M., et al., La unción de la gloria: en el Espíritu, por Cristo, al Padre., p. 444.

Eclesiologia e, para tal, valendo-se da eclesiologia do teólogo S. Pié-Ninot em seu extenso tratado sobre a Igreja. Após essa apresentação, se estabelecerá a conexão do *testemunho cristão* como questão de *Sacramentalidade da Igreja*.

3

A questão da sacramentalidade da Igreja como novo lugar sociocultural dentro da eclesiologia de Pié-Ninot

A Sacramentalidade da Igreja, apresentada por Pié-Ninot em sua obra *Eclesiología*,³²⁶ é considerada, na presente pesquisa, como elemento chave para o entendimento e o aprofundamento deste tema. O mesmo teólogo serviu de base à dissertação de mestrado do autor desta tese, tendo sido, para tal, considerada sua obra *La Teología Fundamental*,³²⁷ no tocante à temática do testemunho cristão na Igreja como “sinal de credibilidade dentro da tarefa apologético-dialogal da Teologia Fundamental de Pié-Ninot”.³²⁸ Ele possui estes dois campos da Teologia Sistemática, a saber: a Eclesiologia e a Teologia Fundamental, como suas grandes áreas de estudo e pesquisas. Desta forma, torna-se relevante se apresentar brevemente a pessoa deste autor e suas principais obras, especialmente aquelas relacionadas com o tema do presente estudo. Em sequência, será desenvolvido o tema da Sacramentalidade da Igreja em sua Eclesiologia e, a seguir, um brevíssimo tópico relativo a dois autores que se contrapõem a este entendimento. Logo adiante, será desenvolvido o tema da sacramentalidade da Igreja com destaque às realidades interna e externa da Igreja-sacramento e, breve conclusão sintética. Assim, este tópico versará sobre: 1º) o “sinal interior” da Igreja-sacramento, isto é, a Igreja como comunidade; 2º) o “sinal exterior” da Igreja-sacramento, isto é, a Igreja como sociedade; 3º) e o arremate conclusivo com a mesclagem de ambos os aspectos, apresentando o paradoxo e o mistério da Igreja.

A seguir, passa-se a conhecer, ainda que brevemente, o autor foco desta pesquisa.

Nascido aos 22 de junho de 1941 em Barcelona,³²⁹ Salvador Pié-Ninot foi o mais velho de seis irmãos de uma família católica espanhola. Com vinte e dois anos, concluiu seu Mestrado pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), em Roma, no ano de 1964, em pleno Concílio do Vaticano II. De volta à Barcelona, foi

³²⁶ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología: La Sacramentalidad de la Comunidad Cristiana*.

³²⁷ PIÉ-NINOT, S., *La Teología Fundamental*.

³²⁸ CORREIA, L. C. M., *O testemunho na Igreja*.

³²⁹ CARBONELL, J. M., Salvador Pié-Ninot, sacerdote, teólogo y educador. In: ORTEGA, J. L. C.; CARBALLADA, R. L. (Eds.), *Testimonio y sacramentalidad*, p. 16 (tradução nossa).

ordenado sacerdote, em 25 de outubro deste mesmo ano, e nomeado Diretor do Seminário no qual fez seus estudos para o sacerdócio. Alguns anos depois, foi enviado de volta à Roma para cursar seu Doutorado na mesma universidade, tendo-o concluído em 1970. Seu retorno à Espanha, se deu logo depois da conclusão deste, fazendo com que Pié-Ninot encontrasse seu país natal marcado por profundas transformações sociais, segundo o que destaca J. Carbonell, da Faculdade de Comunicação *Blanquerna* de Barcelona:

De volta a Barcelona em 1970, [Pié-Ninot] encontrará uma nova cidade na qual já se percebe as mudanças profundas pelas quais passa a Europa, apesar da férrea ditadura [espanhola]. Ao regressar, ele assume a direção do Serviço de Assistência Pastoral e de Formação Religiosa da Universidade de Barcelona (1971-1979). Muda-se para viver na residência dos padres da Balmesiana, para dedicar-se inteiramente à Faculdade de Teologia da Catalunha e à educação de gerações de universitários católicos. Em colaboração com o sacerdote Antoni Serramona, foi cofundador (1974) e conselheiro geral do Movimento de Universitários e Estudantes da Catalunha (MUEC), movimento laical de referência nas décadas de 70-90 na Catalunha [...]. Ajudou toda uma geração estudantil a manter a fé em tempos difíceis de mudanças políticas, compreendendo a realidade e, por sua vez, sabendo ler os sinais de esperança [...], ajudando a compreender a especificidade do compromisso de ser cristão – a evangelização – e defendendo, como sempre o fará, a instituição e a pertença eclesial. A partir destes anos, Salvador aprenderia a fazer uma teologia com uma perspectiva prática e pastoral e a acompanhar gerações de leigos, num acompanhamento que marcará seus cinquenta anos como sacerdote.³³⁰

Em 1981, Pié-Ninot foi nomeado presidente da Fundação *Blanquerna*, mantenedora da Universidade *Ramón Llull* (URL), de inspiração cristã de referência na Espanha, e que, atualmente, conta com cerca de 15.000 estudantes em seus 30 cursos de graduação, incorporando ainda outras universidades espanholas. Até os dias atuais, Pié-Ninot se mantém no exercício da presidência executiva da referida fundação.³³¹

Em 1987, participou como perito na preparação do Sínodo dos Leigos e, no ano seguinte, no IV Simpósio Luterano-Católico.

Em 1992, Pié-Ninot foi chamado a lecionar como professor convidado na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, instituição essa em que concluíra seu doutorado. A partir de então, passaria os próximos vinte anos a lecionar em ambas as universidades, tanto em Roma na PUG (de janeiro a junho), quanto em Barcelona na URL (de julho a dezembro). Neste mesmo ano, ele havia presidido o Conselho dos Serviços Religiosos dos Jogos Olímpicos de Barcelona'92, quando “dirigiu a

³³⁰ CARBONELL, J. M., Salvador Pié-Ninot, sacerdote, teólogo y educador. In: ORTEGA, J. L. C.; CARBALLADA, R. L. (Eds.), *Testimonio y sacramentalidad*, p. 18-19 (tradução nossa).

³³¹ ORGANOGRAMA da Fundação *Blanquerna*.

construção do Centro Religioso Olímpico Abraham, atualmente, paróquia da Vila Olímpica”.³³²

Em 2008, o então papa Bento XVI o nomeou como assessor teológico e teólogo perito nos Sínodos dos Bispos deste ano, sobre a *Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, e do de 2012, sobre a *Nova evangelização e a transmissão da Fé cristã*. Desde julho de 2013, Pié-Ninot atua como reitor da Basílica de *Santa Maria del Mar*, em Barcelona, “trabalhando na pastoral e no projeto de reabilitação do edifício”.³³³

Em setembro de 2017, Salvador Pié-Ninot veio ao Rio de Janeiro para proferir a conferência de abertura do I Simpósio Internacional de Teologia Sistemática, realizado no Mosteiro de São Bento desta cidade. Na oportunidade, a convite da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), o docente proferiu um curso para os alunos da Pós-graduação em Teologia desta universidade sobre a “Eclesiologia do Papa Francisco”. Neste evento, o autor da presente tese teve a honra e o privilégio de participar do referido curso e, portanto, de conhecer pessoalmente o eminente professor que, com alegria, atenção e dedicação, deu grande apoio e estímulo, à época, para a pesquisa do Mestrado, aliado às proveitosas conversações sobre o tema da Teologia Fundamental, foco da dissertação sobre a qual se discorreu. Posteriormente, Pié-Ninot teve seu trabalho, resultado do curso, publicado em artigo da revista *Atualidade Teológica* desta universidade.³³⁴ Para o doutorado, a intenção era a de se poder estreitar ainda mais os laços acadêmicos, visando aprofundar a temática da presente pesquisa em reuniões presenciais diretas com o autor, ora já na temática da Eclesiologia. Contudo, as medidas restritivas de contato social e de viagens, decorrentes da pandemia de COVID19, tornaram impraticáveis tais encontros, vindo a prejudicar, consideravelmente, o desenvolvimento mais profícuo desta pesquisa.

No decorrer de toda a sua vida acadêmica, Pié-Ninot redigiu diversos artigos e participações em capítulos de livros e dicionários,³³⁵ bem como, pôde também

³³² CARBONELL, J. M., Salvador Pié-Ninot, sacerdote, teólogo y educador. In: ORTEGA, J. L. C.; CARBALLADA, R. L. (Eds.), *Testimonio y sacramentalidad*, p. 20-22 (tradução nossa).

³³³ CARBONELL, J. M., Salvador Pié-Ninot, sacerdote, teólogo y educador. In: ORTEGA, J. L. C.; CARBALLADA, R. L. (Eds.), *Testimonio y sacramentalidad*, p. 23 (tradução nossa).

³³⁴ PIÉ-NINOT, S., *La ecclesiología del Papa Francisco*.

³³⁵ PIÉ-NINOT, S., *El sacerdote, testigo de la fe de la Iglesia*; PIÉ-NINOT, S., *De la Dei Verbum al Sínodo de los obispos sobre la Palabra de Dios del 2008*; PIÉ-NINOT, S., *Las cuatro Constituciones del Concilio Vaticano II y su recepción*; PIÉ-NINOT, S., *La dimensión jerárquica del Ministerio Petriño*, In: URÍBARRI G. B. (Ed.), *El ser sacerdotal*; PIÉ-NINOT, S., *La sacramentalitat com a*

publicar várias obras, das quais, as mais relevantes podem ser citadas: o livro base da presente pesquisa *Eclesiología: la Sacramentalidad de la Comunidad Cristiana*,³³⁶ editado pela Editora *Sígueme*, com sua correspondente tradução em italiano pela Editora *Queriniana*,³³⁷ o seu clássico tratado de *La Teología Fundamental*,³³⁸ pela Editora *Secretariado Trinitario* de Salamanca, que, a partir da sétima edição, inclui um guia de leitura para a Constituição Dogmática *Dei Verbum*; e o livro *Teología Fundamental*,³³⁹ editado pela *Biblioteca de Autores Cristianos* (BAC) de Madri, no qual Pié-Ninot atualiza o tema nesta área da Teologia com os mais recentes documentos pontifícios dos Papas Bento XVI e Francisco, além de poder contribuir também com toda a sua experiência pastoral de docente aos longo das décadas passadas. É de se destacar que Pié-Ninot teve significativa participação na elaboração e organização de dois dicionários nas temáticas principais de suas pesquisas, a saber: na terceira edição do *Diccionario de Teología Fundamental* de Rino Fisichella e René Latourelle, editado pela editora San Pablo;³⁴⁰ e no *Diccionario de Eclesiología*,³⁴¹ em parceria com Christopher O'Donnel, como parte da coletânea dos dicionários teológicos desta mesma editora. Contribuiu também com a redação de dois verbetes para o *Diccionario de Eclesiología* da BAC,³⁴² de edição mais recente do que os dois dicionários antes mencionados.

principi hermenèutic de l'Eclesiologia; PIÉ-NINOT, S., Trinidad económica y origen de la Iglesia en el Vaticano II, In: ESNAOLA, A.; PÉREZ, A. C.; GARCÍA, J. G.; PELUDO, G. H. (Eds.). La unción de la gloria: en el Espíritu, por Cristo, al Padre. Homenaje a Mons. Luís F. Ladaria, SJ; PIÉ-NINOT, S., Trinidad económica y origen de la Iglesia en el Vaticano II. PIÉ-NINOT, S., "Ecclesia semper reformanda". La recepción del Vaticano II: balance y perspectivas. PIÉ-NINOT, S., Hacia a un ordo communionis primatus como Primado Diaconal, In: SPADARO, A.; GALLI, C. M. (Eds.), et al. La Reforma e las reformas en la Iglesia; PIÉ-NINOT, S., El doble origen y método de la teología fundamental; PIÉ-NINOT, S., 40 años de Teología Fundamental en España (1978-2018); PIÉ-NINOT, S., 55 años de manuales de Teología Fundamental en España, Portugal y Latinoamérica: del Concilio Vaticano II a la Constitución Apostólica Veritatis Gaudium (2017-2020); PIÉ-NINOT, S., Sacramentalidad, In: VILLAR, J. R. (Coord.); CALABRESE, G.; GOYRET, P.; PIAZZA, O. F. (Eds.). Diccionario de Eclesiología.

³³⁶ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología: La Sacramentalidad de la Comunidad Cristiana*.

³³⁷ PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiologia: La Sacramentalità della comunità Cristiana*.

³³⁸ PIÉ-NINOT, S., *La Teología Fundamental*.

³³⁹ PIÉ-NINOT, S., *Teología Fundamental*.

³⁴⁰ LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R.; PIÉ-NINOT, S. (Dir.). *Diccionario de Teología Fundamental* (revisão feita por Pié-Ninot em 2010).

³⁴¹ O'DONNEL, C.; PIÉ-NINOT, S., *Diccionario de Eclesiología*.

³⁴² PIÉ-NINOT, S., Cristo fundador y fundamento de la Iglesia, In: VILLAR, J. R. (Coord.) et al., *Diccionario de Eclesiología*, p. 235-250; PIÉ-NINOT, S., Sacramentalidad. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Eclesiología*, p. 1320-1336.

No Brasil, em língua portuguesa, Pié-Ninot teve publicadas as seguintes obras: *Crer na Igreja*,³⁴³ por Edições Paulinas; e *Introdução à Ecclesiologia*,³⁴⁴ pela coleção IDT de Edições Loyola, coletânea esta, organizada por R. Fisichella e realizada por professores da PUG.

As mais recentes obras de sua autoria incluem: um *Guía de lectura e interpretación de “Amoris laetitia”*,³⁴⁵ publicado pela PPC-Editorial de Espanha que, conforme afirma o autor, tem em vista “encontrar caminhos e pautas concretas de interpretação de suas [do Papa] orientações na vida das famílias, assim como, poder se alegrar com ela [com essa exortação apostólica] seguindo o espírito de seu precioso título: ‘A alegria do amor’”;³⁴⁶ e o mais recente livro sobre o *Magisterio de la Iglesia sobre el Laicado*, da Editorial Edice,³⁴⁷ no qual o autor realiza um apanhado dos documentos do Magistério da Igreja e da Conferência dos Bispos da Espanha, no tocante à vida dos fiéis leigos, oferecendo a obra como um guia de leitura.

A vasta obra de Salvador Pié-Ninot faz deste autor um dos mais eminentes e respeitados teólogos da atualidade nas áreas da Ecclesiologia e da Teologia Fundamental.

Adentrando à Ecclesiologia de Pié-Ninot, dá-se seguimento ao tema da sacramentalidade da Igreja.

3.1

A sacramentalidade da Igreja, segundo Pié-Ninot ³⁴⁸

³⁴³ PIÉ-NINOT, S., *Crer na Igreja*.

³⁴⁴ PIÉ-NINOT, S., *Introdução à Ecclesiologia*.

³⁴⁵ PIÉ-NINOT, S. (Coord.), *Guía de lectura e interpretación de Amoris laetitia*.

³⁴⁶ PIÉ-NINOT, S. (Coord.), *Guía de lectura e interpretación de Amoris laetitia*, Prólogo, p. 3 (tradução nossa).

³⁴⁷ PIÉ-NINOT, S., *Magisterio de la Iglesia sobre el laicado*.

³⁴⁸ Destaca-se que o desenvolvimento apresentado neste tópico da presente pesquisa baseou-se, prioritariamente, no capítulo 3 da Parte I: *La Sacramentalidad como principio hermenéutico de la Ecclesiología*, na obra de PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 175-210. Ao longo de tal estudo, porém, pôde-se observar que, sua contribuição na redação do verbete: *Sacramentalidad*, para o dicionário de VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Ecclesiología*, p. 1320-1336, foi realizada extraindo-se o mesmo conteúdo do capítulo da obra anterior, por vezes, diferenciando-se do texto original mediante pequenas sínteses deste. Assim, sendo esta obra mais recente do que aquela e, por vezes, mais sintética, em alguns momentos da pesquisa, quando estas se mostravam mais adequadas para o melhor entendimento da abordagem temática do autor e, conseqüentemente, para a apresentação no presente trabalho, serviu-se a presente tese de tais sínteses do dicionário, preferivelmente ao texto do livro base. Entretanto, sempre que for relevante, notas serão apresentadas evidenciando-se tais diferenças.

Partindo do Concílio Vaticano II (1962-1965), Pié-Ninot desenvolve a temática da Igreja como “Sacramento universal de salvação” (LG 48), e enfatiza que este Concílio serviu para um resgate do sentido e do entendimento dessa “sacramentalidade”. Para tal, o autor percorre brevemente o significado da “sacramentalidade da Igreja” nos principais documentos do referido Concílio Ecumênico, apresentando o contexto prévio aos textos definitivos e a ênfase que o mesmo dá para a palavra “sacramento”, quer seja como “sacramento de Cristo”, “sacramento de unidade”, ou mesmo, como “sacramento universal de salvação da humanidade e do mundo”. Pié-Ninot trata ainda da Igreja-Sacramento como fator de uma eclesiologia relacional, e evidencia que a Sacramentalidade salvífica universal da Igreja se apresenta como o viés positivo do axioma de Cipriano e de Orígenes: “fora da Igreja não há salvação”, destacando que o ser concreto sacramental da Igreja é dependente do ser concreto pessoal, Jesus Cristo. Pié-Ninot arremata sua argumentação com um desenvolvimento sobre a sacramentalidade como categoria teológico-hermenêutica tríplice: do sinal interior, exterior e como paradoxo.

A definição que Pié-Ninot faz de sacramentalidade pode ser assim destacada em dois dos seus principais escritos:

O pensamento “sacramental” é uma forma de compreensão tipicamente cristã que quer expressar que uma realidade ou um acontecimento é “mais”, contém algo “mais profundo”, do que o que aparece na exterioridade. A palavra “sacramentalidade”, pois, se converte numa categoria teológico-hermenêutica, uma vez que expressa como a realidade interior e mais profunda do Deus transcendente se serve como que de meio da realidade exterior. Por isso, a história de Deus com a humanidade tem uma estrutura sacramental no sentido de que o movimento que parte de Deus e volta a Deus, ao longo de toda a história humana, vai adquirindo características sacramentais cada vez mais precisas, que não se baseiam apenas em compreensão e interpretação humanas, mas estão ligadas à promessa explícita e eficaz de Deus.³⁴⁹

Vejamos como Salvador Pié-Ninot destaca a sacramentalidade da Igreja como novo lugar sociocultural em sua Eclesiologia, iniciando por breve percurso histórico até o Concílio Vaticano II (1962-1965).

3.1.1

A Sacramentalidade da Igreja em breve percurso histórico até o Vaticano II

³⁴⁹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 957-958 (tradução nossa).

Pié-Ninot inicia tal percurso destacando a analogia bíblica existente sobre o conceito de “sacramento”, relacionado com o termo “mistério”; analogia esta, inicialmente apresentada em textos paulinos, especialmente na carta aos Efésios (Ef 5,32; 1,9-10; 3,3-4.9-10; 6,19),³⁵⁰ e também como “*mysterion*”, numa conotação referenciada ao plano salvífico de Deus, tal como revelado em Cristo e na Igreja, conforme S. Paulo nos apresenta (Cl 1,26; 2,2; Rm 16,25-26),³⁵¹ donde as traduções antigas relacionam a palavra “*mysterion*” com “*sacramentum*”. Como afirma Pié-Ninot: “dado, então, que nas antigas versões latinas a palavra *mysterion* era traduzida por *sacramentum*, é óbvio chamar a Igreja de *sacramentum*, e mesmo o próprio Cristo”.³⁵² Menciona ainda que já a Didaqué (ano 70 d.C.) falava de um “‘mistério cósmico da Igreja’ (Didaqué 11,11)”,³⁵³ e que Cipriano de Cartago, inclusive citado pelo Vaticano II, falava de um “sacramento da unidade”:

No Ocidente, o primeiro testemunho explícito é o de Cipriano († 258), “sacramento da unidade” (“*sacramentum unitatis*”, em *De cath. eccl. unitate*, 7, com *Ep.* 66,8, citados em SC 26, e *Ep.* 69,6, citado em LG 9), significando que a Igreja é sacramento porque sua “realidade última” (*res*) significada é a unidade da Trindade.³⁵⁴

Pié-Ninot também refere que a *Sacrosanctum Concilium* (SC) n. 5, do Vaticano II, vai se apropriar de uma expressão usada por Agostinho († 430), em *Enarr. in Psalmos*, 138,2, ao afirmar que: “Pois do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja”.³⁵⁵ Mas será Tomás de Aquino (†1274) que, segundo Pié-Ninot, vai definir com precisão o termo “sacramento” como sendo “o sinal de uma realidade espiritual que santifica os homens”.³⁵⁶ Será também neste mesmo século, que se fará a distinção entre “sacramento” e “mistério”, onde “o sacramento é um sinal visível que significa algo, o mistério é algo oculto significado por ele”.³⁵⁷ Com efeito, prossegue Pié-Ninot, será neste século que permanecerá uma concepção agostiniana de Cristo como verdadeiro “sacramento da encarnação”, que formará a base de toda a Sacramentalidade, pois, inclusive Tomás de Aquino poderá afirmar que “o sacramento se assemelha de

³⁵⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 176.

³⁵¹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 176.

³⁵² PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 176 (grifos em itálico são do autor; tradução nossa).

³⁵³ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 176 (tradução nossa).

³⁵⁴ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 176 (grifos em itálico são do autor; tradução nossa).

³⁵⁵ SC 5 (grifos em itálico são nossos para destacar a expressão de Agostinho).

³⁵⁶ ST III, q. 60, a. 2. *apud* PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 177 (tradução nossa).

³⁵⁷ ALGERO DE LIEJA, *De Sacramentis* 1,5, *apud* PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 177 (tradução nossa).

algum modo ao Verbo encarnado”³⁵⁸ e que “Jesus Cristo é o instrumento próprio e completo” da divindade, uma vez que “os outros sinais de salvação são instrumentos extrínsecos e separados”.³⁵⁹ Por sua vez, só há um único sacramento visível que é Cristo, através do qual todos os demais sacramentos nele e por ele se realizam e ocorrem na vida dos cristãos na Igreja.

Dando seguimento ao percurso histórico, Pié-Ninot destaca que já no Concílio Vaticano I (1870) se encontram indícios de uma visão sacramental da Igreja, especialmente em linha com o cardeal Dechamps († 1883),³⁶⁰ padre sinodal, que recordou o “sinal” que é a Igreja de Cristo, como sendo “um grande e perpétuo motivo de credibilidade, visto que é um sinal elevado diante de todas as nações”.³⁶¹

Expõe Pié-Ninot:

Como transfundo teológico [da afirmação da Igreja como “motivo de credibilidade”] se encontra a obra do professor da Universidade de Lovaina e depois arcebispo de Mechelen (Bruxelas), o Cardeal Victor-Auguste Dechamps (1810-1883), que participou e influenciou de forma decisiva sobre este tema no Vaticano I como padre conciliar. Tal influência é reconhecida unanimemente pelos estudos especializados sobre o Vaticano I (G. Thils, R. Aubert, Y. Congar, H. J. Pottmeyer, L. Boff, Kl. Schatz...). Tal enfoque apologético-ecclesiológico para mostrar a Igreja como “motivo de credibilidade” foi qualificado posteriormente como *via empirica* por H. Dieckmann e desde então é assim conhecido.³⁶²

Segundo Pié-Ninot, o cardeal Dechamps evidenciou o chamado “método da Providência Divina”, no qual, partindo da consideração da incapacidade humana de se relacionar diretamente com Deus (feito interior), e do fato da Igreja Católica ser um “milagre moral” por suas notas características (feito exterior), há uma interseção de salvação para o ser humano através da providência de Deus que age mediante a sua Igreja. Desta forma, ia se evidenciando uma integração plena entre o Cristo como Verbo encarnado e a sua Igreja. Cresciam, assim, os elementos para uma teologia da Igreja como *sacramento de salvação trazida por Cristo*, emergindo com força a integração entre a Cristologia e a Ecclesiologia. Neste sentido, Pié-Ninot realça que a encíclica *Mystici Corporis* (1943) de Pio XII vem ratificar esse ponto: “A Igreja é o instrumento do Verbo encarnado na distribuição dos frutos da

³⁵⁸ ST III, q. 60, a. 6c. *apud* PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 177 (tradução nossa).

³⁵⁹ *Summa contra gentiles*, IV, a. 41, *apud* PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 177 (tradução nossa).

³⁶⁰ Neste ponto, observa-se que, no dicionário de *Ecclesiología* (ed. BAC), Pié-Ninot não menciona o cardeal Dechamps. Contudo, julgamos oportuno manter seu nome, seguindo o texto do livro de *Ecclesiología* de Pié-Ninot (ed. *Sígueme*), visto ter sido tal padre sinodal mencionado de modo relevante pelo autor em sua obra *La Teología Fundamental* (ed. *Secretariado Trinitario*), do qual nos servimos na abordagem feita em nossa dissertação, tendo sido aí mencionado sete vezes, dada a sua relevância em tal Concílio Ecumênico (CORREIA, L. C. M., O testemunho na Igreja, p. 27.65.88).

³⁶¹ PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 178 (tradução nossa).

³⁶² PIÉ-NINOT, S., *La Teología Fundamental*, p. 555 (tradução nossa).

redenção, um instrumento válido e indefectível (*Mystici Corporis*, 30)”.³⁶³ E completa Pié-Ninot:

Serão O. Semmelroth e K. Rahner os que aplicam à Igreja a expressão “protossacramento” (*Ursakrament*) para diferenciá-la dos sete sacramentos, ou seja, “sacramento radical e fundamental” (*Wurzel o Grundsakrament*), ou a expressão inspirada por Y. Congar “sacramento universal de salvação”, usada três vezes no Vaticano II (LG 48; AG 1; GS 45).³⁶⁴

No entanto, será no Concílio Vaticano II que a noção da Igreja como sacramento de salvação será claramente evidenciada, especialmente na Constituição *Lumen Gentium* (LG), n. 1: “A Igreja é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”.³⁶⁵ É desta forma, segundo Pié-Ninot que, o Concílio Vaticano II assinala uma posição diversa à do Concílio de Trento,³⁶⁶ para o qual só haviam sete sacramentos instituídos por Cristo.³⁶⁷ Precisamente, é por esta Igreja-Sacramento que se produzem e ocorrem todos os demais sete sacramentos. Destacam-se aqui dois efeitos da Igreja: a Igreja como “sinal” (caráter de manifestação de Deus ao mundo) e como “instrumento” de mediação das graças sacramentais (caráter mediador).³⁶⁸

Vejamos como Pié-Ninot apresenta a sacramentalidade agora no Concílio Vaticano II.

3.1.2 A Sacramentalidade no Concílio Vaticano II

A ação salvífica de Cristo para com a humanidade é apresentada em vários documentos³⁶⁹ do Concílio Vaticano II como uma *sacramentalidade* presente e viva

³⁶³ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 179 (tradução nossa).

³⁶⁴ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 179 (tradução nossa). Destacamos, entretanto, que, no dicionário de *Eclesiología* (ed. BAC), Pié-Ninot esclarece que O. Semmelroth inicialmente usa o termo “sacramento originário” (*Ursakrament*) e, depois do Concílio Vaticano II, o termo “sacramento radical ou fontal” (*Wurzelsakrament*); Karl Rahner aplica o termo “protossacramento” (*Ursakrament*) à Igreja; e Yves Congar inspirará o termo “sacramento universal de salvação”, também empregado três vezes no Vaticano II [LG 48, AG 1, GS 45] (In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Eclesiología*, p. 1322-1333).

³⁶⁵ LG 1.

³⁶⁶ DH 1601.

³⁶⁷ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 180.

³⁶⁸ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 180.

³⁶⁹ Por dez vezes, a palavra “sacramento” é mencionada no Concílio do Vaticano II, a saber: Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 1, 9, 48 e 59; Constituição *Sacrosanctum Concilium*, 5 e 26; Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 42 e 45; Decreto *Ad Gentes*, 1 e 5; podendo ser ainda mencionada a expressão similar “auxílio geral de salvação”, de que trata o Decreto *Unitatis*

na Igreja de Cristo, descrita pelo mesmo Concílio como “sacramento universal de salvação” (LG 48), conceito este que, apesar de já estar enraizado na Tradição patrística e na recente Teologia, tem a novidade de ser, como observa Pié-Ninot: “a primeira vez em que se emprega a palavra ‘sacramento’ a uma realidade não litúrgico-ritual num Concílio, ligando-se a dita realidade à cristologia ao invés da sacramentologia”.³⁷⁰

No tocante aos documentos de tal Concílio, iniciando pela *Sacrosanctum Concilium*, Pié-Ninot observa haver uma preparação à redação de tal documento considerada a partir de textos de teólogos anteriores, tais como: P. Broutin, O. Semmelroth e E. Schillebeeckx.³⁷¹ Tais obras já mencionavam que a Igreja é “sacramento de salvação” e, também, que Cristo é “o sacramento do Pai”. Estas concepções serviriam de base para este documento conciliar, muito embora, não mencione explicitamente tais expressões para “não criar dificuldades”, segundo afirma I. Oñatibia.³⁷² Por isso, o mesmo documento vai utilizar essas expressões duas vezes, mas inseridas em citações da Patrística, seja na SC 5, citando uma passagem de Agostinho, seja na SC 26, com uma citação de Cipriano de Cartago.³⁷³

No tocante à *Lumen Gentium* (LG), visto ter esta Constituição o objetivo de relacionar a unidade do mundo com Cristo (LG 1), o efeito sacramental da Igreja é posto em destaque: uma vez, em aspecto eclesiológico (LG 9); e duas vezes, em aspecto soteriológico (LG 48 e 59).³⁷⁴ Pié-Ninot vai destacar três sentidos para a realidade sacramental da Igreja, a seguir expostos:³⁷⁵

Redintegratio, 3: “Somente através da Igreja católica de Cristo, auxílio geral de salvação, pode ser atingida toda a plenitude dos meios de salvação” (UR 3).

³⁷⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 175 (tradução nossa).

³⁷¹ BROUTIN, P., *Mysterium Ecclesiae* (1947); SEMMELROTH, O., *La Iglesia como sacramento universal* (1955); SCHILLEBEECKX E., *Cristo sacramento del encuentro con Dios* (1960), *apud* PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 180.

³⁷² OÑATIBIA, I., *La eclesiología en la SC*, en *Costituzione liturgica “Sacrosanctum Concilium”*, Roma, 1986, p. 172s, *apud* PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 181, nota de rodapé, 15 (tradução nossa).

³⁷³ AGOSTINHO, *Enarr. In Ps.* 138,2 (vide item 3.2.1 deste capítulo); CIPRIANO, *De cath. eccl. unitate*, 7, *apud* PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 181. Destacamos que, no dicionário de *Eclesiología* (BAC), Pié-Ninot acrescenta que esta expressão de Agostinho foi “já citada pela encíclica de Leão XIII, *Divinum illud munus* [AAS 29 – (1896) 649]”, *apud* VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Eclesiología*, p. 1323-1324 (os grifos em itálico são do autor – tradução nossa).

³⁷⁴ Pié-Ninot apresenta o mesmo efeito sacramental também ocorrendo em outros três documentos do Concílio: o efeito eclesiológico em SC 26; e o efeito soteriológico, também em AG 1; 5; GS 45. In: PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 182.

³⁷⁵ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 183.

1) a Igreja como “sacramento de Cristo” destacado pela LG 1,³⁷⁶ texto este retomado pela *Gaudium et Spes* (GS), n. 42: “A promoção da unidade se harmoniza com a missão íntima da Igreja, porquanto ela é ‘em Cristo como que um sacramento ou sinal e instrumento da união profunda com Deus e da unidade de todo o gênero humano’”,³⁷⁷

2) a Igreja como “sacramento de unidade”: tal expressão ocorre na LG 9, quando afirma que “Deus convocou e constituiu a Igreja [...] a fim de que ela seja para todos e para cada um o sacramento visível desta salutífera unidade”,³⁷⁸ em referência a Cipriano de Cartago (*Ep.* 69, 6).

3) a Igreja como “sacramento universal de salvação da humanidade e do mundo”. O qualificativo “de salvação” aparece cinco vezes nos documentos conciliares,³⁷⁹ sendo que destas, duas ocorrem na LG (n. 48 e 59), evidenciando que este sinal de salvação é para toda a humanidade. No tocante ao adjetivo “universal” (LG 48), Pié-Ninot corrobora que este termo “põe em relevo o caráter único desta sacramentalidade que se oferece, não somente aos crentes, mas a toda a humanidade”.³⁸⁰

Desta forma, são postos em realce os principais aspectos da sacramentalidade da Igreja, quer como efetivo “sacramento”; quer como fator promotor de “união” de toda a humanidade; quer, finalmente, como sinal de “salvação universal”.

3.1.3

A Igreja-sacramento como expressão de uma eclesiologia relacional

A Igreja se coloca em relação com outras instâncias teológicas: seja *crisológica*, visto ser a Igreja sinal e instrumento de Cristo; seja *escatológica*, uma vez que a realidade sacramental aponta à condição peregrinante da Igreja militante rumo à triunfante; seja ainda, *soteriológica*, pois significa e realiza a salvação pessoal trazida por Cristo; e mesmo, *católica*, no sentido de universal, pois se destina e se aplica a todos, sem exceção, conforme expõe Pié-Ninot.³⁸¹ Complementa afirmando que, em tais relações, se evidencia o aspecto fundamental

³⁷⁶ Vide a citação da LG 1, no último parágrafo do item 3.2.1 deste capítulo.

³⁷⁷ GS 42.

³⁷⁸ LG 9.

³⁷⁹ LG 48.59; GS 45; AG 1.5. In: PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 183.

³⁸⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 183.

³⁸¹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 184.

da Igreja como “sacramento” de Cristo, sinal cristão por excelência, uma vez que “o visível é mediação do invisível”, pois “a salvação oferecida por Deus através de Jesus Cristo no Espírito, se dá como sinal e instrumento concreto e histórico que é a Igreja”.³⁸² Isso caracteriza o que o autor chama de “eclesiologia relacional” da sacramentalidade.³⁸³ Ele vai mais à frente destacando que esta eclesiologia relacional existe e se realiza numa “ontologia relacional” somente encontrada em Cristo e na sua Igreja, seu Corpo Místico, constituindo, desta forma, uma realidade única entre a Pessoa de Jesus e a sua Igreja, o povo de Deus.³⁸⁴ Em complemento, Pié-Ninot, citando a LG, realça que o verbo “subsistir”, especialmente mencionado em LG 8, ratifica este entendimento. Afirmo ele:

Esta eclesiologia relacional da sacramentalidade eclesial fica bem sintetizada no texto inicial da LG, onde se afirma em que sentido a Igreja é sacramento. Assim, a Igreja é sacramento de “união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1). E o é, nada mais, nada menos, do que “da salvação” (LG 48, 59; AG 1, 5; GS 45) e “da unidade” (LG 48; AG 1; GS 45), por excelência sintetizada na filiação divina e na fraternidade humana universal, as quais podem resumir-se na invocação inicial da oração do Senhor: “Pai (filiação) nosso (fraternidade)”.³⁸⁵

Pié-Ninot segue destacando que esta Igreja como sacramento universal de salvação se apresenta como que o reverso positivo do axioma de Orígenes († 253) e de Cipriano († 258), o qual se mostrava inicialmente como um chamado contra aqueles que punham em risco a unidade da Igreja, com seus cismas e heresias.³⁸⁶

3.1.4

A sacramentalidade salvífica universal da Igreja como reverso positivo do axioma “Fora da Igreja não há salvação”³⁸⁷

³⁸² PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 184.

³⁸³ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 184.

³⁸⁴ Cabe destacar que, em seu livro de *Eclesiología* (ed. Sígueme), Pié-Ninot dá continuidade a esta exposição, não citada no dicionário de *Eclesiología* (ed. BAC). Naquela obra, Pié-Ninot enfatiza que “a passagem de uma eclesiologia ‘societária e estática’ – dominante antes do Vaticano II – para uma eclesiologia ‘sacramental’, comporta reencontrar a dimensão relacional da sua realidade, que é escatológica, isto é, que ‘já’ está plenamente presente, mas ‘ainda não’ chegou à realização plena na história”. E conclui: “Por isso, com fineza teológica, a LG 8 afirma que [...] a Igreja Católica ‘subsiste’ [...], para dar muito mais valor aos elementos eclesiais que estão ‘fora da Igreja visível’”. In: PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 185; comparado à PIÉ-NINOT, S., *Sacramentalidad*. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Eclesiología*, p. 1326.

³⁸⁵ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 185.

³⁸⁶ Pié-Ninot dedica: o cap. 2 (*La Iglesia, “Germen y comienzo del Reino de Dios” – LG 5*); o cap. 3 (*“La Eclesiología teológica” de Tomás de Aquino – La Iglesia “obra y efecto de la gracia”*); e o cap. 4 (*El porqué de la Iglesia – Visibilidad histórica y Espíritu de Cristo – LG 8*) da Parte 2 de sua obra *Eclesiología*, para o desenvolvimento desta temática, não abordado no enfoque da presente tese. In: PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 229-253.

³⁸⁷ Cabe ressaltar que no item *La sacramentalidad salvífica universal de la Iglesia como reverso positivo del axioma “fuera de la Iglesia no hay salvación”* (“*extra Ecclesiam nulla salus*”), com redação ocupando três páginas de seu livro de *Eclesiología* (in: PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p.

Pié-Ninot faz um apanhado histórico de vários Concílios e pronunciamentos da Igreja nos quais este axioma foi utilizado para realçar a decisiva importância da salvação da Igreja,³⁸⁸ mas ressalta, propriamente, que nunca houve uma aplicação específica e unilateral à sua interpretação, pois várias foram as contribuições que, em paralelo, ao longo do tempo, traziam uma conotação mais atenuada ao axioma.³⁸⁹ No parecer de Pié-Ninot, “o Vaticano II recupera este axioma com uma formulação positiva quando afirma que ‘esta Igreja peregrina é necessária à salvação’ (LG 14), pois é ‘sacramento universal de salvação’ (LG 48; GS 45; AG 1)”.³⁹⁰ E acrescenta que o Catecismo da Igreja Católica³⁹¹ e seu respectivo Compêndio³⁹² citam tal axioma em seu aspecto positivo,³⁹³ inclusive ao mencionar a necessidade do Batismo.³⁹⁴ Deste modo, na presente tese corrobora-se com o autor ao entender que o Batismo é necessário à salvação, em quaisquer de suas três modalidades (de sangue, de desejo explícito ou de desejo implícito). Daí, o entendimento positivo do axioma.

3.1.5

A sacramentalidade salvífica universal da Igreja como expressão de seu ser *Universale Concretum Sacramentale*

Neste tópico, Pié-Ninot cita o teólogo V. Balthasar,³⁹⁵ que aplica a Cristo a categoria de “universal concreto”, ao se referir à correlação que existe entre Cristo,

185-187), Pié-Ninot omite este item no verbete *Sacramentalidad*, no dicionário de *Eclesiología* (ed. BAC). Tal consideração leva a considerar a breve reflexão deste tópico aqui apresentada.

³⁸⁸ Foram citados os seguintes documentos eclesiais: Sínodo de Toledo em 693 (DH 575); Inocêncio III em 1208 (DH 792); Concílio do Latrão IV em 1215 (DH 802); Bonifácio VIII em 1302 (DH 870); Concílio de Florença em 1442 (DH 1351); o Credo do Concílio de Trento em 1564 (DH 1870); Pio IX em 1863 (DH 2867, afirmado como dogma católico), *apud* PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 185.

³⁸⁹ Tais citações ocorreram, num aspecto negativo: em 1653, contra o jansenismo (DH 2005); em 1713, contra Quesnel (DH 2429); e num aspecto positivo: no Concílio de Trento (DH 1524); em 1863, por Pio IX contra o indiferentismo (DH 2866); em 1943, na *Mystici Corporis*, 101 (DH 3821); e, em 1949, na carta ao arcebispo de Boston (DH 3870. 3872), *apud* PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 186.

³⁹⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 186 (tradução nossa).

³⁹¹ CEC 846-848.

³⁹² COMPÊNDIO 171.

³⁹³ Em adição, é de se observar que na edição do Dicionário de *Eclesiologia* (PIÉ-NINOT, S., *Sacramentalidad*. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Eclesiología*, p. 1320-1336), no qual Pié-Ninot reescreve este capítulo de seu livro *Eclesiologia* até aqui citado, sintetizando-o, o autor omite este tópico.

³⁹⁴ CEC 1257-1261; COMPÊNDIO 261-262.

³⁹⁵ “A singularidade de Deus se irradia e se comunica a Cristo, o qual a passa ao seu Corpo, que é, ao mesmo tempo, sua esposa: a Igreja. Por isso, a Igreja pode ser entendida como uma realidade ‘concreta’ (*concretum*) que, à sua maneira, missionariamente, deve ser ‘universal’ (*universale*)”

a Igreja e o Cristianismo, enfatizando que tal universalidade da salvação se irradia para toda a Igreja, na medida em que esta é peregrina e missionária, e desenvolve, assim, o papel de ser sacramento (sinal) de Cristo em sua missão no mundo através do Cristianismo. Alerta, no entanto, que tal aplicação de “sacramento universal” de salvação feita à Igreja deve ser entendida de um modo a não se eliminar a singularidade de Cristo como o único Salvador da humanidade, recebida de Deus e que o Senhor a transmite, por derivação, à Igreja. Em outras palavras, não se deve deixar de lado o caráter único da salvação que nos vem pelo único mediador, que é Cristo Senhor.

Em continuidade, Pié-Ninot complementa a colocação do citado teólogo no tocante ao caráter único e universal do Cristianismo, através da pessoa de Cristo, portanto, no adjetivo “pessoal”, e expande tal noção, derivando-o à Igreja com o adjetivo de “sacramental”, pois que esta é, no seu entendimento, sinal de salvação trazida por Cristo na história humana. Assim, diz Pié-Ninot:

Afirmar que a Igreja é um “universal concreto sacramental” é destacar sua historicidade, o sinal histórico da salvação única e universal dada em Jesus Cristo. Com efeito, da mesma forma que para um cristão, também para a Igreja, existe um crescimento até chegar à “plenitude de Cristo” (Ef 3,14; Cl 2,2), já que, por sua vez, esta é para ela dom e missão. Em definitivo, a historicidade da Igreja, evidenciada por seu ser “sacramento, sinal e instrumento” (LG 1), manifesta que, por um lado, durante o presente mundo, o seu conhecimento da fé permanece sempre “parcial” (1Cor 13,9), e, por outro lado, a Igreja histórica e concreta continua sendo peregrina e, portanto, “sempre necessitada de salvação” (LG 8).³⁹⁶

Ou seja, o caráter único de salvação nos é trazido por Cristo, cujo poder salvífico recebido do Pai é transmitido à Igreja que realiza a salvação de Cristo no mundo e que é também “sempre necessitada de salvação”.³⁹⁷ Por isso, Pié-Ninot insiste que a colocação do caráter “pessoal” da salvação atestada por Von Balthasar, deve ser completada com o caráter “sacramental” ao se referir à Igreja, pois, falar de “universal concreto sacramental” é considerar o aspecto histórico da Igreja de Cristo.³⁹⁸

(BALTHASAR, H. U. V., Teología della storia [Brescia 1964 69]; Teología de la historia. Madrid, 1992, *apud* PIÉ-NINOT, S., Sacramentalidad. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1326 – tradução nossa).

³⁹⁶ PIÉ-NINOT, S., Ecclesiología, p. 188-189 (tradução nossa).

³⁹⁷ LG 8.

³⁹⁸ Cabe destacar que esse adendo feito por Pié-Ninot está contido apenas no seu livro *Ecclesiología* (in: PIÉ-NINOT, S., Ecclesiología, p. 188), tendo sido omitida no verbete *Sacramentalidad* do dicionário da BAC.

3.1.6

A sacramentalidade como categoria teológico-hermenêutica

Conforme mencionado anteriormente,³⁹⁹ Pié-Ninot destaca que a sacramentalidade representa uma categoria teológico-hermenêutica na medida em que a realidade interior de Deus transcendente se serve da realidade externa como meio de se tornar presente à humanidade. Acrescenta que não somente se pode considerar os sete sacramentos definidos pelo Concílio de Trento,⁴⁰⁰ mas, no tocante a uma sacramentalidade, pode-se falar, também, de “sacramentos naturais” (nascimento, serviço comunitário, matrimônio, morte...), e mesmo de “sacramentos veterotestamentários” (a circuncisão, o culto no Templo, as unções...), em conformidade com a tradição teológica.⁴⁰¹ Todos são sinais externos que trazem em si mesmos, profundas significações teológicas internas, as quais conectam a humanidade ao transcendente. Aponta também para uma novidade que o Concílio do Vaticano II traz ao mencionar dez vezes a expressão “sacramento” e seus derivados,⁴⁰² referindo-se à estrutura própria da revelação cristã transmitida pela Igreja. Acrescenta Pié-Ninot que:

Deste modo, a sacramentalidade se revela como uma categoria teológico-hermenêutica por excelência para expressar a economia da revelação centrada em Jesus Cristo, como sacramento originário e, por meio de sua Igreja, como sacramento fundamental; e cada um dos sacramentos concretos como realizações atualizadoras do sacramento fundamental.⁴⁰³

Neste aspecto da sacramentalidade da Igreja, Pié-Ninot menciona duas características,⁴⁰⁴ apresentadas nos tópicos a seguir:

3.1.6.1

A “ontologia relacional” da Igreja-sacramento como categoria hermenêutica central

³⁹⁹ Tópico 3.2 do presente trabalho.

⁴⁰⁰ DH 1602 e 1639.

⁴⁰¹ Pié-Ninot cita Agostinho, Boaventura, Tomás de Aquino, Francisco Suárez (PIÉ-NINOT, S., Sacramentalidad. In: VILLAR, J. R. [Coord.], et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1326).

⁴⁰² As dez ocorrências para a expressão “sacramento” no Concílio Vaticano II foram elencadas na nota de rodapé 369 do item 3.1.2 da presente tese.

⁴⁰³ PIÉ-NINOT, S., Ecclesiología, p. 190; PIÉ-NINOT, S., Sacramentalidad. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1327 (tradução nossa).

⁴⁰⁴ A característica que o autor apresenta no livro *Ecclesiología* (in: PIÉ-NINOT, S., Ecclesiología, p. 190), cujo título é *La Sacramentalidad como epistemología realista y mediata* é omitida no mesmo trecho do dicionário (BAC). Para o desenvolvimento deste item no presente trabalho, tomou-se por base o referido dicionário, sendo apresentadas, portanto, duas características conforme o dicionário, e não, três (in: PIÉ-NINOT, S., Sacramentalidad. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1327-1328).

O autor destaca que tais ocorrências do Concílio Vaticano II não aparecem como considerações soltas, mas sim, como reflexos de uma relação direta da Igreja em sua própria ontologia. Em outras palavras, no próprio sentido de ser da Igreja visível no mundo, em seus aspectos socioculturais, existe, intrinsecamente, o aspecto teológico principal de ser “sacramento de Cristo ao mundo”, numa ontologia relacional com a Igreja-sacramento em sua hermenêutica central. Afirma Pié-Ninot:

Se trata de uma afirmação que se encontra junto ao restante das afirmações teológicas sobre a Igreja. A dita afirmação explica a relação constitutiva que existe entre vários aspectos parciais da Igreja, sobretudo, entre sua realidade espiritual, mistérica e meta-empírica, e sua realidade histórica, humana e sociológica. Nesta “ontologia relacional” da Igreja sacramento, encontramos a categoria hermenêutica apropriada para unir seus diversos aspectos mistérico-históricos, a saber: a “Igreja procedente de Deus” e a “formada pelos homens”, sua santidade e sua necessidade de purificação em seus membros, sua transcendência e sua historicidade, o dom de Deus que ela comunica e suas mediações visíveis...⁴⁰⁵

Em suma, a Igreja é sacramento porque nos torna participantes da união com Deus mesmo, em Jesus Cristo, o qual a própria Igreja nos traz e realiza ontologicamente, ou seja, no próprio ser da Igreja de Cristo. Arremata Pié-Ninot dizendo que a “Igreja visível por ser sacramento tem importância pelo fato de ser a corporificação da presença de Deus em Jesus Cristo e evitar, tanto um espiritualismo fundamentalista [...], quanto um materialismo jurídico [...]”.⁴⁰⁶ Por isso, ao afirmar a sacramentalidade da Igreja, é possível se afirmar esta característica ontológico-relacional da sua realidade mediadora entre Deus e a humanidade e vice-versa.

3.1.6.2

A tríplice dimensão do sacramento

A outra característica apontada por Pié-Ninot é a de que toda realidade sacramental possui, como afirmava Tomás de Aquino, três aspectos: um interno, um externo e, outro, teológico. Afirmava Tomás:

Em cada sacramento existe algo que é *sacramentum tantum* (somente o sacramento, ou o sinal exterior), algo que é a *res tantum* (a realidade última teológica) e algo que é *res et sacramentum* (a realidade e o sinal interior intermediário).⁴⁰⁷

⁴⁰⁵ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 191 (tradução nossa).

⁴⁰⁶ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 192 (tradução nossa).

⁴⁰⁷ AQUINO, T., *Sent. IV*, d. 4, q. 1, a. 4, q. 2, *apud* PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 192 (tradução nossa).

Ora, todo sacramento em si com sua realidade externa, aponta necessariamente a uma realidade interna, de unir a pessoa ao Cristo, como efeito imediato de sua aplicação. Em outras palavras, o sacramento tem o papel principal de incorporar a pessoa que o recebe ao sacramento primordial, que é a Igreja, numa perspectiva eclesial e teológica. Assim, os sinais sacramentais externos apontam para realidades internas de incorporação à Igreja num elo teológico da humanidade com o transcendente.⁴⁰⁸

Um apanhado englobando os itens anteriores,⁴⁰⁹ ainda que num breve desenvolvimento, é apresentado por Pié-Ninot no tópico a seguir.

3.1.7

As três dimensões da sacramentalidade e suas aplicações na Ecclesiologia⁴¹⁰

A estrutura tríplice da noção de sacramento pode ser conduzida ao entendimento aplicado ao modo de se entender a Ecclesiologia, ou seja, pode-se entender a Igreja: em sua fenomenologia eclesial, propriamente dita; em sua realidade como povo de Deus; e em seu mistério de ser Igreja como Corpo Místico de Cristo.

A primeira dimensão, dita “ontológica”, faz alusão à realidade teologal e última da Igreja como “realidade de filiação divina e de fraternidade universal”, conforme nos apresenta Pié-Ninot.⁴¹¹ É o sentido no qual a Igreja se põe em vista de sua finalidade última de promover a união de todos os povos (fraternidade) com Deus (filiação), em linha com a missão salvífica de Cristo.

A segunda dimensão trata da Igreja como uma “comunidade” de pessoas que creem em Cristo. Em sua exposição, Pié-Ninot fala de uma realidade “meta-empírica” da Igreja, a qual se apresenta como “comunidade de fé, esperança e amor,

⁴⁰⁸ Tal aspecto é apresentado por Pié-Ninot de modo bem sintético também em seu *Diccionario de Ecclesiología* da San Pablo (O'DONNEL, C.; PIÉ-NINOT, S., *Diccionario de Ecclesiología*, p. 959-960).

⁴⁰⁹ Itens 3.2.6.1 e 3.2.6.2.

⁴¹⁰ Cabe ressaltar que, em seu livro de *Ecclesiología* (PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 193-195), Pié-Ninot faz breve comentário sobre os autores que aplicaram tais dimensões da Sacramentalidade antes (A. G. Martimort, Y. Congar, P. Tena e W. Beinert) e depois do Concílio Vaticano II (J. H. Nicolas, T. Citrini, B. Gherardini, C. Gouyau e A. Dulles). Tais notas, porém, foram omitidas no dicionário de Ecclesiología da BAC.

⁴¹¹ PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 195 (tradução nossa). Pié-Ninot cita diversos textos do Concílio Vaticano II que aludem a esta dimensão e a ratificam: LG 1, 48 e 59; AG 1 e 5; GS 45.

convocada pela profissão de fé, pelos sacramentos e pelo ministério pastoral”,⁴¹² e acrescenta que tal dimensão é um sinal interno, interior, da Igreja de Cristo. Sobre o ministério pastoral dos bispos em sua tríplice função de “ensinar, santificar e reger” o povo de Deus, afirma o Decreto *Christus Dominus* do Vaticano II:

Cada bispo a que se confiou o especial cuidado de uma Igreja particular, sob a autoridade do Romano Pontífice, apascenta como seu pastor próprio, ordinário e imediato, as ovelhas em nome do Senhor, exercendo sobre elas o múnus de ensinar, santificar e reger.⁴¹³

No tocante à terceira dimensão, a Igreja se constitui como uma “sociedade eclesial”. Pié-Ninot realça que, uma vez que a Igreja possui uma presença na história humana, ela “expressa seu sinal exterior, já que se encontra constituída e organizada como uma sociedade”, o que expõe sua “dimensão externa fenomenológica”.⁴¹⁴

Com estas três dimensões, a Igreja se torna visível ao mundo, tanto em sua missão interna, como “sinal eclesial interior” de uma comunidade em torno de Cristo; quanto em sua missão externa, como “sinal eclesial exterior” ou fenomenológico de uma sociedade presente e atuante no mundo, pois “recupera a distinção entre a Igreja ‘do amor’ (*comunidade*) e a Igreja ‘do direito’ (*sociedade*)”;⁴¹⁵ isto é, a distinção entre a Igreja com seu múnus de evangelização, sob o mandato de Cristo (Mt 28,20), e a Igreja institucional, presente juridicamente no mundo como um Estado. Contudo, admoesta Pié-Ninot:

Convém não radicalizar tal distinção, pois em si mesma, [esta distinção] se torna útil para articular e unir, conjuntamente, a dimensão mais jurídica da Igreja e a dimensão mais comunitária. Convém ter presente, em definitivo, que ambas as dimensões são “dispositivas” em relação à “realidade última e teologal”, *ontológica*, da Igreja sacramento. Não sem razão, Tomás de Aquino assim o recordava, ao qualificar a “realidade última” da Igreja como “realidade teologal”, já que sua finalidade é a união com Deus.⁴¹⁶

Tal abordagem feita neste item 3.2.7 será ampliada mais adiante nos tópicos 3.3 e 3.4, dando-se destaque à realidade exterior da Igreja como “sociedade”, e à

⁴¹² PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 195 (tradução nossa). No tocante a esta dimensão, os textos do Vaticano II mencionados são: LG 8 e 14; CD 11.

⁴¹³ CD 11.

⁴¹⁴ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 195 (os grifos em itálico são do autor; tradução nossa). Para esta terceira dimensão, Pié-Ninot cita as seguintes referências do Concílio Vaticano II: LG 8, 14 e 20.

⁴¹⁵ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 195 (tradução nossa). Texto também apresentado no dicionário (BAC); PIÉ-NINOT, S., *Sacramentalidad*. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Eclesiología*, p. 1328-1329.

⁴¹⁶ Cabe destacar que esse adendo feito por Pié-Ninot (PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 196, tradução nossa) está contido apenas no seu livro *Eclesiología*, tendo sido omitido no verbete *Sacramentalidad* do dicionário da BAC.

realidade interior da Igreja-sacramento como “comunidade”, segundo a Eclesiologia de Pié-Ninot.

3.1.8

Os distintos níveis da “presença de Cristo” na Igreja (SC 7) “como um sacramento” (LG 1) ⁴¹⁷

Prosseguindo em sua análise sobre a sacramentalidade da Igreja, nosso autor apresenta, neste tópico, um breve percurso das várias presenças de Cristo na Igreja, a começar destacando eventos anteriores ao Concílio Vaticano II, e, depois, nos documentos deste mesmo Concílio e posteriores.

Pié-Ninot inicia mencionando que o Concílio de Trento define sacramento como “a forma visível da graça invisível”,⁴¹⁸ fazendo uso da clássica fórmula latina *ex opere operato*⁴¹⁹ em referência aos sete sacramentos produzidos pela Igreja, no sentido de realizar a mesma obra que Cristo fez, recorrendo à teologia sacramental de sua época, em oposição à Reforma Protestante. Conforme este Concílio, a presença de Cristo se realiza em cada sacramento celebrado, uma vez que é o próprio Cristo que os faz (*ex opere operato*).

A tendência da sacramentalidade, propriamente quanto ao uso específico e restrito dos sete sacramentos na Igreja, segundo Pié-Ninot, vai tomando uma conotação ampliada, em meados do séc. XX, mediante a “teologia dos mistérios” de O. Casel, para quem a liturgia é ‘a presença da ação salvífica de Deus sob os véus dos símbolos’.⁴²⁰ Pié-Ninot enfatiza a conotação que é dada à palavra “presença”, como ação salvífica de Cristo em sua Igreja, praticamente se igualando em significado, à palavra “sacramento”, e ampliando, assim, o entendimento deste termo:

A nível filosófico-antropológico, a categoria “presença” assume linhas personalistas e fenomenológicas (E. Husserl, M. Heidegger, M. Buber, G. Marcel), que evidenciam a relação que se gera. Neste sentido, se parte da dupla significação de “presença”: a espaço-temporal, que se inicia com a presença física, e a especificamente humana e interpessoal (“simbólico-real”, segundo K. Rahner). Neste último sentido, aparece sob diversas formas de “presença”

⁴¹⁷ Em seu livro de *Eclesiología* (PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 196-204), Pié-Ninot desenvolve amplamente a temática dos “níveis da presença de Cristo na sacramentalidade” e “o tipo desta presença com sua ação própria na sacramentalidade”, que foram omitidas no dicionário de *Eclesiología* (BAC). Julgando que tais abordagens podem contribuir para com o escopo do presente trabalho, seguimos apresentando os desenvolvimentos destes dois tópicos na obra de Pié-Ninot, referência básica para nosso estudo.

⁴¹⁸ DH 1639, in: PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 196.

⁴¹⁹ DH 1608, in: PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 197.

⁴²⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 198 (tradução nossa).

nos outros: mediante o amor, o espírito, o conhecimento, a solidariedade, o serviço, etc. Tal “presença” poderá ter graus diversos segundo seus fatores concomitantes: a intensidade do ato comunicativo, através do qual a pessoa se comunica, a eficácia objetiva do sinal usado para se comunicar, o número e a variedade de sinais usados, a duração de toda a ação comunicativa efetiva da pessoa ou das pessoas implicadas.⁴²¹

O primeiro documento do Magistério da Igreja que assume esta nova conotação para a sacramentalidade é a encíclica *Mediator Dei* de Pio XII (1947), segundo Pié-Ninot.⁴²² Isso já demonstra o caminho de mudança de significação que vai tomando o sentido original da palavra “sacramento”.

Muito embora não empregue a mesma expressão latina de Trento, o Concílio Vaticano II (1962-1965) fará alusão ao “sacramento” entendido por Trento (inclusive, citando expressamente tal Concílio) e à ação salvífica de Cristo, dando destaque à sua “presença”, ao afirmar na SC 7: “Presente está no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, ‘pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na Cruz’,⁴²³ quanto sobretudo sob as espécies eucarísticas”.⁴²⁴ Percebe-se neste trecho da *Sacrosanctum Concilium* o destaque que é dado à palavra “presença” ainda que fazendo menção a Trento. Como afirmado anteriormente, isso já denota uma mudança de entendimento no sentido da sacramentalidade, e que será também destacada no próprio Concílio pela *Lumen Gentium*, quando afirma que: “O único Mediador e o caminho da salvação é Cristo, que se nos torna presente no seu corpo que é a Igreja”.⁴²⁵ Percebe-se, assim, a amplitude de sentido que a sacramentalidade vai adquirindo.

Também na *Lumen Gentium* 1, esta Constituição se abre afirmando que “a Igreja é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”.⁴²⁶ Pié-Ninot enfatiza a diferença realçada por uma “nota explicativa conciliar que a acompanha, a qual recorda a tradição patrística sobre a expressão ‘sacramento’ aplicada à Igreja”⁴²⁷ no sentido amplo do termo “sacramentalidade”, e o sentido restrito aos sete sacramentos instituídos por Cristo. Segundo o autor, é precisamente a partir destes que se chega àquele entendimento, ou seja, do restrito ao amplo uso do termo. E corrobora

⁴²¹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 198-199 (tradução nossa).

⁴²² PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 199.

⁴²³ “Concílio de Trento, Sessão XXII, 17 set. 1562”, nota de rodapé 20, ref. SC 7.

⁴²⁴ SC 7.

⁴²⁵ LG 14. Destacamos que também LG 26 e 48 destacam a Igreja como presença de salvação no mundo.

⁴²⁶ LG 1.

⁴²⁷ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 196 (tradução nossa).

citando o Decreto *Presbyterorum Ordinis*: “Todos os sacramentos, como os ministérios eclesiásticos e as tarefas apostólicas, se ligam à Sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Pois a Santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja”.⁴²⁸ Ora, se tal ordenamento está relacionado ao sacramento da Eucaristia, o centro de todos os sacramentos, também a Igreja, como comunidade de ministros ordenados com seus ministérios e povo de Deus, é sacramento de união de todos com o Senhor, em sentido amplo.

A seguir, o Papa Paulo VI, mediante a encíclica *Mysterium Fidei* (MF – 1965), explicita os vários modos da presença salvífica de Cristo através da Igreja. Segundo afirma Pié-Ninot, esta presença de Cristo Salvador se dá na Igreja que: reza; exerce suas obras de misericórdia; peregrina rumo à vida eterna na difusão da caridade cristã; prega o Evangelho de Cristo; rege e governa o novo povo de Deus; e, finalmente, na forma mais sublime com o sacramento da Eucaristia.⁴²⁹ Destaca que estas mesmas formas de presença tornarão ainda a ser apresentadas:

[...] no número 26 do *Credo do Povo de Deus*, de Paulo VI (1968); nos números 7 (primeira edição de 1970 e na segunda de 1975) e 27 (terceira edição de 2002) da *Instrução Geral do Missal Romano*; nos números 1373 e 1374 do *Catecismo da Igreja Católica* (1992), e nos números 12 e 15 da encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (2003).⁴³⁰

A propósito, recentemente, o Papa Francisco lembrou que a Eucaristia, sim, é a “plenitude da vida cristã”, e que não podemos nos esquecer de que ela é também “um remédio generoso e um alimento para os fracos”.⁴³¹

Além dos modos de presença acima mencionados nos documentos, foi-se ampliando o entendimento também sobre outros três modos da presença de Cristo em sua Igreja, a seguir evidenciados.

Cristo garante sua presença sempre que algumas pessoas se reúnem em seu nome, conforme afirmado na passagem de Mt 18,20: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome...”. Este modo de presença do Senhor ocorre numa comunidade reunida em seu nome, o que evidencia uma reunião de uma “assembleia” em caráter oficial. Lembra Pié-Ninot que, esta forma de presença divina num grupo, já era comumente entendida e considerada no meio judaico. Afirmar ele: “Neste texto ressoa a tradição rabínica, uma vez que quando [os judeus] ‘se reuniam e se ocupavam da *Torá*, a *Shekiná* – presença de Deus – estava entre

⁴²⁸ PO 5.

⁴²⁹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 200-201.

⁴³⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 201 (grifos em itálico são do autor; tradução nossa).

⁴³¹ EG 47.

eles””.⁴³² Enfatiza ainda que tal entendimento foi mencionado diversas vezes pela tradição da Igreja, corroborando a noção rabínica.⁴³³

Outro modo da presença de Cristo, foi entendido no uso próprio e direto da Palavra de Deus proclamada na liturgia⁴³⁴ e em oração comunitária.⁴³⁵ É precisamente neste sentido que o Concílio Vaticano II vai falar, inclusive, de uma dupla “mesa”, a da Eucarística e a da Palavra de Deus.⁴³⁶

O terceiro modo da presença de Cristo é extraído do texto de Mt 25,31-46: “[...] Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos...”. Neste texto do Evangelho, o próprio Senhor nos diz que, ao se fazer o bem a um irmão desconhecido, na verdade, é a ele próprio que se faz. Portanto, Cristo se identifica presente no irmão necessitado, mostrando, de modo indubitável, sua presença nele. Pié-Ninot destaca uma sutil diferença nesse modo de presença do Senhor, ao mencionar:

Neste sentido, se fala de “sacramento do irmão”, ainda que exista uma diferença entre a Igreja sacramento “universal”, que por ser público tem uma dimensão universal e, por outro lado, o “sacramento do irmão”, que atua em qualquer ser humano e que é privado, particular e ocasional.⁴³⁷

Acentua que esta forma de entendimento já havia sido apresentada na encíclica *Mysterium Fidei* de Paulo VI,⁴³⁸ e, posteriormente, aplicada à Eucaristia no *Catecismo da Igreja Católica*,⁴³⁹ na medida em que abarca um compromisso em favor dos mais necessitados.⁴⁴⁰ Arremata Pié-Ninot, de que este modo de entendermos a sacramentalidade da Igreja não pode deixar de ser considerada nos dias atuais.

3.1.9

Que tipo de presença e de ação de Cristo comporta a Sacramentalidade?

⁴³² PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 201 (grifos em itálico, do autor; tradução nossa).

⁴³³ “Inácio de Antioquia, Tertuliano, *Constituições Apostólicas* dos Papas: Celestino I, Leão Magno, Nicolau I e João XV. Também no *Ordo* de celebração do concílio Pontifical romano-germânico (séc. X), em chave litúrgica da *Mediator Dei*, 27 (1947) e do Vaticano II (SC 7), além da encíclica *Mysterium Fidei* de 1965, e do *Catecismo da Igreja Católica* de 1992”, *apud* PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 201-202 (grifos em itálico do autor).

⁴³⁴ SC 35.

⁴³⁵ SC 84.

⁴³⁶ SC 6; 48; 51; 56; DV 21; PO 18; PC 6.

⁴³⁷ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 202-203 (tradução nossa).

⁴³⁸ MF 19.

⁴³⁹ CEC 1373; 1397.

⁴⁴⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 203.

Toda a obra da criação constitui certa sacralidade, pois atua como “causa segunda” da ação salvífica de Deus, na criação e na conservação do mundo, manifestando certa “sacramentalidade natural”, como expõe Pié-Ninot.⁴⁴¹ Afinal, tudo é ação de Deus em suas criaturas, pois toda a obra da criação espelha a ação salvífica e mantenedora (conservadora da criação) de Deus. Tomás de Aquino entende e expõe que um sacramento é “sinal de uma realidade sagrada enquanto é santificador para os homens”.⁴⁴² E mais especificamente:

As realidades sensíveis não são sinais divinos porque são santificadoras, mas porque são em si mesmas, sagradas; e por sua vez, um sacramento deve entender-se como sinal de uma realidade sagrada, enquanto é santificador e, por isso, não é conveniente que todas as realidades sensíveis sejam sacramentos.⁴⁴³

Portanto, toda a obra da criação, por ser sinal da presença de Deus no mundo, possui uma conotação do sagrado em si mesma. Por outro lado, um sacramento é santificador por si mesmo, na medida em que é ação salvífica e presença do próprio Cristo, fonte de todos os sacramentos, através da sua Igreja. Por isso, é com este entendimento que o Concílio Vaticano II afirma que “a Igreja é em Cristo como que um sacramento”.⁴⁴⁴

3.1.10

A Igreja-sacramento como presença real de Cristo em diversos modos e sua validade eclesiológica⁴⁴⁵

A estrutura tríplice da Igreja-sacramento é evidenciada por Pié-Ninot de três modos: a) como a própria presença real de Cristo; b) como sinais centrais da eclesiologia sacramental na LG, além da sacramentalidade do episcopado e da eclesiologia eucarística; c) e, finalmente, pela validade eclesiológica da categoria sacramental para a Igreja. Vejamos cada qual.

⁴⁴¹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 203. Em sua obra *La Teología Fundamental*, Pié-Ninot também expõe as várias formas básicas da ação de Deus no mundo (PIÉ-NINOT, S., *La Teología Fundamental*, p. 304-305).

⁴⁴² ST III, q. 60, a. 2c e a. 1. *apud* PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 204.

⁴⁴³ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 204 (tradução nossa).

⁴⁴⁴ LG 1.

⁴⁴⁵ Embora este tópico seja apresentado tanto no livro de *Eclesiología* (PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 205-206), quanto no dicionário de *Eclesiología* (PIÉ-NINOT, S., *Sacramentalidad*. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Eclesiología*, p. 1329-1334), nesta obra, Pié-Ninot faz um desenvolvimento mais amplo da temática, incluindo o aspecto da validade eclesiológica da Igreja-sacramento, o que nos leva a considerar esta obra, em sua apresentação mais ampla, para o presente estudo.

O primeiro aspecto da presença real de Cristo em sua Igreja é evidenciado, inicialmente, pela presença dos próprios batizados, os quais constituem o povo de Deus na Nova Aliança (Mt 18,20); e, depois, pelo “ministério pastoral dos bispos (LG 21) e dos presbíteros (LG 28), com o serviço dos diáconos (LG 29)”.⁴⁴⁶ Segundo Pié-Ninot, a sacramentalidade da Igreja ocorre pela própria presença de Cristo que se dá em suas diversas modalidades sociais (pela caridade aos mais necessitados; pela oração comum; pela Palavra e pelos sacramentos), e não somente em seus ritos celebrativos. Deste modo, a Igreja é sinal sacramental de Cristo na humanidade, pois Cristo se fez presente e vivo na história humana; donde a realidade da Igreja (composta por Cristo e pelos seres humanos) ser, “ao mesmo tempo, santa e [estar] sempre na necessidade de purificar-se, [pois] busca sem cessar a penitência e a renovação”.⁴⁴⁷

O segundo aspecto da presença sacramental de Cristo na Igreja-sacramento é enfatizado ao destacar a presença de cada bispo diocesano na comunhão eclesial. Pié-Ninot afirma⁴⁴⁸ que, por meio do sacramento da Ordem no seu grau máximo, um homem que é ordenado bispo recebe, em plenitude, a união a Cristo, uma vez que passa a figurar como sucessor dos seus apóstolos por tal ordenação episcopal. Esse ordenado bispo passa, assim, a fazer parte da comunhão hierárquica da Igreja, unindo-se ao Papa em seu primado na Igreja inteira. Por ser membro do corpo episcopal, prossegue Pié-Ninot, o bispo tem em si um “*primado ontológico* da sacramentalidade”,⁴⁴⁹ por estar, nesta condição, unido a Cristo pela missão canônica e pela comunhão hierárquica. Por esta colegialidade episcopal, os bispos podem ser ditos também “vigários de Cristo”,⁴⁵⁰ pois as Igrejas particulares estão unidas à Igreja mãe em Roma, formando o “corpo ou comunhão de Igrejas”, compondo a Igreja universal, pois cada bispo em união com o Papa, representa a Igreja-sacramento de Cristo.⁴⁵¹

⁴⁴⁶ PIÉ-NINOT, S., Sacramentalidad. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1329 (tradução nossa).

⁴⁴⁷ LG 8. Também na UR 6.

⁴⁴⁸ PIÉ-NINOT, S., Sacramentalidad. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1330.

⁴⁴⁹ PIÉ-NINOT, S., Sacramentalidad. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1330 (grifos do autor; tradução nossa).

⁴⁵⁰ LG 27.

⁴⁵¹ LG 23.

Tal união eclesial é renovada em cada ato eucarístico nas diversas comunidades, conforme Bento XVI também afirmava na Exortação Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, aliás, fazendo alusão à *Lumen Gentium*:

A unidade da comunhão eclesial revela-se, concretamente, nas comunidades cristãs e renova-se no ato eucarístico que as une e as diferencia em Igrejas particulares, “*in quibus et ex quibus una et única Ecclesia catholica existit* – nas quais e pelas quais existe a Igreja Católica, una e única” (LG 23). É precisamente a realidade da única Eucaristia celebrada em cada diocese ao redor do respectivo bispo que nos faz compreender como as próprias Igrejas particulares subsistiam *in* e *ex Ecclesia*. De fato, “a unicidade e indivisibilidade do corpo eucarístico do Senhor implicam a unicidade do seu corpo místico, que é a Igreja una e indivisível. Do centro eucarístico surge a necessária abertura de cada comunidade celebrante, de cada Igreja particular: ao deixar-se atrair pelos braços abertos do Senhor, consegue-se a inserção no seu corpo, único e indiviso” (CDF, AAS 85[1993]).⁴⁵²

Desta forma, a Exortação Pós-Sinodal une a comunhão eclesial evidenciada pelo colégio apostólico, como exposto acima, com a comunhão eucarística, o que remete à famosa formulação de Agostinho: “A Eucaristia faz a Igreja; e a Igreja faz a Eucaristia”.⁴⁵³ Há assim, uma circularidade entre a Eucaristia e a Igreja, e vice-versa. Pié-Ninot conclui este aspecto afirmando que a Eucaristia, um dos elementos que constituem a Igreja, reúne a todos em volta do altar junto ao bispo para a celebração da Eucaristia, reforçando a formulação agostiniana.⁴⁵⁴

No tocante ao terceiro modo de evidência da Igreja-Sacramento, Pié-Ninot destaca que o Concílio do Vaticano II, em seus textos conciliares, faz referência à Igreja como sacramento, visto que a presença de Cristo-Sacramento em sua Igreja confere a esta o caráter sacramental. Aponta, contudo, que há uma diferença fundamental: a união de Cristo-Sacramento de salvação é hipostática, enquanto que a categoria sacramental da Igreja se trata de uma união mista da santidade de Cristo com a humanidade pecadora do povo de Deus.⁴⁵⁵ Tal entendimento faz referência a um termo de Agostinho, “comunidade *permixta*”, confirmando a diversidade das duas formas de união sacramental: uma hipostática; a outra, mista.⁴⁵⁶ Pié-Ninot

⁴⁵² SCa 15.

⁴⁵³ AGOSTINHO, C. *Faust.* 12,20, *apud* PIÉ-NINOT, S., *Sacramentalidad*. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Ecclesiología*, p. 1331 (tradução nossa).

⁴⁵⁴ PIÉ-NINOT, S., *Sacramentalidad*. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Ecclesiología*, p. 1331.

⁴⁵⁵ PIÉ-NINOT, S., *Sacramentalidad*. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Ecclesiología*, p. 1333.

⁴⁵⁶ PIÉ-NINOT, S., *Sacramentalidad*. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Ecclesiología*, p. 1333. Pié-Ninot recorda “a *Nota explicativa praevia* do texto de 1963 à LG [...], que destaca, entre outras coisas que ‘frequentemente nos Padres, esta expressão [comunidade *permixta*] designa toda a economia salvífica que se desenvolve em distintos ritos de culto na Igreja” (PIÉ-NINOT, S., *Sacramentalidad*. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Ecclesiología*, p. 1333 – tradução nossa).

conclui evidenciando que esta afirmação do Concílio tem origem na Patrística “como expressão mística do desígnio salvífico na história, que precede a formulação sacramental medieval que a circunscreve aos sete ritos litúrgicos dos sacramentos”.⁴⁵⁷

Assim, a linha básica de toda a Eclesiologia se vincula ao entendimento da Igreja na categoria de sacramento de comunhão, numa “categoria hermenêutica global”, como concluirá Pié-Ninot:

Portanto, as observações referidas servem para precisar melhor a validade teológica de uma eclesiologia sacramental de comunhão, a partir da afirmação da Igreja como sacramento, enraizada na melhor tradição patrística e teológica contemporânea, cujo desenvolvimento no Concílio Vaticano II se abre ao seu último porquê, isto é, à sua missão no mundo, dado que “todo o bem que o Povo de Deus, no tempo de sua peregrinação terrestre, pode prestar à família dos homens, deriva de fato de ser a Igreja o ‘sacramento universal de salvação’” (GS 45).⁴⁵⁸

Percorremos até aqui a sacramentalidade da Igreja na eclesiologia de Pié-Ninot. No tópico seguinte, ainda que brevemente, apresentaremos dois teólogos que apresentam uma noção parcial no entendimento sobre a sacramentalidade da Igreja, em contraposição ao até aqui visto, e a devida réplica feita por Pié-Ninot. Logo depois, daremos continuidade ao desdobramento que nosso autor faz sobre o *aspecto interno* da sacramentalidade da Igreja, onde a Igreja se evidencia como uma **comunidade**. A seguir, destacaremos o *aspecto externo* da Igreja-sacramento, ou seja, a Igreja como uma **sociedade** e, concluiremos o capítulo, destacando o *paradoxo* e o *mistério* que diz respeito à Igreja.

3.2

Duas objeções à categoria de sacramento aplicada à Igreja

Dois especialistas em Eclesiologia, apresentaram objeções ao entendimento da categoria sacramento aplicada à Igreja, e foram destacados por Pié-Ninot em sua obra, motivo pelo qual, aqui os mencionamos como vozes destoantes.

⁴⁵⁷ PIÉ-NINOT, S., Sacramentalidad. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Eclesiología, p. 1333 (tradução nossa).

⁴⁵⁸ PIÉ-NINOT, S., Sacramentalidad. In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Eclesiología, p. 1334 (tradução nossa).

Um deles foi G. Canobbio; e o outro, H. Legrand.⁴⁵⁹ Ambos entenderam a categoria sacramento em aplicação à Igreja no sentido nominalista,⁴⁶⁰ próprio da neoescolástica.⁴⁶¹ No entendimento destes dois autores, o conceito universal de sacramento não pode ser aplicado à Igreja, mas apenas e concretamente a cada um dos sete sinais-sacramentos, até mesmo em oposição ao sentido dado pelo Concílio Vaticano II, aqui anteriormente apresentado. Este Concílio faz menção à época Patrística, especialmente, a Cipriano de Cartago,⁴⁶² cujo sentido de sacramento aplicado à Igreja é adequado na medida em que a categoria de Igreja-sacramento engloba o sentido místico de seu desígnio salvífico e escatológico na história humana. Assim, a presença e a consequente união de Cristo com a Igreja, que não é hipostática, mas mista, como apresentado no tópico anterior, santifica-a e sacraliza-a, de modo que a Igreja pode sim, ser considerada “sacramento universal de salvação”.⁴⁶³ Em concordância com o Concílio e, portanto, em oposição a G. Canobbio e H. Legrand, Pié-Ninot faz uso do entendimento de Tomás de Aquino quando este se refere à tríplice dimensão da sacramentalidade como uma “complexa realidade mistério-histórica” da Igreja. Afirma Pié-Ninot:

Note-se ainda que a tríplice dimensão tomista (*res / res et sacramentum / sacramentum*) da sacramentalidade oferece uma articulação matizada e não simplista a esta categoria, destacando os três tópicos da “sacramentalidade” desta complexa realidade mistério-histórica que é a Igreja: com sua *realidade teológica e última*, que é a filiação e a fraternidade em Cristo (sua dimensão ontológica); com seu *sinal interior*, como comunidade crente (sua dimensão meta-empírica), e com seu *sinal exterior*, como sociedade organizada (sua dimensão fenomenológica). Desta forma, estes três pontos, dimensões ou níveis, se mantêm unidos sob a categoria global de sacramentalidade, conservando cada um deles sua

⁴⁵⁹ CANOBBIO, G., La Chiesa sacramento de salvezza. Una categoria dimenticata? in: ATI, La Chiesa e il Vaticano II, Milano: [s/e], 2005, p. 115-181; LEGRAND, H., Relecture et évaluation de l'Histoire du Concile Vatican II d'un point de vue ecclésiologique, in: THEOBALD (ed.). Vatican II sous le regard des historiens. Paris: [s/e], 2006, p. 49-52.64-65, *apud* PIÉ-NINOT, S., Ecclesiologia, p. 206.

⁴⁶⁰ *Nominalismo*: O termo nominalismo indica uma doutrina filosófica segundo a qual os universais ou conceitos gerais são simples termos abstratos, que designam conjuntos mais ou menos amplos de realidades individuais. O nominalismo nega, portanto, que os universais possam existir como realidades anteriores e independentes, postas nas coisas ou fora delas, e na medida em que tende a considerar como reais apenas as individualidades concretas, põe em dúvida a própria possibilidade de conceitos universais. Os historiadores da filosofia empregam o termo nominalismo para indicar uma solução especial à disputa entre os universais, debatidas durante o século XII por pensadores escolásticos (PARIS, A., Nominalismo, in: PACOMIO, L.; MANCUSO, V. (Eds.), Lexicon, p. 528).

⁴⁶¹ *Neoescolástica*: tendência filosófico-teológica da cultura católica que se desenvolveu a partir da primeira metade do século XIX e caracteriza-se pela retomada de temas da filosofia escolástica como base para uma crítica do pensamento moderno. Frequentemente emprega-se como sinônimo o termo neotomismo devido à preeminência dada ao pensamento de Sto. Tomás na revalorização geral da escolástica (PARIS, A., Neo-escolástica. in: PACOMIO, L.; MANCUSO, V. (Eds.), Lexicon, p. 523).

⁴⁶² Isto se dá em três citações na SC 26 e LG 9, em referência a uma oração de S. Agostinho na SC 5.

⁴⁶³ GS 45.

especificidade e estabelecendo-se, assim, uma “coordenação diferenciadora para distinguir entre a estrutura visível e a natureza espiritual da Igreja”, segundo afirmava Kasper.⁴⁶⁴

E para corroborar ainda mais sua afirmação, Pié-Ninot apresenta a citação de W. Kasper, a qual qualifica de “magistral estudo”:

O uso que o Vaticano II faz do conceito de sacramento quando o aplica à Igreja é uma forma conceitual para superar o triunfalismo eclesiológico, o clericalismo e o rigor jurídico, a fim de destacar o mistério da Igreja oculto na figura visível e somente perceptível pela fé, no intuito de expressar e explicar que a Igreja provém de Cristo e aponta permanentemente a Ele, mas que, como sinal e instrumento, ela está totalmente a serviço do homem e do mundo. O conceito se presta, sobretudo, para estabelecer um vínculo diferenciador e para distinguir entre a estrutura visível e a natureza espiritual da Igreja.⁴⁶⁵

Portanto, a validade teológica da Igreja como sacramento de comunhão fica referenciada ao período histórico bem anterior ao que foi levantado pelos dois autores, ou seja, tal demonstração fica referenciada à época Patrística e Escolástica, pondo por terra, neste aspecto cronológico, seus argumentos contrários.

Adiante, faremos um desdobramento da citação de Pié-Ninot, apresentada imediatamente antes da de Kasper.

3.3

O “sinal interior” da Igreja-sacramento: Igreja como comunidade

Na parte II de seu tratado sobre Eclesiologia, a mais extensa, nosso autor aborda a temática da Igreja como **comunidade**, destacando o seu sinal interior meta-empírico, na forma própria de uma *comunidade de crentes em Cristo*, realçada em diversos documentos do Concílio Vaticano II, conforme nos atesta Pié-Ninot:

A Igreja, “sacramento universal de salvação” se manifesta como sinal eclesial interior “meta-empírico” (*res et sacramentum*) em forma de *comunidade de crentes em Cristo*. E, neste sentido, ela é “comunidade de fé, esperança e amor”, “comunidade espiritual” (LG 8), “comunidade sacerdotal” (LG 11), “comunidade dos eleitos” (LG 65), “comunidade cristã” (CD 30; OT 2; AG 15,16,29,32; PO 4-6), “comunidade eclesial ou de Igreja” (AA 9,10,17,18,20,27,30; OT 16; AG 15; PO 6), “comunidade de fiéis” (AG 14,19,20; PO 9), ou “comunidade apostólica” (AG 25), expressões que recordam a fórmula tradicional preferida por Tomás de Aquino sobre a Igreja descrita como “congregação de fiéis” (*congregatio fidelium*).⁴⁶⁶

A Eclesiologia de comunhão, evidenciada como comunidade, mostra o caráter interno da Igreja de Cristo reunida como uma comunidade de fiéis que creem no Senhor Jesus e formam, portanto, a comunidade, o grupo, a família dos cristãos,

⁴⁶⁴ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 207 (grifos são do autor; tradução nossa).

⁴⁶⁵ WALTER KASPER. *La Iglesia, sacramento universal de salvación*, in: *Teología y Iglesia*, Barcelona: [s/e], 1989, p. 335, *apud* PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 206 (tradução nossa).

⁴⁶⁶ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 258 (os grifos são do autor; tradução nossa).

todos irmanados nas virtudes teologais, assim como fizeram os apóstolos, conseqüentemente, sendo uma “comunidade apostólica”.

Pié-Ninot destaca nesta parte, vários aspectos que caracterizam a Igreja como uma comunidade, o sinal interior da sua sacramentalidade. Inicia apresentando os três vínculos que caracterizam a comunhão plena da Igreja de Cristo.

O primeiro deles é a profissão de fé, isto é, o **Credo**. Com efeito, professando uma mesma e única fé em qualquer lugar do globo, em qualquer país e região, os cristãos se mantêm unidos e coesos em torno da única fé apostólica recebida de Cristo, o que os faz confraternizarem-se numa comunidade ao redor de Cristo e de seus Apóstolos, hoje, ao redor de seus sucessores, os bispos, que trazem os mesmos princípios dogmáticos (o “depósito da fé”), morais, sociais e comunitários.

O segundo aspecto que caracteriza a Igreja como uma comunidade é a celebração dos **sete sacramentos-ritos** ao longo de toda a sua história, a qual confirma que os sacramentos são celebrados na Liturgia cristã desde os primórdios, pois, recebidos de Cristo pela Igreja, foram praticados pelos cristãos conforme eram praticados pelas primitivas comunidades cristãs, com pequenos retoques rituais que não alteravam seu conteúdo substancial.⁴⁶⁷ Pié-Ninot corrobora esse viés histórico com uma evocação bíblica ao livro dos Atos dos Apóstolos, no qual oferece “a descrição dos elementos constitutivos da vida da comunidade primitiva (At 2,42)”.⁴⁶⁸ Destaca, em complemento: a) a unidade de fé pelo ensinamento dos Apóstolos; b) a unidade na forma de vida comunitária; c) e a unidade da celebração da fração do pão:

- 1) A unidade na fé e no ensinamento apostólico (*Didaqué*; cf. At 4,18; 5,28), isto é, na tradição sobre Jesus recolhida inicialmente em Jerusalém e na época de Lucas já solidamente definida pela tradição doutrinal da Igreja (cf. Rm 6,17; 16,17; Tt 1,1; 2Tm 4,2) como confissão de fé (cf. 1Cor 1,10; Rm 15,6; Ef 4,14s).
- 2) A unidade na forma de vida comunitária (*koinonía*), que se traduz numa vida em comum (At 2,44-47) ou comunhão de bens (At 4,32-37; Hb 13,16), bem como numa profunda união de sentimentos (At 4,32; Fl 2,2s).
- 3) A unidade na celebração da fração do pão (*klasis tou artou*; cf. Lc 24,35), na qual se dá a união com Cristo dos cristãos entre si (1Cor 10,16-17), unidos na oração (At 2,46; 3,1; 5,12).⁴⁶⁹

⁴⁶⁷ No tocante a este percurso histórico dos sacramentos, sejam referenciados os seguintes trechos de algumas obras: NOCENT, A. et al., Os Sacramentos, p. 15-65; BOROBIO, D. (Org.), et al., A celebração na Igreja, p. 41-59 (Batismo e Confirmação); p. 204-246 (Eucaristia); p. 377-389 (Penitência); p. 445-451 (Matrimônio); p. 497-512 (Ordem); p. 551-563 (Unção dos Enfermos); SESBOÛÉ, B. (Dir.), et al. Os sinais da salvação, p. 31-238.

⁴⁶⁸ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 262 (tradução nossa).

⁴⁶⁹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 262 (grifos do autor; tradução nossa).

Reforça Pié-Ninot que esses três elementos aparecem posteriormente nos Padres da Igreja, tendo sido citados por Tertuliano, Cipriano e, em formas genéricas, também por Inácio de Antioquia, pelo Pastor de Hermas, por Ireneu, Clemente de Alexandria e por Hilário de Poitiers.⁴⁷⁰ Reforça que, mais tardiamente, também Bernardo de Claraval (1090-1153) os menciona, mas destaca que “a mais clássica, famosa e difundida classificação, se deve a Roberto Belarmino (1542-1621)”,⁴⁷¹ o qual foi, depois, seguido por vários outros teólogos até chegar ao Concílio Vaticano II (1962-1965):

[Roberto Belarmino menciona]: “A Igreja é a sociedade dos homens a caminho nesta terra, unida pela profissão da mesma fé cristã e pela participação nos mesmos sacramentos, sob o governo dos pastores legítimos e, em primeiro lugar, do romano pontífice” (*Contr.* III, 2). Da mesma forma, os três vínculos foram também referidos frequentemente no século XVII pelos apologetas católicos contemporâneos de Belarmino (o jesuíta Gregório de Valença e o dominicano J. B. Bossuet, dentre outros), posteriormente, durante o século XVIII (baseados em Ef 4,5: P. Annat e o jesuíta, discípulo de Belarmino, G. Picler) e no século XIX (a escola de Tubinga, com J. S. Drey, e a escola romana, com G. Perrone) até o Concílio Vaticano I, que os menciona como “*fides-communio-sub uno pastore*” (DH 3060). Já no século XX, o número 21 da encíclica *Mystici Corporis* (1943), os menciona assim: “Batismo, profissão de fé e unidade de corpo” (DH 3802), sendo a classificação adotada pela maioria dos eclesiólogos (A. Tanquerey, C. Lercher, S. Tromp e J. Salaverri) e até pelo próprio Vaticano II.⁴⁷²

Com este breve percurso histórico, Pié-Ninot ressalta a importância dos elementos constitutivos da vida cristã primitiva que, como demonstra, prosseguem com relevada importância pelos séculos posteriores.

Concluindo este tópico, o terceiro vínculo que caracteriza a Igreja como comunidade é o **ministério pastoral** a serviço da profissão de fé e da celebração dos sacramentos. Com efeito, a unidade da Igreja de Cristo se torna visível ao mundo através da sucessão apostólica, “pelos vínculos [...] do regime e da comunhão eclesiais”,⁴⁷³ sucessão esta exercida pelos bispos em união com o Papa, visto ser este elo, o carisma do ministério de comunhão radical, ou como se refere a mesma Constituição: “pelo poder sagrado de que goza, forma e rege o povo sacerdotal”.⁴⁷⁴

Dando sequência, Pié-Ninot apresenta os diversos graus da plenitude da comunhão eclesial e da orientação da Igreja em vista dos seres humanos, enfatizando os vários modos de pertença à Igreja nas diversas confissões cristãs e

⁴⁷⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 263.

⁴⁷¹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 263 (tradução nossa).

⁴⁷² PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 263-264 (grifos do autor; tradução nossa).

⁴⁷³ LG 14.

⁴⁷⁴ LG 10.

na Igreja Católica, destacando as contribuições de alguns teólogos, tais como K. Rahner, Y. Congar, S. Dianich, H. Schlette.⁴⁷⁵ Assim, o autor dá relevo à comunidade eclesial, apresentando as várias condições de vida na Igreja: os cristãos leigos, o ministério pastoral e a vida consagrada.

3.3.1

Os cristãos leigos, Igreja no mundo⁴⁷⁶

Sobre os leigos, tomando por referência o Vaticano II, o autor faz uma abordagem da teologia do laicato: a) anterior ao Concílio, com sua identidade missionária própria no mundo; b) no Concílio, com uma índole secular dentro de uma eclesiologia de comunhão; c) e após o mesmo, dando ênfase especial ao Sínodo sobre os Leigos de 1987 e à Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christifideles laici* de 1988, onde enfatiza o surgimento da Ação Católica e das novas comunidades eclesiais, em grande parte, surgidas como movimentos de origem laica. Como arremate sobre a questão dos leigos na Igreja, Pié-Ninot apresenta algumas perspectivas eclesiológico-pastorais do laicato, a seguir mencionadas: a) a missão do leigo como sinal da Igreja no mundo;⁴⁷⁷ b) o exercício de uma verdadeira “corresponsabilidade eclesial”, assumindo a Igreja também como sua, ao lado e em conjunto com o ministério ordenado;⁴⁷⁸ c) os novos ministérios confiados aos leigos como “experiências mais vivas da Igreja pós-conciliar”, num autêntico serviço eclesial;⁴⁷⁹ d) uma maior autonomia aos leigos na Igreja (conforme afirma a GS 36), pondo em relevo a dimensão “carismática” dos mesmos, isto é, “a liberdade fundamentada no Espírito que inspira esta autonomia própria de todo cristão (LG 12)”;⁴⁸⁰ e) uma maior prioridade aos movimentos evangelizadores diocesanos e laicos, isto é, dando-se o devido destaque à “importância das realidades ‘comunitárias e missionárias’ dos leigos na Igreja e, neste caso, dos novos movimentos evangelizadores em missão, [para que possam] dar visibilidade aos leigos nas dioceses, ainda que modestos quantitativamente”.⁴⁸¹

⁴⁷⁵ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 277-288.

⁴⁷⁶ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 289-308.

⁴⁷⁷ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 305-306.

⁴⁷⁸ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 306-307 (tradução nossa).

⁴⁷⁹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 307 (tradução nossa).

⁴⁸⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 307-308 (tradução nossa).

⁴⁸¹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 308 (tradução nossa).

Vê-se que o trabalho evangelizador dos leigos na Igreja deve se destacar como verdadeira ação missionária, cumprindo o mandato do Senhor (Mt 28,19-20). Cada vez mais valorizado no Vaticano II e nos tempos pós-conciliares, os leigos são chamados a levar o Evangelho ao mundo, tão carente dessa mensagem salvífica. Atualmente, vários movimentos eclesiais estão presentes na Igreja, com seus carismas próprios e na sociedade brasileira, com seus serviços caritativos, visando à promoção de uma justiça social cristã transformadora. Tais novas comunidades são formadas, majoritariamente, por leigos(as) cristãos(ãs) comprometidos(as) com a evangelização e o serviço ao próximo.⁴⁸² Sem dúvida, uma comunidade eclesial laica é chamada a dar testemunho de sua fé cristã e a levar o Evangelho de Cristo, aos que são por ela assistidos, e não apenas entre os seus próprios membros. Uma comunidade eclesial laica torna-se, assim, por experiência de vida prática, um lugar por excelência para o fortalecimento do testemunho cristão na sociedade, mediante a vivência das virtudes cristãs na sociedade. Portador de uma vida sacramental, todo cristão é chamado a ser testemunha de Cristo no mundo.

Recentemente, o Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*,⁴⁸³ alertou para o sentido de *comunidade*, da qual os leigos(as) participam, sendo todos conclamados à prática da evangelização numa “responsabilidade laical”, o que requer, não só uma devida preparação de cada pessoa, bem como, mais espaço de atuação nas igrejas particulares:

A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados. Cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora não suficiente, pode-se contar com um numeroso laicato, dotado de um arraigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé. Mas a tomada de consciência desta responsabilidade laical que nasce do Batismo e da Confirmação não se manifesta de igual modo em toda parte; em alguns casos, porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, noutros por não encontrar espaço nas suas igrejas particulares para poderem exprimir-se e agir por causa de um excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões. [...] A formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais constituem um importante desafio pastoral.⁴⁸⁴

Corroborando e complementando este aspecto, Rochetta vai afirmar que a vida em torno dos sacramentos é a efetiva concretização da história da salvação na

⁴⁸² Tal é o caso das novas comunidades de leigos/as (Canção Nova, *Shalom*, Aliança de Misericórdia, Obra de Maria, *Ruah*, Leões Ungidos, Olhar Misericordioso, Mar a Dentro, Sementes do Verbo, dentre outras), algumas delas, inclusive, já tendo obtido o reconhecimento pontifício.

⁴⁸³ EG 102.

⁴⁸⁴ EG 102.

vida do cristão, onde este vai tomando consciência da sua missão evangelizadora no mundo:

A espiritualidade cristã é a repercussão da *historia salutis* na existência pessoal de cada um de nós e a tomada de consciência de nossa missão no mundo. [...] O crente que se encontra com Cristo salvador nos sacramentos não pode mais conservar só para si esse mistério; deve ir anunciar a todos os homens que a salvação chegou, que o reino de Deus está presente entre nós e que é preciso “crer” e “converter-se”. Nesse sentido, os sacramentos representam o chamado e o convite a ser missionário: são ações divinas que fazem do homem, um cristão, e do cristão, uma testemunha da fé. [...] Com efeito, à medida mesma que o cristão compreende a realidade do reino de Deus e passa a se integrar nele pelos sacramentos, ele se torna protagonista e colaborador da iniciativa salvífica de Deus. Mas, para tanto, é preciso fé vigorosa e entusiástica, fé que não se deixe inquietar ou impressionar pelas grandezas humanas, porque tem consciência de que as grandezas de Deus são infinitamente mais esplêndidas e nada poderá superá-las. E essas grandezas são eminentemente as “maravilhas sacramentais da salvação” que Cristo nosso Senhor realiza por meio do seu Espírito na Igreja e na nossa existência, alicerçando a espiritualidade própria do cristão no mundo.⁴⁸⁵

Unido a uma vida de comunhão sacramental na comunidade, que é a Igreja, o cristão toma consciência de seu papel missionário no mundo, e faz da comunidade eclesial o lugar principal e a experiência viva para o fortalecimento do testemunho cristão e do próprio papel pessoal de “ser Igreja”. A partir daí, deve levar o Espírito de Cristo ao mundo, dando testemunho do Deus vivo, conforme afirma o Vaticano II, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

Cada leigo individualmente deve ser perante o mundo uma testemunha da ressurreição e vida do Senhor Jesus e sinal do Deus vivo. Todos juntos e cada um na medida das suas possibilidades devem alimentar o mundo com frutos espirituais (cf. Gl 5,22). Devem difundir no mundo aquele espírito pelo qual são animados os pobres, os mansos e os pacíficos que o Senhor no Evangelho proclamou bem-aventurados (cf. Mt 5,3-9). Numa palavra, “o que a alma é no corpo, isto sejam no mundo os cristãos”.⁴⁸⁶

Neste sentido, M. Bingemer dá uma oportuna definição do que é ser testemunha no mundo atual, ao afirmar que é como que ser “lacerado” num mundo hostil à mensagem do Evangelho. Afirma a teóloga:

Uma testemunha é alguém lacerado em sua carne e espírito. Ele ou ela é lacerado primeiro dentro de si mesmo, entre o ponto mais elevado de seu ser sedento de verdade e transcendência e o indivíduo limitado de cuja vida ele toma o comando ao longo do tempo. Lacerado pelo abismo que ainda separa a verdade, que ele/ela testemunha para o mundo que não quer receber sua mensagem.⁴⁸⁷

Sobre o papel dos leigos(as) na Igreja, o teólogo C. Kuzma corrobora a questão da vivência de vida *comunitária interna* (intraeclesial) da Igreja, pelos cristãos leigos(as), mediante a frequência aos sacramentos e a escuta da Palavra, enfatizando também sua participação na sociedade, ou seja, no aspecto *externo* da

⁴⁸⁵ ROCCHETTA, C., Os Sacramentos da fé, p. 224-225.

⁴⁸⁶ LG 38.

⁴⁸⁷ BINGEMER, M. C., Testemunho: mística com olhos abertos. In: BINGEMER, M. C.; CASARELLA, P. (Orgs.), Testemunho, p. 17.

Igreja (extraeclesial) como uma *sociedade* (tema a seguir tratado), rumo à santidade como “destino comum de todos nós”. Afirma que:

Uma Igreja que quer ser *presença viva* na sociedade e no mundo necessita redescobrir o seu sentido místico de povo de Deus. Deve saber que ela pertence primeiramente a Deus, pois é mistério (*mysterion*). Para tanto, deve-se buscar a unidade de seu Corpo, valorizando que a permanência de leigos e leigas venha a se fortalecer pela vivência da Palavra e mediante os sacramentos, especialmente a Eucaristia. Isso resgatará a sua importância no interior da Igreja, o que faz destes *discípulos* e *discípulas*. Tais atitude fomentará uma abertura, uma espécie de motivação – impulsionada pelo Espírito – para o *agir* no mundo. Destacando que este é, por excelência, o espaço deles e o território de sua missão, para o qual são *missionários* e *missionárias*. Logo, através de sua vida *intraeclesial* (pela escuta e vivência da Palavra, juntamente com os sacramentos e a prática comunitária) e *extraeclesial* (o agir no mundo), leigos e leigas serão testemunhas vivas daquilo que é a essência do cristianismo, caminhando, deste modo, rumo à santidade: destino comum de todos nós.⁴⁸⁸

Após a reflexão sobre o papel do laicato, dando continuidade à exposição sobre os serviços prestados pelos cristãos, Pié-Ninot desenvolve sobre o ministério pastoral com o sacerdócio episcopal e presbiteral, e o ministério diaconal de serviço (diaconia).

3.3.2

O ministério pastoral, serviço e diaconia⁴⁸⁹

Pié-Ninot inicia este tópico, destacando que, em vários parágrafos da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*,⁴⁹⁰ o primeiro documento conciliar em que o Magistério se pronuncia explicitamente,⁴⁹¹ é posta a relação entre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum dos fiéis com sua diferença, retomando, na LG 10, a encíclica *Mediator Dei* (1947)⁴⁹² de Pio XII, que a formulou inicialmente. Pié-Ninot esclarece a questão dizendo que se tratam de duas formas de “sacerdócio” em distintos níveis:

[pois...] uma não é mais ou menos do que a outra, uma vez que a primeira – por ser ontológico “fundamental” – é a comum e básica, e a segunda – por ser ontológico “relacional” (ontológico-funcional, disse a *Pastores gregis*, 44) – é diaconal e ministerial, o qual não quer dizer que se devam distanciar-se, uma vez que o ministério sacerdotal ordenado está a serviço do sacerdócio comum, e para o qual a “diaconia” do ministério pastoral é a condição para realizar plenamente a comunhão eclesial (cf. LG 10).⁴⁹³

⁴⁸⁸ KUZMA, C., Leigos e leigas, p. 89-90 (grifos do autor).

⁴⁸⁹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 309-331.

⁴⁹⁰ LG 10, 18, 21, 24, 28 e 29.

⁴⁹¹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 309.

⁴⁹² Carta Encíclica *Mediator Dei*, 20 de novembro de 1947; AAS 39 (1947), p. 555 (nota de rodapé n. 2 in: VIER, F.; KLOPPENBURG, B., *Compêndio do Vaticano II*, p. 50).

⁴⁹³ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 310 (tradução nossa).

Desta forma, observa-se que o sacerdócio comum e o ministerial são formas diferentes de servir a Cristo na comunidade eclesial.

Pié-Ninot dá sequência trazendo à reflexão questões atuais diversas, tais como: análises sobre o chamado “poder sacramental” (*potestas sacra*), como eixo do ministério pastoral episcopal e presbiteral;⁴⁹⁴ ações gerais na temática do diaconato;⁴⁹⁵ tema dos “*virī probatis*”;⁴⁹⁶ questões sobre o sacerdócio feminino;⁴⁹⁷ e sobre a sinodalidade.⁴⁹⁸ Conclui Pié-Ninot abordando aspectos sobre a vida consagrada, como testemunho radical dos conselhos evangélicos. Atesta Pié-Ninot:

Teve de se esperar até o século XX para que, pela primeira vez, um concílio tratasse do tema dos “religiosos”. [...] Desta forma, [o Concílio] pretende evidenciar que a vida consagrada não constitui “um estado intermediário entre o clerical e o laical, uma vez que Deus chama alguns fiéis a fim de desfrutar desse peculiar dom na vida da Igreja” (LG 43). Fica evidenciado, assim, que a vida consagrada não somente se dá na Igreja, mas também é própria da Igreja, pois “embora não pertença à sua estrutura hierárquica, está, contudo, firmemente relacionada com sua vida e santidade” (LG 44).⁴⁹⁹

Essa noção de totalidade daqueles(as) que compõem a Igreja nos mais variados tipos de serviço (como leigos/as, sacerdotes, diáconos, religiosos/as) constitui aquilo que S. Paulo vai afirmar sobre o Corpo Místico de Cristo (1Cor 10,16-17; 12,12-14.20.27).

3.3.3

A Igreja diocesana, local de Catolicidade⁵⁰⁰

Tratando das origens de uma teologia da Igreja diocesana em chave de interpretação como Igreja local, Pié-Ninot menciona um autor do séc. XIX, A. Gréa, como sendo o precursor que retoma o princípio patrístico da “parte pelo todo”,⁵⁰¹ evidenciado nos três primeiros séculos da Igreja. Esclarece que Gréa não vê a Igreja local apenas como uma circunscrição eclesial, mas como parte do todo, ou seja, do mistério da Igreja. Resgata o sentido da teologia do episcopado em torno da Eucaristia, sendo esta, o fator principal de união dos cristãos em torno do seu bispo,

⁴⁹⁴ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 312-320 (tradução nossa).

⁴⁹⁵ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 320-322.

⁴⁹⁶ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 322.

⁴⁹⁷ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 322-324.

⁴⁹⁸ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 325-326.

⁴⁹⁹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 327 (tradução nossa).

⁵⁰⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 333-369.

⁵⁰¹ Em nota de rodapé, Pié-Ninot informa que a obra de A. Gréa, “A Igreja e sua divina constituição”, publicada em Paris em 1885, e reeditada dentro do ambiente do Vaticano II, foi usada por autores posteriores, tais como, L. Bouyer, Y. Congar, M. Serenà e J. R. Villar (PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 333, nota de rodapé 1).

numa eclesiologia eucarística.⁵⁰² Afinal, o povo de Deus numa determinada cidade se reunia “num mesmo lugar, em torno de um único altar e sob a presidência do único bispo, rodeado pelo colégio dos presbíteros e ajudado pelos diáconos”⁵⁰³ para celebrar a Eucaristia. Pié-Ninot destaca que a influência pré-conciliar de A. Gréa não se deu apenas no âmbito católico, mas também no ortodoxo, e cita dentre estes, autores como: “N. Afanasieff (1893-1966), A. Schmemmann (1921-1983), J. Meyendorf (1926-1992), [e] divulgado amplamente por I. Zizioulas”.⁵⁰⁴

Sabe-se que um bispo é ligado territorialmente a um lugar, donde emana a catolicidade da Igreja. Neste sentido, Pié-Ninot vai mencionar o teólogo K. Rahner,⁵⁰⁵ evidenciando, assim, o surgimento de uma teologia do episcopado, uma das características do Vaticano II. Para tal, nosso autor vai enumerar e discorrer sobre os elementos constitutivos da Igreja local (diocese), valendo-se do Decreto *Christus Dominus* (CD) e do Código de Direito Canônico (CIC):⁵⁰⁶

1. Elemento fundamental: “uma porção do povo de Deus” (CD 11);
2. Elementos genéticos (CD 11): a) elemento transcendente: o Espírito Santo; b) elementos visíveis-sacramentais: o Evangelho e a Eucaristia;
3. Elemento ministerial: o bispo com seu presbitério, como pastor próprio (CD 11);
4. Elemento determinativo: “como regra geral deve permanecer circunscrita dentro de um território determinado (cân. 372, § 1).⁵⁰⁷

Ainda neste tópico, Pié-Ninot apresenta alguns parágrafos, nos quais aborda temas correlatos, tais como: as Prelazias pessoais, os sínodos diocesanos e os conselhos diocesanos básicos (pastoral e presbiteral).⁵⁰⁸ Prosseguindo este percurso sobre a Igreja diocesana, Pié-Ninot vai discorrer sobre duas questões eclesiológicas que, na sua análise, seguem pendentes no debate atual: quais sejam os aspectos “linguístico-hermenêuticos” sobre Igreja universal e Igreja particular; e sua questão “bíblico-patristica”.⁵⁰⁹ Acrescentará, por fim, algumas noções sobre o conceito de “paróquia”, numa análise histórica antes, durante e após o Concílio Vaticano II, seguido de uma contribuição sobre o “conselho paroquial”, como uma expressão da

⁵⁰² Pié-Ninot menciona, principalmente, Sto. Inácio de Antioquia como testemunho patristico da relação entre Igreja e Eucaristia (in: PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 334).

⁵⁰³ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 334 (tradução nossa).

⁵⁰⁴ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 334 (tradução nossa).

⁵⁰⁵ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 335.

⁵⁰⁶ CIC 368-374.

⁵⁰⁷ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 337 (tradução nossa).

⁵⁰⁸ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 341-359.

⁵⁰⁹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 359-363.

sinodalidade da Igreja e sua corresponsabilidade comum como lugar eclesiológico.⁵¹⁰

3.3.4

O ministério episcopal de comunhão eclesial⁵¹¹

Continuando sua abordagem da Igreja como comunidade, “sinal interior” da Igreja-sacramento, Pié-Ninot inicia tratando do ministério dos bispos, como sucessores dos Apóstolos e sinal de comunhão universal de toda a Igreja. Enfatiza que tal sucessão é o desdobramento da sacramentalidade da Igreja, pois “em virtude de sua ordenação episcopal [...] e com a comunhão hierárquica como condição de seu exercício de catolicidade [são] membros do colégio episcopal e sucessores dos Apóstolos”,⁵¹² e menciona vasta bibliografia com estudos históricos recentes sobre o episcopado.

Percorrendo cada milênio da história da Igreja, Pié-Ninot desenvolve a questão da sacramentalidade do episcopado, sendo que, ao segundo milênio é dado um destaque que esta questão representa no Vaticano II,⁵¹³ destacando a *Lumen Gentium*. Em seu capítulo III,⁵¹⁴ há “mini tratados distintos”, como Pié-Ninot vai chamar, com quatro afirmações centrais sobre o episcopado que descrevem o ministério dos bispos, a saber: a) o serviço pastoral do bispo;⁵¹⁵ b) sua base “sacramental” na plenitude do sacramento da Ordem;⁵¹⁶ c) o exercício do triplo ministério de proclamação da Palavra, da celebração dos sacramentos e do governo pastoral;⁵¹⁷ d) a constituição sacramental do colégio episcopal em união com a cabeça, o sucessor de Pedro.⁵¹⁸

Ainda no tocante à colegialidade episcopal, Pié-Ninot destaca a mesma como “sujeito único do poder supremo na Igreja”⁵¹⁹ e, como tal, trata do exercício que este poder supremo pode exercer, quer seja no modo colegial, quer no modo

⁵¹⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 363-368.

⁵¹¹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 371-427.

⁵¹² PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 372-373 (tradução nossa).

⁵¹³ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 373-385.

⁵¹⁴ LG 18-28.

⁵¹⁵ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 385-386.

⁵¹⁶ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 386-387.

⁵¹⁷ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 387-388.

⁵¹⁸ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 388-389.

⁵¹⁹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 389 (tradução nossa).

peçoal, com suas respectivas diferenças.⁵²⁰ Outra forma de exercício de tal poder supremo se dá pelo colégio episcopal através de instituições e organismos próprios. Como instituições conciliares eclesísticas, Pié-Ninot apresenta os Concílios Ecumênicos e os concílios particulares;⁵²¹ e como organismos novos de colegialidade promovidos pelo Vaticano II, destaca as Conferências Episcopais e o Sínodo dos bispos.⁵²² Dentro dessa apresentação, Pié-Ninot insere e analisa determinadas questões correlatas ao tema da colegialidade episcopal, tais como: o Conciliarismo; aspectos territoriais das Conferências Episcopais; limitações presentes na eclesiologia da colegialidade; e uma nota sobre a proposta de um possível duplo episcopado, e questiona se “seria um de direito divino, e outro, de direito eclesiástico”.⁵²³

Também o Papa Francisco refere que nós católicos podemos aprender algo mais com nossos “irmãos ortodoxos”, numa comunhão de experiências em torno do que nos une. Refere ele, exemplificando, sobre a colegialidade episcopal e a sinodalidade:

São tantas e tão valiosas as coisas que nos unem! E, se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns com os outros! Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós. Só para dar um exemplo, no diálogo com os irmãos ortodoxos, nós, os católicos, temos a possibilidade de aprender algo mais sobre o significado da colegialidade episcopal e sobre a sua experiência da sinodalidade. Através de um intercâmbio de dons, o Espírito pode conduzir-nos cada vez mais para a verdade e o bem.⁵²⁴

O tema da sinodalidade será revisitado com um item próprio,⁵²⁵ quando tratarmos do tópico sobre a Igreja-sociedade, no seu aspecto exterior.

3.3.5

O ministério petrino (*Ut Unum Sint*, 95)⁵²⁶

Como último tópico do capítulo sobre a Igreja-sacramento como *comunidade*, como dissemos, a parte mais extensa de seu tratado sobre a Eclesiologia, a segunda parte de sua obra, Pié-Ninot inicia este tópico,⁵²⁷ apresentando as raízes bíblicas a

⁵²⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 389-395.

⁵²¹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 395-404.

⁵²² PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 404-426.

⁵²³ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 427 (tradução nossa).

⁵²⁴ EG 246.

⁵²⁵ Item 3.4.1 do presente trabalho: A Sinodalidade como expressão da Igreja comunhão.

⁵²⁶ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 429-548.

⁵²⁷ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 432-451.

respeito do ministério de S. Pedro no Novo Testamento. As passagens bíblicas que apresentam o primado de Pedro na Igreja e a sua eleição (Mt 16,16-19; Lc 22,32; Jo 21,15-17) são apresentadas em breve exegese pautada na Tradição, sendo também destacadas, as questões específicas da “pedra” (v. 18), das “chaves do reino dos céus” e do binômio “ligar-desligar” (v. 19), presentes no texto do evangelista Mateus. No tocante à interpretação eclesial de tais textos bíblicos, englobando também os cristãos ortodoxos e protestantes, refere Pié-Ninot:

O tema da sucessão no ministério petrino é uma questão que não se pode responder de maneira cabal só com a Escritura. Por isso, não é estranho que as diversas confissões cristãs interpretem de forma diferente esses três textos sobre o primado. Com efeito, a prestigiosa *Traduction Oecuménique de la Bible*, realizada por católicos, ortodoxos e protestantes, recolhe as três diferentes interpretações no comentário a Mt 16,15-19 da seguinte maneira: “a *tradição católica* se refere a este texto para fundamentar a doutrina segundo a qual os sucessores de Pedro herdaram o seu primado; a *tradição ortodoxa* sustenta que em suas dioceses todos os bispos que confessam a verdadeira fé estão na sucessão de Pedro e na dos outros apóstolos; por sua vez, os *exegetas protestantes*, ainda que reconheçam a função e a parte privilegiada de Pedro nas origens da Igreja, sustentam que aqui Jesus se refere somente à pessoa de Pedro”. Na nota sobre Lc 22,31s, sem se referir às diferenças confessionais, se assinala que “a fé de Pedro desempenha aqui, como em Mt 16,15-19, uma função decisiva para a formação da comunidade primitiva”. Finalmente, sobre Jo 21,15-17, se evidencia de forma específica a *interpretação católica*: “a tradição católica progressivamente elaborou, a partir deste texto, a doutrina da função do colégio apostólico e do Papa que o preside (cf. Mt 16,17-19; Lc 22,31s).⁵²⁸

Pié-Ninot prossegue apresentando como o Concílio Vaticano I⁵²⁹ tratou a questão do primado petrino e de sua jurisdição, incluindo a definição sobre o poder do Papa perante a Igreja inteira, um “poder imediato e ordinário”,⁵³⁰ ou seja, aquele que pode ser exercido sem qualquer intermediário. Pié-Ninot conclui esta exposição apresentando diversas interpretações e perspectivas de importantes teólogos (A. Antón, J. Ratzinger) sobre o dogma da infalibilidade papal, seu sentido e interpretação, incluindo teólogos como H. Kung e A. Hasler.⁵³¹

A recepção do Concílio Vaticano II⁵³² quanto ao primado do Papa é apresentado a seguir, onde Pié-Ninot destaca que houve ainda novas perspectivas sobre o dogma definido no Vaticano I com a contribuição de diversos teólogos, por ele mencionados:

Novas perspectivas foram sendo assumidas sobre os dogmas do primado do Vaticano I, especialmente após a publicação completa das *Actas* deste concílio [...] e dos que as assumiram (cf. R. Aubert, F. Dewan, G. Dejairve, J. Hamer, G. Thils, U. Betti, Y. Congar, H. Rondet), assim como a partir de diversas investigações históricas, teológicas, canônicas e

⁵²⁸ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 449-450 (grifos do autor; tradução nossa).

⁵²⁹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 452-477.

⁵³⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 464-466 (tradução nossa).

⁵³¹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 471-476.

⁵³² PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 477-484.

ecumênicas relevantes (cf. P. Batiffol, L. Hertling, M. Maccarrone, O. Karrer, M. Schmaus, O. Rousseau, K. Rahner, K. Mörsdorf, Y. Congar, H. Küng, B. M. Xiberta, J. Ratzinger, W. Bertrams e o ortodoxo N. Afanassieff).⁵³³

Em sequência, Pié-Ninot reflete sobre a recepção, tanto em âmbito ecumênico,⁵³⁴ como no meio católico,⁵³⁵ que teve a publicação da Carta Encíclica *Ut Unum Sint* do Papa João Paulo II (1995), onde constata a lentidão e a dificuldade do processo de recepção, onde expõe sua análise com uma reflexão sobre o conceito teológico clássico de “primeiro entre os iguais (*primus inter pares*)”.⁵³⁶

As várias formas de Magistério são apresentadas por Pié-Ninot: a) magistério solene ou extraordinário; b) magistério universal ordinário definitivo; c) magistério autêntico ordinário ou não definitivo.⁵³⁷ A este respeito, já em maio de 1990, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (CDF) emitiu a *Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo* (§ 15-18),⁵³⁸ na qual também aborda, em sua parte III, sobre o Magistério dos Pastores, em que expõe as formas acima apresentadas.

De modo a dar conhecimento aos tipos de documentos pontifícios e do Magistério da Igreja, Pié-Ninot apresenta as definições dos vários tipos e as diferenças entre os mesmos, sendo: encíclica, carta decretal, constituição apostólica, carta apostólica, *motu proprio*, exortação apostólica, bula apostólica, breve e documentos gerais da Cúria Romana (instrução, declaração, diretório e notificação). Esclarece que estes últimos documentos, “ainda que sejam aprovados pelo Papa, não são diretamente ‘pontifícios’, mas do organismo próprio da Cúria que o emana, mantendo-se as assinaturas dos responsáveis pelos dicastérios correspondentes”.⁵³⁹

Concluindo este tópico, Pié-Ninot apresenta breves análises sobre alguns aspectos do ministério petrino: a) nota sobre a estância, ministério e estadia de Pedro em Roma; b) nota sobre o título do Papa como “Patriarca do Ocidente”; c) nota sobre os quatro eixos da essência do ministério petrino (ministério episcopal, de comunhão, colegial e primacial).⁵⁴⁰ Todos os pontos apresentados acima são de

⁵³³ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 478 (grifo do autor; tradução nossa).

⁵³⁴ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 486-491.

⁵³⁵ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 492-499.

⁵³⁶ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 488-491 (grifo do autor; tradução nossa).

⁵³⁷ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 500-506.

⁵³⁸ CDF, *Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo*, 15-18. (AAS 82 [1990], 1550-1570) In: CDF, *Documenta*, p. 389-390.

⁵³⁹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 506-510 (tradução nossa).

⁵⁴⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 515-528.

relevância para o entendimento cabal da Igreja como uma *comunidade*, em seu viés interno.

Dada a realidade interna da Igreja-comunidade, evidencia-se, por outro lado, um sinal externo da Igreja-sacramento. Passemos à análise sobre a Igreja como *sociedade*.

3.4

O “sinal exterior” da Igreja-sacramento: Igreja como sociedade

Enquanto sacramento universal de salvação, a Igreja se abre para o mundo de forma estruturada como uma *sociedade* constituída, sendo este o seu *sinal exterior*, com toda a sua dimensão fenomenológica. Tal expressão foi utilizada no Concílio Vaticano II.⁵⁴¹ Esta institucionalização tem seu fundamento em Jesus Cristo, que se organiza de forma jurídica para melhor cumprir o seu mandato de evangelizar todas as nações (Mt 28,20).

Mencionando o teólogo Y. Congar, Pié-Ninot inicia este tópico com um percurso histórico, desde o séc. XI, com “a reforma gregoriana, quando se deu uma importante ‘mudança eclesiológica’, pois – segundo Y. Congar – a noção de Igreja se tornou jurídica”.⁵⁴² A partir daí, ele menciona que a expressão Igreja como sociedade surge, de maneira mais enfática, no início do séc. XX em autores como: L. Billot, C. Pesh, M. d’Herbigny, J. Bainvel, mas foi a encíclica *Mystici corporis* (1943) que produz uma significativa mudança de entendimento, fazendo com que uma realidade transcendental da graça de Deus passasse a ser vista de modo atuante nesta sociedade cristã. Atesta Pié-Ninot:

De fato, a encíclica *Mystici corporis* (1943) produz uma importante mudança ao destacar a importância da dimensão da graça na realidade mesma do corpo social; e isso, apesar de definir a Igreja mais em termos de sociedade e corporação do que como corpo místico.⁵⁴³

A partir deste marco, Pié-Ninot vai apresentar outros autores⁵⁴⁴ e documentos magisteriais⁵⁴⁵ que evidenciam a Igreja como *sociedade*. Apresenta, ainda, uma

⁵⁴¹ LG 8. 14. 20. 23; AG 21; GS 3.

⁵⁴² PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 551 (tradução nossa).

⁵⁴³ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 552 (grifo do autor; tradução nossa).

⁵⁴⁴ Gregório VII, PP.; Roberto Belarmino; G. Soglia; C. Tarquini; F. Cavagnis; Pio IX, PP.; Leão XIII, PP.; F. Wernz-P. Vidal; A. Ottaviani; H. Dieckman; T. Zapelena; J. Salaverri (PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 552-554).

⁵⁴⁵ *Immortale Dei* (DH 3167); *Mediator Dei* (DH 3841); CEC 1983 (PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 552-562).

nota explicativa em apêndice a esta parte introdutória do capítulo, sobre as *opções institucionais da Igreja em sua relação com os Estados*: Santa Sé, Acordos bilaterais e as Nunciaturas Apostólicas.⁵⁴⁶

3.4.1

A sinodalidade como expressão da Igreja comunhão⁵⁴⁷

Pié-Ninot inicia este tópico com o devido destaque dado a S. João Crisóstomo, expondo a definição do termo *sinodalidade* que, conforme este Padre da Igreja, ela já traz na raiz de seu nome, na medida em que é uma reunião de irmãos em torno de Cristo:

Para os primeiros cristãos, o termo “sinodalidade” significa “viajar em comum” (*syn*: “com” ou “conjuntamente”; *hodos*: “caminho”); em seu uso habitual, serve para designar a assembleia litúrgica e, sobretudo, a Igreja em seu conjunto, como o próprio João Crisóstomo deixou por escrito na seguinte fórmula paradigmática: “A Igreja tem nome de sínodo (*Ekklêsía synódou estínónôma*)” (*Exp. in Psalm*, 149,1). Por esta razão, a existência e o desenvolvimento da sinodalidade é o fruto normal de uma Igreja-comunhão que é uma “fraternidade” desde as suas origens.⁵⁴⁸

Pié-Ninot faz um apanhado histórico do termo, mencionando outros Padres da Igreja⁵⁴⁹ e seus respectivos entendimentos sobre *sinodalidade*, arrematando que também o Vaticano II se utiliza da palavra “*synodus*” no sentido de “assembleia dos bispos”;⁵⁵⁰ muito embora, afirme que, “tanto no Código de Direito Canônico de 1983, como no Código dos cânones das Igrejas orientais se elimine essa equivalência”.⁵⁵¹

Pié-Ninot prossegue com uma nota sobre *Eclesiologia e Democracia: Para uma Igreja mais “sinodal” e “corresponsável”*. Nesta, o autor expõe diversos estudos de renomados teólogos, com destaque dentre eles para J. Ratzinger-H. Maier,⁵⁵² todos com várias contribuições voltadas a apresentar elementos de relação entre a sinodalidade e o episcopado, sendo, o mais relevante autor, K. Lehmann,⁵⁵³ segundo Pié-Ninot.

⁵⁴⁶ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 562-564.

⁵⁴⁷ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 565-575.

⁵⁴⁸ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 565 (grifos do autor; tradução nossa).

⁵⁴⁹ Eusébio de Cesareia; Dionísio de Alexandria; Leão Magno. In: PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 565.

⁵⁵⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 566-568.

⁵⁵¹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 566.

⁵⁵² PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 569.

⁵⁵³ K. Lehmann, *Legitimación dogmática de una democratización en la Iglesia*: Concilium 63 [1971] 355-377, cita 371. In: PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 569.

A seguir, nosso autor apresenta os princípios fundamentais para o exercício da sinodalidade:

1. *O ponto de partida*: a real igualdade e unidade de todos os batizados (LG 32);
2. *A referência fundamental*: o sacerdócio comum de todo o povo de Deus, especialmente dos leigos e leigas, a cujo serviço está o sacerdócio ministerial; ambos se diferenciam “essencialmente”, mas estão “ordenados um ao outro” (LG 10; cf. LG 14.24);
3. *As diversas formas de expressão sinodal*, articuladas a partir de três elementos: a “corresponsabilidade” de todo o povo de Deus, e particularmente, dos leigos e leigas na Igreja; a “colegialidade” episcopal; a “cooperação” dos presbíteros com seu bispo;
4. *O modo de intervenção sinodal*: o “aconselhar na Igreja” deve tornar possível a “singular unidade de espírito ou acordo comum (*‘conspiratio’*) entre os pastores e os fiéis” (DV 10, *‘conspiratio antistitum et fidelium’*, fórmula de J. H. Newman).⁵⁵⁴

Em sua reflexão sobre a sinodalidade, o teólogo F. Miranda expõe vários aspectos conclusivos sobre a necessária sinodalidade na Igreja, previstas e desejadas pelo Papa Francisco:

O lugar prioritário do povo de Deus, que deve ser escutado e assim participar ativamente da vida eclesial, a capacitação para a missão evangelizadora de cada cristão devido ao seu Batismo, o respeito à consciência de cada indivíduo na Igreja, a autoridade vista na perspectiva de serviço à comunidade, o respeito às instâncias intermediárias na Igreja, a fidelidade ao Espírito Santo sempre a renovar a caminhada dos fiéis, o importante papel enriquecedor dos pobres para o conjunto da Igreja, constituem, sem dúvida, elementos presentes na reforma empreendida pelo Papa Francisco e no seu empenho por uma Igreja sinodal, confirmando sua intenção de tornar realidade a conquista do Concílio Vaticano II.⁵⁵⁵

O tema da sinodalidade é bastante candente atualmente, de modo que, recentemente, o Papa Francisco fez a abertura de um Sínodo na Igreja para debater e refletir sobre este tema, num processo de dois anos estruturado em diversas fases, dada a sua relevância no contexto hodierno.⁵⁵⁶

Outro aspecto destacado por Pié-Ninot no viés exterior da Igreja-sacramento, como *sociedade*, vem a questão da missão e da diaconia da Igreja, fatores elementares da evangelização, que passamos a discorrer.

3.4.2 Missão e diaconia da Igreja no mundo⁵⁵⁷

Em sintonia com o tópico da sinodalidade, Pié-Ninot prossegue tratando da diaconia e missão na Igreja, retomando o Concílio Vaticano II em vários de seus

⁵⁵⁴ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 570-571 (grifos do autor; tradução nossa).

⁵⁵⁵ MIRANDA, M. F., *Igreja Sinodal*, p. 51.

⁵⁵⁶ VATICAN.VA, Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão. PODER360, Papa Francisco abre maior consulta democrática da história sobre futuro da Igreja. CNBB, Dioceses brasileiras abrem fase local do sínodo dos bispos 2021-2023. VATICAN NEWS, Novidades para o Sínodo: tem início a partir das Igrejas locais.

⁵⁵⁷ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 577-598.

documentos. Ele nos apresenta: a tríplice dimensão teológica da missão;⁵⁵⁸ a evolução eclesiológica e pastoral das missões *na Igreja* para a missão *da Igreja* no mundo (Decreto sobre as missões: *Ad Gentes*); e a missão na Igreja, segundo a *Gaudium et Spes* (GS), no “amável diálogo com o mundo”.⁵⁵⁹ Seguem-se reflexões sobre a missão da Igreja em vários documentos eclesiais: na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI (1975); na Encíclica *Redemptoris Missio*, de João Paulo II (1990); nas Exortações pós-sinodais por época do Jubileu do ano 2000 (*Ecclesia in Africa* – 1995; *Ecclesia in America* – 1999; *Ecclesia in Ásia* – 1999; *Ecclesia in Oceania* – 2001; *Ecclesia in Europa* – 2003), com destaque para a Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (2001).⁵⁶⁰

Como item final deste tópico, Pié-Ninot aborda a temática do papel evangelizador da Igreja frente a uma globalização, em vista de, em suas palavras, “uma nova catolicidade”. Ele enfatiza: a) a questão da fraternidade diante da globalização; b) o princípio da compaixão para com a dor e o sofrimento do mundo; c) retoma a *Pastores Gregis* em vista à solidariedade da Igreja frente à globalização;⁵⁶¹ d) e conclui expondo o desafio da catolicidade da Igreja, entre a unidade e a pluralidade, existente no mundo globalizado.⁵⁶²

Pié-Ninot lança um questionamento conclusivo que serve para a reflexão que o tema provoca na Eclesiologia:

A Igreja pode superar um duplo perigo: viver uma universalidade globalizadora cada vez mais monolítica ou cair em uma situação tão radicalmente dispersa que leve a uma confusão de Babel. A Igreja de Pentecostes, a Igreja do Senhor Jesus, narra e testemunha o mesmo Evangelho de Jesus Cristo na diversidade das culturas e, por isso, tem a inusitada vocação de ser paradigma de fraternidade universal (cf. LG 1). Nesta linha, se pode concluir com M. P. Gallagher de maneira esperançosa o seguinte: “A globalização é uma nova versão de Babel, um universalismo radicado no poder que produz apenas fragmentações? Ou se pode tratar de um eco de Pentecostes, que leva conjuntamente unidade e diversidade, e produz amor e liberdade?”⁵⁶³

3.5

Paradoxo e mistério da Igreja

O teólogo H. de Lubac, logo após a aprovação da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Vaticano II, resumiu toda a Eclesiologia do Concílio numa só

⁵⁵⁸ Aspectos enfocados pela LG 13-17.

⁵⁵⁹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 578-587 (tradução nossa).

⁵⁶⁰ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 589-593.

⁵⁶¹ PG 63.

⁵⁶² PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 593-598.

⁵⁶³ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 597 (tradução nossa).

palavra: **mistério**, precisamente da mesma forma em que foi redigido o título do primeiro capítulo desta constituição conciliar. Afirmava o teólogo:

No fundo, o alfa e o ômega [...] se resumem numa só palavra: mistério. *De Ecclesiae mysterio*: tal é – como se sabe – o título adotado pelo primeiro capítulo da constituição conciliar *Lumen Gentium*. Não obstante, para poder chegar a este ponto, começaremos com um passo mais modesto. Antes de contemplar o mistério da Igreja, vamos meditar sobre o *paradoxo*.⁵⁶⁴

Pié-Ninot destaca que a palavra “paradoxo” é entendida na tradição cristã no sentido em que aparece no texto paulino de 1Cor 1,17-31. Destaca que a renovação iniciada antes do Vaticano II na Igreja se deve a grandes teólogos, tais como: K. Rahner,⁵⁶⁵ Y. Congar,⁵⁶⁶ V. Balthasar⁵⁶⁷ e J. Ratzinger,⁵⁶⁸ Pié-Ninot discorre sobre a questão do paradoxo na Igreja e seu efeito de “mistério”, que a envolve dentro dessa ótica paradoxal. Precisamente, nessa perspectiva, Pié-Ninot destaca, o texto de V. Balthasar, no qual este autor compara a Igreja a uma “casta meretriz” e chama a atenção do leitor para o alto preço que a Igreja paga (na comparação com uma meretriz) pela santidade. Ele lembra, evidentemente, o poder santificador do Espírito Santo, mas acrescenta que o pecado está na humanidade:

Em todos os lugares onde o homem atua como homem, em todos que se tornam cristãos, inclusive os melhores, em todos os dirigentes da Igreja, inclusive os que ocupam os lugares mais altos, se darão a conhecer de maneira inevitável e frequente a debilidade e a astúcia humanas, a janela do pecado humano.⁵⁶⁹

Desta forma é que se vê uma Igreja divino-humana, onde há três formas de paradoxo na Ecclesiológia, segundo Pié-Ninot destaca: a) a grandeza e a miséria humanas; b) a relação entre imanência e transcendência; c) a visibilidade e a invisibilidade da Igreja.⁵⁷⁰ Por isso, se pode falar de uma Igreja de Cristo, mistério de salvação, presente no mundo em meio a um paradoxo, “realidades opostas e paradoxais”. Contudo, alerta para o sentido real de *paradoxo*, que “não significa contradição ou negação, mas uma realidade que, em síntese, é composta de

⁵⁶⁴ LUBAC, H. de., *Paradoja y misterio de la Iglesia* (1967), p. 19, *apud* PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 599 (grifo do autor; tradução nossa).

⁵⁶⁵ RAHNER, K., *Iglesia de los pecadores*. In: RAHNER, K., *Escritos de Teología*. 6. vol. Madrid: Taurus, 1961ss, *apud* PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 600.

⁵⁶⁶ CONGAR, Y., *Verdadera y falsa reforma en la Iglesia*. Salamanca: Sigueme, 2014 *apud*: PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 600.

⁵⁶⁷ BALTHASAR, U. V., *Ensayos teológicos*, II. Madrid: Guadarrama, 1965, p. 239-354, *apud*: PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 600.

⁵⁶⁸ RATZINGER, J., *Soy negra pero hermosa*, 1962. In: RATZINGER, J., *Nuevo Pueblo de Dios*, Barcelona: Herder, 1972. p. 285-290, *apud* PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 600.

⁵⁶⁹ PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 600 (tradução nossa).

⁵⁷⁰ PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología*, p. 601-602.

elementos diferentes entre si, mas não em exclusão recíproca”.⁵⁷¹ Dentro deste entendimento é que se pode conciliar o mistério da Igreja em meio ao seu paradoxo. O próprio H. de Lubac assinala que “o Evangelho mesmo está cheio de paradoxos; o homem é um paradoxo vivente e, segundo os Padres da Igreja, a encarnação é o paradoxo extremo”.⁵⁷² E Pié-Ninot acrescenta que “Cristo é o mistério por excelência; a Igreja, um mistério derivado”.⁵⁷³ Citando H. de Lubac, Pié-Ninot conclui:

“O mistério da Igreja, como todo mistério, não pode ser captado com um olhar direto e simples, mas somente através da sua refração em nossas inteligências. Toma ali o aspecto de paradoxo, que somente se pode expressar por meio de uma série de antíteses ou, se se prefere, de enfrentamentos dialéticos” (H. de Lubac, *Paradoja y misterio de la Iglesia*, 49). Eis aqui, pois, a chave teológica e o paradigma para usar o paradoxo como método de discernimento do mistério da Igreja na história.⁵⁷⁴

O presente capítulo se encerra na obra de Pié-Ninot tratando da temática do testemunho cristão como algo que torna a Igreja mais credível no mundo, tema já apresentado neste trabalho no capítulo anterior. Assim, de posse do tema da sacramentalidade na Igreja como novo lugar sociocultural na eclesiologia de Pié-Ninot com seus aspectos *interno*, como *comunidade*, e *externo* como uma *sociedade*, daremos continuidade no capítulo seguinte, evidenciando o testemunho cristão como manifestação da sacramentalidade da Igreja na Eclesiologia de Salvador Pié-Ninot.

⁵⁷¹ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 602 (tradução nossa).

⁵⁷² LUBAC, H., *Paradoja seguido de nuevas paradojas*, p. 6 *apud*: PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 602 (grifo do autor; tradução nossa).

⁵⁷³ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 602 (tradução nossa).

⁵⁷⁴ PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología*, p. 602 (tradução nossa).

O testemunho como questão de Sacramentalidade da Igreja

Iniciamos o desenvolvimento da presente tese com um capítulo que abordava a importância do testemunho cristão para a Igreja frente ao mundo, e mesmo dentro da própria Igreja,⁵⁷⁵ tendo percorrido o sentido que o mesmo foi adquirindo ao longo da história dos Concílios, dos pronunciamentos dos recentes Pontífices pós Vaticano II, num percurso que evidencia como este tema esteve e está tão presente na vida eclesial. Logo a seguir,⁵⁷⁶ adentramos na compreensão que a noção de sacramentalidade foi adquirindo na Igreja, baseada, principalmente, no que apresentou o teólogo Salvador Pié-Ninot em seu extenso tratado de Ecclesiologia. No presente capítulo, procuraremos conectar entre si os dois aspectos da pesquisa, evidenciando a importância do testemunho no Cristianismo como um sinal evidente da sacramentalidade da Igreja de Cristo. Iniciaremos com uma abordagem geral que tange os dois princípios, não só apresentada pelo teólogo espanhol mencionado, mas também por outros teólogos que contribuíram nesta temática.

4.1

O aspecto central do *mistério*: Cristo

O primeiro entendimento que Pié-Ninot evidencia em sua obra é quando afirma que a missão da Igreja de evangelizar a todos os povos tem como “realidade teológica” o próprio testemunho cristão.⁵⁷⁷ Na medida em que Jesus conclama os seus apóstolos a saírem pelo mundo evangelizando todos os povos (Mt 28,19-20), certamente isto implicava no fato principal de eles darem testemunho daquilo que viram e ouviram do Senhor, levando adiante a sua mensagem salvífica. Deveriam anunciar ao mundo não somente as palavras de ensinamento do Mestre galileu, mas também tudo aquilo que tinham visto e presenciado em sua vida pública. Afinal, os fatos vivenciados por todos os apóstolos serviam para comprovar os divinos ensinamentos de seu Mestre oralmente apresentados aos Doze e a todos os ouvintes;

⁵⁷⁵ Capítulo 2 da presente tese.

⁵⁷⁶ Capítulo 3 da presente tese.

⁵⁷⁷ PIÉ-NINOT, S., Ecclesiología, p. 255.

ao mesmo tempo, que estas palavras eram ratificadas por seus gestos, milagres e vida cotidiana. Assim, os fatos comprovavam as palavras; as palavras ratificavam os fatos. O testemunho apostólico se apresenta, assim, como sinal eficaz da presença de Cristo pelo anúncio da Boa-nova, e na medida em que o torna presente quando “recordavam” tais fatos. Este “recordar” vem no sentido de “memória” e “memorial”. O testemunho que os apóstolos apresentavam do Senhor aos seus ouvintes, fazia memória de sua divina presença. O sentido da “memória” no caso, resgata aquele sentido bíblico de “*zikkaron*”, ou seja, o de tornar presente na história aquele evento crístico único, evidenciado pela teologia sacramentária. C. Rochetta explica esta “memória” nas ações do Senhor como atos salvíficos que estão para além do tempo e do espaço:

São ações que transcendem as leis do espaço e do tempo: uma vez realizadas, são realizadas para sempre e adquiridas de modo absoluto. A humanidade assumida pelo Verbo na união hipostática não apenas foi o *sacramentum coniunctum* da redenção operada no passado, mas o é atualmente, enquanto não deixou de existir depois da ressurreição e ascensão ao céu, permanecendo indissolivelmente unida ao “eu” divino do Cristo glorificado. E é essa humanidade assumida e glorificada que constitui o sacramento fundamental da economia salvífica no tempo da Igreja, único âmbito em que se tornam inteligíveis os mistérios da Igreja, “*sacramentum Christi*”, e os sacramentos, ações do Cristo glorioso na Igreja e, mediante a Igreja, no mundo.⁵⁷⁸

Os Sacramentos são atos salvíficos de Cristo perpetuados no hoje através dos séculos, fora do tempo e do espaço, ininterruptamente. Por isso, precisamente, os sacramentos são atos que atualizam e presentificam as ações de Cristo no hoje da Igreja, curando, perdoando, abençoando, santificando, unindo, fazendo tudo o que o Senhor fazia para a salvação da humanidade, de modo atual, nos tempos hodiernos, presentificando seu amor por todos os seres humanos. Por isso, C. Rochetta complementa afirmando que os mistérios de Cristo são verdadeiras “maravilhas da salvação”; e que tais maravilhas se evidenciam, sem dúvida, nos milagres de Cristo, como verdadeiras obras divinas e com o sentido sacramental, ou seja, como sinais sacramentais escatológicos, de modo que tais milagres são “*mirabilia Dei*”, isto é, “intervenções divinas de graça e salvação, intervenções singulares e eficazes em acontecimentos históricos”.⁵⁷⁹

Tais testemunhos como atos que tornam Cristo presente na história possuem, assim, um caráter sacramental. Neste sentido, o mistério de Cristo, *mysterion*, é vivido presencialmente ao longo da história. Precisamente, segundo F-J. Nockle,

⁵⁷⁸ ROCCHETTA, C., Os Sacramentos da fé, p. 69 (grifos do autor).

⁵⁷⁹ ROCCHETTA, C., Os Sacramentos da fé, p. 70-75.

tal vocábulo fora entendida pela Igreja como *sacramentum*, cujos significados foram fundidos entre si já a partir do séc. II d. C.,⁵⁸⁰ e entendidos como sinônimos por Agostinho, o doutor de Hipona.⁵⁸¹ Ora, o testemunho cristão como memorial sacramental da presença de Cristo por meio de sua palavra e de seus atos, trazidos pelos cristãos no momento presente, torna evidente a sacramentalidade do testemunho cristão. Cristo como Sacramento primordial se faz presente no e pelo testemunho cristão, tornando-o sacramental.

Pié-Ninot destaca ainda a necessária “filiação e fraternidade em Cristo”, presentes neste testemunho cristão, os quais evidenciam o próprio caráter intrínseco da Igreja, no que ele assinala como “dimensão ontológica da Igreja”⁵⁸² em seu caráter missionário, seja em sua realidade interior da Igreja como *comunidade*,⁵⁸³ seja em seu sinal exterior, ou seja, a Igreja como *sociedade*.⁵⁸⁴

Anunciar o Evangelho mediante palavras e pelo testemunho cristão é fazer com que Cristo, presente neste anúncio, possa alcançar os corações dos ouvintes, numa ação presencial do próprio Deus à humanidade. Cristo é o centro de toda a pregação evangélica, na medida em que ele é o ápice da vida cristã.

Contudo, cabe-nos um questionamento: como deve ser feito tal anúncio evidenciando a presença de Cristo no testemunho cristão numa sociedade plural dos dias atuais?

Segundo o teólogo espanhol G. Uríbarri, a resposta está em adequar as propostas dogmáticas que falam de Cristo, adaptando-as ao contexto atual, no que chama de uma “modernidade líquida”,⁵⁸⁵ que se contrapõe a uma modernidade sólida. Explica o teólogo que, na modernidade líquida, em face das dificuldades cotidianas da enfermidade e da morte, do trabalho, da família, do sentido de vida, por exemplo, não são encontrados elementos sólidos referenciais de apoio que sejam duradouros e consistentes, donde o termo “líquida”. Para tal, ele cita as

⁵⁸⁰ NOCKE, F.-J., Doutrina geral dos sacramentos. In: SCHNEIDER, T. (Org.), Manual de Dogmática, p. 177.

⁵⁸¹ NOCKE, F.-J., Doutrina geral dos sacramentos. In: SCHNEIDER, T. (Org.), Manual de Dogmática, p. 178-179. Também compartilha do mesmo entendimento de Nocke: BOURGEOIS, H., O testemunho da Igreja antiga: uma economia sacramental. In: SESBOUÉ, B. (Dir.); BOURGEOIS, H.; TIHON, P., Os sinais da Salvação (séculos XII – XX), p. 41-42.

⁵⁸² PIÉ-NINOT, S., Ecclesiologia, p. 255.

⁵⁸³ Vide item 3.3 da presente tese.

⁵⁸⁴ Vide item 3.4 da presente tese.

⁵⁸⁵ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso proponer sobre Cristo para transmitir la fé en una cultura plural. In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 147-191.

palavras de Z. Bauman, para quem “o peso da construção de pautas e da responsabilidade pelo fracasso caem primordialmente sobre os ombros do indivíduo”,⁵⁸⁶ acarretando estresse e angústia por não haver uma válvula de escape numa configuração de sociedade que o acolha e lhe mostre uma saída. Daí, o ser humano se sente sozinho, destituído de qualquer apoio sólido e consistente. Afirmo ainda Z. Bauman:

Todos os [apoios] sólidos, que têm sido submetidos à dissolução, que se derretem neste momento, o momento da modernidade fluida, são os vínculos entre as escolhas individuais e seus projetos e às ações coletivas – as estruturas de comunicação e coordenação das políticas de vida individuais e as ações políticas coletivas.⁵⁸⁷

Portanto, o ser humano se sente completamente sozinho no cotidiano da vida atual, sem qualquer instituição em que possa se apoiar e se sentir seguro; ou mesmo, onde possa encontrar respostas ou sugestões que lhe deem suporte para enfrentar as dificuldades da vida. G. Uríbarri completa afirmando que tal configuração de sociedade vai afetar sua “identidade religiosa, sua conduta religiosa, e mesmo, sua compreensão da religião enquanto tal”,⁵⁸⁸ na qual se enquadra, também, o Cristianismo e a Igreja Católica na sociedade moderna. É precisamente neste contexto da sociedade atual que ele procura identificar alguns pontos críticos para, então, propor saídas propícias ao Catolicismo.⁵⁸⁹

Ele inicia apontando três fatores determinantes presentes na cultura atual, que se mostram como verdadeiros desafios para a evangelização. Logo após apresentar tais dificuldades, o autor vai pôr em relevo algumas propostas para se confrontar com tais características numa missão.

O primeiro desafio é o *pluralismo* das várias crenças religiosas da atualidade que, muitas vezes, acabam por desencadear certo *relativismo*. Observa ele que, na sociedade atual, é comum a convivência entre um cristão e seus amigos de outras

⁵⁸⁶ BAUMANN, Z., Modernidad líquida, p. 13, *apud* URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso proponer sobre Cristo para transmitir la fé en una cultura plural. In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 149 (tradução nossa).

⁵⁸⁷ BAUMANN, Z., Modernidad líquida, p. 11-12, *apud* URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 149 (tradução nossa).

⁵⁸⁸ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 149 (tradução nossa).

⁵⁸⁹ Em uma de suas mais recentes obras (URÍBARRI, G., Jesucristo para jóvenes), G. Uríbarri se debruça de maneira magistral nesta temática para oferecer variadas alternativas aos jovens para viverem sua fé cristã, especialmente no tocante a evidenciar a pessoa de **Jesus Cristo** como chave para uma pastoral eficaz, evidenciando a importância de se crer no Senhor e de ver nele a imagem do Pai, sua comunhão com a Igreja, e apontando a necessária devoção a Jesus na singularidade de sua humanidade como aquele Sagrado Coração, “um manancial que sacia a sede” humana.

crenças religiosas, muitas delas, alheias a qualquer “igreja”, nas quais o “crer ou não crer” é uma questão de opinião pessoal. Daí se faz presente o relativismo da fé.⁵⁹⁰ Afirma G. Uríbarri: “Deduz-se que o crer ou o não crer se traduz *numa opção pessoal*, muito mais do que algo socialmente dado com o nascimento, a família, a educação ou a pertença a um povo, à região ou ao país”.⁵⁹¹ O respeito e a tolerância para com tais crenças adversas dos amigos é, por vezes, assimilado de modo sorrateiro pelos cristãos que nem se dão conta de perceber suas diferenças fundamentais comparadas à fé cristã, donde vêm a relativizar seus pressupostos. Um certo apreço para com os outros de diferentes crenças se dá numa esfera de normalidade, onde o cristão chega até a assimilar certas doutrinas e a crer ser possível uma pacífica convivência com as mesmas. Não está tão longe conhecermos cristãos que, por exemplo, aceitam a teoria da reencarnação, apregoada por diversas crenças e seitas, não percebendo qualquer incompatibilidade para com a ressurreição de Cristo e dos cristãos, apregoada no Credo.

A segunda característica é aquela em que a fé cristã procura se manter, sim, num ambiente cristão, porém, um ambiente já em ruínas, ou numa “Cristandade em desmoronamento”,⁵⁹² na qual o ponto chave seria “*crer sem pertencer*”.⁵⁹³ G. Uríbarri destaca que a fé cristã já não é mais vivida com o pleno conhecimento da doutrina e de seus preceitos em acordo com os ditames da ortodoxia passados pela Igreja. Mas ocorre uma fé que se molda ao que parece ser mais conveniente ao ser humano, mais “confortável”, que vise, em primeiro lugar, ao seu bem-estar pessoal e psicológico, em detrimento de outros aspectos que “não lhe agradam ou não lhe convém”, segundo suas concepções pessoais. Desta forma, a prática de sua religiosidade estaria completamente desvinculada do fato necessário de pertencer à Igreja, não se associando à prática religiosa regular numa uniformidade de fé cristã. É o que ele chama de “crença à *la carte*”.⁵⁹⁴ Ademais, ele alerta ainda, para o perigo

⁵⁹⁰ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 150-151.

⁵⁹¹ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 151 (grifo do autor; tradução nossa).

⁵⁹² URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 152-153.

⁵⁹³ Segundo G. Uríbarri, esta expressão foi cunhada originalmente pela autora Davie, G. in: Religion in Britain since 1945. Believing without belonging. Blackwell, Oxford, 1994, p. 106-107, *apud* URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 151, nota de rodapé, 7.

⁵⁹⁴ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 153.

que uma certa tolerância com as diversas religiões e crenças, numa aceitação “confortável” dessa diversidade religiosa, acaba por levar o cristão a desconsiderar a necessidade de crer numa verdade única: Cristo.⁵⁹⁵

Como terceira característica da cultura hodierna, em complemento à anterior, G. Uríbarri destaca que a fé se torna, por vezes, uma verdadeira *viagem espiritual* em busca de uma satisfação pessoal, especialmente no âmbito emocional subjetivo. Desta forma, o ser humano não visa praticar sua religião como um culto a Deus, ao Senhor e Criador de tudo, mas naquilo que tal culto pode satisfazer às suas necessidades pessoais, tais como, possuir um bom emprego; uma estabilidade financeira, emocional e/ou psicológica; uma paz interior de seu ser; um relaxamento “espiritual”, que o faz sentir-se bem melhor do que a alguns minutos atrás. Destaca o teólogo, que tal empenho subjetivo por satisfação meramente pessoal, muitas vezes, lhe faz viver um *sincretismo religioso* com práticas diversas de meditação e relaxamento corporais, num ambiente terapêutico que inclui os cuidados com o corpo, bem mais acentuados do que os cuidados com a alma. Assim, a fé cristã estaria sendo associada, necessariamente, a um bem-estar emocional particular da pessoa, aliado à diferentes religiões, terapias holísticas ou formas de relaxamento e meditação.⁵⁹⁶

Isto é o que o teólogo chama de uma “crença sem fé religiosa ou uma espiritualidade sem religião”, numa busca pelo puro humanismo.⁵⁹⁷

Como contraponto a alguns desses desafios, G. Uríbarri aponta algumas possíveis propostas de soluções, tanto no âmbito da teologia (especificamente da Cristologia), como no contexto pastoral do anúncio de Jesus Cristo.

Na primeira delas, diante do pluralismo religioso, o teólogo observa que grande parte deste pluralismo cultural vigente se tornou mais evidente após os estudos histórico-críticos da recente exegese cristã. Segundo ele, tais estudos evidenciavam Jesus Cristo como um personagem histórico, físico, inserido no

⁵⁹⁵ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 169.

⁵⁹⁶ No tocante ao aspecto sobre as meditações, vale destacar a orientação que fez a CDF, na pessoa de seu prefeito, o então cardeal J. Ratzinger, ao publicar uma orientação aos bispos de toda a Igreja (CDF, Carta aos bispos da Igreja Católica acerca de alguns aspectos da meditação cristã. In: Documenta, p. 370-383). Cabe destacar a obra de URÍBARRI, G., La mística de Jesús. Desafío y propuesta; e seu artigo, URÍBARRI, G., Tres Cristianismos Insuficientes: Emocional, Ético y de Autorrealización. Ver ainda, mais recentemente, a obra do mesmo autor: URÍBARRI, G., Teología de ojos abiertos.

⁵⁹⁷ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 153-155.

contexto humano de seu tempo e de espaço (a Palestina) que, com seu “saber sério, rigoroso e objetivo, [...] buscava precisamente, a recuperação do verdadeiro Jesus, do Jesus autêntico e real, reprisando a imagem de Jesus, [que] por longos séculos [foi] sequestrada pelo dogma, pela metafísica grega e pela instituição eclesial”.⁵⁹⁸ O teólogo afirma, assim, que tal estudo trazia uma “jesuologia”, muito mais do que uma “cristologia”, especialmente na questão bultmanniana do “Jesus histórico” como um personagem distinto do “Cristo da fé”,⁵⁹⁹ com grandes prejuízos à fé cristã. Por isso, ele alerta que, do ponto de vista da fé eclesial, “não se pode ficar somente com uma construção historicista de Jesus”.⁶⁰⁰ Observa que se pode aproveitar a grande procura pela questão do Jesus histórico para se “promover um diálogo sobre Jesus Cristo e a aprofundar sobre sua pessoa”,⁶⁰¹ no que ele chama de “estratégica pastoral contracultural”.⁶⁰² Destaca que se podem ir adotando táticas de se apresentar Jesus na própria origem da Cristologia, tais como: mencionar e estudar a questão da irrupção do Reino de Deus anunciado por Jesus; analisar a perspectiva do anúncio salvífico de sua mensagem evangélica; aprofundar sobre sua divina pessoa; tudo isso, em sintonia com a fé da Igreja, no que ele vai chamar de uma “linguagem confessante”,⁶⁰³ isto é, que leve o estudioso a dar testemunho vivo da ressurreição de Jesus como ápice da Cristologia, não deixando de lado os conhecidos *hinos cristológicos*, com seu alto valor soteriológico e escatológico.⁶⁰⁴

Frente ao segundo desafio da fé em desmoronamento, que leva ao “crer sem pertencer”, G. Uríbarri observa que é um erro considerar Cristo no mesmo nível de

⁵⁹⁸ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 164.

⁵⁹⁹ Sobre a questão de Rudolf Bultmann e o Método da História das Formas, o teólogo Bettencourt apresenta boa análise (BETTENCOURT, E. T., Curso de Cristologia, p. 29-39; 377-386); bem como Ratzinger também realiza breve análise (RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, p. 127-137). No tocante à investigação histórica de Jesus, Uríbarri apresenta valiosas notas de rodapé com referências que remetem a outras contribuições, tanto de sua autoria quanto de outros teólogos, tais como: Ratzinger, Gibelline, Ansorge, Meier, Anderson, Estrada, Kasper, Aguirre, Hurtado, Cordovilla, Pannerberg, Küng, Gunton, Batolomé, Söding, Fabris, Rivas, J. Paulo II, Gerz, Gnllka, dentre outros (URÍBARRI, G., El Hijo se hizo carne, p. 23-32). A propósito sobre o pluralismo religioso, Uríbarri o desenvolve na mesma obra (URÍBARRI, G., El Hijo se hizo carne, p. 32-36).

⁶⁰⁰ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 165 (tradução nossa).

⁶⁰¹ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 165 (tradução nossa).

⁶⁰² URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 165-168.

⁶⁰³ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 165- 168.

⁶⁰⁴ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 168.

outros grandes líderes religiosos: Buda, Maomé... Isto porque, Jesus Cristo é o mensageiro e anunciador dele mesmo, enquanto também mensagem de Boa Nova.⁶⁰⁵ Portanto, há que se resgatar o anúncio de Jesus Cristo como Filho de Deus, encarnado para a nossa salvação e, por isso, o próprio Deus que se faz ser humano como nós, conforme o atestam diversos documentos eclesiais.⁶⁰⁶ Frente às várias místicas e espiritualidades não-cristãs do cotidiano, há que se resgatar o verdadeiro e maior místico de todos os tempos: Jesus Cristo, Filho de Deus,⁶⁰⁷ para apresentá-lo ao mundo que, ou o desconhece, ou não o conhece verdadeiramente. Em outras palavras, há que se resgatar, de certa forma, o ensinamento central do Concílio de Calcedônia (451), numa linguagem adequada ao século XXI.⁶⁰⁸ Com tal afirmação no resgate da verdadeira imagem de Cristo que nos mostra o Pai, ao mesmo tempo, é quem nos envia o Espírito Santo, presente na Igreja. De modo que, não se pode falar de Jesus Cristo sem a Igreja, nem se falar de uma Igreja sem Jesus Cristo. Há um elo intrínseco entre estas duas realidades. Não há como crer sem pertencer, pois um conduz ao outro, como duas realidades que se unem. Urge, portanto, o verdadeiro anúncio da Pessoa de Cristo, Deus feito homem, e da sua Igreja, como presença viva e atuante do Espírito.

Contra-pondo-se ao terceiro desafio, o da viagem espiritual em busca de uma “comodidade” na fé até com certo sincretismo, G. Uríbarri evidencia um duplo movimento. Inicialmente, ele propõe que se apresente uma espiritualidade verdadeiramente cristã nos ambientes paroquiais, colégios católicos, irmandades e congregações diversas, em oposição a uma mística de “conforto espiritual pessoal”, em que se mostra Jesus e toda a sua vivência íntima com o Pai na mais profunda mística. O mesmo teólogo afirma que, aliás, essa prática do “conforto” presta um desserviço à fé e já está, infelizmente, presente em muitos ambientes cristãos:

⁶⁰⁵ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 171.

⁶⁰⁶ Uríbarri traz como referência a Constituição Dogmática *Dei Verbum* do Vaticano II, além da Declaração *Dominus Iesus* de 2000, bem como outras referências, dentre elas, o comentário de H. de Lubac, Comentario ao preambulo y al capítulo primeiro, *apud* URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 172, nota de rodapé 41. Menciona ainda uma palestra do então secretário da CDF, Mons. Luís Ladaria, S.J., em janeiro de 2015, no encontro das Comissões Doutrinais das Conferências Episcopais Europeias, sobre a unicidade de Cristo e da Igreja, *apud* URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 170, nota de rodapé 38.

⁶⁰⁷ Aquí, faz-se bastante oportuno referenciar as valiosas obras de URÍBARRI G.: *La mística de Jesús e Teología de ojos abiertos*.

⁶⁰⁸ Neste sentido, torna-se relevante a recente obra de URÍBARRI, *El Hijo se hizo carne*.

Estariamos prestando um desserviço à fé cristã e à sua propagação se nos deixarmos levar pela demanda: ela não pede o cristianismo, mas o esoterismo sincrético psicologizante terapêutico e emocional. Elementos desse novo gnosticismo já foram introduzidos em alguns ambientes, com todas as benções às vezes, e impõem sua lógica implacável.⁶⁰⁹

Note-se que o autor já menciona “elementos do neognosticismo”, tema que trataremos mais adiante neste capítulo, por se tratar de uma heresia do início do Cristianismo que se reapresenta hoje, a ponto de ter sido enfatizada pelos recentes papas. Daí, a importância de lembrarmos esta heresia contrapondo o testemunho cristão como meio eficaz para combatê-lo, segundo nossa visão.

Em segundo ponto, o autor propõe evidenciar a constante ação do Espírito Santo em Jesus em diversas passagens dos Evangelhos: na oração do Pai-nosso como seu jeito próprio de rezar ao Pai e seu ensinamento aos discípulos; a sua capacidade misericordiosa de se confrontar com os que dele discordavam e até com a morte, em total obediência ao Pai; e, sem dúvida, sua ressurreição como sinal principal em que o Pai ratifica o caminho ensinado por Jesus. Por tais motivos, pode-se e se deve seguir Jesus e seu caminho, com a boa nova (evangelho) que nos traz. É pela vida pública do Senhor narrada nos Evangelhos que nos mostra o Pai e a ação do Espírito Santo em sua vida, mediante as curas, alívio dos sofrimentos humanos, a acolhida aos pobres e mais necessitados. Jesus nos mostra a misericórdia do Pai para com todos nós, seus filhos. G. Uríbarri apresenta a obra teológica de J. Ratzinger, a trilogia *Jesus de Nazaré*, como a “imposição soteriológica geral [cuja] tese central se pode formular assim: sendo Jesus o Filho, nos pode trazer a Deus e a sua salvação”.⁶¹⁰

Enfatiza o teólogo que o Cristianismo não deixou de se importar com o corpo humano, quer seja pelos tratados teológicos de Cristologia (o corpo de sangue do Senhor entregues por nós) e de Antropologia cristã (corpo e alma humanos), quer seja pela Liturgia (prática do jejum, as posições corporais na Missa) e pela própria Soteriologia (ressurreição da carne).⁶¹¹ Portanto, a boa notícia salvífica da mensagem de Cristo ao mundo (o evangelho) deve ser anunciada e testemunhada por cada cristão. O autor reconhece as dificuldades para tal anúncio, mas destaca a

⁶⁰⁹ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 176-177.

⁶¹⁰ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 181.

⁶¹¹ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 182-185.

importância de se adquirir: a) uma linguagem eclesial inteligível, que trate do anúncio do Reino de Deus aos irmãos no mundo de forma eficaz; b) e que dê o necessário destaque à salvação transcendente, própria da fé cristã, sem deixar de mencionar o caráter salvífico da paixão e morte de Cristo, nosso Redentor, causa principal da salvação do ser humano.⁶¹²

Em conclusão, o teólogo apresenta dois aspectos como sugestões conclusivas para o anúncio da fé que surtam efeito nos ouvintes: 1º) o anúncio *dogmático*; 2º) aliado a uma eficaz ação *pastoral*.⁶¹³ Ele destaca que a Igreja deve apresentar de modo bastante eficaz a pessoa de Jesus Cristo como único Salvador do mundo, portanto, fazer um anúncio cristológico (dogmático) em sua essência, mediante uma técnica que proponha sua ação salvífica (ação pastoral) para todos os seres humanos.

Diante do cenário pluralista e competitivo de variadas religiões e seitas de nosso tempo, como proposta *pastoral* de anúncio do evangelho, G. Uríbarri destaca que se deve enfatizar que Jesus é o *mensageiro* e a própria *mensagem* salvífica para o mundo. Afinal, a pessoa e a obra de Jesus permanecem sendo a única esperança de salvação, cuja mediação é trazida e atualizada pela Igreja. Portanto, não se pode deixar de apresentar Jesus como de fato Ele é, com toda a sua realidade de Filho de Deus. É fato que já não se observa no povo em geral, qualquer apoio ou interesse sobre elementos especificamente religiosos, tais como, a imagem e a noção de Deus; o conhecimento da única divindade que se revelou em Jesus Cristo; a oração como um diálogo com Deus; uma autêntica vida espiritual cristã; e, principalmente, temas relacionados à moral familiar e sexual. Todos estes elementos já não gozam de qualquer credibilidade junto à opinião pública, que não demonstra mais qualquer interesse por tais assuntos apresentados por uma instituição eclesial. Em contrapartida, o teólogo ressalta que, em aspectos relacionados à caridade fraterna, à promoção do bem comum, e às missões cristãs caritativas, bem como, em algumas instituições de ensino católico, ainda é possível se considerar certo apoio e interesse da opinião pública laica, sendo, precisamente, por estes meios, que o evangelho

⁶¹² URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 182-185.

⁶¹³ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 185-191.

pode atingir o coração do povo.⁶¹⁴ Ele observa que, ainda este mesmo público, não é um público ouvinte cativo e fiel que frequenta missas regularmente, mas sim, pessoas quaisquer, que misturam sua fé com certa descrença, certo distanciamento, sincretismo, indiferença religiosa e, até mesmo, com uma crença não teísta ou uma espiritualidade ateia.⁶¹⁵ Para estes, enfatiza o teólogo, é preciso buscar as oportunidades esporádicas para evangelizar, pois este público até aparece em alguns momentos religiosos, tidos como eventos sociais: batizados, casamentos, missas de sétimo dia e primeiras comunhões.⁶¹⁶

Neste contexto diverso, G. Uríbarri destaca quatro características: primeiramente, aponta ele, que se deve buscar apresentar a identidade da fé cristã como proposta eficaz do Cristianismo, e corrobora citando J. Ratzinger: “A figura de Cristo deve ser apresentada na íntegra e em profundidade. Não podemos nos conformar com um Jesus à moda”.⁶¹⁷ No segundo aspecto, ele destaca que o Cristianismo deve ser apresentado de forma amável aos destinatários, pois um anúncio de fé que se faz mediante reprimendas morais não ajuda em nada. Terceiro, a fé cristã deve ser proposta de modo atraente aos ouvintes, tal como, o Papa Francisco nos solicita: “A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração”.⁶¹⁸ Como quarto e último aspecto, o teólogo menciona que “o sinal de identidade da Igreja, dos cristãos, e da fé cristã é, propriamente, a *alegria* do evangelho”.⁶¹⁹ Em suma, deveríamos procurar anunciar o evangelho e Cristo de uma forma prazerosa aos ouvintes, que desperte neles o interesse em conhecer mais a Cristo e a se aprofundar nos vários pontos dogmáticos necessários e importantes à nossa salvação. Um anúncio que se faz com alegria daquilo que é anunciado desperta interesse em ser conhecido. Levar Cristo com amor às nossas comunidades torna-se o modo eficaz de fazê-lo conhecido e amado. Neste ponto, é relevante mencionar

⁶¹⁴ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 189.

⁶¹⁵ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 189.

⁶¹⁶ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 190.

⁶¹⁷ RATZINGER, J., Un canto novo para el Señor, p. 47-48, *apud* URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 190.

⁶¹⁸ EG 14, *apud* URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 191.

⁶¹⁹ URÍBARRI, G., Núcleos dogmáticos que es preciso... In: MONTES, A.; PÉREZ, A., Sociedad multicultural y conciencia cristiana, p. 191 (grifo do autor).

a importância do testemunho cristão e da testemunha que o leva. Fazer um anúncio alegre e feliz com um sorriso no rosto e com a certeza daquilo que se anuncia, certamente, terá um efeito de acolhida pelos ouvintes que perceberão tal alegria no mensageiro e na mensagem a ser abraçada. Assim, o testemunho alegre do Evangelho feito por uma testemunha também alegre e feliz é sinal de Cristo que se faz presente neste querigma; é sinal, portanto, de sacramentalidade da Igreja. Sem dúvida, como iniciado neste tópico, Cristo permanece sendo o centro do anúncio de salvação: a alegria do mistério salvífico de Cristo sendo anunciado com satisfação ao mundo, pois o evangelho é uma mensagem de prazer sem igual que faz com que a paz e o amor de Cristo invadam e tomem a pessoa humana.

Contudo, antes de adentrarmos ao aspecto do testemunho cristão como sacramentalidade eclesial, cabe-nos ainda destacar duas grandes heresias dos primeiros séculos que ainda se fazem presentes na atualidade, tendo sido ambas, muito enfatizadas pelo Papa Francisco. Trata-se do neognosticismo e do neopelagianismo, que passamos a abordar brevemente, seguido da contraposição que os fazem os ensinamentos do próprio Pontífice Francisco em sua ortodoxia de combate à tais heresias que ressurgem.

4.2

O mundanismo espiritual

A expressão “mundanismo espiritual” foi utilizada pelo Papa Francisco⁶²⁰ ao se referir à duas formas de heresias que voltam à tona nos tempos atuais, as quais visam tirar proveito próprio em detrimento da glória de Deus. Pois, como enfatiza o pontífice: “[o mundanismo espiritual] é uma maneira sutil de procurar ‘os próprios interesses, não os interesses de Jesus Cristo’ (Fl 2,21)”.⁶²¹ E complementa mais adiante, afirmando que “[tal postura] se esconde por detrás das aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja”.⁶²² O Papa quer dizer que o mundo da atualidade busca, nestas duas heresias reeditadas e reapresentadas, tirar um proveito próprio, numa forma e num estilo de vida em concordância com o que de nocivo estas heresias já apresentavam no passado.

⁶²⁰ EG 93.

⁶²¹ EG 93.

⁶²² EG 93.

No tocante ao gnosticismo, este visa apresentar, basicamente, um dualismo entre corpo e alma, evidenciando-se as duas realidades, quer do corpo material, quer da alma espiritual, como sendo opostas entre si, e que se encontram sempre em choque, disputando uma contra a outra. Assim, os adeptos do corpo não se preocupam com as coisas espirituais da alma, bastando o culto ao corpo perfeito: dietas, ginásticas e clínicas de estética, sem dar a mínima importância aos valores humanos espirituais. E há aqueles que, no polo oposto, buscam somente esta realidade, pensando ser possível um desprezo total pelo corpo, não buscando cuidar da própria saúde corporal, de modo que, para estes, só vale a atitude de se pensar num astral superior e de com ele se conectar por exercícios de meditação transcendental, por exemplo, sem se importarem com a saúde e seus cuidados necessários.

Quanto ao pelagianismo, há uma corrente atual que acredita não ser necessária a graça de Deus para a nossa salvação, pois, assim pensam, o ser humano pode dar conta de si mesmo, sem necessitar do auxílio divino, muito menos, da obra redentora de Cristo. Tais pessoas voltam-se para uma total imanência em desprezo total à transcendência, à fé, à religião, que julgam ser supérfluas.

Sobre tais heresias passamos a discorrer a seguir.

4.2.1 O neognosticismo

Sabe-se que o Gnosticismo foi uma das primeiras heresias do Cristianismo, surgida no séc. I, e que se estendeu ainda pelos séculos seguintes. F. Bazán destaca o ocorrido na época e os vários nomes que a heresia adotou no decorrer do tempo:

O Gnosticismo é uma escola ou corrente cristã identificável desde meados do século I (1Cor 15), que se manteve ativa até o século VI. [...] A partir de meados do século II, começou a ser sistematicamente rejeitado como uma forma impraticável de filosofia cristã pela corrente protocatólica romana (*Syntagma* de Justino Mártir, 1Apol 26,1-8) até seu desaparecimento, causado pelo sucessivo assédio da orientação heresiológica e pelo acompanhamento das condenações de bispos drasticamente hostis (Atanásio, *Cartas festales*). Posteriormente à existência histórica referida, sobreviveram suas influências através dos adeptos das chamadas “gnoses dualistas”: maniqueus, paulicianos, bogomilos, cátaros e albigenses.

Nominalmente, o gnosticismo deriva seu nome genérico da palavra grega *gnósis* [...], “conhecimento”, porque seus simpatizantes são “os que possuem o conhecimento”, e isto é confirmado tanto pelos testemunhos diretos como pelos autores cristãos e filósofos gregos (Celso, Plotino, Porfírio). Porém, são também designados com nomes particulares que os observadores externos atribuem aos diversos grupos em relação com os mestres cujos ensinamentos seguem (simonianos, carpocratianos, basilidianos, valentinianos etc.), o tipo

de tradição primordial à qual se ligam (setianos) ou certas práticas de culto que os definem (barbelognósticos, naassenos, ofitas e outros).⁶²³

O Gnosticismo se mesclara com elementos cristãos, tendo sido bastante nocivo ao Cristianismo primitivo, conforme corrobora A. Pérez: “[O] desenvolvimento mais conhecido [do gnosticismo] se realizou em simbiose com conceitos cristãos, chegando a ser movimento herético dentro da Igreja, o qual se dividiu em diversas seitas”.⁶²⁴ Ora, tal comportamento exigiu o empenho de grandes defensores da fé na época da Patrística.⁶²⁵ Vê-se que, não somente nos primeiros séculos do Cristianismo, mas também no decorrer da história da Igreja, o Gnosticismo se fez presente com diversos nomes.

O Papa Francisco, no seu primeiro ano de pontificado, mencionou dois tipos de fé entendidos pelos gnósticos, ao que ele contrapõe com uma afirmação de Irineu de Lião († 202), corroborando que ainda “em nossos dias [o gnosticismo] continua a ter seu encanto e seus seguidores”.⁶²⁶ Alguns meses depois, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, falando sobre o que chamou de “mundanismo espiritual”,⁶²⁷ Francisco aponta que o gnosticismo, presente na atualidade, é algo que “se fecha no subjetivismo, [...] que supostamente conforta e ilumina, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos”.⁶²⁸ A pessoa viveria um isolamento numa fé própria que não conduz ao outro, mas que se fecha em si mesma, num bem-estar pessoal, segundo o Papa, bem mais danoso do que um mundanismo moral.⁶²⁹ Já o Papa Bento XVI

⁶²³ BAZÁN, F. G., Gnose, in: TAMAYO, J. J. (Org.). Novo Dicionário de Teologia, p. 248 (grifos do autor). Também V. Manzanares apresenta os nomes de tais personagens como “difusores de uma tentativa de penetração do cristianismo através de diversas teses gnósticas” (MANZANARES, C. V., Gnosticismo. In: MANZANARES, C. V., Dicionário Histórico do Cristianismo, p. 114).

⁶²⁴ PÉREZ, A., Gnose. Gnosticismo, in: PIKASA, X.; SILANES, N., Dicionário Teológico O Deus Cristão, p. 376.

⁶²⁵ Nomes de destaque contra o Gnosticismo foram Irineu de Lião (MÜLLER, G., Dogmática Católica, p. 93), Atanásio de Alexandria e Tertuliano (MANZANARES, C. V. Gnosticismo. In: MANZANARES, C. V., Dicionário Histórico do Cristianismo, p. 114).

⁶²⁶ Já na sua primeira Carta Encíclica, a *Lumen Fidei*, Francisco afirma: “[Os gnósticos] sustentavam a existência de dois tipos de fé: uma fé rude, a fé dos simples, imperfeita [...]; e outro tipo de fé mais profunda e perfeita, a fé verdadeira reservada para um círculo restrito de iniciados [...]. Contra esta pretensão, que ainda em nossos dias continua a ter o seu encanto e os seus seguidores, Santo Irineu reafirma que a fé é uma só” (LF 47).

⁶²⁷ Numa definição para “mundanismo espiritual”, termo utilizado por Francisco, explica B. Beni: “*Mundanismo espiritual: servir-se da Igreja e da religião para buscar não a glória do Senhor, mas a glória humana e o bem-estar pessoal. O mundanismo se expressa numa linguagem exibicionista, numa preocupação exagerada com o prestígio da Igreja, na apresentação de si mesmo envolvido em uma intensa vida social cheia de viagens, reuniões, jantares, recepções (95)*” (SANTOS, B. B., Evangelizar com Papa Francisco, p. 19).

⁶²⁸ EG 94.

⁶²⁹ EG 93.

havia se preocupado com tal postura de fechamento ao “eu” próprio, quando afirmou que “o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, [...pois] fechar os olhos diante do próximo torna-os cegos também diante de Deus”.⁶³⁰

Ora, sabe-se que o gnosticismo sempre apregoou uma fé reservada a poucos, à uma elite intelectual, para a qual Francisco chama a atenção, a fim de que esta fé possa ser, assim, identificada e evitada pelos cristãos. Mais adiante, neste mesmo documento, o Papa destaca a importância da evangelização na história do Cristianismo, vista como “história da salvação”. Adverte para o fato de que não evangelizar faz com que se construa “sobre a areia” e se permaneça numa ideia simples, além de “degenerar em intimismos e gnosticismos que não dão fruto, que esterilizam seu dinamismo”.⁶³¹ Vê-se que o Papa insiste na presença de uma mentalidade gnóstica, mesmo nos tempos atuais. Por isso, ele exorta os cristãos a terem cuidado para não caírem nesta armadilha sutil. O gnosticismo, como elemento de conhecimento destinado a um grupo seletivo, prejudicaria o anúncio da fé, pois deixaria o cristão numa atitude de leve e despercebido isolamento, em vista de uma satisfação própria e subjetiva. Tal atitude deixaria o cristão numa espécie de “zona de conforto”, sem que se preocupasse em evangelizar o outro.

O tema do gnosticismo é de uma gravidade tal, devido à sutileza com que se aproxima e penetra no seio do Cristianismo, que foi objeto de um capítulo à parte em outra Exortação Apostólica de Francisco, a *Gaudete et Exsultate* de 2018, na qual ele volta ao assunto, para, precisamente, chamar o mundo atual à santidade, propósito principal desta sua exortação. O Papa volta a citar a *Evangelii Gaudium*, ao afirmar que o gnosticismo “supõe uma fé fechada no subjetivismo [... onde] a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos”.⁶³² Enfatiza que o gnosticismo se fecha em si mesmo por não se abrir ao outro, uma vez que não se baseia na caridade, mas num possível cabedal de conhecimento adquirido. Completa Francisco afirmando sobre este subjetivismo que “ao desencarnar o mistério, em última análise, preferem um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo”,⁶³³ numa “vaidosa superficialidade”.⁶³⁴

⁶³⁰ DCE 16.

⁶³¹ EG 233.

⁶³² GE 36.

⁶³³ GE 37.

⁶³⁴ GE 38.

Mais adiante neste documento, o Papa admoesta a que nos deixemos “guiar mais pelo Espírito do que pelos nossos raciocínios, [pois] podemos e devemos procurar o Senhor em cada vida humana. Isto faz parte do mistério que as mentalidades gnósticas acabam por rejeitar, porque não o podem controlar”.⁶³⁵ E faz um importante alerta válido para os dias atuais:

Com frequência, verifica-se uma perigosa confusão: julgar que, por sabermos algo ou podermos explicá-lo com uma certa lógica, já somos santos, perfeitos, melhores do que a “massa ignorante”. São João Paulo II advertia, aos que na Igreja têm a possibilidade de uma formação mais elevada, contra a tentação de cultivarem um “certo sentimento de superioridade relativamente aos outros fiéis”. Na realidade, porém, aquilo que julgamos saber sempre deveria ser uma motivação para responder melhor ao amor de Deus, porque se aprende para viver: teologia e santidade são um binômio inseparável.⁶³⁶

Francisco conclui sua colocação sobre o gnosticismo atual, chamado de *neognosticismo*, lembrando o exemplo deixado por dois santos: Francisco de Assis († 1226), que escrevia ao seu confrade Antônio de Lisboa († 1231), alertando àqueles que ensinavam teologia, a que “não apagasse neles [nos demais frades] o espírito da santa oração e devoção”; e Boaventura († 1274), que afirmara que “a misericórdia é amiga da sabedoria, e a avareza é sua inimiga”.⁶³⁷ O Papa conclama os cristãos para que levem a boa nova do evangelho aos irmãos, não guardando para si aquilo que aprenderam e conheceram de Cristo. Por isso, ele destaca os dizeres destes dois santos que se evidenciam como muito atuais, no sentido de levar a fé aos irmãos, partilhando o conhecimento sobre Deus, em oposição ao neognosticismo dos tempos atuais. O Papa admoesta também à partilha da fé visando à santidade: “conhecimento e santidade”, o que remete à teologia em vistas a uma vida cristã autêntica, mediante a prática das obras de misericórdia.⁶³⁸ Com tais palavras, Francisco evidencia sua preocupação com o outro, com o próximo e o irmão. Destaca a necessidade que o cristão deve ter de partilhar seu conhecimento com este outro, seu semelhante, mediante a prática das boas obras. Cristo nos diz que, desta forma, “conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). A temática do testemunho cristão aqui se apresenta e se impõe no pedido do Papa a toda a humanidade. Ele mesmo deixa indicado o testemunho cristão como uma possível saída que se contrapõe à heresia do

⁶³⁵ GE 42.

⁶³⁶ GE 45.

⁶³⁷ GE 46.

⁶³⁸ GE 46.

neognosticismo. O testemunho destacado pelo Papa remonta à prática das virtudes teológicas, pela fé e pela caridade.

O afastamento da humanidade ao transcendente é notório, tratando-se mesmo de uma característica dos tempos atuais, o que também é observado por C. Taylor, que se refere ao Cristianismo atual como algo “fechado, imanente, horizontal”.⁶³⁹ Referindo-se a tal afirmação, F. Miranda corrobora quando diz que há “uma *ausência* de Deus em certas camadas sociais, facilmente constatável em alguns países da Europa ocidental, mas abrangendo também outras regiões do planeta em menor escala”.⁶⁴⁰ Este teólogo apresenta uma reflexão sobre Deus na qual procura responder à pergunta sobre se haverá ainda algum sentido para se falar do mistério de Deus em nossos dias. Em seu artigo, ele enfatiza que o mistério de Deus é intrínseco ao ser humano e está mais presente em nossas vidas do que se pode imaginar, pois Deus é um mistério em si e, em qualquer discurso que se faça sobre ele, transparece a sua transcendência. Isso a começar do próprio nome de Deus, uma realidade inefável, fonte de tudo o que existe:

O mistério de Deus aparece já no próprio termo “Deus”. Pois é uma palavra que recebemos da tradição, como as demais palavras, mas que não indica como as outras um objeto determinado distinto dos outros. Um vocábulo sem conteúdo explícito e, contudo, muito frequente em nosso cotidiano. Indica, portanto, o Sem nome, o Inefável, o Silencioso. Está nos lábios de todos, até do ateu. Por que será que não conseguimos lhe fornecer um conteúdo preciso e determinado, tal como acontece com os demais vocábulos? A resposta é que este termo se refere à totalidade da realidade, ao fundamento de tudo o que existe. Ele aponta de onde viemos e para onde caminhamos, nossa origem e nossa finalidade. [...] Uma palavrinha que nos torna conscientes do que somos como seres que não só estão no mundo, mas que se perguntam pelo sentido de aí estarmos: de onde viemos e para onde vamos.⁶⁴¹

Apesar do afastamento de Deus da humanidade atual, o Senhor se faz presente ao íntimo do ser humano, com sutileza tal, que se evidencia na consciência do pensamento humano. Portanto, o racionalismo contemporâneo, uma das formas de neognosticismo, não consegue afastar totalmente Deus do ser humano, porque Ele se faz presente no âmago da consciência humana, levando o ser humano a, quase que de maneira imperceptível, descobrir a existência de Deus nos seus mais íntimos pensamentos existenciais, como resposta certa e inequívoca da razão da vida humana. Desta forma, o íntimo da consciência humana se mostra como uma arma

⁶³⁹ TAYLOR, C., *A Secular Age*, apud MIRANDA, M. F., Deus mistério de amor, p. 1. Texto base de aula *online*, proferida pelo Prof. Dr. Mário de França Miranda em 13/04/2022, através do Projeto Abertura da PUC-Rio, 2022.

⁶⁴⁰ TAYLOR, C., *A Secular Age*, apud MIRANDA, M. F., Deus mistério de amor, p. 1 (grifo do autor).

⁶⁴¹ TAYLOR, C., *A Secular Age*, apud MIRANDA, M. F., Deus mistério de amor, p. 6.

eficaz contra o neognosticismo, na medida em que presentifica Deus como criador e Senhor de todo o universo existente, inclusive, do próprio ser humano.

Também a CDF, ao se ocupar do tema sobre a salvação cristã, emite a Carta *Placuit Deo* (2018), na qual destaca certo retorno da heresia gnóstica, e esclarece que:

A salvação é então confiada às forças do indivíduo ou a estruturas meramente humanas, incapazes de acolher a novidade do Espírito de Deus. Um certo neognosticismo [...] apresenta uma salvação meramente interior, fechada no subjetivismo. Essa consiste no elevar-se “com o intelecto para além da carne de Jesus rumo aos mistérios da divindade desconhecida”. Pretende-se, assim, libertar a pessoa do corpo e do mundo material, nos quais não se descobrem mais os vestígios da mão providente do Criador, mas se vê apenas uma realidade privada de significado, estranha à identidade última da pessoa e manipulável segundo os interesses do homem.⁶⁴²

Este mesmo posicionamento sobre o neognosticismo já havia sido destacado anteriormente, num documento emitido pelo Pontifício Conselho para a Cultura e pelo Pontifício Conselho para o Diálogo Interreligioso sobre a “Nova Era”, intitulado *Jesus Cristo, portador da água da Vida: Uma reflexão cristã sobre a “Nova Era”* (2003). Na parte do Glossário deste documento, encontra-se uma comparação gnosticismo da Nova Era com o gnosticismo primitivo:

Alguns veem um renascer das ideias gnósticas em boa parte do pensamento da *Nova Era*, onde alguns de seus autores mencionam o gnosticismo primitivo. No entanto, a ênfase no monismo e mesmo no panteísmo [...], típico da *Nova Era*, leva alguns a usarem o termo *neognosticismo* para distinguir a gnose da *Nova Era* do gnosticismo antigo.⁶⁴³

Portanto, a gnose empregada pelo movimento da Nova Era apresentaria características de monismo ou mesmo de panteísmo, que o distinguiria do gnosticismo dos primórdios do Cristianismo, pois este tipo se misturava a elementos da “nova seita dos cristãos”, cuja salvação trazida pela encarnação de Cristo se daria no sentido de “libertar a interioridade do homem dos limites do corpo e da matéria”.⁶⁴⁴

Os teólogos A. Spadaro e M. Figueiroa produziram um artigo em que relacionam outra forma de neognosticismo com a chamada “teologia da prosperidade”, no qual os autores abordam algumas das denominações cristãs atuais, entendidas como “*megaigrejas* do evangelho diferente”.⁶⁴⁵ Nesta dita

⁶⁴² PD 3.

⁶⁴³ Verbete: Gnosis, em “Glosario selecto”. In: CONSEJO PONTIFICIO DE LA CULTURA; CONSEJO PONTIFICIO PARA EL DIALOGO INTERRELIGIOSO. Jesucristo, portador del agua de la vida (tradução nossa).

⁶⁴⁴ PD 4.

⁶⁴⁵ SPADARO, A.; FIGUEROA, M., A Teologia da Prosperidade, p. 97-99 (grifos dos autores).

“teologia”, busca-se um bem-estar de saúde física e financeira, fruto de uma exegese literal de textos bíblicos, numa hermenêutica religiosa reducionista e antropocêntrica, na qual o Espírito Santo, mediante “ofertas” em dinheiro feitas à determinadas “igrejas”, é posto para servir ao ser humano e atender “miraculosamente” suas necessidades. Afirmam eles:

A “teologia da prosperidade” expressa também outra grande heresia de nosso tempo, a saber, o gnosticismo: com efeito, afirma que com os poderes da mente é possível plasmar a realidade. Isto é particularmente evidente, por exemplo, no trabalho e na grande influência de Mary Baker Eddy (1821-1910) na Igreja e no movimento da Ciência Cristã. Como escreve Francisco em *Gaudete et exultate*, o gnosticismo quer por sua própria natureza domesticar o mistério de Deus e de sua graça (GE n. 41).⁶⁴⁶

Os adeptos deste tipo de teologia julgam poder apreender os poderes miraculosos de Deus de modo a dobrar sua divina vontade e, assim, atender aos pedidos de prosperidade financeira, social e de saúde, dos fiéis pedintes. Endossando tais pedidos, estes ocorrem geralmente aliados a doações de vultosas quantias em dinheiro para as igrejas, as quais agem com uma suposta “mediação” entre o pedinte e Deus. Assim, A. Spadaro e M. Figueiroa entendem a “teologia da prosperidade” como uma nova modalidade de gnosticismo, tão presente em nosso cotidiano. Como se sabe, a heresia do gnosticismo apregoava que o conhecimento da salvação era reservado a poucos. Neste sentido, a vinculação da “teologia da prosperidade” ao gnosticismo também nos parece adequada, donde o chamado *neognosticismo*. Exercendo certa exclusividade na mediação, por vezes, pode mesmo se evidenciar um contratestemunho, ou um testemunho dado às avessas, quando os interesses financeiros se sobrepõem aos da fé. Por sua vez, o autêntico testemunho cristão pode contribuir para mostrar o lado sombrio e errôneo de tal prática religiosa, conduzindo os fiéis aos verdadeiros e prósperos valores do Evangelho.

Outra heresia do passado que volta a pleno vapor nos dias atuais é o pelagianismo, a seguir apresentado.

4.2.2 O neopelagianismo

O Pelagianismo foi uma heresia surgida no séc. IV da história da Igreja que, principalmente, enfatizava não ser necessária a graça de Deus para a salvação do

⁶⁴⁶ SPADARO, A.; FIGUEROA, M., A Teologia da Prosperidade, p. 104 (grifos dos autores).

ser humano, pois este poderia se salvar sozinho. Esta heresia considerava ser possível uma autossalvação, prescindindo da ação de Deus. O sujeito sozinho seria capaz de salvar-se a si mesmo sem qualquer auxílio da graça divina. O teólogo N. Cipriani assim explana sobre o núcleo da heresia de Pelágio:

Seu pensamento [o de Pelágio] não deixa dúvidas, porque mais vezes repete que Adão com o pecado não acarretou nenhum prejuízo aos pósteros a não ser de um mau exemplo de desobediência [...]. Também a concepção agostiniana da graça, para a qual a ação interior de Deus chega à mente e à vontade do homem, parece-lhe um atentado ao livre arbítrio, uma recaída no fatalismo estoico e um estímulo à desresponsabilização do homem.⁶⁴⁷

Para Pelágio, o ser humano, por si só, seria capaz de praticar o bem sem qualquer auxílio divino e de se salvar sem a necessidade da graça de Deus para tal. E. Bettencourt chega a mencionar uma oração de Pelágio que corrobora esse entendimento:

Eis uma oração de Pelágio que indignava São Jerônimo e Santo Agostinho (pois professa a impecabilidade teórica): *“Tu sabes, Senhor, quanto são santas, inocentes, puras de toda fraude, de toda injustiça, de todo furto as mãos que levanto a Ti..., quanto são justas, sem mancha e livres de mentira os lábios com os quais imploro a tua misericórdia”*.⁶⁴⁸

Vê-se que, para Pelágio, o ser humano pode chegar à salvação eterna sem qualquer ajuda de Deus, mas unicamente pelo seu reto proceder, podendo evitar qualquer culpa, ainda que venial. Pode-se mesmo dizer que, para ele, Adão e Eva não foram elevados a um estado de graça especial, a qual teriam perdido mediante o pecado original. Para Pelágio, o pecado original não teria atingido a humanidade. De modo que, com este entendimento, ele via a ressurreição de Cristo não como fonte de graças para o ser humano, mas unicamente como um modelo, um exemplo de mestre a ser seguido.⁶⁴⁹ Sabe-se pela história, que Agostinho († 430) foi quem se lhe opôs, embora desse bastante ênfase ao critério da predestinação, o que acabou encontrando oposição por parte de vários contemporâneos seus.

Na verdade, havia certa confusão no entendimento desta temática, a ponto que alguns monges de Marselha, os “marselheses”, temendo haver uma supervalorização da graça em detrimento do esforço humano pela busca da salvação, afirmavam que o ser humano iniciava se salvando sozinho e, depois é que a graça de Deus atuaria nele, dando continuidade ao plano salvífico. Mais tarde,

⁶⁴⁷ CIPRIANI, N., Pelágio. In: BERARDINO, A. Di; FEDALTO G.; SIMONETTI, M. (Org.). Dicionário de Literatura Patristica, p. 1375-1376.

⁶⁴⁸ BETTENCOURT, E. T., Curso sobre a graça, p. 33 (grifos do autor).

⁶⁴⁹ Para um aprofundamento neste ponto, recomenda-se: BETTENCOURT, E. T., Curso de História da Igreja, p. 118-120.

este novo entendimento seria conhecido com o nome de Semipelagianismo.⁶⁵⁰ Julgavam, assim, que o ser humano podia cooperar com a própria salvação sem o auxílio da graça de Deus.

A posição oficial da Igreja acabou vindo no II Concílio de Orange (529), sob a liderança de Cesário de Arles († 542), que declarou:

[...] Devemos, com a ajuda de Deus, pregar e crer que, pelo pecado do primeiro homem, de tal modo ficou corrompido e debilitado o livre arbítrio que, daí por diante, ninguém pode amar a Deus, como deve, nem Nele crer, nem fazer o bem por causa de Deus, senão aquele que recebe antes a graça da Misericórdia divina.⁶⁵¹

Este foi o pronunciamento oficial da Igreja sobre a questão do Pelagianismo, mas, ao que parece, tal pronunciamento não surtiu o efeito esperado. Ainda nos dias atuais, observa-se que um certo modo de Pelagianismo vem ocorrendo. Percebe-se o quanto alguns creem exageradamente na bondade misericordiosa de Deus para se salvarem, que já não acreditam ser necessária a graça do Senhor. Entendem, pois, sua divina vontade em querer salvar a todos como sendo infinitamente maior e capaz de superar qualquer mal cometido pelo ser humano. Daí, assumem posição cômoda confiando exageradamente em suas próprias forças de vontade, sentindo-se, por vezes mesmo, superiores às outras pessoas, como enfatiza o Papa Francisco, simplesmente pelo fato de “cumprirem determinadas normas ou por serem irredutivelmente fiéis a um certo estilo católico próprio do passado”.⁶⁵² E Francisco se torna ainda mais enfático na característica principal desta heresia que surge em nova roupagem e que ele classifica como “elitismo narcisista e autoritário”:

É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar.⁶⁵³

O teólogo L. Casula aponta as duas heresias apresentadas na *Evangelii Gaudium* como sendo “atitudes que marginalizam a figura de Cristo”:

A verdade da encarnação, feita de humildade e de serviço, não admite então o “mundanismo espiritual”, que se esconde por trás das aparências de religiosidade e de amor à Igreja, porque é um modo para buscar os próprios interesses, ao invés daqueles de Cristo (Fl 2,21). É um mundanismo que se manifesta seja na atitude gnóstica de quem, considerando a fé um fato

⁶⁵⁰ Corroborar Bettencourt: “Os monges de Marselha foram mais longe, e nisto incorreram em erro: o *initium fidei* ou o primeiro passo para a salvação vem do homem só; a graça de Deus o levará adiante. Mais: não há necessidade de dom particular da perseverança final para conseguir a salvação eterna. A doutrina assim concebida foi, no século XVI, chamada ‘Semipelagianismo’; os antigos falavam apenas da doutrina dos Massilienses (marselheses)” (In: BETTENCOURT, E. T., Curso de História da Igreja, p. 121 – grifo do autor; BETTENCOURT, E. T., Curso de História da Igreja, Curso sobre a graça, p. 43-46).

⁶⁵¹ FC 8.034 (COLLANTES, J., A Fé Católica, p. 869-870).

⁶⁵² EG 94.

⁶⁵³ EG 94.

puramente subjetivo, a vive fechado em si mesmo; seja na atitude neopelagiana, “autorreferencial e prometeica”, de quem, confiando somente nas próprias forças e se sentindo superior aos outros, em nome de presumidas seguranças doutrinárias ou disciplinares “dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário” (EG 94). Esse é o perigo da Igreja elitista, caracterizada por um “funcionalismo empresarial”, mas que “não traz o selo de Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado” (EG 95). Tais atitudes exprimem representações reducionistas do cristianismo, que marginalizam a figura de Cristo e diminuem o âmbito da encarnação.⁶⁵⁴

Desta forma, o tema do Pelagianismo tem adquirido uma nova roupagem nos dias atuais com certo ressurgimento desta heresia, sendo chamado de *neopelagianismo*. Segundo esta concepção, o Papa Francisco afirma que a salvação da humanidade “é então confiada às forças do indivíduo ou a estruturas meramente humanas, incapazes de acolher a novidade do Espírito de Deus”.⁶⁵⁵

Aliás, ultimamente, o Pontífice tem se colocado claramente em oposição a estas duas heresias dos tempos atuais, o neognosticismo e o neopelagianismo, objeção que será considerada no tópico a seguir.

4.3

A contraposição às heresias do neognosticismo e do neopelagianismo na ortodoxia de Francisco

Por reiteradas vezes,⁶⁵⁶ o Papa Francisco tem colocado sua ortodoxia frente às heresias do neopelagianismo e do neognosticismo. Contudo, sua mais notória contribuição neste sentido se deu na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (2018), na qual o Pontífice dedica um capítulo inteiro para o que chama de “os dois inimigos sutis da santidade [...], que poderiam nos extraviar”,⁶⁵⁷ ao se referir a tais heresias “de alarmante atualidade, [pois...] nelas se expressam um imanentismo antropocêntrico, disfarçado de verdade católica”.⁶⁵⁸

4.3.1

Francisco frente ao neognosticismo

No tocante ao neognosticismo, o Papa destaca que é a caridade cristã que “mede a perfeição das pessoas [...], e não a quantidade de conhecimentos que

⁶⁵⁴ CASULA, L., Rostos, gestos e lugares, p. 36.

⁶⁵⁵ PD 3.

⁶⁵⁶ Vide item 4.2, no qual destaca-se, principalmente, os documentos diretos do Papa Francisco: EG 94, GE 49; 57; e mediante a CDF: PD 3; 4; 9; 11; 12.

⁶⁵⁷ GE, cap. II, “Dois inimigos sutis da santidade”.

⁶⁵⁸ GE 35.

possam acumular”,⁶⁵⁹ numa clara alusão à gnose. Como já aqui mencionado, o Papa reitera que tal heresia, “ao desencarnar o mistério, em última análise, prefere um ‘Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo’”.⁶⁶⁰ Como se sabe, o conhecimento era entendido como reservado a poucos que se entregariam à salvação de Deus mediante seu conhecimento (gnose), sem necessitar de Cristo, de sua Igreja e, conseqüentemente, do povo, pois se isolavam em seu “conhecimento” próprio, pretendendo “reduzir o ensinamento de Jesus a uma lógica fria e dura que procura dominar tudo”.⁶⁶¹

Francisco chama a atenção para o perigo do gnosticismo de se retroalimentar, uma vez que exalta o autoconhecimento para uma visão da realidade, julgando ser este o caminho que leva à perfeição.⁶⁶² Destaca, assim, que o gnosticismo pode se disfarçar de “espiritualidade desencarnada”.⁶⁶³ Esta não está de acordo com o Cristianismo, o qual tem Deus como referencial do caminho, onde este é “sempre uma surpresa e não somos nós que determinamos as circunstâncias da história, [pois...] quem quer tudo claro e seguro, pretende dominar a transcendência de Deus”.⁶⁶⁴ O Papa esclarece que Deus está presente em nossas vidas, onde “podemos e devemos procurar o Senhor em cada vida humana. Isto faz parte do mistério que as mentalidades gnósticas acabam por rejeitar, porque não o podem controlar”.⁶⁶⁵ Francisco chama a atenção para os limites da razão humana que é incapaz de compreender plenamente a verdade de Deus e de, menos ainda, expressá-la adequadamente. Para isso, confluem as várias experiências humanas “do nosso povo, as suas angústias, batalhas, sonhos e preocupações [que] possuem um valor hermenêutico que não podemos ignorar, se quisermos levar a sério o princípio da encarnação”.⁶⁶⁶ Ou seja, para o Cristianismo, a encarnação de Jesus o faz ser “Deus conosco”, o Emanuel, que se faz sempre presente como caminho ao Pai (Mt 28,20). Aliás, este é o ponto nevrálgico do gnosticismo: descaracterizar a salvação trazida por Jesus Cristo, não aceitando sua Encarnação, vida, morte e ressurreição do Senhor no seu verdadeiro corpo. O que pregam os gnósticos é uma salvação teórica,

⁶⁵⁹ GE 37.

⁶⁶⁰ GE 37

⁶⁶¹ GE 39.

⁶⁶² GE 40.

⁶⁶³ GE 40.

⁶⁶⁴ GE 41.

⁶⁶⁵ GE 42.

⁶⁶⁶ GE 44.

sem a ação de Deus. Ora, neste aspecto, o Papa traz a experiência de Francisco de Assis († 1226), que alertava seus confrades a que não perdessem “o espírito da santa oração e devoção”,⁶⁶⁷ de modo a que “se aprende para viver: teologia e santidade são um binômio inseparável”.⁶⁶⁸ Logo, a busca por Deus numa vida santa se dá também em conhecê-lo pela Teologia para melhor amá-lo, pois nisso consiste a nossa salvação: viver em Cristo e com Cristo.

Vale recordar que, um mês antes da promulgação desta Exortação Apostólica, já a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, na Carta *Placuit Deo*, reforçava que “a salvação consiste na nossa união com Cristo”.⁶⁶⁹ Aos neognósticos, que pretendiam a salvação numa interioridade, mas sem matéria, sem corpo, o Cristianismo lembra, reitera o documento, que a salvação é integral, alcançando corpo e alma: “é a pessoa inteira, em corpo e alma, criada pelo amor de Deus à sua imagem e semelhança, que é chamada a viver em comunhão com ele”.⁶⁷⁰ É na vida de Jesus que se observa uma união perfeita entre Deus e o ser humano de modo a se ter “uma sinergia maravilhosa do agir divino com o agir humano, que mostra a falta de fundamento da perspectiva individualista”.⁶⁷¹ Esta é a primazia do amor gratuito de Deus, em que afirma que no agir plenamente humano do Filho, “o Pai quis regenerar o nosso agir”, para, assim, realizar as boas obras. Neste mesmo parágrafo, a *Placuit Deo* perpassa os dois tipos fundamentais de Cristologia, *ascendente* e *descendente*, onde, afirma que “o sentido descendente testemunha a primazia absoluta da ação gratuita de Deus; [e...] o sentido ascendente recorda-nos que, através do agir plenamente humano de seu Filho, o Pai quis regenerar o nosso agir...”.⁶⁷² É a ação salvífica de Deus em nossas vidas que se contrapõe ao neognosticismo, quando o divino Filho, “assumindo a carne humana, nascendo de uma mulher, [foi] que o ‘Filho de Deus se fez filho do homem’, nosso irmão [...], entrando para fazer parte da família humana”.⁶⁷³ É, portanto, pela carne humana que Deus traz a salvação à humanidade; é por onde Ele media a salvação a todo o

⁶⁶⁷ GE 46.

⁶⁶⁸ GE 45.

⁶⁶⁹ PD 4.

⁶⁷⁰ PD 7.

⁶⁷¹ PD 9.

⁶⁷² PD 9.

⁶⁷³ PD 10.

gênero humano. Cristo é nosso salvador porque assume integralmente a nossa humanidade, “vivendo a vida humana em comunhão com o Pai e com os irmãos”.⁶⁷⁴

4.3.2

Francisco frente ao neopelagianismo

No tocante ao neopelagianismo, na *Gaudete et Exsultate*, o Papa lamenta que os neopelagianos “costumam transmitir a ideia de que tudo se pode com a vontade humana, como se esta fosse algo puro, perfeito, onipotente, a que se acrescenta a graça”.⁶⁷⁵ Ele prossegue alertando que, pretender ter super poderes humanos sem ver a necessidade da graça, seria confiar muito em nós mesmos, sem se importar com a redenção trazida por Cristo. No parágrafo seguinte do documento, ele chama a atenção ainda para certas atitudes dentro do próprio Cristianismo onde, “por trás da ortodoxia, nossas atitudes podem não corresponder ao que afirmamos sobre a necessidade da graça”.⁶⁷⁶ O Papa, assim, frisa que muitas vezes a prática da vida cristã pode não corresponder ao discurso, quando, na verdade, as palavras devem se concretizar nos atos do cristão.

Na *Evangelii Gaudium*, Francisco já tinha despertado a atenção dos cristãos para alguns erros típicos oriundos do neopelagianismo, o qual busca “uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar”.⁶⁷⁷ Ele elenca uma série de problemas que, infelizmente, não nos custa encontrar na Igreja, onde muitos tem:

a mesma pretensão de “dominar o espaço da Igreja”. Em alguns, há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja [...]. A vida da Igreja se transforma numa peça de museu ou numa possessão de poucos. Noutros, o próprio mundanismo espiritual esconde-se por detrás do fascínio de poder mostrar conquistas sociais e políticas, ou numa vanglória ligada à gestão de assuntos práticos, ou numa atração pelas dinâmicas de autoestima e de realização autorreferencial. Também [...] numa densa vida social cheia de viagens, reuniões, jantares, recepções. Ou então desdobra-se num funcionalismo empresarial, carregado de estatísticas, planificações e avaliações, onde o principal beneficiário não é o povo de Deus, mas a Igreja como organização. [...] Já não há ardor evangélico, mas o gozo espúrio de uma autocomplacência egocêntrica.⁶⁷⁸

Também na *Placuit Deo*, a CDF destaca ainda outros erros que devem ser rejeitados: “o ter ou o bem-estar material, a ciência ou a técnica, o poder ou a influência sobre os outros, a boa fama ou a autorrealização”.⁶⁷⁹ Voltando à

⁶⁷⁴ PD 11.

⁶⁷⁵ GE 49.

⁶⁷⁶ GE 50.

⁶⁷⁷ EG 94.

⁶⁷⁸ EG 95.

⁶⁷⁹ PD 6.

Evangelii Gaudium, Francisco destaca que, já em seu tempo, todas estas atitudes foram criticadas por Jesus frente à autojustificação farisaica que o Senhor encontrara na conduta de muitos homens da Lei, que era “uma fé fechada no subjetivismo”.⁶⁸⁰ E ainda de forma ainda mais enfática, o Papa se referiu a tais cristãos, que muitas vezes, detêm uma alta posição hierárquica na Igreja, igualando-os a *generais de exércitos derrotados*, os quais se:

contentam em ter algum poder e preferem ser generais de exércitos derrotados antes que simples soldados de um batalhão que continua a lutar. Quantas vezes sonhamos planos apostólicos expansionistas, meticolosos e bem traçados, típicos de generais derrotados! Assim negamos a nossa história de Igreja que é gloriosa.⁶⁸¹

Francisco destaca que as pessoas que vivem desta forma, caíram no mundanismo e rejeitaram a profecia dos irmãos, obcecados que estão pelas aparências e fechados ao perdão: “É uma tremenda corrupção, com aparências de bem”, afirma o Pontífice.⁶⁸² Percebe-se que o Papa chama a atenção, não somente para o lado do tradicionalismo de alguns, mas também, no outro lado, para um ativismo eclesial destituído da devida comunhão com toda a Igreja de Cristo e, portanto, indiferente à relação com Deus em Jesus Cristo no Espírito, presente na Igreja.

Diante do contratestemunho de muitos cristãos deste tipo, mesmo católicos, dois parágrafos adiante no documento, o Papa vai pedir aos cristãos para darem ao mundo, “de modo especial um testemunho de comunhão fraterna [para que...] todos possam admirar [...] como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais”.⁶⁸³ Francisco reconhece o poder do autêntico testemunho cristão em acordo aos ditames do Evangelho do Senhor para se curarem “saboreando o ar puro do Espírito Santo que nos liberta [...]. Não deixemos que nos roubem o Evangelho!”.⁶⁸⁴

4.3.3 A ortodoxia do Papa Francisco

Precisamente para o neopelagianismo, o ponto de descaracterização da salvação trazida por Jesus Cristo é não aceitar a novidade do Espírito, não aceitar a novidade do Evangelho do Senhor, que cria novas relações com Deus e com os

⁶⁸⁰ EG 94.

⁶⁸¹ EG 96.

⁶⁸² EG 97.

⁶⁸³ EG 99.

⁶⁸⁴ EG 97.

irmãos. Devemos estar abertos à ação do Espírito no cumprimento dos ditames evangélicos para chegar ao Pai. O testemunho aqui se faz necessário para que o mundo conheça o Cristo Redentor e seja salvo por ele. Vemos que, ambas as heresias evidenciam o desejo pela salvação, mas a fé cristã aspira a esta salvação e vai mais além. A salvação cristã não está no bem-estar material, no reconhecimento eclesiástico, na fama, na ciência, ou em tudo aquilo, por exemplo, que o neopelagianismo pretende buscar.⁶⁸⁵ O Cristianismo oferece mais...; oferece a *comunhão*, que se estabelece nas relações pessoais com Deus e com os irmãos. Afirma Francisco: “Se virem o testemunho de comunidades autenticamente fraternas e reconciliadas, isso é sempre uma luz que atrai”.⁶⁸⁶ Francisco novamente destaca a necessidade do verdadeiro testemunho cristão. Para isso, admoesta à participação também dos leigos e leigas na Igreja, e os convoca a tomar:

consciência desta responsabilidade laical que nasce do Batismo e da Confirmação, [...pois,] apesar de se notar uma maior participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflete na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e econômico.⁶⁸⁷

Portanto, o Papa convoca a todos, clérigos e leigos, a realizarem um movimento multifacetário, em todas as direções, para levar o Evangelho ao mundo. Para tal, ele utiliza a figura do poliedro, “que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. Tanto a ação pastoral como a política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um”.⁶⁸⁸ A ação da Igreja para anunciar o Evangelho deve se dar em todas as direções e reunindo os esforços e contribuições de todos em comum, clérigos e leigos. Desta forma, cada um alcançará a salvação trazida por Cristo, agindo em comunhão e cooperação mútuas à sombra do Espírito Santo que age neles. Afirma a CDF:

A salvação será plena somente quando, depois de ter vencido o último inimigo, a morte (1Cor 15,26), participaremos plenamente da glória de Cristo ressuscitado, que leva à plenitude a nossa relação com Deus, com os irmãos e com toda a criação. A salvação integral, da alma e do corpo, é o destino final ao qual Deus chama todos os homens. [...] Ele transformará o nosso corpo, humilhado, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso.⁶⁸⁹

⁶⁸⁵ PD 5.

⁶⁸⁶ EG 100.

⁶⁸⁷ EG 102.

⁶⁸⁸ EG 236. A mesma figura do *poliedro* seria novamente utilizada pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*: “O conjunto das intervenções dos Padres, que ouvi com atenção constante, pareceu-me um precioso poliedro, formado por muitas preocupações legítimas e questões honestas e sinceras” (AL 4).

⁶⁸⁹ PD 15.

Com estas palavras, o Papa enfatiza que a salvação se dará também no nosso corpo, fazendo-o glorioso, em contraposição ao que afirma o neognosticismo. Ainda enfatizando a necessária comunhão existente na Igreja, o Papa destaca a importância máxima da Eucaristia e, no tocante ao ministério sacerdotal, afirma que este “se ordena *integralmente* à santidade dos membros do corpo místico de Cristo. A sua pedra de fecho e o seu fulcro não são o poder entendido como domínio, mas a potestade de administrar o sacramento da Eucaristia”.⁶⁹⁰ Francisco destaca a importância da Eucaristia, sacramento que deve estar no centro de toda ação pastoral, de modo a servir ao povo, e não fazer com que se sirvam dele, como “domínio” sobre o mesmo. O Papa lembra da Eucaristia, Cristo vivo, como a fonte única de salvação, contrapondo-se ao neopelagianismo. Sobre o que chama de “clericalismo”, dirigindo-se aos jovens e a todo o povo de Deus na Exortação Apostólica *Christus Vivit* (2019), Francisco alerta:

“Existem diferentes tipos de abuso: de poder, econômico, de consciência, sexual. É evidente a necessidade de erradicar as formas de exercício da autoridade nas quais se enxertam e neutralizar a falta de responsabilidade e transparência com as quais são geridos muitos dos casos. O desejo de dominação, a falta de diálogo e de transparência, as formas de vida dupla, o vazio espiritual, bem como as fragilidades psicológicas são os terrenos nos quais prospera a corrupção”. O clericalismo é uma tentação permanente dos sacerdotes, que interpretam “o ministério recebido como um poder que se pode exercer mais do que um *serviço* gratuito e generoso a oferecer; e isso nos leva a acreditar que pertencemos a um grupo que tem todas as respostas e que não precisa de ouvir ou aprender mais nada”. Sem dúvida, um espírito clericalista expõe as pessoas consagradas a perder o respeito pelo valor sagrado e inalienável de cada pessoa e sua liberdade.⁶⁹¹

Todos esses tipos de abuso de “desejo de dominação” devem ser erradicados de modo a se oferecer um “serviço gratuito e generoso” ao povo, recuperando-se, assim, o valor do sagrado, ou seja, da Eucaristia. Recuperar-se, sim, pois parte deste “sagrado” parece ter ficado no passado, basta lembrarmos-nos do período da Cristandade de épocas remotas.⁶⁹² Muitas vezes, tais “serviços mundanos” procuram diminuir e deter o Evangelho, tencionando tirar sua vivacidade. Com isso, acabam por se “fossilizar”, termo forte usado pelo Papa, aliás que remonta a um passado bem mais distante (o dos fósseis na época pré-histórica): “É talvez uma forma sutil de pelagianismo, porque parece submeter a vida da graça a certas estruturas humanas. Isso diz respeito a grupos, movimentos e comunidades [...] que depressa acabam fossilizados ou corruptos”.⁶⁹³ Tais grupos não dão oportunidade

⁶⁹⁰ EG 104 (grifo do documento).

⁶⁹¹ CV 98 (grifo do documento).

⁶⁹² Vide item 4.1 da presente tese.

⁶⁹³ GE 58.

para a graça de Deus agir,⁶⁹⁴ e o Papa aponta os desvios de conduta desses grupos, que têm:

obsessão pela lei, o fascínio de exibir conquistas sociais e políticas, a ostentação no cuidado da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, a vanglória ligada à gestão de assuntos práticos, a atração pelas dinâmicas de autoajuda e realização autorreferencial. É nisto que alguns cristãos gastam as suas energias e o seu tempo, em vez de se deixarem guiar pelo Espírito no caminho do amor, apaixonarem-se por comunicar a beleza e a alegria do Evangelho e procurarem os afastados nessas imensas multidões sedentas de Cristo.⁶⁹⁵

Vários desvios são apontados pelo Papa Francisco, muitos dos quais, vividos pela Igreja na América Latina, realidade da origem do Pontífice.⁶⁹⁶

Como males capazes de atrapalhar a caminhada da Igreja, Francisco roga a Deus que “liberte a Igreja das novas formas de gnosticismo e pelagianismo que a complicam e detêm no seu caminho para a santidade! Esses desvios manifestaram-se de formas diferentes, segundo o temperamento e as características próprias”.⁶⁹⁷

Os pontos até aqui apresentados evidenciam claramente o ressurgimento dessas duas heresias na história contemporânea, tanto o neognosticismo, quanto o neopelagianismo. O Papa Francisco tem procurado, não só fornecer os elementos que as caracterizam no sentido de facilitar sua identificação na Igreja, bem como, de evitá-las, mas, principalmente, tem evidenciado o testemunho cristão como meio eficaz para combatê-las. Iluminados pela ortodoxia do Papa no enfrentamento destas heresias⁶⁹⁸ e pelas diversas noções sobre a importância do testemunho cristão no mundo⁶⁹⁹ e a sacramentalidade da Igreja como novo lugar sociocultural dentro da eclesiologia de Pié-Ninot,⁷⁰⁰ apresentados nesta tese, o tópico a seguir, procurará apontar a importância, e a consequente eficácia do testemunho cristão como elemento sacramental na Igreja, apto a moldar a vida dos cristãos conformando-a

⁶⁹⁴ GE 59.

⁶⁹⁵ GE 57.

⁶⁹⁶ Neste ponto, o teólogo J. Scannone escreve uma obra sobre a Teologia do Povo do Papa Francisco. Na parte 2, intitulada “*Para uma teologia inculturada*”, Scannone faz uma análise da “teologia do povo” em relação às diversas áreas da Teologia, com suas problemáticas específicas (SCANNONE, J. C., *La Teología del Pueblo*, p. 59-176). Importante ponto a se destacar está na parte 3, capítulo 11, intitulado “*Quatro princípios para a construção de um povo segundo o Papa Francisco*”, no qual o autor desenvolve a chamada “teologia do povo” na visão do Papa, relacionando-a ao seu pontificado, onde enfatiza quatro princípios para a efetiva construção de um povo: 1º- o tempo é superior ao espaço; 2º- a unidade prevalece sobre o conflito; 3º- a realidade é mais importante que a ideia; 4º- o todo é superior à parte e à simples soma delas (SCANNONE, J. C., *La Teología del Pueblo*, p. 253-274 – tradução nossa), princípios estes depois retomados pelo Papa Francisco na *Laudato Si'* (LS 110; 141; 178; 201), in: SCANNONE, J. C., *La Teología del Pueblo*, p. 253-274.

⁶⁹⁷ GE 62.

⁶⁹⁸ Ref. aos tópicos de 4.1 a 4.3 do presente capítulo.

⁶⁹⁹ Ref. ao capítulo 2 da presente tese.

⁷⁰⁰ Ref. ao capítulo 3 da presente tese.

ao Evangelho, “testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, [que] nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e dá sentido à nossa vida. [Afinal] o seu coração sabe que a vida não é a mesma coisa sem Ele”.⁷⁰¹

4.4

O testemunho cristão como sacramentalidade da Igreja

Neste tópico, percorreremos algumas definições sobre os termos em destaque, visando melhor entendimento dos mesmos. O primeiro que se apresenta se refere ao termo *testemunho*, sendo trazido à tona as definições de célebres referências bibliográficas. A seguir, será trazido o entendimento sobre o termo *sacramental* e *sacramentalidade*. Como fechamento, retomaremos o entendimento conclusivo de Pié-Ninot, fazendo, então, o arremate dos termos segundo a temática a que se propõe discorrer a presente tese: *A sacramentalidade do testemunho: o testemunho cristão como sacramentalidade da Igreja na eclesiologia de Pié-Ninot*.

4.4.1

O termo *testemunho*

No tocante ao termo *testemunho*, o teólogo A. Louth faz a associação deste termo ao de *martírio*, ao expressar que o testemunho ocorre quando alguém morre em nome de Cristo, assim se tornando um mártir da fé, significado esse que, segundo o autor, ocorre após o séc. II com *O martírio de Policarpo*.⁷⁰² Contudo, ele complementa essa noção ao afirmar que “a testemunha, *martus*, manifesta a verdade do testemunho que presta a Cristo e ao Evangelho. Mas o mártir é sobretudo a testemunha da verdade do mundo vindouro”.⁷⁰³ Ou seja, sendo Cristo a Verdade intrínseca em si mesmo (Jo 14,6), aquele que a ele se une dando testemunho da vida de Cristo em sua própria vida de cristão, discípulo de Cristo, se configura ao Senhor

⁷⁰¹ EG 121.

⁷⁰² Também M. Garre corrobora desse marco sobre o testemunho e traça o início do sentido teológico do termo, ao afirmar: “É a partir do *martyrium Policarpi* (ano 155) que aparece o conceito de mártir na acepção que hoje possui e começa a desenvolver uma autêntica teologia sobre o martírio fundamentado em Cristo” (In: GARRE, M. M., *El Testimonio como categoría fundamental*, p. 209-210 – grifo do autor). A teóloga E. Rava compartilha do mesmo entendimento: “É somente no *Martírio de Policarpo* que encontramos a palavra *mártir* com o sentido de testemunha pública da fé em Jesus Cristo até a morte” (RAVA, E. C., *Mártir*. In: BORRIELO, L. [Dir.], et al. *Diccionario de Mística*, p. 680 – grifos da autora).

⁷⁰³ LOUTH, A., *Martírio*. In: LACOSTE, J-Y. (Dir.), *Diccionario Crítico de Teologia*, p. 1099 (grifo do autor).

na verdade pura que Ele é. Desta forma, seu testemunho como mártir se dá tornando patente a verdade do seu testemunho vivido em união íntima a Cristo. Faz-se aí a união da vida do cristão com a de Cristo através do testemunho. Portanto, corroboramos do entendimento deste autor, na medida em que se verifica que o testemunho cristão, obrigatoriamente, está intrinsecamente relacionado à verdade plena, que é Cristo. De modo que, unindo sua vida à de Cristo, Salvador e Redentor, verdadeiro Deus feito homem,⁷⁰⁴ o cristão torna esse seu testemunho cristão também escatológico, posto que tal testemunho está relacionado à “verdade do mundo vindouro”, à redenção por Cristo.

Sobre Jesus Cristo, R. Fisichella expõe que o Senhor, “no mesmo ato, [...] é testemunha e testemunho, como consequência de ser ao mesmo tempo revelador e revelação do Pai”.⁷⁰⁵ Por outro ângulo, sendo o testemunho cristão o próprio ato de atestar a verdade e, sendo Cristo a própria verdade, se compreende bem as palavras de R. Fisichella, que atesta em complemento:

- 1) A testemunha é depositária de um chamado que a habilita a testemunhar; ela recebe uma missão intransferível de testemunho;
- 2) O testemunho não se limita a fatos esporádicos ou contingentes; ao contrário, toca ao sentido definitivo da existência pessoal;
- 3) O testemunho não é dado para si mesmo, mas é oferecido ao outro para que possa ser impelido à fé ou à reflexão; neste sentido, portanto, torna-se uma “proclamação”;
- 4) O testemunho é um compromisso concreto de vida, realizado por meio de modalidades comuns de existência pessoal, o que permite dizer que é a vida que testemunha;
- 5) O testemunho cristão é fruto da graça; é, portanto, em primeiro lugar, iniciativa de Deus que escolhe e elege para essa missão.⁷⁰⁶

Tais noções precisas, levam o teólogo a acrescentar que “o testemunho não pode ser apenas pessoal. Ele possui essencialmente o componente eclesial que o qualifica sempre e em todas as ocasiões em que o que se testemunha é a fé de toda a Igreja”.⁷⁰⁷ Portanto, corroboramos o entendimento de R. Fisichella, pois o testemunho cristão tem sentido se vivido em união a Cristo, Corpo místico da Igreja; o que faz do testemunho cristão necessariamente, um ato eclesial. O testemunho é uma missão recebida por iniciativa de Deus como fruto da graça, oferecido aos

⁷⁰⁴ A título de complemento a tal entendimento, tanto o dogma cristológico, a Tradição da Igreja e as afirmações da Escritura, todas estas fontes evidenciam o aspecto *singular* de Jesus como Redentor e Salvador de toda a humanidade, conforme desenvolvida por Uríbarri, na singular humanidade do Senhor, que o autor demonstra ser: uma singularidade verdadeira e reveladora, salvadora, definitiva, nascida com especial intervenção do Espírito Santo e por Ele ungida, gloriosa e que engloba em si o verdadeiro sentido de Deus e do ser humano (URÍBARRI, G. B., La singularidad de la humanidad de Cristo, In: URÍBARRI, G. B., La singular humanidad de Jesucristo, p. 394-411).

⁷⁰⁵ FISICHELLA, R., Testemunho, In: PACOMIO, L.; MANCUSO, V., Lexicon, p. 752.

⁷⁰⁶ FISICHELLA, R., Testemunho, In: PACOMIO, L.; MANCUSO, V., Lexicon, p. 752.

⁷⁰⁷ FISICHELLA, R., Testemunho, In: PACOMIO, L.; MANCUSO, V., Lexicon, p. 752.

outros, para que recebam e acolham este “atestado de veracidade”, fruto do Espírito Santo e sempre com uma dimensão necessariamente eclesial.

Em conformidade com o entendimento de que o testemunho cristão possui uma relação com o Espírito Santo e, portanto, necessariamente eclesial, também o teólogo D. Xavier aponta que, tanto a *Lumen Gentium* quanto a *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II,⁷⁰⁸ apresentam diversas menções à “dimensão pneumática do testemunho”⁷⁰⁹ e, em complemento, afirma que “é neste movimento testemunhal que o Espírito Santo marca o ponto extremo de interiorização do testemunho. O Espírito é a relação de intimidade entre o Pai e o Filho, o que permite aferir que o Espírito é a interioridade do testemunho”.⁷¹⁰ Portanto, em nosso entendimento, o testemunho cristão é **eclesial** e tem seu fundamento **pneumático** que conecta o ato em si do testemunho com a graça atuante de Deus Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, naquele que testemunha a fé da Igreja para o mundo. Neste ponto, avançando no aspecto da dimensão pneumática do testemunho cristão, já se evidencia sua sacramentalidade, visto ser um acontecimento da vida cristã que busca as graças divinas no mistério pascal de Cristo.⁷¹¹

Precisamente, o fato de alguém atestar aquilo em que crê faz dele uma testemunha de fé. A teóloga E. Rava corrobora esta afirmação ao afirmar que “a palavra grega *martyr* é usada na língua clássica principalmente em sentido jurídico de testemunha [...] e também daquele que atesta uma verdade da qual está convencido”.⁷¹² O testemunho proferido por um cristão pode se dar a partir do momento em que tal pessoa teve uma experiência de Cristo, pois, na medida em que Jesus está vivo na Eucaristia, o cristão faz deste sacramento uma experiência de fé naquele que ali vive e se encontra sacramentalmente. Por isso, completa Rava, referindo-se à dádiva máxima do testemunho cristão: “o mártir, tornado conforme a Cristo, testemunha de modo radical a santidade de Deus e a dignidade do homem; e a sua morte realiza paradoxalmente [...], a vitória definitiva do bem sobre o mal,

⁷⁰⁸ O autor cita os parágrafos da LG 4; 7 e 39; bem como da GS 3 e 21 (XAVIER, D. J., Testemunho, In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. [Dir.], Dicionário do Concílio Vaticano II, p. 961).

⁷⁰⁹ XAVIER, D. J., Testemunho, In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. [Dir.], Dicionário do Concílio Vaticano II, p. 961.

⁷¹⁰ XAVIER, D. J., Testemunho, In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. [Dir.], Dicionário do Concílio Vaticano II, p. 961.

⁷¹¹ Este aspecto é realçado pelo Concílio Vaticano II, na SC 61 e pelo Catecismo, CEC 1670.

⁷¹² RAVA, E. C., Mártir. In: BORRIELO, L. (Dir.), et al. Dicionário de Mística, p. 681 (grifo da autora).

[...] pois continua a construir a Igreja, trazendo salvação ao mundo”.⁷¹³ É neste sentido de doação de vida aos irmãos para tornar o mundo melhor, que o teólogo T. Goffi afirma:

Não é suficiente ter Cristo na própria vida interior. O cristão deve saber se pôr em comunhão com os outros. Os cristãos de hoje, para testemunharem de modo eficaz, são chamados a ser homens do diálogo, estimulados pela paixão de estabelecer vínculos entre os homens; eles se sentem como enviados com o objetivo de unir os irmãos numa comunhão caritativa em Cristo.⁷¹⁴

De certa forma, o próprio Jesus já havia dito isso em outras palavras, quando questionado pelo doutor da Lei sobre o que deveria fazer para ganhar a vida eterna:

Jesus lhe disse: “Que está escrito na Lei? Como lê?” Ele respondeu: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força e com todo o teu entendimento; e ao próximo como a ti mesmo!” Jesus lhe disse: “Respondeste corretamente. Faze isso e viverás” (Lc 10,26-28).

Portanto, em nosso entendimento, o testemunho cristão, necessariamente, leva ao **diálogo** e à prática da caridade com os irmãos em Cristo; não é algo estático, mas que traz em si um dinamismo de vida configurado à vida do próprio Senhor. Por isso, o testemunho cristão impele à caridade para com o irmão e é vivido inserido na Igreja, como batizado, filho de Deus e membro da Igreja. Assim, T. Goffi vai afirmar que “a missão de testemunhar é essencialmente realizada por todo membro da Igreja”.⁷¹⁵ Por isso, o teólogo destaca que o testemunho se faz presente nos cristãos mesmo de modo “próprio e singular quando entram no estado matrimonial ou no religioso”.⁷¹⁶ Certamente nestes estados de vida, os cristãos são chamados, pelo testemunho de vida diária vivida cada qual a seu modo, a dar bons exemplos do Senhor com “sacrifícios vivos de gratidão em Cristo”:

O cristão ambiciona estar sempre mais bem conformado ao dom do Espírito ao testemunhar com o corpo e com a alma, na existência privada e pública, em vida e na morte que não é mais ele, mas que pertence ao Salvador Jesus Cristo; que está cheio de boa vontade de viver para o Senhor de modo a revelar seu nome aos homens e a se apresentar a Deus Pai como sacrifício vivo de gratidão em Cristo.⁷¹⁷

O testemunho impulsiona o cristão ao próximo, à prática da caridade fraterna, e, tal gesto, cada vez mais, faz o cristão conforme a Cristo. Pode se afirmar, assim,

⁷¹³ RAVA, E. C., Mártir. In: BORRIELO, L. (Dir.), et al. Dicionário de Mística, p. 681.

⁷¹⁴ GOFFI, T., Testemunho. In : ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO... Dicionário de Espiritualidade, p. 2441.

⁷¹⁵ GOFFI, T., Testemunho. In : ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO... Dicionário de Espiritualidade, p. 2441.

⁷¹⁶ GOFFI, T., Testemunho. In : ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO... Dicionário de Espiritualidade, p. 2441.

⁷¹⁷ GOFFI, T., Testemunho. In : ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO... Dicionário de Espiritualidade, p. 2442.

que o testemunho cristão modela desta forma o próprio cristão, fazendo-o um “*alter Christus*”. Como toda a vida de Cristo é um serviço aos irmãos, assim também, a vida daquele que o testemunha ao mundo tem de se voltar, igualmente, ao serviço, à caridade, ao amor ao próximo, conforme o Senhor anuncia no Evangelho. “Faze isto e viverás!” (Jo 10,28). É precisamente por este testemunho dado de forma enfática que “conhecerao todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35).

Sobre a importância do testemunho cristão para o mundo atual, o teólogo F. Brambilla faz recordar, para a modernidade, aquela experiência cristã vivida pelos primeiros seguidores de Cristo, que, ocorrida há dois milênios, necessita ter o anúncio pascal atualizado. Por isso, ele recorda que é preciso trazer a experiência da Páscoa do Senhor, nosso Salvador, para os dias de hoje de modo mais enfático e vívido, que, segundo ele, não se faz somente pela Palavra, sem dúvida sempre renovada através da liturgia e da pregação evangélica, mas principalmente, através do testemunho cristão. Este não pode ser ensinado a alguém, mas unicamente, vivido; não pode ser imposto, mas deve ser proposto numa forma de diálogo com o outro. Afirma o teólogo:

A Igreja se distancia de um comportamento condenatório, para dirigir-se à consciência dos homens e sua livre decisão. Eis aqui a feliz categoria de *testemunho*, que se lê com um fundo de diálogo, passando de um registro polêmico para um irênico. As duas formas previsíveis dessa mudança conciliatória pelo testemunho é que “dar razão da própria esperança” (1Pd 3,15) teria, por um lado, um caráter “biográfico” (a narração da experiência própria) e, por outro, uma inclinação “intimista” (testemunho pessoal do invisível), incapaz de se expressar no alfabeto da vida humana: só se pode testemunhar, mas não se pode ensiná-lo ou interiorizá-lo; só se pode propor, mas não se deve impor.⁷¹⁸

Portanto, o testemunho cristão é algo próprio da vivência pessoal, em tom apaziguador e conciliatório (daí, o *irenismo* a que se refere o autor),⁷¹⁹ vivência esta que é passada ao outro, sem qualquer palavra, mas unicamente, através do agir do cotidiano; como dito anteriormente, sem nunca impor, mas apenas, propor. É desta forma que entendemos que o testemunho cristão poderá ter mais sucesso nos que o presenciam, mais do que mil palavras anunciadas numa pregação. Em consequência, a credibilidade daquilo que é testemunhado seria alcançada. F. Brambilla afirma ainda que estes dois aspectos de proceder do testemunho se

⁷¹⁸ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1495 (grifo do autor; tradução nossa).

⁷¹⁹ Irenismo. Do grego *éirene* + ismo. Atitude conciliadora para com os crentes de outras religiões (Verbete: *irenismo*. In: DICIO, *Dicionário Online de Português*).

aplicam também à Igreja, na medida em que esta é *comunhão* e *missão*.⁷²⁰ “Comunhão”, porque evidencia uma experiência própria de Cristo, na chamada, perspectiva biográfica; e “missão”, porque transmite esse testemunho próprio de Cristo vivido em si mesma aos outros, na perspectiva intimista a que se refere o autor. Por isso, ele afirma que a categoria de testemunho possui um relevo eminentemente eclesiológico,⁷²¹ na medida em que é a Igreja que fala ao mundo de uma realidade vivida por si mesma.

Com a noção acima, F. Brambilla chega a pontuar que o ato de dar testemunho compõe um processo, que compreende “uma crença pública, prática e crítica”,⁷²² que delineia, assim, a primeira forma de santidade cristã, perpassando os mártires, os confessores da fé e os monges, nos primórdios da história. Isto porque, a verdade de Cristo evidenciada no testemunho é a verdade de Deus, que é santo. Essa verdade de Cristo e de sua vida (aspecto prático), que é dada ao outro na forma do testemunho cristão, se comunica com a vida humana dando sentido à existência humana e elevando o ser humano à Deus (aspecto crítico). Desta forma, o testemunho cristão compreende esse processo de adesão à verdade cristã testemunhada (aspectos: prático da vida; e crítico, pelo discernimento sobre aquilo que se recebe pelo testemunho). O testemunho eclesial e teologal torna-se testemunho cristão, configurando a testemunha (o ouvinte humano) a Cristo.

Analisando mais de perto sobre a figura da testemunha, F. Brambilla prossegue analisando as relações existentes ela e a mensagem cristã transmitida e, o receptor do testemunho cristão dado.

Na primeira relação, aquela que se dá entre a testemunha e a mensagem testemunhada e transmitida, o autor expõe que deve sempre se supor uma verdade de consciência por parte daquele que dá seu testemunho cristão, além de uma clara narração do conteúdo que pretende testemunhar, de modo a que não deixar dúvidas sobre a veracidade do testemunho prestado.⁷²³ Ele enfatiza que a testemunha se identifica com este conteúdo a tal ponto que lhe permite evidenciar sua

⁷²⁰ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1495.

⁷²¹ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1495.

⁷²² BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1495 (tradução nossa).

⁷²³ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1497.

originalidade, vivência e veracidade, de modo mesmo a se entregar totalmente por este conteúdo de fé, que é transmitido e assumido como verdade, e que pode (a pessoa da testemunha) por ele, chegar a dar sua própria vida.⁷²⁴ O testemunho prestado ou confessado se torna, assim, digno de credibilidade e inseparável, ou integrado fisicamente, daquele que o transmite e que, por isso mesmo, o faz.

Na segunda relação, aquela que se dá entre a testemunha e o receptor do testemunho, ou seja, o destinatário, o autor destaca que aquele que dá seu testemunho de fé o faz em forma de *kerygma* para os seus ouvintes ou leitores, quer seja um testemunho oral ou escrito.⁷²⁵ Então, necessariamente, a mensagem transmitida em forma de testemunho requer um gesto de resposta “que comporta a hermenêutica do testemunho e, por sua vez, a (auto) interpretação/entrega da verdade na qual crê”.⁷²⁶ Há, portanto, uma interação entre a testemunha, o conteúdo do testemunho dado e o receptor que requer um ato no sentido contrário, isto é, do receptor à testemunha, após o devido entendimento/aceitação da mensagem prestada como testemunho. F. Brambrilla afirma que, em função do distanciamento entre esses três elementos, ou seja, quando se dá um afastamento temporal e espacial entre si, torna-se necessário garantir a incolumidade daquele testemunho oral original.⁷²⁷ Em função desta distância (espaço-temporal), é que se evidencia como requisito importante registrar por escrito em texto, aquelas palavras, fatos e gestos a se testemunhar. Entra neste momento, então, a palavra da Igreja, atestando tal indefectibilidade e veracidade do conteúdo da mensagem do testemunho prestado, ou seja, “o reconhecimento operado pela recepção da fé de que tal ‘escritura’ é constituída (normativa) do ser mesmo da Igreja como ‘testemunho’ (o cânon)”.⁷²⁸ O autor frisa que é desta forma que o testemunho oral se torna fé escrita, garantindo a totalidade do testemunho “até lograr todas as condições para o acesso à sua verdade integral”.⁷²⁹ Neste aspecto, ao se referir ao Magistério da Igreja,

⁷²⁴ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1497.

⁷²⁵ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1497.

⁷²⁶ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1497 (tradução nossa).

⁷²⁷ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1497.

⁷²⁸ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1498 (tradução nossa).

⁷²⁹ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1498 (tradução nossa).

Bettencourt corrobora tal entendimento ao afirmar que o testemunho oral é anterior ao escrito, do qual é origem, como ele mesmo o atesta: “o Magistério da Igreja é a expressão genuína da Tradição oral, que berçou a Tradição escrita (Bíblia) e que jamais poderá ser separada desta”.⁷³⁰

Voltando seu olhar para a figura, agora, do destinatário, F. Brambilla analisa sua dupla relação frente ao testemunho recebido e à verdade nele inserida.

No tocante à relação que o receptor do testemunho tem com o próprio conteúdo recebido, sendo escrito ou oral, que traz o testemunho em si, F. Brambilla destaca três atitudes implicadas nesta relação que geram três respostas a cada qual destas ações. Ele afirma que, diante do testemunho recebido, o receptor, necessariamente, realiza uma hermenêutica, a qual consiste em verificar a solidez do conteúdo apresentado, segundo: 1) a intenção da testemunha, contida na mensagem; 2) a narração ou o exemplo dado; 3) e o próprio teor do conteúdo, por exemplo, escrito. F. Brambilla completa com os níveis na recepção:

Aos três níveis do testemunho (o dizer autoimplicativo da testemunha; sua configuração em relato; seu teor por escrito) correspondem os três níveis de interpretação e decisão, que, no entanto, ocorrem num procedimento inverso (a atenção ao conteúdo do relato e/ou à forma retórica do texto; a inclusão em sua dinâmica narrativa/retórica; a escuta de seu dizer autoimplicativo/confessante como um chamado). O receptor deve passar do texto à testemunha através da narração e da leitura.⁷³¹

Nessa análise, o autor observa que o receptor tem uma relação direta com a própria testemunha através do testemunho em si. Ou seja, o testemunho implica tanto aquele que presta o testemunho como o seu destinatário.

Relacionando o destinatário com a verdade do conteúdo testemunhado, F. Brambilla destaca que a entrega do testemunho supõe e requer um assentimento do destinatário. Para isso, este procura analisar a veracidade do que lhe foi transmitido, ou seja, o testemunho narrado ou escrito, para, então, poder crer, tornando-se um “beneficiário” daquela mensagem recebida (como discípulo, comunidade).⁷³² O teólogo explica que “ele percebe que a verdade do testemunho está bem para si e para nós, porque chega à verdade de si em relação aos outros, deixando-se persuadir a crer no outro [a testemunha] como forma de acesso à verdade”.⁷³³ Por isso, ele

⁷³⁰ BETTENCOURT, E. T.; LIMA, M. L. C., *Curso Bíblico Mater Ecclesiae*, p. 65.

⁷³¹ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Ecclesiología*, p. 1498 (tradução nossa).

⁷³² BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Ecclesiología*, p. 1498.

⁷³³ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., *Diccionario de Ecclesiología*, p. 1498 (tradução nossa).

percebe e se assegura de que, aquela mensagem recebida é benéfica para si mesmo, faz bem a si e aos outros (faz-se *beneficiário*). Ocorre aí uma perfeita identidade entre a testemunha e seu receptor, mediante a mensagem atestada e recebida sem qualquer imposição, pois faz com que o destinatário aja livremente dando sua aceitação, confiando-se à verdade proclamada na mensagem da testemunha. A verdade foi proposta e aceita livremente. Neste ponto, F. Brambilla amplia este entendimento para a verdade plena que é Deus, motivo principal do testemunho cristão, o qual se comunica ao destinatário que vê que lhe faz bem e a aceita. Completa o teólogo que tal testemunho tem relação direta com a revelação plena de Deus ao ser humano em Jesus Cristo, ápice da revelação divina, e à qual lhe pede o livre assentimento pessoal:

Uma justa relação com a verdade de Deus, tomada não de modo *despótico* como forma de posseção do homem, nem ao modo de uma oferta *dentre tantas outras* disponibilizadas ao homem, o qual pode escolher esta ou aquela, mas como uma realidade que age no homem com *liberdade de crença*, na figura da fé. Esta é a forma da verdade do Deus de Jesus e de sua (auto) comunicação, forma singular do acesso àquela verdade para o homem, que se converte em sua vida no modo mesmo de a ela aderir.⁷³⁴

Neste sentido, F. Brambilla aponta que o testemunho cristão impele o ser humano à conversão de vida, pois o anúncio de Deus (*querigma*) traz consigo uma chamada à mudança de vida, proferindo-se um juízo assertivo no intuito de conformar a vida humana à Deus (Mc 1,14; At 2,38).⁷³⁵ Assim, o testemunho cristão dos tempos atuais remete àquela confissão de fé em Jesus ressuscitado lá dos primórdios da história e passada de geração em geração como testemunho vivo. Precisamente, este é o âmago teológico do testemunho cristão, que se dá a partir do testemunho pascal de Cristo, levando o receptor à elevação da verdade plena da ressurreição do Senhor, historicamente ocorrida e atestada. Em breve percurso histórico, Brambilla percorre o caminho que faz o testemunho pascal: fundamentado na experiência da ressurreição de Cristo (fato histórico original), inicialmente presenciada por seus discípulos (testemunho pascal apostólico), adiante testemunhada e transmitida aos pósteros (testemunho pós-apostólico), até chegar aos cristãos de hoje (testemunho cristão).

⁷³⁴ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1498-1499 (grifos do autor; tradução nossa).

⁷³⁵ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1498-1499.

O teólogo inicia sua trajetória histórica com a pergunta sobre “o que aconteceu efetivamente naquela manhã de Páscoa?”⁷³⁶ e enfatiza que tal pergunta traz uma “equivalência acrítica entre a verdade do acontecimento e sua verificação empírica”.⁷³⁷ Isto é, para os apóstolos bastou o fato histórico de ver o Senhor ressuscitado (verificação empírica) para crerem e assumirem a verdade do ocorrido da ressurreição (equivalência acrítica), pois tiveram a experiência real e histórica do ressuscitado. A partir do fato existencial real, eles sentem a necessidade de comunicar essa “boa notícia” (evangelho) às gerações seguintes, para que também estas pudessem crer naquilo que eles testemunharam historicamente. Como o bem é difusivo de si, a notícia da ressurreição do Senhor tem de ser levada adiante, este testemunho, este bem tem de ser transmitido e comunicado a todos. F. Brambilla destaca que tal comunicação é dinâmica, uma vez que é “ação transfiguradora” do Espírito Santo no decorrer dos séculos e comunica aquilo que manifesta. O testemunho da ressurreição do Senhor traz uma realidade que se deve conhecer (conversão) e coloca o crente em união com este Senhor (mediante a comunhão trinitária com Deus e eclesial).⁷³⁸ Afirma o teólogo:

A ressurreição de Jesus realiza a salvação escatológica em pessoa (*aspecto cristológico*) e, simultaneamente, confirma a fé dos discípulos que dela participam (*aspecto salvífico-antropológico*). Ela revela a vida divina do Pai mediante o Espírito do Ressuscitado e nos faz comungar, mediante a fé pascal, desta vida trinitária (que é “juízo” sobre o pecado dos homens que sempre buscaram a cruz, e “conversão” que traz, sob uma nova luz, o acontecimento pascal de Cristo) em virtude da ação transfiguradora do Espírito.⁷³⁹

Portanto, a comunicação do evento da ressurreição do Senhor, dada em testemunho a outros, faz surgir a verdade do acontecimento salvífico pela ação do Espírito Santo. Neste sentido, ao tratar da transmissão do testemunho pelos cristãos após o período dos Apóstolos, F. Brambilla enfatiza que tais testemunhos de hoje são reflexos daqueles testemunhos vividos e atestados pelos discípulos, pois os apóstolos atualizam aquilo que viram e ouviram do Senhor e, pela ação do Espírito, também seus ouvintes o fazem, testemunhando a ressurreição a outros. Ele afirma que o Espírito credita às testemunhas aquele acontecimento salvífico original (o

⁷³⁶ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1499 (tradução nossa).

⁷³⁷ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1499 (tradução nossa).

⁷³⁸ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1500.

⁷³⁹ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1500 (grifos do autor; tradução nossa).

testemunho em si) para que outros possam crer no que lhes é apresentado. O testemunho pós-apostólico torna-se, assim, o canal eficaz para que o receptor de diferentes épocas possa alcançar o testemunho “fundante apostólico” original, fazendo a ligação das graças de Cristo por todas as gerações:

A Escritura (como “ato” e como “texto”), o sacramento (como “graça” e como “gesto”) e o ordenamento carismático da Igreja (como “carismas livres” e “ministérios ordenados”) são “funções” do testemunho original: funções que por uma parte partilham da *singularidade* do testemunho apostólico (que não é senão a mesma singularidade de Jesus); e por outra parte, plasmam por distintos títulos, a dimensão *eclesial* do testemunho pós-apostólico.⁷⁴⁰

É desta forma que a Igreja gera seus frutos pelo Espírito Santo como sinal da Páscoa do Senhor vivo pelos séculos. Complementa o teólogo dizendo que é sinal na medida em que é testemunho capaz de prolongar a ação salvífica de Cristo na história; e é real, na medida em que realiza, pelo testemunho cristão, a remissão a Cristo e seu evento salvífico atemporal, que “o reapresenta como antecipação real de seu cumprimento futuro”⁷⁴¹, portanto, escatológico.

Finalmente, F. Brambilla apresenta a figura do próprio testemunho cristão como manifestação de uma “identidade recebida” do fato salvífico que se deixa envolver plenamente pelo efeito de doação da graça salvífica.⁷⁴² Neste sentido, já se evidencia que o testemunho cristão é um sacramental da Igreja, pois atualiza as graças crísticas derramadas àqueles que creem no evento pascal, como base da fé cristã e da salvação, trazidas por Cristo para todas as gerações. Afirma o teólogo que “o acesso à realidade testemunhada constitui a Igreja *como testemunho*, com as realidades que a constituem (palavra, sacramento, carisma)”.⁷⁴³ Conclui F. Brambilla destacando que o testemunho cristão é a fé realizada e presente pelos Sacramentos, pela Palavra de Deus e naqueles que os recebem e acolhem (os destinatários receptores), pela Comunhão dos Santos:

O testemunho não é outro nome distinto para fé, mas é a sua própria forma realizada; não é por acaso que a fé impregne todo o testemunho bíblico, provendo-o dos mesmos critérios de leitura: do *texto* no qual se crê, da *verdade* a qual se crê e do *destinatário* que se faz crente, permitindo se converter e pondo seu rosto à prova pela verdade de Deus. Não é por acaso que a fé encontra na Eucaristia a forma que permite alcançar na atualidade a Páscoa de Jesus.

⁷⁴⁰ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1501-1502 (grifos do autor; tradução nossa).

⁷⁴¹ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1502 (tradução nossa).

⁷⁴² BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1502.

⁷⁴³ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Ecclesiología, p. 1502 (tradução nossa).

Palavra e sacramento são formas de testemunho cristão, na qual se molda o rosto de *filho* no *Filho*, mediante o Espírito, na *communio sanctorum*, para a glória de Deus Pai.⁷⁴⁴

A seguir, passa-se a um entendimento mais específico sobre o termo sacramental.

4.4.2

O termo *sacramental*

No capítulo anterior da presente tese, evidenciou-se, na eclesiologia de Salvador Pié-Ninot, como o eminente teólogo reflete sobre a questão da sacramentalidade da Igreja em seus vários aspectos como novo lugar sociocultural em sua Eclesiologia,⁷⁴⁵ Especificamente, no tocante à sacramentalidade como categoria teológico-hermenêutica,⁷⁴⁶ Pié-Ninot destaca tanto os chamados “sacramentos naturais” (nascimento, serviço comunitário, matrimônio, morte...), como os “sacramentos veterotestamentários” (a circuncisão, o culto no Templo, as unções...), em preâmbulo aos sacramentos da Igreja, neotestamentários, em seus aspectos teológico-hermenêutico. Afirma o teólogo que cada sacramento possui sua realidade interna e sua realidade externa, incorporando o cristão ao sacramento primordial, que é a Igreja, numa perspectiva eclesial e teológica: sinais sacramentais externos que apontam para realidades internas numa ligação intrínseca e teológica da humanidade com Deus. É pela vida sacramental do cristão que este adquire um contato íntimo com Deus que, transcende o meramente psicológico para o ontológico, pois a vida de Cristo se insere na vida do cristão. Assim é que a matéria usada nos Sacramentos da Igreja com sua realidade visível aponta para uma realidade invisível e imaterial, que se encontra no plano espiritual de união do cristão com Cristo Senhor, fazendo da Igreja, sacramento.

O Concílio Vaticano II (1962-1965), na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, afirmava esta realidade sobre a Igreja: “Caracteriza-se a Igreja de ser, a um tempo, humana e divina, visível, mas ornada de dons invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, presente no mundo e, no entanto, peregrina”.⁷⁴⁷ Corroborando este entendimento, B. Kloppenburg aponta o Catecismo, onde afirma

⁷⁴⁴ BRAMBILLA, F. G., Testimonio, In: VILLAR, J. R. (Coord.), et al., Diccionario de Eclesiología, p. 1503 (grifos do autor; tradução nossa).

⁷⁴⁵ Vide tópico 3.1 da presente tese: *A sacramentalidade da Igreja, segundo Pié-Ninot*.

⁷⁴⁶ Vide tópico 3.1.6 da presente tese.

⁷⁴⁷ SC 2.

que a humanidade de Cristo “aparece como o ‘sacramento’, isto é, o sinal e o instrumento de sua divindade e da salvação que ele traz: o que havia de visível em sua vida terrestre apontava para o mistério invisível de sua filiação divina e ação redentora”,⁷⁴⁸ e complementa afirmando que a Igreja também é o sacramento do Espírito Santo:

Processo análogo se dá entre o Espírito Santo (divino, invisível) e o organismo social ou visível da Igreja. Com a natureza humana de Jesus era o sacramento (= sinal e instrumento) do Verbo e da Redenção, assim o organismo social visível da Igreja é o sacramento (= sinal e instrumento) do Espírito Santo para o crescimento do Reinado de Deus na terra. A Igreja é sacramento do Espírito Santo!⁷⁴⁹

Relembrando a noção paulina da Igreja como Corpo Místico de Cristo (1Cor 10,17; 12,27; Rm 12,5), pois que deriva da Eucaristia, a qual faz a Igreja e é feita por ela,⁷⁵⁰ E. Bettencourt fala de dois modos possíveis de pertença à Igreja, ampliando a noção de pertença da Igreja como comunidade de todos os batizados.⁷⁵¹

A **pertença visível** é a daqueles que professam a mesma fé católica, recebem os mesmos sacramentos e obedecem à mesma hierarquia. Constituem a comunidade católica visível.

A **pertença invisível** é a daqueles que não professam a fé católica, mas estão de consciência tranquila e cândida em outra corrente filosófico-religiosa e tudo fazem para seguir os ditames de sua consciência sincera e leal. Estes também pertencem à Igreja Católica, mas de maneira invisível, e, como tais, podem chegar à salvação eterna que Cristo, único Salvador, lhes ministra mediante o sacramento da Igreja.⁷⁵²

Essa pertença à Igreja, seja no modo visível, seja no invisível, faz com que a Igreja, comunidade de todos os batizados, manifeste a realidade invisível da presença de Cristo na Igreja, presença que é sinal de uma realidade transcendente, presença de modo sacramental. O termo *sacramental* se aplica, portanto, a todos os modos dessa presença de Cristo nos cristãos, nos batizados, na sua Igreja, pois se insere na própria sacramentalidade da Igreja. É do termo sacramental que se entendem e dele derivam os chamados *sacramentais da Igreja*, todos considerados no âmbito do contexto eclesial. Na Constituição *Sacrosanctum Concilium* do Vaticano II, os sacramentais são definidos como:

Sinais sagrados pelos quais, à imitação dos Sacramentos, são significados efeitos principalmente espirituais, obtidos por impetração da Igreja. Pelos sacramentais os homens

⁷⁴⁸ CEC 515.

⁷⁴⁹ KLOPPENBURG, B., A fé do cristão católico hoje, p. 78.

⁷⁵⁰ BETTENCOURT, E. T., Curso de Liturgia, 2017, p. 200-203.

⁷⁵¹ Bettencourt destaca ainda a *Lumen Gentium*, 16 e a *Sacrosanctum Concilium*, 7 e 10, além do *Código de Direito Canônico*, cân. 841, este no que tange à competência da Igreja na normatização dos sacramentos (BETTENCOURT, E. T., Curso sobre os Sacramentos, p. 34-35).

⁷⁵² BETTENCOURT, E. T., Curso sobre os Sacramentos, p. 34 (grifos do autor).

se dispõem a receber o efeito principal dos sacramentos e são santificadas as diversas circunstâncias da vida.⁷⁵³

No entendimento conciliar, as diversas ocorrências da vida dos cristãos (isto é, todos os batizados) podem ser *sacramentais*, na medida em que são coisas eficazes que servem para santificar o homem e louvar a Deus:

A liturgia dos Sacramentos e Sacramentais consegue para os fiéis bem dispostos que quase todo acontecimento da vida seja santificado pela graça divina que flui do Mistério pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, do qual todos os Sacramentos e Sacramentais adquirem sua eficácia. E quase não há uso honesto de coisas materiais que não possa ser dirigido à finalidade de santificar o homem e louvar a Deus (SC 61).⁷⁵⁴

O Concílio afirma que praticamente não existem coisas que não sirvam para a santificação do gênero humano. Tudo serve para a santificação, pois Deus se serve de tudo para salvar e santificar o gênero humano. A santificação do ser humano é o objetivo de Deus que sabe usar de todas as coisas para santificar e para seu louvor e glória. De fato, todas as graças de Deus ao gênero humano são graças crísticas.

Especificamente, no tocante ao termo *sacramental*, o teólogo J. Castellano, afirma que não há propriamente uma teologia sobre os sacramentais na Igreja,⁷⁵⁵ embora apresente alguns enfoques sobre a temática. Ele destaca algumas diferenças entre os Sacramentos e os sacramentais. Por exemplo, quanto à quantidade que é limitada a sete para os Sacramentos; é ilimitada, para os sacramentais. Sabe-se também que os Sacramentos foram todos instituídos por Cristo, enquanto que os sacramentais ainda são instituídos, mas pela Igreja. Outra grande diferença é que os Sacramentos têm efeito pelo próprio rito em si, pois agem *ex opere operato*; já os sacramentais agem *ex opere operantis Ecclesiae*.⁷⁵⁶ Isso significa que, enquanto um sacramento confere a graça por si, um sacramental *predispõe* para a graça quem o recebe, “despertando [...] sentimentos de fé e de amor [e] intercedendo diante de Deus para que nos conceda a sua graça”.⁷⁵⁷ J. Castellano finaliza indicando que os

⁷⁵³ SC 60.

⁷⁵⁴ SC 61.

⁷⁵⁵ CASTELLANO, J., Sacramentais, In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO..., Dicionário de Espiritualidade, p. 2222-2223.

⁷⁵⁶ A expressão *ex opere operantis Ecclesiae* significa “pela ação da Igreja operante” (In: DENZINGER, H.; HÜNERMANN, P., Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral, p. 841).

⁷⁵⁷ TRESE, L. J., A fé explicada, p. 442. Por exemplo, no tocante ao sacramental da *água benta*, Trese explica: “A Igreja tomou um elemento comum da vida cotidiana e converteu-o em instrumento da graça, embora não dispensador da graça, não portador direto da graça como são os sacramentos, pois só o poder pessoal de Jesus pode fazê-lo. Com todo o poder que lhe é próprio como Corpo Místico de Cristo, a Igreja dirige a Deus uma súplica que se estende a todos os que devotamente utilizem essa água benta em nome de Cristo. Quando usamos a água benta com devoção, refugiamonos [em Deus] sob ampla oração da Igreja [...]. Uma fé interior na amorosa Providência Divina e a

efeitos obtidos pelos Sacramentos são superiores aos obtidos pelos sacramentais, embora, como afirma o teólogo, “não se deve excluir neles [os sacramentais] a operação de Cristo e do seu Espírito”.⁷⁵⁸ Pois, como dito, os sacramentais não conferem a graça, mas nos predis põem a ela.

Inicialmente, J. Castellano enfatiza que os sacramentais estão *inseridos no diálogo* salvífico de Deus com seu povo “na revelação e na graça descendente, bem como na resposta cultural ascendente que envolve toda a existência cristã”.⁷⁵⁹ Como dito, os Sacramentos foram instituídos por Cristo como revelação de Deus, portanto, de forma descendente; enquanto que os sacramentais atuam como que uma resposta do cristão à Deus, e diz respeito a toda a sua vida. Estabelece-se daí o diálogo a que se refere o teólogo. Os sacramentais são, portanto, parte do plano salvífico de Deus à humanidade e, vários deles inclusive, são parte integrante na celebração dos Sete Sacramentos (os santos óleos, por exemplo).

Um segundo enfoque que o teólogo apresenta é a chamada *teologia sacramental*, pois traz, em comum com os sacramentos, “a dimensão trinitária, eclesial e antropológica (social, cósmica), o aspecto da santificação e do culto”.⁷⁶⁰ Neste item, o teólogo expõe, como exemplo, o uso da “água benta”, que é um sacramental que remete a todo o sentido da salvação de Deus à humanidade através das águas (na travessia do Mar Vermelho, no batismo de Cristo no rio Jordão, no diálogo do Senhor com a mulher samaritana, do momento em que ele é traspassado por uma lança na cruz, e no próprio Batismo dos cristãos...), percorrendo toda a história salvífica. Assim, tal sacramental relembra toda a história salvífica, iniciada pelo Antigo e plenificada no Novo Testamento, donde ocorre a ação salvífica *trinitária* de Deus em socorro ao ser humano; *eclesial*, por se realizar mediante o povo eleito (a *assembleia*, ou em hebraico, a *qahal*, e traduzida para o grego por *ekklesia*);⁷⁶¹ e assumindo sua *dimensão antropológica*, na medida em que abarca

consciência de nossa total dependência de Deus são as disposições pessoais que tornarão a oração da Igreja eficaz em nós” (In: TRESE, L. J., A fé explicada, p. 443).

⁷⁵⁸ CASTELLANO, J., Sacramentais, In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO..., Dicionário de Espiritualidade, p. 2223.

⁷⁵⁹ CASTELLANO, J., Sacramentais, In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO..., Dicionário de Espiritualidade, p. 2223.

⁷⁶⁰ CASTELLANO, J., Sacramentais, In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO..., Dicionário de Espiritualidade, p. 2223.

⁷⁶¹ BETTENCOURT, E. T., Curso de Eclesiologia, p. 23-24; CASTELLANO, J., Sacramentais, In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO..., Dicionário de Espiritualidade, p. 2223.

todo o gênero humano (aspecto *social*) em vista da salvação que conduz à vida eterna (dimensão *cósmica*).

Como terceiro enfoque, J. Castellano destaca o *sacerdócio dos fiéis*. Explica que o “exercício do sacerdócio ilumina o sentido de toda a existência humana em acolher todas as coisas e todos os acontecimentos da vida como dom e presença da benevolência de Deus e em oferecer todo o Senhor como sacerdote do universo”.⁷⁶² De certa forma, o sacerdócio comum dos fiéis os predispõe à graça de Deus no seu plano salvífico, na medida em que nos unimos no cotidiano ao único Sumo-sacerdote, Cristo, no qual e pelo qual, a vida humana inteira é oferecida ao Pai, por Cristo, no Espírito, *ad maiorem Dei gloriam* (para a maior glória de Deus). Deus é a fonte e a meta de toda a vida cristã, como Senhor da vida!

J. Granados faz um breve percurso histórico sobre os, hoje conhecidos, “sacramentais”. Ele inicia lembrando o uso das *bênçãos* no Antigo Testamento, praticadas pelo povo eleito como que para garantir certa presença e proteção do Senhor sobre as pessoas, a fecundidade da terra e os animais.⁷⁶³ Já no Novo Testamento, ele alude, por exemplo, ao episódio da cura do cego por Jesus, ao untar seus olhos com lama, e mandando-o, posteriormente, se lavar na piscina (Lc 24,50). Granados vê, neste episódio, como que um resgate do tal simbolismo da fecundidade da terra e a atuação divina nesta. Sem dúvida, não se nega a onipotente ação miraculosa do Senhor nesta cura. Contudo, Jesus faz uso do recurso à terra (na forma de lama) e à água (da piscina) para que a graça fosse então efetivada. O teólogo aponta ainda que na época da Patrística havia o recurso a alguns elementos naturais que eram agregados às celebrações litúrgicas: “pensemos no sal que se dava aos catecúmenos, ou no copo de leite e mel que se provava depois do Batismo”.⁷⁶⁴ J. Granados observa que na Idade Média todos esses recursos eram conhecidos com o nome de *sacramentos* e que “será Pedro Lombardo que pediu que alguns deles, como a catequese ou o exorcismo, passassem a se denominar ‘sacramentais’, reservando ‘sacramentos’ para o setenário”.⁷⁶⁵ Conclui J. Granados seu breve percurso histórico afirmando que a tradição teológica acatou sua sugestão.

⁷⁶² CASTELLANO, J., Sacramentais, In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO..., Dicionário de Espiritualidade, p. 2223.

⁷⁶³ GARCÍA, J. G., Tratado General de los Sacramentos, p. 335-336.

⁷⁶⁴ GARCÍA, J. G., Tratado General de los Sacramentos, p. 336 (tradução nossa).

⁷⁶⁵ LOMBARDO, P., *Sent. IV, d.6, c.7, n.3: “Catechismus et exorcismus neophytorum sunt, magisque quam Sacramenta dici debent”* apud GARCÍA, J. G., Tratado General de los Sacramentos, p. 336, nota de rodapé, 74 (tradução nossa).

Neste ponto específico da presente tese, passa-se a algumas considerações sobre o *testemunho cristão*, entendido como um *sacramental* oferecido a Deus pelos cristãos, donde a sacramentalidade do testemunho cristão.

4.4.3

A sacramentalidade do testemunho cristão

Conforme destacado no item anterior,⁷⁶⁶ os padres conciliares reunidos no Concílio Vaticano II afirmaram que não há nada “que não possa ser dirigido à finalidade de santificar o homem e louvar a Deus”,⁷⁶⁷ desde que tenha sido honestamente utilizado.

Se a sacramentalidade da Igreja se evidencia quando se procura tornar Cristo presente ao mundo, por exemplo, mediante um testemunho cristão, é por este mesmo testemunho que se mostra a Igreja e, por trás dela, a presença do Cristo, cabeça desta mesma Igreja. O sinal-sacramento que é Cristo-Igreja, se faz presente pelo testemunho cristão ao mundo.

Pela SC 61, precisamente, se insere aí o *testemunho cristão*, cuja sacramentalidade torna-se evidente, na medida em que é um sinal que flui do mistério de Cristo, santificado pela graça divina e, pelo qual, são dispensados os efeitos espirituais. Como se percebe na prática de um testemunho, este se torna mais enfático e eficaz do que mil palavras, portanto, mais propenso a abrir os corações dos receptores do testemunho à santificação, que é veiculada por meio da ação testemunhal, e dos frutos que daí, certamente, ocorrerão em função da credibilidade como resposta do receptor à verdade testemunhada.

Na temática dos sacramentais, E. Bettencourt apresenta uma definição para *sacramental* como sendo “ritos (bênçãos) ou objetos (rosário, crucifixos...) mediante os quais a Igreja pede a Deus derrame suas graças sobre o cristão. Santificam a vida inteira dos fiéis, [pois...] são postos em contato com a obra salvífica de Cristo”.⁷⁶⁸ Pode-se depreender desta definição que, se tudo na vida inteira dos cristãos é santificado para que Deus derrame suas graças aos seres humanos, também o testemunho cristão, que “fala” de Cristo em seu agir, é um

⁷⁶⁶ Vide item 4.4.2 da presente tese.

⁷⁶⁷ SC 61.

⁷⁶⁸ BETTENCOURT, E. T., Curso de Liturgia, [ca. 1990], p. 35.

sacramental; pois está contido na sacramentalidade de Cristo e de toda a Igreja, através da qual, o Senhor Deus age.

O teólogo U. Zilles amplia ainda esse entendimento sem, contudo, esvaziar a noção de sacramento, mas entendê-lo também como sendo qualquer encontro com Deus, onde o “meio de encontro torna-se [...] *sacramental*”. Ele assim expõe seu entendimento:

Na teologia católica, fala-se em sete sacramentos num sentido próprio (*sacramenta maiora*). Mas, toda a estrutura da vida humana é sacramental. Onde o homem se encontra com outro homem e com o mundo, tal encontro é mediatizado e celebrado através de sinais e símbolos. O meio de encontro torna-se sinal, símbolo ou *sacramental*. A fé tende a exprimir seu encontro com Deus, através de palavras, gestos, ritos, pessoas, etc. Chamamos isso de sacramento, em sentido amplo ou *sacramental*. Este exprime e alimenta a fé. Assim falando, genericamente, tudo pode se transformar em sacramento.⁷⁶⁹

Se todo encontro do ser humano com Deus pode ser dito um *sacramental*, entende-se que o encontro de um ser humano com Deus na pessoa do irmão necessitado de uma Palavra divina, a qual é atestada, apresentada, testemunhada, onde se tem as evidências da palavra evangélica anunciada (querigma), não deixa de ser também *sacramental*. O *testemunho cristão* pode ser dito um *sacramental da Igreja*, pois mediante a Palavra, gestos, testemunho, etc. Cristo se faz ali presente. Quiçá um testemunho cristão feito a alguém que não conhecia o Evangelho ou que dele tinha uma visão deturpada, não redundará em conversão plena à fé, portanto, em busca pela riqueza dos sacramentos da Igreja. Essa pessoa, pelo testemunho recebido e acatado é aquele que encontrou um tesouro! Assim, o testemunho cristão pode ser dito um *sacramental da Igreja*. U. Zilles corrobora:

Os sacramentais também conferem frutos espirituais, não como os sacramentos, mas mediante a intercessão da Igreja e a colaboração de quem os recebe. Não conferem imediatamente a graça santificante, mas preparam-nos para recebê-la. Através desses meios são santificadas as diversas situações da vida. Os sacramentais têm o sentido de conduzirmos aos sacramentos, de modo especial à Eucaristia.⁷⁷⁰

O objetivo principal do testemunho cristão é levar o receptor a Cristo. Aliás, a definição que U. Zilles faz de um *sacramental* corrobora seu entendimento de que “quase todo acontecimento da vida” humana é sacramental: “Só através de [...] sinais poderá criar-se uma atmosfera de fé na qual tomamos consciência de que nossa vida toda está ordenada para Deus que tudo vivifica. Quando faltam tais sinais a vida cristã empobrece”.⁷⁷¹ Ora, na medida em que o testemunho cristão é também

⁷⁶⁹ ZILLES, U., Os Sacramentos da Igreja Católica, p. 35 (grifos do autor).

⁷⁷⁰ ZILLES, U., Os Sacramentos da Igreja Católica, p. 38.

⁷⁷¹ ZILLES, U., Os Sacramentos da Igreja Católica, p. 36.

um acontecimento da vida humana que apresenta Cristo, ali testemunhado, aponta para Cristo, aponta para a Eucaristia. O sacramental do testemunho cristão conduz o receptor do testemunho para o sacramento da Eucaristia.

Também J. Castellano corrobora o entendimento de U. Zilles, quanto à ampliação do entendimento sobre os sacramentais ao afirmar que “o âmbito dos sacramentais se estende [...] a toda a vida dos fiéis de modo a manter vivo o sentido religioso da existência cristã, dos acontecimentos e das coisas à luz do mistério da criação e da redenção”.⁷⁷² Neste entendimento, na medida em que o testemunho cristão procura trazer para épocas atuais aquele evento pascal de Cristo, a fim de que o receptor possa nele dar seu assentimento de fé, pode-se inferir que o testemunho cristão é um sacramental da Igreja.

O teólogo J. Castellano prossegue desenvolvendo a temática dos sacramentais, na qual procura agrupar a variedade dos sacramentais em três categorias, por ele assim distribuídas:

- a) Os ritos que dizem respeito à consagração ou bênção das pessoas em momentos particulares de suas vidas; são tais, por exemplo, a bênção abacial, a consagração das virgens, o rito das exéquias, o rito para a instituição de leitor e de acólito, o rito da profissão religiosa. Trata-se de ritos que são celebrados dentro da Eucaristia ou de uma Liturgia da Palavra e são acompanhados por orações e sinais.
- b) Os ritos que dizem respeito à bênção ou consagração das coisas dentro de uma celebração sacramental ou eucarística ou que têm uma relação estreita com essa celebração. Entre esses ritos devem ser destacados a bênção da água batismal, dos óleos sagrados e da crisma, [...] a bênção das cinzas no início da Quaresma, dos ramos no domingo da Paixão, o lava-pés, as diversas bênções no lucernário da vigília pascal etc.
- c) Finalmente, deve-se relacionar entre os sacramentais as bênções que hoje são inseridas no livro litúrgico *De benedictionibus* [...]. Há outros sacramentais, dos quais o mais importante é o exorcismo [...].⁷⁷³

Considerando-se tais categorias, talvez fosse oportuno inserir o *testemunho cristão* como uma quarta categoria, visto que este pode se dar fora do contexto litúrgico-eucarístico (aliás, como na maioria das vezes ocorre), em qualquer lugar, e não como uma forma de bênção, mas sempre ocorrendo como afirmação e manifestação da fé cristã ao mundo e, portanto, necessariamente dentro do contexto eclesial. O testemunho cristão pode se dar em qualquer lugar (no ambiente de trabalho, na escola, no lazer, na política...) em que uma pessoa se sinta chamada a testemunhar a sua fé e, naquele mesmo local, o faz.

⁷⁷² CASTELLANO, J., Sacramentais, In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO... Dicionário de Espiritualidade, p. 2222.

⁷⁷³ CASTELLANO, J., Sacramentais, In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO... Dicionário de Espiritualidade, p. 2223-2224 (grifo do autor).

J. Castellano chega próximo à ideia do testemunho cristão como um sacramental da Igreja, ao afirmar que:

É útil distinguir na prática entre a celebração de um sacramental – por exemplo, a bênção de um escapulário, da água lustral, de uma imagem – e o uso dos sacramentais. A celebração dá sentido ao uso, tira toda aparência de magia e empenha quem faz uso dos sacramentais numa autêntica atitude de culto espiritual em espírito e verdade, de coerência evangélica ou de confiante oração a Deus.⁷⁷⁴

Nos dizeres do teólogo, pode-se corroborar de suas afirmações em todos os aspectos, relacionando-os com o *sacramental do testemunho cristão*.

O testemunho cristão é, em si mesmo, um sacramental, pois é sinal evidente, eficaz e enfático de Cristo apresentado pela testemunha ao seu destinatário. Portanto, a testemunha faz uso do seu testemunho para evidenciar um sinal de Cristo, a fim de que o receptor encontre as condições para dar sua credibilidade àquilo que lhe é testemunhado. Precisamente, o destinatário/receptor dará sua adesão de fé na medida em que vir, no testemunho, um sinal evidente de Cristo, ou ainda, na medida em que conseguir identificar a sacramentalidade do testemunho. A testemunha, assim, faz uso de um sacramental: o seu testemunho de Cristo. A celebração prévia deste sacramental, pode-se dizer, se dá quando a testemunha vive, no âmbito eclesial, o fato/evento que testemunhará depois. Ela o guarda consigo para o momento oportuno de usar este sacramental, quando de um testemunho a ser dado. O fato presenciado no contexto eclesial é, em si mesmo, a celebração da recepção do sacramental do testemunho por parte da testemunha. Os dizeres iniciais na afirmação de J. Castellano, diferenciando a recepção do sacramental do seu uso, também tem sentido para o sacramental do testemunho cristão, ao afirmar que “a celebração dá sentido ao uso”.

Em sequência, o teólogo afirma que o sacramental “tira toda aparência de magia”. Isto ocorre de fato, também para o sacramental do testemunho cristão. Este é imbuído de uma espiritualidade sacramental, misteriosa, mas não mágica.⁷⁷⁵ Toda

⁷⁷⁴ CASTELLANO, J., Sacramentais, In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO... Dicionário de Espiritualidade, p. 2224.

⁷⁷⁵ Neste sentido, o mesmo teólogo Castellano explica: “A palavra ‘*sacramentum*’, introduzida pelos primeiros escritores latinos, como Tertuliano, traduz o termo *mysterion*, usado na literatura clássica grega para indicar as realidades ocultas das religiões pagãs, reveladas aos iniciados, mas empregado especialmente por Paulo para indicar o desígnio salvífico de Deus em Cristo, que se revelou progressivamente na história da salvação (Ef 3,9; Cl 1,26-27) até a plenitude dos tempos. Na Antiguidade cristã se fala do mistério ou sacramento que é Cristo, do mistério da nossa salvação ou da Páscoa do Senhor, e se aplica também à Igreja, como corpo de Cristo e comunidade de salvação, o termo sacramento” (In: CASTELLANO, J., Sacramentos, In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO... Dicionário de Espiritualidade, p. 2225 – grifos do autor).

a espiritualidade cristã do testemunho está inserida na vida teológica da Igreja e no dom do Espírito Santo que se faz presente no testemunho cristão.

J. Castellano conclui afirmando que empenha o usuário “dos sacramentais numa autêntica atitude de culto espiritual em espírito e verdade, de coerência evangélica ou de confiante oração a Deus”.⁷⁷⁶ De fato, tudo isso se observa também no sacramental do testemunho cristão. Com efeito, a testemunha busca dar testemunho unicamente da verdade, numa atitude cultual e de total fidelidade a Deus e aos princípios cristãos, em acordo estrito às verdades do Evangelho. Isso se dá numa confiante prece à Deus, para que seu testemunho seja compreendido e acolhido pelo receptor e possa, desta forma, servir ao seu propósito de testemunhar a fé em Cristo.

O testemunho cristão se insere adequadamente no que J. Castellano afirma de modo genérico sobre os sacramentais:

Todos os sacramentais da Igreja passam a fazer parte da existência cristã, são uma forma de culto espiritual que certamente não dispensa do empenho de coerência evangélica no amor a Deus e ao próximo. Na capacidade que têm os sacramentais de estarem próximos da vida ordinária das pessoas, inseridos na vida familiar e pessoal, dentro da vida da comunidade cristã, tendem a tornar todo o agir do cristão um verdadeiro culto espiritual orientado especialmente para transformar a vida pessoal, familiar, social, objetivo último de toda a sacramentalidade da Igreja. Os sacramentais, além disso, situam-se na sacramentalidade da vida cristã que se inspira na existência mesma de Cristo [...].⁷⁷⁷

Todo testemunho cristão traz em si a intenção primária da testemunha de ter seu testemunho acreditado pelo receptor, pois a mensagem tem uma coerência com a mensagem do evangelho, anunciado na forma de um testemunho. Ora, como a Palavra de Deus é viva e atemporal, ela tem o poder de transformar as vidas daqueles que recebem e acolhem o testemunho cristão, num verdadeiro culto a Deus que preenche o ser humano, “objetivo último de toda a sacramentalidade da Igreja”. Por isso, propriamente o testemunho cristão é um sacramental da Igreja.

No tocante aos sacramentais, o teólogo L-M. Chauvet afirma que a “sua eficácia [a de um sacramental] está ligada à súplica da Igreja”,⁷⁷⁸ pois todas as ações feitas no sentido de se testemunhar a veracidade do evangelho de Cristo contam com as orações de todos os cristãos, através da comunhão dos santos. A partir de

⁷⁷⁶ CASTELLANO, J., Sacramentos, In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO... Dicionário de Espiritualidade, p. 2224.

⁷⁷⁷ CASTELLANO, J., Sacramentos, In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO... Dicionário de Espiritualidade, p. 2224.

⁷⁷⁸ CHAUVET, L-M., Sacramento, In: LACOSTE, J-Y. (Dir.), Dicionário Crítico de Teologia, p. 1579.

um testemunho cristão, certamente o Senhor pode se servir como forma de atingir diversos corações ainda não tocados pela mensagem cristã e, nisso, toda a Igreja contribui com suas orações para a eficácia de um testemunho, que torna presente a verdade de Cristo aos corações humanos. Afinal, como dito anteriormente,⁷⁷⁹ todo sacramental age *ex opere operantis Ecclesiae*,⁷⁸⁰ isto é, a eficácia das ações sacramentais está diretamente relacionada às súplicas da Igreja. Em outras palavras, pode-se dizer que a eficácia de um sacramental vem das disposições interiores dos cristãos e do poder da Igreja, que garante os sacramentais.

O mesmo teólogo afirma enfaticamente que:

Pode-se considerar como pertencendo aos sacramentais e mesmo colocar na primeira fila deles certos rituais reconhecidos pela Igreja, nos quais ela se revela puramente como tal em sua função de intercessão ou de louvor: a profissão religiosa ou monástica, a instituição de leigos a um ministério, a celebração comunitária da reconciliação sem absolvição, a oração do ofício divino, os funerais cristãos.⁷⁸¹

Certamente, pode-se incluir nesta breve lista também o testemunho cristão, pois pela comunhão dos santos, também um testemunho evangélico conta com as orações da Igreja, muito embora este não esteja inserido propriamente como um ritual oficialmente reconhecido por ela. Aliás, o mesmo teólogo observa que na esfera eclesial, e mesmo da vida espiritual, um ritual litúrgico não delimita a fronteira entre o que é sacramento e o que é sacramental.⁷⁸² Ambos convivem juntos em diversas celebrações na Liturgia, no que ele chama de “nebulosa sacramental”. L-M. Chauvet chega a destacar que, em tal “nebulosa”, na liturgia oriental “de tradição e de sensibilidade pouco levadas pelas precisões dos latinos”, há uma maior abertura às “massas de sacramentalidade”, diferentemente da liturgia do ocidente que se fixa objetivamente num “núcleo central mais ‘pesado’ dos sacramentos”, prática comumente observada no rito latino.⁷⁸³ L-M. Chauvet amplia o entendimento sobre uma representação “sistêmica” da própria sacramentalidade quando afirma que:

As Igrejas ortodoxas reconhecem também sete sacramentos, mas esta teoria está longe de desempenhar, nelas, o papel que desempenham na Igreja latina [...]. Se não nos basearmos

⁷⁷⁹ Vide tópico 4.4.2 da presente tese.

⁷⁸⁰ Segundo José Granados, a fórmula *ex opere operantis Ecclesiae* foi “endossada por Pio XII na Encíclica *Mediator Dei* de 1947 – DH 3844” (In: GARCÍA, J. G., Tratado General de los Sacramentos, p. 337).

⁷⁸¹ CHAUVET, L-M., Sacramento, In: LACOSTE, J-Y. (Dir.), Dicionário Crítico de Teologia, p. 1579.

⁷⁸² CHAUVET, L-M., Sacramento, In: LACOSTE, J-Y. (Dir.), Dicionário Crítico de Teologia, p. 1579.

⁷⁸³ CHAUVET, L-M., Sacramento, In: LACOSTE, J-Y. (Dir.), Dicionário Crítico de Teologia, p. 1579.

primordialmente na noção de eficácia, mas na de “sinal”, somos então convidados e integrar no mundo da sacramentalidade não somente os sete sacramentos, mas ainda os sacramentais, e a pensar todos estes gestos litúrgicos, como faziam os Padres, na relação de “cumprimento” que os liga aos sacramentos veterotestamentários. Obtém-se, assim “uma representação orgânica” (Roguet, 1951, 377), “sistêmica” da sacramentalidade.⁷⁸⁴

A afirmação precisa de L-M. Chauvet corrobora o entendimento *do testemunho cristão* considerado como um *sacramental da Igreja*, na medida em que amplia o próprio entendimento teológico do que pode ser considerado “sacramental da Igreja”.

Em conclusão, nos dias atuais, é notória a ocorrência de uma multiplicidade de ideias contrárias à fé, com uma sociedade cada vez mais polarizada, por vezes ocasionando ainda mais divisões entre irmãos; um pluralismo religioso notório com intolerâncias religiosas de todos os lados e agressividade exacerbada contra a Igreja. Neste cenário nada amistoso, com uma população brasileira ainda sentindo os efeitos sociais, econômicos, políticos e religiosos de uma época pós-pandemia, a temática do testemunho cristão se faz cada vez mais necessária ser trazida à tona para uma reflexão nos meios acadêmicos, que fomentam os debates em prol de mudanças significativas de melhoras.

O presente capítulo buscou, assim, em sua breve trajetória, abordar o *testemunho cristão como questão de sacramentalidade da Igreja*. Tal percurso iniciou procurando-se evidenciar a centralidade do *mistério*, que é Cristo, em meio ao “mundanismo espiritual” que se impõe, principalmente no tocante às duas heresias, o neognosticismo e o neopelagianismo, com o consequente forte combate a elas empreendido pela ortodoxia do Papa Francisco.

Como a centralidade do mistério é **Cristo**, buscou-se um entendimento dos termos *testemunho* e *sacramental*, a fim de embasar a conclusão sobre *a sacramentalidade do testemunho cristão*. Pois, entende-se que o testemunho cristão continua sendo o meio eficaz da ação do Senhor, que pode contribuir para reverter esse quadro hostil e nada amigável. Se as palavras instruem, os exemplos arrastam.

No âmbito eclesial, afirma o teólogo Pié-Ninot:

Ao encontrar sua razão de ser na missão, a Ecclesiologia deve ser um testemunho em sua forma de comunidade e de sociedade da “realidade teológica”, segundo as palavras da oração de Jesus: “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia (Jo 17,21).⁷⁸⁵

⁷⁸⁴ CHAUVET, L-M., Sacramento, In: LACOSTE, J-Y. (Dir.), Dicionário Crítico de Teologia, p. 1579.

⁷⁸⁵ PIÉ-NINOT, S., Ecclesiología, p. 255.

Concluindo, a frase afirmada por E. Barbotin († 2014) continua sempre válida: “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres; ou então, se escuta os mestres é porque eles são testemunhas”.⁷⁸⁶

⁷⁸⁶ BARBOTIN, E., *Le témoignage*, Bruxelas, 1995, 5 (Paris 1964, 7), In: PIÉ-NINOT, S., *La Teología Fundamental*, p. 575.

5 Conclusão

A presente tese buscou fundamentar-se no valioso tratado de Ecclesiology de Salvador Pié-Ninot,⁷⁸⁷ e verificar, na ótica de seus densos estudos ecclesiológicos, a importância do *testemunho na sacramentalidade da Igreja* para o mundo atual, tão disperso e alheio às realidades transcendentais. Como sacramento universal de salvação, a Igreja é a fonte das graças de Cristo para toda a humanidade por meio dos sete sacramentos-ritos, que são como que o “braço prolongado do Senhor” na história, tornando presente sua ação salvífica. Não somente por esses ritos que conferem a graça, mas também por intermédio de diversos símbolos, sinais e realidades humanas, que apontam à vida cristã autêntica, alguns chamados de *sacramentais*, a Igreja confere, por tais meios, uma sinalização à graça dos sacramentos; disponibilizando recursos variados que predisõem às graças de Deus. Nestes se encontra também o testemunho cristão, tese apontada no presente trabalho.

No primeiro capítulo do desenvolvimento desta tese,⁷⁸⁸ partindo-se da verificação da importância do *testemunho cristão* no mundo atual, pôde-se verificar suas diversas modalidades ao longo da história do Cristianismo até os nossos dias. O estudo se iniciou pela essência do martírio, sua definição e significado como grau máximo do testemunho cristão, como sinal e linguagem ao mundo de hoje, até chegar à compreensão que este teve na história, tanto na ótica profana, quanto na religiosa.⁷⁸⁹ Realizou-se um breve percurso nas principais fontes patrísticas sobre o tema, nos dois últimos Concílios Ecumênicos e, mais recentemente, através das diversas contribuições do Magistério eclesial e dos aportes à temática feitos pelos recentes pontífices.

Verificou-se a importância do testemunho cristão para os dias de hoje, pois muitos não consideram mais a necessidade da existência da Igreja, embora ainda sejam capazes de acolher as palavras, ou melhor, os exemplos, dos seus amigos

⁷⁸⁷ PIÉ-NINOT, S., *Ecclesiología: La Sacramentalidad de la Comunidad Cristiana*, 2015.

⁷⁸⁸ Capítulo 2 desta tese.

⁷⁸⁹ Louth relaciona o martírio com a santidade e aponta como recentes mártires: os bizantinos e os principescos (LOUTH, A., *Martírio*, In: LACOSTE, J-Y. [Dir.], *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1100-1102).

cristãos que evidenciam Cristo Senhor em suas atitudes do cotidiano. De modo que, muitas vezes, já não é mais a Igreja que consegue chegar aos corações, mas as boas amizades do dia-a-dia; estas pessoas, sim, ficam marcadas por suas ações cristãs, tornando-se verdadeiros exemplos de vida para os outros. Fica, assim, configurado o valor das autênticas experiências, religiosa e de fé, para que tais cristãos possam atuar como eficaz fermento na massa ou luz no mundo. Mediante esses cristãos que levam Cristo ao mundo por suas vidas e ações caritativas, seus exemplos de fé se tornam enfaticamente credíveis, fazendo-se realizar por eles, a possível e consequente credibilidade na Igreja, o sacramento primordial da salvação de Cristo. Assim, se fortalece a esperança da salvação do Senhor que a todos quer alcançar.

No capítulo seguinte,⁷⁹⁰ apresentou-se a questão da *sacramentalidade da Igreja* como novo lugar sociocultural segundo a eclesiologia de Salvador Pié-Ninot. Realizou-se um breve percurso histórico até o Concílio do Vaticano II, e após o mesmo, com a Igreja-sacramento, expressão viva de uma eclesiologia relacional, num desenvolvimento sobre alguns aspectos da sacramentalidade. Destacou-se a importância da Igreja como meio de salvação universal no reverso positivo do axioma “Fora da Igreja não há salvação”, apontado por Pié-Ninot em seu tratado sobre a Eclesiologia. A seguir, a sacramentalidade foi verificada como expressão da sua essência salvífica à humanidade como “sacramento universal de salvação”. Analisou-se a sacramentalidade da Igreja como categoria teológico-hermenêutica central, na qualidade de “Igreja-sacramento”, pela sua ontologia relacional, e na tríplice dimensão do sacramento e em suas aplicações na Eclesiologia. Em dois parágrafos de dois documentos do Vaticano II, a *Lumen Gentium* e a *Sacrosanctum Concilium*,⁷⁹¹ analisou-se os distintos níveis da “presença de Cristo” na Igreja e, desta, entendida como “sacramento”, adentrando-se ao tipo de presença e de ação de Cristo na sacramentalidade, chegando-se a evidenciar a Igreja-sacramento real em suas diversas modalidades na vida eclesial.

Dentro da eclesiologia de Pié-Ninot, deu-se seguimento neste capítulo da sacramentalidade, apontando-se os dois sinais da Igreja-sacramento. O primeiro deles, no seu aspecto de “sinal interior”, no qual se observa a Igreja como *comunidade* e o segundo, no aspecto de “sinal exterior”, onde se evidencia a Igreja como *sociedade*. No primeiro tópico, percorreu-se o entendimento sobre as diversas

⁷⁹⁰ Capítulo 3 da presente tese.

⁷⁹¹ LG 1; SC 7.

atuações de seus membros internamente observada como uma comunidade cristã: a ação dos leigos e leigas, ou seja, a Igreja atuante no mundo; a ação do ministério pastoral como serviço e diaconia; a realidade da Igreja diocesana como local de Catolicidade; e os ministérios, episcopal e petrino. No tocante ao sinal exterior da Igreja-sacramento, o foco foi dado à Igreja como uma *sociedade*. Neste ponto, foi apresentada a expressão social da Igreja em comunhão tão em voga nos dias atuais, ou seja, em sua sinodalidade; e a missão e diaconia da Igreja no mundo. Concluindo este capítulo, destacou-se o paradoxo e o mistério que representa e que compõem a Igreja, na perspectiva de Pié-Ninot.

Agregando-se o entendimento colocado nos capítulos anteriores sobre o testemunho e a sacramentalidade, adentrou-se ao tema do *testemunho cristão como questão de sacramentalidade da Igreja*.⁷⁹²

Inicialmente, este capítulo apresentou o ponto central de todo o *mistério* da fé, que é **Cristo Senhor**, destacando-se sua necessidade salvífica para cada pessoa humana, cada um de nós, frente a alguns problemas que tanto afetam os tempos atuais. Em tal “mundanismo espiritual”,⁷⁹³ duas heresias voltam à cena afetando enormemente a Cristandade atual: o neognosticismo e o neopelagianismo. Os recentes Papas têm promovido um combate direto com os diversos pronunciamentos e documentos deles emanados. Contudo, o presente capítulo voltou-se para o enfrentamento a estes erros doutrinários no pontificado do atual sucessor de Pedro, o Papa Francisco. Com sua reta doutrina, Francisco tem se colocado em frequente combate a tais heresias, mostrando aos cristãos, não somente as sutilezas de tais males teológicos e suas implicações para a santidade dos cristãos, mas, sem dúvida, também apresentando formas de evitá-las e de combatê-las quando identificadas no seio da Igreja, apontando novos caminhos.⁷⁹⁴ O Pontífice destaca esses problemas e lembra que não estamos sozinhos, mas juntos na mesma barca de Pedro, unidos na Igreja, e que o Senhor está conosco e “celebra as nossas vitórias”:

Não se trata apenas de uma luta contra o mundo e a mentalidade mundana, que nos engana, atordoa e torna medíocres sem empenhamento e sem alegria. Nem se reduz a uma luta contra a própria fragilidade e as próprias inclinações (cada um tem a sua: para a preguiça, a luxúria,

⁷⁹² Capítulo 4 desta tese.

⁷⁹³ “Mundanismo espiritual” é expressão utilizada pelo Papa Francisco (EG 93; 95), e apresentada no tópico 4.2 da presente pesquisa.

⁷⁹⁴ Logo na introdução à Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco menciona sua intenção: “para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG 1).

a inveja, os ciúmes, etc.). Mas é também uma luta constante contra o demônio, que é o príncipe do mal. O próprio Jesus celebra as nossas vitórias. Alegrava-se quando os seus discípulos conseguiam fazer avançar o anúncio do Evangelho, superando a oposição do Maligno, e exultava: “Eu via Satanás cair do céu, como um relâmpago” (Lc 10,18).⁷⁹⁵

Como fechamento deste capítulo, deu-se foco à sacramentalidade do testemunho cristão. Perpassou-se cada um dos termos principais aí envolvidos: o *testemunho* e o termo *sacramental*, para, então, arrematar-se a presente tese evidenciando a *sacramentalidade do testemunho*, a fim de apresentá-lo como *manifestação da sacramentalidade da Igreja na Ecclesologia de Pié-Ninot*. Tal conclusão se completa, no entendimento da presente tese, evidenciando-se o *testemunho como um sacramental da Igreja*, que, por vezes, mais do que os sacramentais amplamente conhecidos como tais (terços, medalhas, escapulários, bênçãos, imagens sacras, exorcismo, lava-pés, consagrações, crucifixo, água benta, santos óleos...) conduzem, os receptores dos testemunhos, a buscarem os sacramentos da Igreja e a consequente vida cristã plena (vida eclesial). Como afirmado na dissertação de Mestrado do autor desta tese:

[O testemunho é] o novo caminho de credibilidade eclesial, que se apresenta, além de seu aspecto externo sempre visível, também como uma realidade interna e “integradora” de convite à fé, segundo qualificado por Pié-Ninot. Desta forma, acreditamos que a novidade do autêntico testemunho vivido pelos cristãos se converte no motivo evidente, coerente e inquestionável de credibilidade na Igreja. Nessa caminhada, o testemunho se torna mais forte do que mil palavras.⁷⁹⁶

S. Pié-Ninot afirma que “todo testemunho é teológico”,⁷⁹⁷ porque aponta ao Absoluto que é Deus e corresponde à “renovada *via empirica*”⁷⁹⁸ (como ele chamava, “a *via testimonii*”).⁷⁹⁹ A testemunha é chamada por Deus a transmitir o conteúdo em que crê, para que, através de seu testemunho cristão, outros possam também crer na verdade da fé cristã. Portanto, a testemunha recebe de Deus uma missão, quando se sente chamada a testemunhar. Daí, na via empírica, se enquadra a via do testemunho. Ser testemunha é ser missionário de Cristo, é se sentir chamado a anunciar o Evangelho do Senhor (evangelização) com seu testemunho e a servir ao mundo (diaconia).⁸⁰⁰ O testemunho é algo pertencente à Igreja e inerente à Igreja; algo que surge no seio eclesial, no próprio povo de Deus (leigos e clérigos) que se

⁷⁹⁵ GE 159.

⁷⁹⁶ CORREIA, L. C. M., O testemunho na Igreja, p. 128.

⁷⁹⁷ PIÉ-NINOT, S., La Teología Fundamental, p. 505; 680.

⁷⁹⁸ Vide item 4.1.3 e 4.2, in: CORREIA, L. C. M., O testemunho na Igreja, p. 81-91.

⁷⁹⁹ PIÉ-NINOT, S., La Teología Fundamental, p. 487-506 (grifo do autor).

⁸⁰⁰ Sobre a temática da missão como evangelização, consultar LIENHARD, F., Missão/ Evangelização, in: LACOSTE, J-Y. [Dir.], Dicionário Crítico de Teologia, p. 1153-1157).

sente chamado a testemunhar, chamado a evangelizar e servir. O testemunho cristão fala de Deus, seja com as palavras ou com o exemplo de autêntica vida cristã, e, portanto, teológico. Leva quem o recebe e acolhe a buscar a Deus em resposta ao conteúdo recebido no testemunho, a buscar a vida cristã, a buscar os sacramentos da Igreja. Por isso, entende-se que **o testemunho cristão pode ser tido como um sacramental**, visto que reúne em si todas as características de um *sacramental da Igreja*.

Dar testemunho de Cristo ao mundo é evangelizar o outro com alegria. Citando Paulo VI, o Papa Francisco fala sobre “a suave e reconfortante alegria de evangelizar [para que] o mundo do nosso tempo possa receber a Boa-Nova [...] de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo”.⁸⁰¹

Além de um voltar-se do “eu” humano ao “Tu” divino pela evangelização do outro, o coração humano se abre ao diálogo em geral:

Em nosso entendimento, no âmbito da Teologia, o testemunho abre caminho para o diálogo em diversos aspectos: a começar do próprio diálogo pessoal com Deus e na vivência da fé pela Liturgia; também do diálogo entre católicos no próprio ambiente de Igreja; e ainda, o diálogo com nossos irmãos separados, quer seja no ambiente ecumênico, quer seja no inter-religioso. [...] Em termos de Pastoral, seja ela de que tipo for no ambiente eclesial, o testemunho cristão contribui para facilitar o diálogo convencendo bem mais do que muitas palavras.⁸⁰²

Esse ensinar com alegria nos caminhos da vida dando um testemunho enfático do Evangelho é a chave para a eficácia no ensino da fé e da doutrina católicas. A certo modo, a presente pesquisa foi enriquecida, interiormente, pela percepção da vivência cristã de um leigo católico, que sempre buscou compreender o porquê dos caminhos, por vezes tortuosos, que se lhe foram apresentados na vida, aliado à fé e na perspectiva da esperança pela vida eterna. Nas recentes atividades acadêmicas na docência da Teologia católica a que era chamado a desempenhar, este leigo sempre buscou evangelizar tendo consigo um constante e convincente *testemunho de ser cristão*, a cada aula ministrava. Era alguém que, primeiro acreditava e acredita, profundamente, em tudo aquilo que é, que vive e que ensina, para que, depois, pudesse transmitir aquilo em quem crê, por quem é, e por quem vive, o Senhor, com uma vivacidade radiante e notória. Desta forma, este leigo procura

⁸⁰¹ EG 10. No tocante à doce e reconfortante alegria de evangelizar, remete-se aos parágrafos de 9 a 13 da referida Exortação Apostólica.

⁸⁰² CORREIA, L. C. M., O testemunho na Igreja, p. 129.

atestar, e não simplesmente *ensinar*, fazendo-o com ênfase naquilo em que crê, dando *testemunho* da fé que vive em sua vida cotidiana.

Conclui-se esta pesquisa com as palavras de J. Tolentino:

O que te peço, Senhor, é a graça de ser. Não te peço sapatos, peço-te caminhos. O gosto dos caminhos recomçados, com suas surpresas e suas mudanças. Não te peço coisas para segurar, mas que as minhas mãos vazias se entusiasmem na construção da vida. Não te peço que pares o tempo na minha imagem predileta, mas que ensines meus olhos a encarar cada tempo como uma oportunidade. Afasta de mim as palavras que servem apenas para evocar cansaços, desânimos, distâncias. Que eu não pense saber já tudo acerca de mim e dos outros. Mesmo quando não posso ou quando não tenho, sei que posso ser, ser simplesmente. É isso que te peço, Senhor: a graça de ser de novo.⁸⁰³

Louvado seja Nosso Senhor, Jesus Cristo!

⁸⁰³ MENDONÇA, J. T. Um Deus que dança, p. 84.

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2014, p. 151 (Coleção Patrística, vol. 10). [Livro eletrônico]

ALETEIA. **A última oração das freiras mártires do Iêmen**. 28/09/2021. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2021/09/28/a-ultima-oracao-das-freiras-martires-do-iemen/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

ALETEIA. **Irmã Maria Laura Mainetti, freira morta em ritual satânico, já é beata**. 07/06/2021. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2021/06/07/irma-maria-laura-mainetti-freira-morta-em-ritual-satanico-ja-e-beata/>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

ALETEIA. **Martírio dos 21 cristãos coptas pelo Estado Islâmico: 6 anos de um horror que chocou o mundo**. 06/01/2021. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2021/01/06/martirio-dos-21-cristaos-coptas-pelo-estado-islamico-6-anos-de-um-horror-que-chocou-o-mundo/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

ALETEIA. **Vítimas do ódio à fé: 3 mártires recentes rumo aos altares**. 01/11/2021. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2021/11/01/vitimas-do-odio-a-fe-3-martires-recentes-rumo-aos-altares/?utm_campaign=Nl_pt&utm_content=Nl_pt&utm_medium=mail&utm_source=weekly_newsletter>. Acesso em: 07 nov. 2021.

ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE TERESIANUM (Org.). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Loyola / Paulinas, 2012 (3 volumes: A-D [1]; E-M [2]; N-Z [3]).

AUGUSTIN, G. (Ed.), et al. **El problema de Dios, hoy**. Colección Presencia Teológica, 186. Santander: Sal Terrae, 2012.

BAZÁN, F. G. Gnose. In: TAMAYO, J. J. (Org.). **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Paulus, 2009, p. 248-253.

BENTO XVI, PP. **Carta Apostólica sob forma de “Motu Proprio” Porta Fidei: com a qual se proclama o Ano da Fé**. 1. ed. 8. Reimp. São Paulo: Paulinas, 2013 (Coleção A Voz do Papa, doc. 195).

BENTO XVI, PP. **Carta Encíclica Caritas in Veritate: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009 (Coleção A Voz do Papa, doc. 193).

BENTO XVI, PP. **Carta Encíclica Deus Caritas est: sobre o amor cristão**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2007 (Coleção A Voz do Papa, doc. 189).

BENTO XVI, PP. **Carta Encíclica *Spe Salvi***: sobre a esperança cristã. 30/11/2007. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

BENTO XVI, PP. **Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos**, 15/11/2008. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20081115_laity.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

BENTO XVI, PP. **Discurso à Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos**, 21/05/2010. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20100521_pc-laici.html>. Acesso em: 13 jan. 2022.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis***: sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2007 (Coleção A Voz do Papa, doc. 190).

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini***: sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. 6. ed. 4. Reimp. São Paulo: Paulinas, 2015 (Coleção A Voz do Papa, doc. 194).

BERARDINO, A. Di (Dir.). **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane** (NDPAC). Institutum Patristicum Augustinianum-Roma. 2. ed. Genova-Milano: Marietti, 2006-2008. (Tre volumi: A-E [1]; F-O [2]; P-Z [3]).

BERARDINO, A. Di; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Org.). **Dicionário de Literatura Patristica**. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2011.

BETTENCOURT, E. T. **Curso de Cristologia: Mater Ecclesiae**. 1. ed. Rev.: Luiz Cláudio M. Correia. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

BETTENCOURT, E. T. **Curso de Eclesiologia: Mater Ecclesiae**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

BETTENCOURT, E. T. **Curso de História da Igreja**. Escola Mater Ecclesiae. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

BETTENCOURT, E. T. **Curso de Liturgia: Mater Ecclesiae**. Rio de Janeiro: Escola Mater Ecclesiae, [ca. 1990].

BETTENCOURT, E. T. **Curso de Liturgia: Mater Ecclesiae**. Rev.: Fábio da Silveira Siqueira. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

BETTENCOURT, E. T. **Curso de Patrologia: Mater Ecclesiae**. 1. ed. Rev.: Luiz Cláudio M. Correia. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.

BETTENCOURT, E. T. **Curso sobre a Graça**. Rio de Janeiro: Escola Mater Ecclesiae, 2000.

BETTENCOURT, E. T. **Curso sobre os Sacramentos**. Rio de Janeiro: Escola Mater Ecclesiae, 2002.

BETTENCOURT, E. T. **Por que não sou ateu?** 2. ed. Opúsculo. Rio de Janeiro: Escola Mater Ecclesiae, [ca. 1989].

BETTENCOURT, E. T.; LIMA, M. de L. C. **Curso Bíblico Mater Ecclesiae**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. 2. Reimp. São Paulo: Paulus, 2003.

BINGEMER, M. C. L. **Testemunho**: mística com olhos abertos. In: BINGEMER, M. C. L.; CASARELLA, P. (Orgs.). **Testemunho**: Profecia, Política e Sabedoria. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2017, p. 15-30.

BINGEMER, M. C. L.; CASARELLA, P. (Orgs.). **Testemunho**: profecia, política e sabedoria. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2017.

BOROBIO, D. (Org.), et al. **A celebração na Igreja: Sacramentos**. Vol. 2. São Paulo: Loyola, 1993.

BORRIELO, L. (Dir.), et al. **Dicionário de Mística**. São Paulo: Loyola; Paulus, 2003.

BOURGEOIS, H. **O testemunho da Igreja antiga: uma economia sacramental**. In: SESBOÜÉ, B. (Dir.); BOURGEOIS, H.; TIHON, P. **Os sinais da Salvação (séculos XII – XX)**: Os Sacramentos. Coleção História dos Dogmas, v. 3. São Paulo: Loyola, 2005, p. 31-58.

BRAMBILLA, F. G. Testimonio. In: VILLAR, J. R. (Coord.); CALABRESE, G.; GOYRET, P.; PIAZZA, O. F. (Eds.). **Diccionario de Ecclesiología**. Colección BAC Mayor, 120. Madrid: BAC, 2016, p. 1495-1504.

CAPPELLETTI, A.; CAPRIOLI, M. Mártir. In: ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE TERESIANUM (Org.). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Loyola / Paulinas, 2012, vol. 2, p. 1554-1561.

CARBONELL, J. M. **Salvador Pié-Ninot, sacerdote, teólogo y educador**. In: ORTEGA, J. L. C.; CARBALLADA, R. L. (Eds.), **Testimonio y sacramentalidad**: homenaje al Profesor Salvador Pié-Ninot. Colección Aljibes n. 4. Salamanca: San Esteban, 2015, p. 15-23.

CASTELLANO, J. Sacramentais. In : ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE TERESIANUM (Org.). **Dicionário de Espiritualidade**. Vol. III. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2012, p. 2222-2224.

CASTELLANO, J. Sacramentos. In : ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE TERESIANUM (Org.). **Dicionário de Espiritualidade**. Vol. III. São Paulo: Loyola / Paulinas, 2012, p. 2224-2236.

CASULA, L. **Rostos, gestos e lugares**: A Cristologia do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2018 (Coleção A Teologia do Papa Francisco, vol. 2).

CATECISMO da Igreja Católica. Edição típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CERASO, G. **Beatificados na Espanha Juan Elias Medina e 127 companheiros mártires**. 16/10/2021. In: VATICAN NEWS, **Beatificados na Espanha Juan Elias Medina e 127 companheiros mártires**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-10/espanha-beatificacao-padre-juan-elias-medina-127-companheiros.html>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

CHAUVET, L-M. Sacramento. In: LACOSTE, J-Y. (Dir.). **Dicionário Crítico de Teologia**. 2. ed. São Paulo: Loyola / Paulinas, 2014, p. 1574-1582.

CIPRIANI, N. Pelágio. In: BERARDINO, A. Di; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Org.). **Dicionário de Literatura Patrística**. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2011, p. 1373-1377.

CLEMENTE ROMANO. **Primeira Carta aos Coríntios**. In: **PADRES APOSTÓLICOS**, 1. ed. 7. Reimp. São Paulo: Paulus, 2015, p. 23-70.

CNBB. **Dioceses brasileiras abrem fase local do sínodo dos bispos 2021-2023**. 19/10/2021. In: <https://www.cnbb.org.br/dioceses-brasileiras-abrem-fase-local-do-sinodo-dos-bispos-2021-2023/>. Acesso em: 31 out. 2021.

COLLANTES, J. **A Fé Católica**: Documentos do Magistério da Igreja. Das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro: Lumen Christi; Anápolis: Diocese de Anápolis, 2003.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A Esperança da Salvação para as crianças que morrem sem o Batismo**. São Paulo: Paulinas, 2008 (Coleção Documentos da Igreja, doc. 22).

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Em busca de uma Ética Universal**: Novo olhar sobre a Lei Natural. São Paulo: Paulinas, 2009 (Coleção Documentos da Igreja, doc. 26).

COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2005.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta aos bispos da Igreja Católica acerca de alguns aspectos da meditação cristã**. Doc. 70, 15/10/1989. In: Id., **Documenta**. Documentos publicados desde o Concílio Vaticano II até nossos dias (1965-2016). Brasília: CNBB, 2011, p. 370-383.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta *Iuvenescit Ecclesia***: Sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da Igreja. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016 (Coleção Documentos da Igreja, doc. 42).

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta *Placuit Deo***: aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da salvação cristã. Brasília: CNBB, 2018 (Coleção Documentos da Igreja, doc. 42).

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Documenta**. Documentos publicados desde o Concílio Vaticano II até nossos dias (1965-2016). Brasília: CNBB, 2011.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo**. Doc. 71, 24/05/1990. In: CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, **Documenta**. Documentos publicados desde o Concílio Vaticano II até nossos dias (1965-2016). Brasília: CNBB, 2011, p. 384-399.

CONSEJO PONTIFICIO DE LA CULTURA; CONSEJO PONTIFICIO PARA EL DIALOGO INTERRELIGIOSO. **Jesucristo, portador del agua de la vida**: Una reflexión cristiana sobre la “Nueva Era”. 03/02/2003. Cidade do Vaticano. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_20030203_new-age_sp.html>. Acesso em: 11 fev. 2022.

CORREIA, L. C. M. **O testemunho na Igreja**: elemento-chave de credibilidade dentro da tarefa apologético-dialogal da Teologia Fundamental de Pié-Ninot. Dissertação (Mestrado). 2018. 137 f. Faculdade de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

COTUGNO, N. **El Testimonio en el Concilio Vaticano II**. Montevideo: Instituto Teológico del Uruguay, 1974. *Apud*: PIÉ-NINOT, S. **La Teología Fundamental**. 7ª ed. Colección AGAPE 7. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2009.

DAVIE, G. **Religion in Britain since 1945**, XII, *apud*. URÍBARRI, G. **Núcleos dogmáticos que es preciso proponer sobre Cristo para transmitir la fe en una cultura plural**. In: MONTES, A.; PÉREZ, A. **Sociedad multicultural y conciencia cristiana**. XXV Encuentro de Obispos y Teólogos. Reunión de la Comisión Teológica Asesora. Conferencia Episcopal Española: Doctrina de la Fe. Madrid: Editorial Edice, 2019 (Colección Encuentro de Obispos y Teólogos, 2).

DENZINGER, H.; HÜNERMANN, P. **Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2007.

DICIO. Irenismo. In: **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/irenismo/>>. Acesso em: 15 maio 2022.

ESNAOLA, M. A.; PÉREZ, A. C.; GARCÍA, J. G.; PELUDO, G. H. (Eds.). **La unción de la gloria: en el Espíritu, por Cristo, al Padre. Homenaje a Mons. Luís F. Ladaria, sj**. 1. ed. Colección *Estudios y ensayos de Teología* 163. Madrid: BAC, 2014.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2014 (Coleção Patrística, vol. 15). [Livro eletrônico]

FERRI, R. **Testimonianza**. Le Parole della Fede. 1. ed. Assisi: Cittadella Editrice, 2018.

FISICHELLA, R. Testemunho. In: PACOMIO, L.; MANCUSO, V. (Eds.). **Lexicon – Dicionário Teológico Enciclopédico**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 751-752.

FISICHELLA, R. Martírio. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Dir.). **Dicionário de Teologia Fundamental**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 476-483.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica *Admirabile Signum***: Sobre o significado e a importância do presépio. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2019 (Coleção A Voz do Papa, doc. 208).

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica *Candor Lucis Aeternae***. No VII centenário da morte de Dante Alighieri. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2021 (Coleção A Voz do Papa, doc. 212).

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica em forma de *Motu proprio Antiquum Ministerium***. Pela qual se institui o *Ministério do Catequista*. 1. ed. 1. Reimp. São Paulo: Paulinas, 2021 (Coleção A Voz do Papa, doc. 211).

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica *Misericordia et Misera***. No término do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016 (Coleção A Voz do Papa, doc. 204).

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***. Sobre a fraternidade e a amizade social. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2020 (Coleção A Voz do Papa, doc. 210).

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato si'***. Sobre o cuidado da casa comum. 1. ed. 5. Reimp. São Paulo: Paulinas, 2016 (Coleção A Voz do Papa, doc. 201).

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Lumen Fidei***. Sobre a fé. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2013 (Coleção A Voz do Papa, doc. 197).

FRANCISCO, PP. **Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium***: Sobre a Cúria Romana e seu serviço à Igreja no mundo. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2022 (Coleção A Voz do Papa, doc. 213).

FRANCISCO, PP. **Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium***: Sobre as Universidades e Faculdades Eclesiásticas. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2018 (Coleção A Voz do Papa, doc. 205).

FRANCISCO, PP. **Constituição Apostólica *Vultum Dei Quaerere***: Sobre a vida contemplativa feminina. 1. ed. 2. Reimp. São Paulo: Paulinas, 2017 (Coleção A Voz do Papa, doc. 203).

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2013 (Coleção A Voz do Papa, doc. 198).

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate***. Sobre a chamada à santidade no mundo atual. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2018 (Coleção A Voz do Papa, doc. 206).

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia***. Sobre o amor na família. 1. ed. 2. Reimp. São Paulo: Paulinas, 2016 (Coleção A Voz do Papa, doc. 202).

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit***. Aos jovens e a todo o povo de Deus. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2019 (Coleção A Voz do Papa, doc. 207).

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-sinodal *Querida Amazônia***. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2020 (Coleção A Voz do Papa, doc. 209).

FRANCISCO, PP. **Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Comunicazione al servizio di un'autentica cultura dell'incontro. 24/01/2014, *apud* SPADARO, A. **Quando a fé se torna social**: o Cristianismo no tempo das novas mídias. 1. ed. Coleção Temas de Atualidade. São Paulo: Paulus, 2016.

GARCÍA, J. G. **Tratado General de los Sacramentos**. 1. ed. 2. Reimp. Serie de Manuales de Teología. Colección *Sapientia Fidei* 4a. Madrid: BAC, 2020.

GARRE, M. M. El Testimonio como categoría fundamental. **Revista Carthaginensia de Estudios e Investigación**. Vol. XXXIII. N. 63. Enero-Junio, p. 207-214. Espanha: Instituto Teológico de Murcia O.F.M., 2017.

GAUDIUM PRESS. **Francisco García León, martirizado porque usava o escapulário**. 26/10/2021. Disponível em: <<https://gaudiumpress.org/content/francisco-garcia-leon-morto-por-nao-se-desfazer-do-escapulario/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

GAUDIUM PRESS. **Karl Leisner: um mártir do nazismo**. 03/07/2021. Disponível em: <<https://gaudiumpress.org/content/karl-leisner-um-martir-do-nazismo/>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

GAUDIUM PRESS. Brasil. **Pesquisa traça o perfil dos católicos no Brasil**. 30/06/2022, 10:02. Disponível em <<https://gaudiumpress.org/content/pesquisa-traca-o-perfil-dos-catolicos-no-brasil/>>. Acesso em: 09 jul. 2022.

GOFFI, T. Testemunho. In : ANCILLI, E.; PONTIFÍCIO INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE TERESIANUM (Org.). **Dicionário de Espiritualidade**. Vol. III. São Paulo: Loyola / Paulinas, 2012, p. 2439-2442.

JIMÉNEZ, O. Confessore. In: BERARDINO, A. Di (Dir.). **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane** (NDPAC). Institutum Patristicum Augustinianum-Roma. 2. ed. Vol. 1. Genova-Milano: Marietti, 2006-2008, p. 1162-1163.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Fides et Ratio***. Sobre as relações entre fé e razão. 6ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2002 (Coleção A Voz do Papa, doc. 160).

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Redemptoris Missio***. Sobre a validade permanente do mandato missionário. 9ª. ed. 1. Reimp. São Paulo: Paulinas, 2011 (Coleção A Voz do Papa, doc. 125).

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica *Christifideles Laici***. Sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo. 16ª. ed. 3. Reimp. São Paulo: Paulinas, 2015 (Coleção A Voz do Papa, doc. 119).

KAUFMANN, F-X. **A crise na Igreja**: Como o cristianismo sobrevive? São Paulo: Loyola, 2013.

KLOPPENBURG, B. **A fé do cristão católico hoje**. Petrópolis: Vozes, 2001.

KOCH, K. **El problema de Dios en la sociedad y en la Iglesia**. In: AUGUSTIN, G. (Ed.), et al. **El problema de Dios, hoy**. Colección Presencia Teológica, 186. Santander: Sal Terrae, 2012, p. 33-56.

KUZMA, C. **Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo**. Coleção Comunidade e missão. São Paulo: Paulus, 2009.

LACOSTE, J-Y. (Dir.). **Dicionário Crítico de Teologia**. 2. ed. São Paulo: Loyola / Paulinas, 2014.

LADARIA, L. F. *Jesus Cristo, salvação de todos*. Petrópolis: Vozes, 2021.

LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Dir.). **Dicionário de Teologia Fundamental**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R.; PIÉ-NINOT, S. (Dir.). **Diccionario de Teología Fundamental**. 3. ed. Diccionarios San Pablo. Madrid: San Pablo, 1992 (revisão feita por Pié-Ninot em 2010).

LATOURELLE, R., Testemunho. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Dir.). **Dicionário de Teologia Fundamental**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 824-835.

LATOURELLE, R., Testimonio. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R.; PIÉ-NINOT, S. (Dir.). **Diccionario de Teología Fundamental**. 3. ed. Diccionarios San Pablo. Madrid: San Pablo, 1992 (revisão feita por Pié-Ninot em 2010), p. 1523-1542.

LAURENTIN, R. **La Iglesia del futuro más allá de sus crisis**. Barcelona: Herder, 1991.

LEÃO MAGNO. **Sermão sobre as festas de S. Pedro e de S. Paulo**. In: BETTENCOURT, E. T. **Curso de Patrologia: Mater Ecclesiae**. 1. ed. Rev.: Luiz Cláudio M. Correia. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.

LIÃO, I. de. **Contra as Heresias**. São Paulo: Paulus, 2014 (Coleção Patrística, vol. 4). [Livro eletrônico]

LIÉBAERT, J. **Os Padres da Igreja: Séculos I – IV**. 3. ed. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 2013.

LIENHARD, F. Missão/Evangelização. In: LACOSTE, J-Y. (Dir.). **Dicionário Crítico de Teologia**. 2. ed. São Paulo: Loyola / Paulinas, 2014, p. 1153-1157.

LÓPEZ, J. M. P. **El culto razonable a Dios como testimonio en el mundo**, In: ESNAOLA, M. A.; PÉREZ, A. C.; GARCÍA, J. G.; PELUDO, G. H. (Eds.). **La unción de la gloria: en el Espíritu, por Cristo, al Padre. Homenaje a Mons. Luís F. Ladaria, sj**. 1. ed. Colección *Estudios y ensayos de Teología* 163. Madrid: BAC, 2014, p. 429-450.

LOUTH, A. Martírio. In: LACOSTE, J-Y. (Dir.). **Dicionário Crítico de Teologia**. 2. ed. São Paulo: Loyola / Paulinas, 2014, p. 1099-1102.

MANZANARES, C. V. **Dicionário Histórico do Cristianismo**. Aparecida: Santuário, 2005.

MANZANARES, C. V. Mártir. In : MANZANARES, C. V. **Dicionário Histórico do Cristianismo**. Aparecida: Santuário, 2005, p. 296-297.

MANZANARES, C. V. Pelagianismo. In : MANZANARES, C. V., **Dicionário Histórico do Cristianismo**. Aparecida: Santuário, 2005, p. 344.

MARTÍRIO de São Policarpo. In: **PADRES APOSTÓLICOS**, 1. ed. 7. Reimp. São Paulo: Paulus, 2015, p. 147-157.

MENDONÇA, J. T. **Um Deus que dança**: itinerários para a oração. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016.

MIRANDA, M. F. **Deus mistério de amor**, p. 1. Texto base de aula *online*, proferida em 13/04/2022, Projeto Abertura. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2022.

MIRANDA, M. F. **Igreja Sinodal**. Coleção Teologia do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2018.

MIRANDA, M. F. **Recordações da minha fé**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2021.

MONTES, A. G.; PÉREZ, A. del A. (Ed.). **Sociedad multicultural y conciencia cristiana**. XXV Encuentro de Obispos y Teólogos. Reunión de la Comisión Teológica Asesora. Conferencia Episcopal Española: Doctrina de la Fe. Madrid: Editorial Edice, 2019 (Colección Encuentro de Obispos y Teólogos, 2).

MÜLLER, G. L. **Dogmática Católica**. Teoria e prática da Teologia. Petrópolis: Vozes, 2015.

MÜLLER, G. L. **¿El Dios olvidado! ¿Experiencia de Dios en nuestro tiempo?** In: AUGUSTIN, G. (Ed.), et al. [ed.]. *El problema de Dios, hoy*. Colección Presencia Teológica, 186. Santander: Sal Terrae, 2012, p. 57-71.

NOCENT, A., et al. **Os Sacramentos: Teologia e história da celebração**. Coleção Anámnese, 4. São Paulo: Paulinas, 1989.

NOCKE, F-J. **Doutrina geral dos sacramentos**. In: SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de Dogmática**: Vol. II. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 171-204.

O'DONNELL, C.; PIÉ-NINOT, S. **Diccionario de Ecclesiología**. Dictionarios San Pablo. Madrid: San Pablo, 2001.

O'DONNELL, C., Montanismo, In: O'DONNELL, C.; PIÉ-NINOT, S. **Diccionario de Ecclesiología**. Dictionarios San Pablo. Madrid: San Pablo, 2001, p. 739.

ORGANOGRAMA da Fundação Blanquerna. Barcelona. Disponível em: <<https://www.blanquerna.edu/ca/coneix-blanquerna/organigrama>>. Acesso em: 01/07/2021.

ORTEGA, J. L. C.; CARBALLADA, R. L. (Eds.) **Testimonio y Sacramentalidad: Homenaje al Profesor Salvador Pié-Ninot**. Salamanca: San Esteban, 2015.

PADRES APOSTÓLICOS, 1. ed. 7. Reimp. São Paulo: Paulus, 2015.

PACOMIO, L.; MANCUSO, V. (Eds.). **Lexicon** – Dicionário Teológico Enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003.

PARIS, A. Neo-escolástica. In: PACOMIO, L.; MANCUSO, V. (Eds.). **Lexicon** – *Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 523.

PARIS, A. Nominalismo. In: PACOMIO, L.; MANCUSO, V. (Eds.). **Lexicon** – *Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 528-529.

PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Dir.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus / Paulinas, 2015.

PAULO VI, PP. **Audiência Geral de 10/01/1968**. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1968/documents/hfp-viaud19680110.html>>. Acesso em: 23 dez. 2021.

PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***: Sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 1999 (Coleção A Voz do Papa, doc. 85).

PÉREZ, G. A. Gnose. Gnosticismo. In: PIKASA, X.; SILANES, N. (Dir.). **Dicionário Teológico O Deus Cristão**. São Paulo: Paulus, 1998 (Série Dicionários), p. 376-380.

PIÉ-NINOT, S. 40 años de Teología Fundamental en España (1978-2018). Un balance. **Revista Carthaginensia de Estudios y Investigación**. Vol. XXXIV. N. 66. Julio-Diciembre, p. 307-338. España: Instituto Teológico de Murcia O.F.M., 2018.

PIÉ-NINOT, S. 55 años de manuales de Teología Fundamental en España, Portugal y Latinoamérica: del Concilio Vaticano II a la Constitución Apostólica Veritatis Gaudium (2017-2020). **Revista Española de Teología**. Vol. 80, n. 3, p. 441-478. Madrid: Universidad San Dámaso, 2020.

PIÉ-NINOT, S. **Crer na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2006.

PIÉ-NINOT, S. De la Dei Verbum al Sínodo de los obispos sobre la Palabra de Dios del 2008. **Revista Estudios Eclesiásticos**. Vol. 83, n. 325, p. 223-237. Santander: Sal Terrae, 2010.

PIÉ-NINOT, S. “Ecclesia semper reformanda”. La recepción del Vaticano II: balance y perspectivas. **Revista Catalana de Teologia**, 2012, Vol. 37, n. 1, p. 281-302. Barcelona: Facultat de Teologia de Catalunya. 2015. Disponível em:

<<https://www.raco.cat/index.php/RevistaTeologia/article/view/299588>>. Acesso: 28 jan. 2020.

PIÉ-NINOT, S. **Ecclesiologia: La Sacramentalità della comunità Cristiana**. BTC 138. Brescia: Queriniana, 2008.

PIÉ-NINOT, S. **Ecclesiología: La Sacramentalidad de la Comunidad Cristiana**. 3. ed. Colección Manuales Lux Mundi, 86. Salamanca: Sígueme, 2015.

PIÉ-NINOT, S. El doble origen y método de la teología fundamental. **Revista Gregorianum**. Vol. 99, n. 2, p. 337-348. Roma: Pontificia Universitas Gregoriana, 2018.

PIÉ-NINOT, S. El sacerdote, testigo de la fe de la Iglesia. **Revista Scripta Theologica**. Vol. 22, n. 2, p. 477-514. Barcelona: Facultad de Teología de Cataluña, 1990.

PIÉ-NINOT, S. (Coord.). **Guía de lectura e interpretación de Amoris laetitia**. Madrid: PPC, 2017.

PIÉ-NINOT, S. **Hacia a un ordo communionis primatus como Primado Diaconal**. In: SPADARO, A.; GALLI, C. M. (eds.), et al. **La Reforma y las reformas en la Iglesia**. Colección Presencia Teológica, 247. Santander: Sal Terrae, 2016, p. 319-333.

PIÉ-NINOT, S. **Introdução à Ecclesiologia**. 8. ed. Coleção IDT 7. São Paulo: Loyola, 2015.

PIÉ-NINOT, S. **La dimensión jerárquica del Ministerio Petrino**. In: URÍBARRI, G. (Ed.). **El ser sacerdotal: Fundamentos y dimensiones constitutivas**. Colección Biblioteca Teología Comillas, n. 2. Madrid: San Pablo; Universidad Pontificia Comillas, 2011, p. 201-220.

PIÉ-NINOT, S. La ecclesiología del Papa Francisco. **Atualidade Teológica: Revista do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio**. Ano XXII, n. 59 (mai/ago. 2018), p. 255-286. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Teologia/Letra Capital, 2018.

PIÉ-NINOT, S. La sacramentalitat com a principi hermenèutic de l'Ecclesiologia. **Revista Catalana de Teologia**, 2014, Vol. 39, n. 2, p. 647-667. Barcelona: Facultat de Teologia de Catalunya. 2014. Disponível em: <<https://www.raco.cat/index.php/RevistaTeologia/article/view/292929>>. Acesso: 23 jan. 2020.

PIÉ-NINOT, S. **La Teología Fundamental**. 7ª ed. Colección AGAPE 7. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2009.

PIÉ-NINOT, S. **Las cuatro Constituciones del Concilio Vaticano II y su recepción**. Revista Estudios Eclesiásticos. Vol. 81, n. 317, p. 267-296. Santander: Sal Terrae, 2006.

PIÉ-NINOT, S. **Magisterio de la Iglesia sobre el laicado**: Documentos del Concilio Vaticano II, de los papas y de la Conferencia Episcopal Española. Guía de lectura. Comisión Episcopal de Apostolado Seglar. Madrid: Editorial Edice, 2020.

PIÉ-NINOT, S. Sacramentalidad. In: VILLAR, J. R. (Coord.); CALABRESE, G.; GOYRET, P.; PIAZZA, O. F. (Eds.). **Diccionario de Ecclesiología**. Colección BAC Maior, 120. Madrid: BAC, 2016, p. 1320-1336.

PIÉ-NINOT, S. **Teología Fundamental**. Colección *Sapientia Fidei* 37. Série de Manuales de Teología. Madrid: BAC, 2016.

PIÉ-NINOT, S. **Trinidad económica y origen de la Iglesia en el Vaticano II**. In: ESNAOLA, M. A.; PÉREZ, A. C.; GARCÍA, J. G.; PELUDO, G. H. (Eds.). **La unción de la gloria: en el Espíritu, por Cristo, al Padre. Homenaje a Mons. Luís F. Ladaria, sj.** 1. ed. Colección *Estudios y ensayos de Teología* 163. Madrid: BAC, 2014, p. 405-428.

PIÉ-NINOT, S. **Trinidad económica y origen de la Iglesia en el Vaticano II**. In: Revista Catalana de Teologia, [en línea], 2015, Vol. 40, n. 1, p. 181-200. Barcelona: Facultat de Teologia de Catalunya. 2015. Disponível em: <<https://www.raco.cat/index.php/RevistaTeologia/article/view/299588>>. Acesso: 23 jan. 2020.

PIÉ-NINOT, S. **Trinidad económica y origen de la Iglesia en el Vaticano II. Sacramentalidad**. In: VILLAR, J. R. (Coord.); CALABRESE, G.; GOYRET, P.; PIAZZA, O. F. (Eds.). **Diccionario de Ecclesiología**. Colección BAC Maior, 120. Madrid: BAC, 2016, p. 1320-1336.

PIKASA, X.; SILANES, N. (Dir.). **Dicionário Teológico O Deus Cristão**. São Paulo: Paulus, 1998 (Série Dicionários).

PODER360. **Papa Francisco abre maior consulta democrática da história sobre futuro da Igreja**. In: <https://www.poder360.com.br/internacional/papa-francisco-abre-maior-consulta-democratica-da-historia-sobre-futuro-da-igreja/>. Acesso em: 31 out. 2021.

QUASTEN, J. **Patrología I**: Hasta el concilio de Nicea. Vol. 206. 1. ed. 7. Reimp. Madrid: BAC, 2004.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**: Contribuições para a Cristologia. Tomo I. 1. ed. Brasília: CNBB, 2021 (Obras Completas, v. 6).

RAVA, E. C. Mártir. In: BORRIELO, L. (Dir.), et al. **Dicionário de Mística**. São Paulo: Loyola; Paulus, 2003, p. 680-681.

REDAÇÃO. **Francisco García León, martirizado porque usava o escapulário**. 26/10/2021. In: GAUDIUM PRESS, **Francisco García León, martirizado porque usava o escapulário**. Disponível em: <<https://gaudiumpress.org/content/francisco-garcia-leon-morto-por-nao-se-desfazer-do-escapulario/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

REDAÇÃO. **Irmã Maria Laura Mainetti, freira morta em ritual satânico, já é beata.** 07/06/2021. In: ALETEIA, **Irmã Maria Laura Mainetti, freira morta em ritual satânico, já é beata.** Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2021/06/07/irma-maria-laura-mainetti-freira-morta-em-ritual-satanico-ja-e-beata/>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

ROBSDOTTIR, S. **A última oração das freiras mártires do Iêmen.** 28/09/2021. In: ALETEIA, **A última oração das freiras mártires do Iêmen.** Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2021/09/28/a-ultima-oracao-das-freiras-martires-do-iemen/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

ROCCHETTA, C. **Os Sacramentos da fé:** ensaios de teologia bíblica sobre os sacramentos como “maravilhas da criação” no tempo da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1991.

RORDORF, W. Martírio. In: BERARDINO, A. Di (Dir.). **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane** (NDPAC). Institutum Patristicum Augustinianum-Roma. 2. ed. Genova-Milano: Marietti, 2006-2008. (Tre volumi: A-E [1]; F-O [2]; P-Z [3]), p. 3076-3078.

SANTOS, B. B. **Evangelizar com Papa Francisco:** Comentários à *Evangelii Gaudium*. 1. ed. 1. Reimp. São Paulo: Paulus, 2014.

SCANNONE, J. C. **La Teología del Pueblo:** Raíces teológicas del papa Francisco. Colección Presencia Teológica, 251. 2. ed. Santander: Sal Terrae, 2017.

SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de Dogmática:** Vol. II. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SESBOÜÉ, B. (Dir.); BOURGEOIS, H.; TIHON, P. **Os sinais da salvação: Séculos XII – XX:** Os Sacramentos. História dos Dogmas. Tomo 3. São Paulo: Loyola, 2005.

SPADARO, A. **Quando a fé se torna social:** o Cristianismo no tempo das novas mídias. 1. ed. Coleção Temas de Atualidade. São Paulo: Paulus, 2016.

SPADARO, A.; GALLI, C. M. (eds.); et. al. **La Reforma e las reformas en la Iglesia.** Colección Presencia Teológica, 247. Santander: Sal Terrae, 2016.

SPADARO, A.; FIGUEROA, M. **A Teologia da Prosperidade:** o perigo de um “Evangelho diferente”. *Stodium Revista Teológica: Questões sociais e fé cristã.* Ano 13, n. 23, (jan/jun. 2019), p. 93-106. Curitiba: *Stodium Theologicum*, 2019.

TAMAYO, J. J. (Org.). **Novo Dicionário de Teologia.** São Paulo: Paulus, 2009.

TAYLOR, C. **A Secular Age.** Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 2007. Tradução brasileira: **Uma era secular**, S. Leopoldo: Unisinos, 2010, In: MIRANDA, M. F. **Deus mistério de amor**, p. 1. Texto base de aula *online*, proferida em 13/04/2022, através do Projeto Abertura da PUC-Rio.

TERTULIANO. **Apologético.** *Apud:* QUASTEN, J. **Patrología I:** Hasta el concilio de Nicea. Vol. 206. 1. ed. 7. Reimp. Madrid: BAC, 2004.

TRESE, L. J. **A Fé explicada**. 6. ed. São Paulo: Quadrante, 1995.

TREVISAN, L. E. **Karl Leisner: um mártir do nazismo**. 03/07/2021. In: GAUDIUM PRESS, **Karl Leisner: um mártir do nazismo**. Disponível em: <<https://gaudiumpress.org/content/karl-leisner-um-martir-do-nazismo/>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

URÍBARRI, G. B. **El Hijo se hizo carne**: Cristología Fundamental. Salamanca: Sígueme, 2021.

URÍBARRI, G. B. (Ed.). **El ser sacerdotal**: Fundamentos y dimensiones constitutivas. Colección Biblioteca Teología Comillas, n. 2. Madrid: San Pablo; Universidad Pontificia Comillas, 2011.

URÍBARRI, G. B. **Jesucristo para jóvenes**: Claves pastorales para un mundo líquido. 1. ed. Colección Presencia Teológica, 291. Santander: Sal Terrae, 2022.

URÍBARRI, G. B. **La mística de Jesús**. Desafío y propuesta. 2. ed. Colección Presencia Teológica, 252. Santander: Sal Terrae, 2017.

URÍBARRI, G. B. **La singular humanidad de Jesucristo**: el tema mayor de la cristología contemporánea. 2. ed. Madrid: San Pablo / Universidad Pontificia Comillas, 2008.

URÍBARRI, G. B., **La singularidad de la humanidad de Cristo**: razones y características. In: URÍBARRI, G. B., **La singular humanidad de Jesucristo**: el tema mayor de la cristología contemporánea. 2. ed. Madrid: San Pablo / Universidad Pontificia Comillas, 2008, p. 394-411.

URÍBARRI, G. B. **Núcleos dogmáticos que es preciso proponer sobre Cristo para transmitir la fe en una cultura plural**. In: MONTES, A. G.; PÉREZ, A. del A. (Ed.). **Sociedad multicultural y conciencia cristiana**. XXV Encuentro de Obispos y Teólogos. Reunión de la Comisión Teológica Asesora. Conferencia Episcopal Española: Doctrina de la Fe. Madrid: Editorial Edice, 2019 (Colección Encuentro de Obispos y Teólogos, 2), p. 147-191.

URÍBARRI, G. B. **Santidad misionera**: Fuentes, marco y contenido de *Gaudete et Exsultate*. 1. ed. Colección Presencia Teológica, 271. Santander: Sal Terrae, 2019.

URÍBARRI, G. B. **Teología de ojos abiertos**: Doctrina, cultura y evangelización. Colección Presencia Teológica, 267. Santander: Sal Terrae, 2018.

URÍBARRI, G. B. **Tres Cristianismos Insuficientes: Emocional, Ético y de Autorrealización**. Una reflexión sobre la actual inculturación del Cristianismo en Occidente. Revista Estudios Eclesiásticos. Vol. 78. p. 301-331. Facultad de Teología. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2003.

VATICAN NEWS. **Beatificados na Espanha Juan Elias Medina e 127 companheiros mártires**. 16/10/2021. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-10/espanha-beatificacao-padre-juan-elias-medina-127-companheiros.html>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

VATICAN NEWS. **Novidades para o Sínodo: tem início a partir das Igrejas locais.** Salvatore Cernuzio, 21/05/2021. In: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-05/sinodo-bispos-caminho-sinodal-inicio-a-partir-das-igrejas-locais.htm>. Acesso em: 30 set. 2021.

VATICAN.VA. **Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão.** Documento preparatório. In: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bolle-bollettino/pubblico/2021/09/07/0540/01156.html#PORTOGHESEOK>. Acesso em: 11 out. 2021.

VATICANO II, Conc. **Constituição Dogmática *Dei Verbum***: sobre a revelação divina. 19. ed. 4. Reimp. São Paulo: Paulinas, 2015 (Coleção A Voz do Papa, n. 37).

VATICANO II, Conc. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***: sobre a Igreja. In: VIER, F.; KLOPPENBURG, B. (org.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 39-113.

VATICANO II, Conc. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***: sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, F.; KLOPPENBURG, B. (org.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 141-256.

VATICANO II, Conc. **Constituição *Sacrosanctum Concilium***: sobre a Sagrada Liturgia. In: VIER, F.; KLOPPENBURG, B. (org.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 259-306.

VATICANO II, Conc. **Decreto *Ad Gentes***: sobre a atividade missionária da Igreja. In: VIER, F.; KLOPPENBURG, B. (org.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 349-399.

VATICANO II, Conc. **Decreto *Apostolicam Actuositatem***: sobre o apostolado dos leigos. In: VIER, F.; KLOPPENBURG, B. (org.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 527-564.

VATICANO II, Conc. **Decreto *Christus Dominus***: sobre o Múnus Pastoral dos Bispos da Igreja. In: VIER, F.; KLOPPENBURG, B. (org.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 401-436.

VATICANO II, Conc. **Decreto *Presbyterorum Ordinis***: sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In: VIER, F.; KLOPPENBURG, B. (org.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 437-483.

VATICANO II, Conc. **Decreto *Unitatis Redintegratio***: sobre o Ecumenismo. In: VIER, F.; KLOPPENBURG, B. (org.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 307-332.

VÊNETO, F. **Martírio dos 21 cristãos coptas pelo Estado Islâmico: 6 anos de um horror que chocou o mundo.** 06/01/2021. In: ALETEIA, **Martírio dos 21 cristãos coptas pelo Estado Islâmico: 6 anos de um horror que chocou o mundo**, disponível em: <[https://pt.aleteia.org/2021/01/06/martirio-dos-21-](https://pt.aleteia.org/2021/01/06/martirio-dos-21)

cristaos-coptas-pelo-estado-islamico-6-anos-de-um-horror-que-chocou-o-mundo/>. Acesso em: 04 nov. 2021.

VÊNETO, F. **Vítimas do ódio à fé: 3 mártires recentes rumo aos altares.** 01/11/2021. In: ALETEIA, **Vítimas do ódio à fé: 3 mártires recentes rumo aos altares.** Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2021/11/01/vitimas-do-odio-a-fe-3-martires-recentes-rumo-aos-altares/?utmcampaign=NLpt&utmcontent=NLpt&utmmedium=mail&utmsource=weekly_newsletter>. Acesso em: 07 nov. 2021.

VIER, F.; KLOPPENBURG, B. (Org.). **Compêndio do Vaticano II:** Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1987.

VILLAR, J. R. (Coord.); CALABRESE, G.; GOYRET, P.; PIAZZA, O. F. (Eds.). **Diccionario de Ecclesiología.** Colección BAC Mayor, 120. Madrid: BAC, 2016.

XAVIER, J. D. Testemunho. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Dir.). **Dicionário do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulus / Paulinas, 2015, p. 960-964.

ZILLES, U. **Os Sacramentos da Igreja Católica.** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001 (Coleção Teologia, 4).